GILLIAN LAURINDO

HERO QUEST 01

O HOMEM DE CAPA

O homem de Capa, Heros Quest 01

-1-

As luzes se acenderam revelando um cenário conhecido pela audiência, a música tema que tocava todas as semanas nas telas de milhões de lares americanos e o letreiro em neon deixava claro sobre o que se passava, logo as luzes escureceram e o som dos aplausos da plateia se fez ouvir. O holofote se acendeu e apontou para a entrada, um homem de quarenta anos, sorridente e expansivo entrou acenando para todos, sendo assobiado e aplaudido como um grande astro, era um homem de aparência comum mas estava bem-vestido, sua maquiagem lhe conferia um ar atraente e jovial, apesar de quando sério, ele inspirava confiança e respeito. Caminhou até o centro do cenário, fez um sinal e a música cessou e logo todos os aplausos pararam.

-Boa noite, América. Hoje teremos a presença de um convidado que é a figura viva mais conhecida do mundo, ele foi reconhecido como cidadão americano, com direito de receber o VISA diretamente das mãos do presidente, discursou na ONU na semana passada e o resto eu acho que todos já sabem, é um prazer imenso poder receber ele, ainda mais porque eu sou um fã de carteirinha e admirador de tudo que este visitante querido e amado de nosso humilde planeta tem feito por nós, vamos receber ele com todo amor e respeito que temos, eu lhes dou, Uma Hora com o Homem de Aço.

O holofote apontou para a entrada, as cortinas se agitaram levemente e um homem de quase sete pés de altura entrou caminhando normalmente, usava um traje azul, era como se fosse um macacão de mergulho só que parecia um tecido mais macio apesar da aparência de couro de elefante, permitia a todos ver a constituição física do homem mas não dava para ver os detalhes de seus músculos, sobre os ombros havia uma capa vermelha que caia pesada até a altura das

panturrilhas, a medida que ele andava ela se movia pouco, deixando claro que apesar de parecer seda, devia ser tão pesada que o movimento do corpo afetava pouco sua inércia, parou perto do homem menor, foi recebido com um aperto de mão e um abraço, o homem mais baixo estava visivelmente emocionado.

-Obrigado por vir, Homem de Aço.

-É um prazer vir Harry, posso dizer?

-Fique a vontade, seria uma honra.

O homem alto virou sorridente para toda a plateia, sendo enquadrado pela câmera como se olhasse diretamente para todas as pessoas assistindo e disse com sua voz, ao mesmo tempo suave e grave.

-Boa noite América.

Os aplausos e assobios foram ensurdecedores, algumas pessoas na rua que, haviam parado em frente a telas de tevê em lojas, ou em outros lugares, também aplaudiram, ficavam maravilhadas diante de tal expressão de simpatia.

-Caros expectadores, apesar de nós sempre fazermos os programas ao vivo, hoje fizemos uma pequena exceção, único requisito para que o Homem de Aço pudesse estar aqui, estamos fazendo uma gravação do programa para que criminosos em potencial não pensem que o vigilante da humanidade está perdendo o precioso tempo dele aqui conosco e possam realizar maldades pelo mundo. A data da gravação foi mantida em sigilo e apenas convidados muito seletos puderam estar aqui conosco no estúdio, então vilões, podem tirar o cavalinho da chuva porque estão assistindo uma gravação.

-Maldição.

Disse um homem, acabara de pegar uma pistola que estava escondida em baixo de uma bateria de chumbo em seu quintal, ele segurava uma mini tevê portátil na outra mão, acompanhava o programa, voltou a colocar a arma no lugar o mais rápido possível olhando assustado para cima e para todas as direções, quando se sentiu seguro, levantou e virou para entrar em casa.

-Possuir arma no estado de New York sem permissão é crime, senhor.

O homem teve um susto tão grande que deixou cair a tevê, na tela podia-se ver o homem mais velho levando o homem grande e jovem para o sofá dos convidados.

-Sente-se, posso chamá-lo apenas de Aço?

-Claro Harry, este é um apelido que a repórter Louise Lake, do Diário Global, usou para me identificar e o apelido pegou, eu não tenho receio de usar o meu nome mas, ele é impronunciável pela maioria das pessoas da terra, então tenho uma versão pronunciável que está inclusive na minha identidade e no meu VISA.

-Poderia nos dizer.

-Kahrlahn aibn Jimlahn.

-É árabe?

-Na verdade é, este idioma é o que consegue mais se aproximar do som original então eu decidi utilizar o prefixo aibn, filho de, para poder usar um sobrenome.

-Karlan?

-Pode usar apenas Kahrl, é mais simples.

-Kahrl, parece muito com Carl.

Disse olhando a identidade do Homem de Aço.

-É mesmo, tem razão, não tinha percebido.

Harry riu pois, apesar da dificuldade que era estar na presença daquele ser, ele era espirituoso e gentil, devolveu o documento para o seu convidado.

-E Jimlahn é o nome de seu pai, eu presumo?

-Sim.

-Kahrl, quando chegou a terra?

-Em vinte sete de agosto de mil novecentos e cinquenta e três.

-Alguma razão para sua chegada nesta data?

-Não houve nenhuma razão específica, foi apenas o momento da chegada.

-O local de sua chegada?

-Isto e os acontecimentos até a minha primeira aparição,

preciso manter em segredo, só posso dizer que cheguei com a idade de pouco menos de um ano e me desenvolvi como uma criança humana normal.

-Foi criado por uma família humana?

-Como disse Harry, isto permanecerá um segredo.

-Tudo bem, pode nos contar sobre sua origem, muitas pessoas estão curiosas, existem muitos mitos, você sempre é tão reservado e mal responde as perguntas dos repórteres, Louise Lake é uma das repórteres que mais conseguiu notícias a seu respeito.

-Sim, a senhorita Lake cobriu algumas ações e resgates mas eu estava ocupado salvando vidas então, não podia dar atenção as perguntas.

-Antes de voltar a pergunta, por que aceitou meu convite.

-Pode parecer bobagem Harry mas, eu adoro seu programa e já tinha pensado que se fosse convidado, eu faria o possível para vir.

O homem mais velho ficou com os olhos lacrimosos e teve de secá-los com um lenço, todos da plateia ficaram tocados.

-Desculpe Kahrl.

O homem levantou e o abraçou novamente e depois teve que voltar a secar os olhos, sentaram-se para continuar o papo. Kahrl pegou a xícara e tomou um gole do líquido.

-O que está bebendo?

-Chá-preto.

-Gosta?

-Adoro.

-Vamos perguntar sobre suas preferências depois mas voltando a suas origens.

-Vim de um planeta moribundo de uma galáxia quase no outro lado do universo, nosso sol estava morrendo e meus pais eram os únicos que viam que o colapso seria iminente, apesar de todo avanço e alertas, nossa sociedade não quis dar ouvidos as ideias deles, quando o ponto crítico foi atingido,

eles me enviaram para cá, queriam preservar nossa espécie e também nossa cultura.

-Então por que não enviaram um casal?

-Meus pais queriam que nossas melhores qualidades fossem preservadas mas, não encontraram entre seus confidentes, alguém disposto a violar a lei para ter uma filha para ser enviada comigo.

-Violar a lei?

-Sim, nascimentos em meu planeta não ocorriam há vários séculos, somos uma raça longeva e para evitar a superpopulação, nascimentos não autorizados são puníveis com algo semelhante a morte mas, muito mais cruel que chamavam de banimento.

-Sua cultura parece muito diferente da nossa.

-Oh sim, somos tão distintos em cultura e morfologia que talvez a única semelhança que temos é a aparência que vocês chamam de humanoide, para minha cultura tem outra conotação pois, sempre comparávamos as demais espécies a nós mas o sentido é o mesmo.

-Mas tirando que o senhor…

-Por favor Harry, você.

-Obrigado Kahrl, tirando que você parece Big Ben Davidson que fez academia para ficar maior que Lou Ferrino, é completamente humano.

-Obrigado Harry, é bom ser considerado um humano, isso me deixa muito feliz, porém originalmente, somos em nada parecidos, primeiro meu mundo natal era nove vezes maior que Júpiter, nosso sol era cinquenta vezes maior que o sol daqui, era um gigante vermelho, então tirando que somos humanoides, somos muitíssimos diferentes.

-Poderia nos dar alguma ideia?

-Bem, a começar pelo tamanho, meus pais me fizeram passar por um processo de miniaturização que eu tenho estudado em conjunto com alguns cientistas do MIT, para encontrar utilidade para a sociedade, eu fui ''encolhido'' cerca de quase mil vezes para poder ficar deste tamanho, o processo

é irreversível mas não sinto que perdi nada com isto.

-Então você teria quase uma milha de altura?

-Um pouco mais.

-Meu deus, você seria grande como uma montanha.

-Sem contar o peso, eu não posso descuidar em nenhum momento pois senão eu acabaria me enterrando profundamente na superfície terrestre, na sua gravidade, que é menor que onde nasci, eu seria tão pesado que não poderia me deslocar na superfície, mesmo com meu tamanho original.

-Mas como isto não acontece?

-Eu me utilizo de algumas condições previstas pelos meus pais quando escolheram este processo de adensamento, eu posso controlar a minha própria gravidade, motivo pelo qual eu posso voar, o processo é muito complexo e passa por algumas questões que são acasos e bizarrices quânticas da matéria mas, eu poderia subir numa balança e teria literalmente peso de zero onças, se eu quisesse.

-Incrível, então controla o seu peso para poder sentar no meu sofá sem destruí-lo?

-Sim.

-Eu poderia levantar você com apenas uma mão?

-Claro, quer tentar?

-Por deus, sim.

Harry ficou de pé. Todos ficaram atentos, a audiência estava sendo a maior da história, vários canais de tevê estavam passando a entrevista em caráter de notícia extraordinária e praticamente todos os lares do planeta onde se houvesse uma tevê ou rádio estavam sintonizada no programa de Harry Ross, Uma Hora. Harry não sabia o que fazer e Kahrl lhe estendeu a mão.

-Não precisa se esforçar, apenas mova a mão lentamente para cima, caso contrário acabaria me jogando na iluminação.

Harry riu como uma criança, pegou a mão do Homem de Aço e o elevou no ar com facilidade.

-Agora vou manter a gravidade em zero e liberar apenas

a minha massa, tente me mover.

Harry sentiu resistência, depois fez força e usou toda a força que pode e não pode retirar Kahrl da posição que estava parado no ar.

-Mas…

-É por que minha massa é muito grande, você não está percebendo mas algumas coisas estão sendo atraídas para mim neste instante, então eu estou diminuindo ela para que não cause danos no cenário.

-Qual o seu peso real?

-Só tenho cálculos teóricos mas, na terra seriam talvez, quarenta milhões de toneladas.

-Teria também o peso de uma montanha.

-É por aí.

-Se fosse no seu planeta?

-Quase três vezes isto.

-Por isto que nada te afeta?

-Bem, ainda não encontrei algo que pudesse me afetar.

-Continuando com sua morfologia, quais outras características somos diferentes?

Tinham voltado a sentar.

-Um nativo do meu planeta é diferente desde as células, não tem algo que pra vocês é essencial, coração, também não tem outros órgãos, o esqueleto é diferente apesar de mantermos proporções de articulações muito semelhantes, acredito que pela evolução.

-Você não tem coração?

-Oh, eu tenho, uma das coisas que fui submetido pelos meus pais foi um tratamento genético, eles deixaram preparado uma série de medidas para que eu pudesse me adaptar ao planeta, para poder viver entre vocês, eu seria exposto a uma série de doenças, vírus, bactérias, fungos, condições de temperatura, pressão, radiação, alimentação vegetal, mineral, etc, então, eu passei por um processo de humanização, se eu precisasse de um transplante, eu poderia receber um coração humano normalmente, claro, observando os cuidados normais,

meu sangue é AB positivo, por acaso.

-O receptor universal.

-Sim, foi a escolha do procedimento.

-Então quer dizer que poderia se reproduzir com uma humana?

-Seria possível mas, acho que seria impraticável.

-Por quê?

-Um dos erros dos meus pais, que demonstram quê, apesar de extremamente evoluídos, não eram perfeitos, foi que eles não pensaram no que haveria com uma mulher se ela esperasse um filho que pesasse o mesmo que um transatlântico, então ela deveria ficar toda a gravidez numa câmara de estase para que não pudesse se mover ou sofrer qualquer efeito externo afim de manter a sua saúde.

-Quer dizer que mesmo funcional não pode manter um relacionamento normal?

-É impossível.

-Isso é muito triste Kahrl, me parece que está destinado a ficar só?

-Não é tão triste quanto parece, muitos religiosos são devotos da castidade e do celibato, então eu acabo me enquadrando nisto, frequento inclusive uma ordem religiosa quando estou menos ocupado.

-É um religioso?

-Posso dizer que sim.

-Mas você é comparado a um deus, muitos o veneram desta forma, existe até igrejas do seu culto.

-Sim, eu soube, nunca incentivei tal coisa mas as pessoas se sentem confortadas ao pensar daquela forma então, eu as respeito, só que pra mim, sentir as diferenças que nos afastam e também ver as diferenças que me afastam de minha raça original, me mostra que sempre existe algo superior a nós, então deve haver algo superior a tudo e isto seria realmente deus.

-Você falando assim eu passo a repensar meu ateísmo.

-Por favor Harry, não estou sendo apologista a nada, só

contei as minhas crenças.

-Se seu corpo foi alterado geneticamente, esta não é a aparência do seu povo.

-Não, temos a cor diferente, afinal nosso sol era vermelho, praticamente tudo diferente, não tínhamos escamas, chifres ou nada deste tipo mas éramos adaptados ao nosso mundo.

-Por que seu povo não fugiu da destruição iminente?

-Em outros tempos, meu povo foi um conquistador ávido, tivemos muitas colônias e governamos muitos povos porém, com o tempo e devido à longevidade acabamos nos voltando para nós mesmos, quanto mais velhos ficávamos, mais xenofóbicos e ensimesmados acabávamos nos tornando, a mera ideia de ter filhos era repugnante para muitos, quando meus pais concluíram que o nosso sol colapsaria, eles iniciaram uma busca pelos nossos bancos de dados procurando um lugar de migração, para mover nosso povo, encontraram inúmeros planetas potencialmente habitáveis e inabitados mas o conselho científico não via como um colapso poderia acontecer, já que o sol estava estável há mais de dez milênios, em desespero meus pais decidiram ter um filho, para que nele fosse resguardado a nossa cultura e nosso conhecimento e por isto eu fui o primeiro nascimento em dois mil anos.

-Seus pais tinham que idade?

-Meu pai era mais moço e minha mãe tinha mais de seis mil anos terrestres quando eu nasci.

-Eram realmente muito velhos.

-Não muito, o líder do conselho de ciências tinha mais de dez mil anos.

-Quantos anos alguém de sua raça pode viver?

-Ainda não tenho esta resposta, pode ser que com a modificação genética, meu tempo de vida seja abreviado mas, acredito que será mais longa que o tempo de vida humano.

O mundo estava desolado diante das revelações daquele ser divino, ele nem sabia quanto tempo viveria, e seus pais eram milenares quando ele nasceu, aqueles que tinham visão

militarista ou autoritária, sabiam que aquele ser só não imperava no mundo todo porque não queria, os que tinham visão tecnológica e científica, ficavam fazendo anotações sobre tecnologias, raças e tudo ele que deu pistas, os religiosos se dividiam entre os que viam ele como um enviado dos deuses e os que viam nele a personificação do demônio, haviam também aqueles que eram fãs, e havia Louise Lake. Estava louca de raiva, ela seguia o Homem de Aço o mais de perto possível, ele tinha sua base de operações em New York, ela havia vindo para a cidade em busca de seu Pulitzer e fama, acabou encontrando o alienígena superpoderoso, tinha conseguido dois prêmios por causa dele mas, com certeza, este ano seria de Harry Ross, uma entrevista direta com o Homem de Aço.

-Clarence, por que não conseguimos algo assim?

-Não sei Louise.

-Você nunca sabe nada, não é? Por que demorou com o café?

-Acabei derrubando os copos e tive que voltar para comprar novamente.

-Você é patético as vezes.

Ela olhou o homem, era alto, devia ter mais de seis pés, era um pouco obeso, mesmo assim tinha uma constituição forte, se não usasse aquele óculos de aros grossos e lentes tão grossas poderia ser considerado bonito, era meigo e gentil e ela apesar de sempre se enfurecer com ele, não conseguia ficar brava muito tempo.

-Onde está o Johnnie?

-Deve estar na rua tentando fazer alguma foto do Homem de Aço, afinal ele deve estar ocupado, sempre tem algum tolo que pode pensar que a entrevista é ao vivo.

-Nós também devíamos estar nas ruas, vamos entrevistar as pessoas sobre o que pensam do Homem de Aço agora que ele está revelando tudo, aquele maldito, vou dizer umas boas pra ele quando eu o vir, nunca aceitou dar uma entrevista deste tipo pra mim.

-Acho que ele foi obrigado a fazer aquilo.

Louise estava pegando suas coisas para sair e parou olhando Clarence.

-Como assim, obrigado?

-As coisas tem estado tensas desde que o presidente decidiu dar cidadania americana ao Homem de Aço, muitas nações viram aquilo como uma declaração de força, “olhem, temos o homem mais poderoso do planeta”, por isto ele foi discursar na ONU e agora aparece na tevê, reparou que ele escolheu um nome no idioma árabe.

Louise sentou na cadeira desanimada, seu parceiro era um idiota e um atrapalhado mas era inteligentíssimo, realmente ela tinha se perguntado o que ele fazia na ONU, já que seu discurso foi sobre a fome e sobre a necessidade de cooperação entre as nações para acabar com aquele mal.

-Acho que está certo, uma reportagem não seria abrangente o bastante, acho que todas as tevês do mundo estão ligadas no programa do Harry.

Na tevê as coisas continuavam animadas.

-Então se tornou embaixador na ONU no conselho de combate a fome e a miséria.

-Sim, foi uma surpresa e muito bem-vinda, tenho trabalhado também com cientistas da China, da Índia e da Etiópia para desenvolver métodos científicos de cultivo para ajudar a diminuir o mal causado pela ganância de alguns homens ricos, se os alimentos fossem melhores distribuídos, poderíamos alimentar o dobro da população mundial com a produção atual, para meu povo, somente o fato de alguém ter que comprar alimento seria considerado loucura.

-Somos mesmo uma raça primitiva não é?

-Prefiro dizer jovem, acho que em um passado remoto mesmo com tanta arrogância, se achando superior, meu povo deve ter passado por problemas semelhantes.

-Vai nos ajudar a superar nossos problemas?

-Dentro das minhas forças, farei o possível.

O relógio despertou, era o sinal do programa dizendo que eles tinham atingido uma hora de duração, a plateia ficou

decepcionada, tinham muita ansiedade por ter mais tempo com aquela criatura incrível que tratava os seres humanos com tanto carinho, mesmo sendo extremamente superior.

-Kahrl, estou triste do tempo já ter se esgotado, gostaria de ficar aqui conversando ainda mais mas temos que encerrar o programa, gostaria de dizer algo para nossa audiência?

-Gostaria de agradecer por terem dividido comigo este tempo valioso de suas vidas, pode parecer que uma hora é algo irrisório mas pensem, não podem viver mais que alguns minutos sem ar, alguns dias sem água e algumas semanas sem comida, portanto preservem o ar, a água e o solo, porque sem eles a humanidade não pode sobreviver e nenhum superpoder poderá ajudar se continuarem a poluir o ar, a água e o solo de onde provém os alimentos.

-Isto foi profundo Kahrl, bem pessoal, estivemos esta noite com ele, o Homem de Aço, Kahrlahn aibn Jimlahn. Quer dizer comigo Kahrl?

-Adoraria.

-Boa noite, América.

As luzes se apagaram e a transmissão foi encerrada.

-Agora vamos para a rua que as coisas vão voltar a normalidade.

Louise pegou as suas bolsas e Clarence pegou as coisas dele, tropeçou numa lixeira e teve de voltar para arrumá-la, Louise estava chegando no elevador quando a porta abriu e Johnnie estava no interior.

-Segure o elevador Johnnie, vamos descer e fazer algumas reportagens sobre a reação do público a entrevista daquele ordinário.

-Quem?

-Do Homem de Aço, ele me paga, tirou alguma foto daquele miserável?

-Não.

A porta do elevador começou a fechar.

-Louise.

Ela apertou o botão da porta abrir e Clarence em vez de

esperar, tentou entrar enquanto ainda abria, ela revirou os olhos para o alto e suspirou, estava cercada de inúteis.

-2-

Ele estava fazendo uma vigilância de alta altitude como sempre fazia, ficava a mais de vinte milhas de altitude, olhando toda a paisagem em busca de algo que fosse realmente relevante, o que era relevante? Tivera aquela conversa com o pai tantas vezes que tinha perdido a conta, na verdade haviam sido um mil duzentas e trinta e duas vezes, ele sorriu, sua memória perfeita podia levar ele para qualquer momento de sua vida, sua criatividade e conhecimento eram tamanhos que podia extrapolar os fatos contados e poderia vivenciar o momento como se estivesse lá, adorava os pais, eram carinhosos e amorosos e ele sentia muita falta deles, pelo menos podia deixar eles orgulhosos.

Os Carters eram um casal de fazendeiros, eram a terceira geração de agricultores naquelas terras, viviam numa cidade pequena chamada Little River. Josh e Merry Carter não tinham filhos por conta de uma infecção que Josh havia tido no final do colegial que quase o matou, afetando a sua fertilidade, só descobriu o problema depois de anos casado, foi uma crise no casamento dos Carter mas a perseverança de Merry afastando Josh das bebidas fez eles superarem tudo aquilo.

Tinham quase cinquenta anos, iam frequentemente ao cinema, era quase a única coisa na cidade que tirava o senhor Josh Carter de casa. Haviam assistido um filme de ficção que assustou muito Merry, a fazendo grudar-se ao braço do marido, ele gostava de filmes de terror, suspense e ficção, um alívio fantasioso da realidade de um fazendeiro, ver aquelas naves alienígenas o fez pensar que talvez, um dia, as pessoas comuns poderiam visitar a moeda prateada no céu noturno, haviam ficado à noite olhando para a lua da varanda de sua casa.

-Precisamos ir a cidade durante o dia, vamos ficar sem café.

-Tudo bem, não precisamos de café.

-Josh?

-Calma querida, amanhã iremos, venha, que esta lua maravilhosa me deixou animado.

-Josh, ainda estou com medo.

-Venha, eu protejo você, senhora Carter.

Ele acabou protelando a ida a cidade e sua esposa só conseguiu fazer ele sair de casa quando ameaçou não mais fazer comida se ele não a levasse para comprar o que faltava a dispensa, ela estava farta de comer milho, queria comprar trigo, café e açúcar, além de botões, linha e mais algumas coisas, talvez um tecido para um vestido para a festa da colheita, este ano as flores da praça estavam lindas.

Josh Carter mal se afastou da picape, ele não gostava da cidade, ela estava mudando, as lojas antigas estavam passando por reformas, as ruas estavam sendo asfaltadas, ele lembrava do tempo que, para vir a cidade mal podia passar de quinze milhas por hora, agora os carros passavam por eles a mais de quarenta se não houvesse nenhuma viatura por perto, até os caminhões estavam aumentando de tamanho e velocidade, as coisas estavam mudando, ele não gostava daquilo, a cidade mudava mas não crescia, tinha a impressão que só diminuía, o fim da guerra pareceu fazer os moradores se animar mas alguns estavam indo embora.

-Ei, Josh, saiu da toca é?

-Como tem passado Bill.

-Vou indo e você?

-Estou esperando a última chuva para começar a colher o milho.

-O pessoal do condado tem pensado em mudar a cultura.

-É só falácia, aqui é o cinturão do milho, se eles querem plantar trigo, eles que se mudem pro oeste.

-Os preços do trigo estão melhores.

-É sempre assim, quando o milho abaixa todos querem correr do milho e daí vão para o trigo, o milho sobe e o trigo

abaixa e eles tem que voltar para o milho.

-Você é muito rígido Josh.

-Só sou menos volúvel, aí vem Merry, foi bom falar com você Bill.

-Vai votar em mim novamente?

-Se ninguém melhor aparecer, acho que vou mesmo.

-Não quer participar na câmara, sua opinião seria útil.

-Estava me sondando para ver se eu era a favor do trigo?

-Tinha de saber como estava o solo, senão seria inútil plantar.

-Você é uma raposa Bill.

-Você também é Josh.

-Senhora Carter.

-Olá prefeito Mulley.

Entraram no carro.

-O que Bill Mulley queria com aquele papo de câmara e raposa.

-Ele está preocupado dos fazendeiros mudarem suas culturas para trigo por causa do preço e isto deixaria os silos dele vazios, então queria saber se eu participaria de alguma assembleia para discutir o que fazer.

-Vai participar?

-Não mas, vou reservar algum espaço para plantar trigo no ano que vem, talvez plante também um pouco de soja e beterrabas se o tempo ameaçar esquentar, estou me cansando de ter que vir a cidade para comprar trigo.

-Vai plantar café também e batatas?

-Talvez cevada e batatas.

Ele olhou para a mulher que o olhava com ar de gozação.

-Merry?

-E algodão, porque precisamos de muito mais coisas que trigo, milho e soja.

-Tudo bem mas, eu venho na cidade com você todos os meses.

-Mas é uma novela tirar o senhor da fazenda a menos que seja para ir ao cinema.

Estavam dirigindo pela nova rodovia quando um clarão surgiu no céu ao norte, ele cruzava para o sul em chamas.

-Josh!

-Calma Merry.

Ele parou o carro e observou a bola de fogo, estava indo em direção da fazenda deles, voltou a dirigir, acelerou a picape ano quarenta e seis, nunca tinha passado de trinta milhas por hora com ela mas desta vez estava com pressa e preocupado. A bola de fogo diminuiu de intensidade a medida que se aproximava do solo, até sumir atrás do morro que eles teriam de circular para poder chegar a entrada da fazenda.

Não houve nenhum estrondo ou explosão então, seja o que fosse aquela coisa, não devia ter caído, a fazenda não parecia danificada, até que viu uma trilha de chão calcinado e uma pequena cratera no campo norte, onde havia colhido as cenouras mês passado, deixando o caminho que o levaria a casa ele cortou pelo campo seco e duro, a caminhonete pulou um pouco e ele diminuiu a velocidade.

-Josh, parece aquela história do cinema.

-Qual?

Perguntou para ganhar tempo sobre o que faria.

-O filme de domingo.

Josh não conseguiu contrariar a mulher então, preferiu não concordar com ela para não a assustar mais. Parou o carro, pegou a espingarda no suporte da cabine e preparou-se para descer.

-Josh, não.

-Merry, esta coisa caiu na nossa fazenda, vou descobrir o que é antes de ligar para qualquer lugar e passar por uma velha apavorada.

-Está me chamando de velha?

-Não me referia a você querida.

Beijou a esposa, poderia ser que fosse a última vez que a veria antes de morrer, então não queria dar adeus brigado.

-Cuidado querido.

-Sim, fique no carro.

Ela assentiu, não conseguia nem deixar de segurar o pega-mão do painel, quem dirá descer do carro, Josh se aproximou da borda da cratera, estava quente, quanto mais perto maior a temperatura, parecia que estava perto da forja de Nate Wheldon, conseguiu chegar perto o suficiente para ver que era uma esfera metálica, parecia aquela coisa de Roswell, apesar do calor, a coisa não parecia estar incandescente.

Sentiu um pouco de enjoo, caiu de joelhos e vomitou, olhou para trás e viu que Merry tinha aberto a porta do carro e também vomitava, uma coisa esférica pequena saiu da cratera, era bem menor que a esfera maior, havia um ponto vermelho no centro e emitiu uma luz vermelha cegante, que o fez fechar os olhos, quis levantar a arma mas uma nova onda de enjoo o fez vomitar novamente e ter que largar a arma para segurar o estômago.

A esfera lançou a luz sobre Merry, desceu sobre ela e logo voltou a subir, ele quis dizer algo mas o enjoo era forte demais, só conseguia ficar ali olhando, a esfera continuou lançando aquela luz, foi pela fazenda e depois de muito tempo voltou e sumiu no interior da cratera, o enjoo diminuiu e ele pôde voltar a ficar de pé.

-Merry, está bem?

-Estou meio tonta, o que foi isto?

-Acho que é alguma coisa do exército, não acho que é de Marte, parece o balão de Roswell.

-Tem certeza?

-É mais parecido com um balão que com as coisas do filme ou discos.

-Aquelas coisas parecidas com arraias?

-Isto, venha ver.

-Não tem rabos com luzes?

-Não, é só uma esfera, venha.

-Eu não.

-Se aquela bolinha fosse alguma coisa perigosa, já tinha

nos machucado.

Josh não voltou a pegar a arma, não achava boa ideia apontar uma espingarda para um astronauta, ou soldado, ou fosse lá o que fosse, se ele podia fazer eles vomitar o estômago.

Olhou novamente para o interior da cratera e viu uma cena bizarra que o fez pensar que estavam mesmo sendo invadidos por alienígenas de Marte, a parte de cima da esfera tinha ficado transparente deixando ver em seu interior um ser azul, com pele grossa como um elefante, daqueles de circo e pelos laranjas no topo da cabeça, ele se mexia de um modo estranho, poderia ser um bebê grande, uma série de braços mecânicos começaram a incomodá-lo tocando ele, parecendo agulhadas, aquilo devia ser doloroso porque a criatura parecia sofrer.

-Merry, acho que é uma criança.

-O quê? Uma criança marciana?

-Acho que não é da Terra pelo menos.

-Eu disse que parecia a história do filme.

Ele se compadeceu do ser azul, tentou chegar perto para ajudá-lo mas o calor não permitiu, teve de ficar ali vendo o bebê gigante sendo torturado por aqueles braços, Josh não pôde evitar chorar, parecia sentir dor e emitia lamentos surdos e olhava as vezes para Josh como se pedisse ajuda e o homem não conseguia se aproximar.

-Merry, preciso fazer alguma coisa.

-Josh, o que está acontecendo?

-Não sei descrever, tem que ver.

A mulher ainda tomada pelo medo conseguiu se aproximar do marido, a cratera ainda estava quente e mal podia ficar do lado dele sem sofrer ferimentos, Josh já tinha queimaduras no rosto.

-Josh, tem de se afastar.

-Preciso ajudá-lo.

-Quem?

A mulher olhou para a esfera e viu a criatura, quase desmaiou mas conseguiu apenas gritar de terror.

-Oh, meu deus, estamos sendo invadidos por marcianos.

-Merry, ele está sofrendo.

Ela não queria olhar mas a curiosidade era maior, realmente a criatura parecia gritar de modo surdo e lutava com braços metálicos que a perturbavam.

-Preciso fazer algo querida.

-Está queimado, tem que se afastar mais.

Puxou o marido mesmo que seu coração estivesse triste pela cena do sofrimento visível daquela criatura, logo ela deveria sair daquele ovo de metal e devoraria os dois e depois todos os seres humanos do planeta, ao se afastar, Josh sentiu as queimaduras e teve que sentar no chão, realmente tinha se queimado e a dor estava começando a ultrapassar a adrenalina.

-Está com o rosto todo queimado.

-Você viu o mesmo que eu?

-A coisa azul?

-Estava sofrendo, não é?

-Parecia que sim mas, por que os marcianos mandariam uma coisa daquelas pra cá?

-Marcianos são verdes então, acho que não é de Marte.

-Parece o bebê de um gorila misturado com um elefante sem orelhas e tromba.

-Acho que é um menino.

-Aquela coisa é um menino?

-Não sei, só acho que é macho.

A dor estava incômoda mas ele não quis ser levado para casa, ficaram ali até que anoiteceu, Josh pegou a lamparina na caminhonete, a temperatura diminuiu, puderam se aproximar novamente e viram que a criatura estava diferente, parecia ter desmaiado por causa do tormento, os braços continuavam sua tarefa de lhe cutucar.

-Ele está diferente.

-Sim, está menor e menos azul.

-Não parece mais tanto com um elefante.

-É mesmo.

Josh tentou descer a cratera mas o calor aumentou

muito e ele não pode chegar mais perto. Sentaram na beira da cratera esperando, assistiram aquilo durante horas, o frio da noite era remediado pelo calor da esfera que ainda mantinha eles aquecidos, nem sentiam fome.

Devia ser muito tarde por que a lua estava alta e Merry tinha cochilado no ombro de Josh, a criatura já estava quase do tamanho de um bebê humano e tinha um tom suave de azul e os cabelos estavam castanho avermelhados, somente um braço ou outro ainda perturbava a criança que continuava desmaiada, aquelas coisas deviam ter mudado ele para se parecer humano.

Quando o bebê abriu os olhos, eram castanhos claros, não eram mais aquelas bolas negras que ele tinha visto na primeira vez, ele olhava para Josh com cara expectante até que outro braço o perturbou, ele olhou o braço com desgosto mas não lutou contra ele, voltou a olhar o homem, tentou se levantar e bateu a cabeça no vidro, estava nu, era um menino e a cada momento ficava mais humano.

Com dificuldade conseguiu ficar de joelho com as mãos apoiadas na cúpula, ficou olhando para fora com curiosidade, mais um braço pareceu picar ele, que apenas se encolheu, pareceu que já tinha se acostumado ou tinha entendido a finalidade daquele tormento.

-Merry, olhe.

-O quê?

Sonolenta ela percebeu que tinha babado o ombro do marido, olhou para baixo e se assustou.

-Meu deus.

-Sim, ele se tornou humano.

-Como pode isto?

-Não faço a mínima ideia, o que faremos?

-Ele pode nos devorar, acho que devíamos chamar o exército.

-Não seja boba, se fosse para nos fazer mal, acha que ele teria passado por todo aquele sofrimento e mudança?

A mulher achou que ele tinha razão, se fosse para comer eles era só sair e pegar eles quando estivessem caídos

por causa do enjoo.

-Acha que ele não é perigoso?

-Acho que não.

O bebê sorriu.

-Oh meu deus, acho que ele sorriu.

-Parece que sim mas, bebês tão pequenos sorriem?

-Não sei, acho que sim.

O bebê ficou sério e pareceu pensativo, ele não tinha mais nenhuma característica que lembrasse a sua forma anterior, os Carters estavam com fome e Josh, mesmo encantado com tudo que tinha visto, ainda sentia fortes dores das queimaduras, gemeu.

-Precisamos levar você para dentro, temos que cuidar destes machucados.

O bebê olhou para eles com curiosidade.

-Não foi nada, se eu soubesse que era para ele mudar, eu não tinha tentado salvá-lo, fui um tolo e acabei me queimando.

Os dois não tiravam os olhos daquele pequeno bebê engraçadinho e estranho que a criatura azul havia se tornado, a criança falou algo e pôs a mão na garganta, falou novamente e riu, olhou para Josh e apontou o dedinho para ele e disse algo.

Uma pequena esfera surgiu da esfera maior, não de uma abertura ou encaixe, era como se a esfera maior apenas liberasse uma gota que se transformou naquela bolinha pequena e os acertou com a luz vermelha.

Os dois temeram e tentaram se afastar mas o enjoo voltou, mais fraco mas voltou, o faixo luminoso os acertou e a esfera voltou a se juntar a esfera maior.

-O que houve?

-Não sei.

A esfera começou a mudar de volume, diminuindo e se moldando de modo líquido até que se tornou como uma roupa ao redor do corpo do bebê, era um macacão azul, da mesma cor e textura que parecia ter sido sua pele, envolvia todo o corpo do pescoço para baixo, o bebê permaneceu ali no ar, no mesmo

lugar em que havia estado desde o início do processo.

-E agora, Josh?

-Vamos esperar.

-Dadauaiaiai.

Fez o bebê e os dois caíram em gargalhadas, estiveram morrendo de medo mas ouvir aquela voz infantil foi como um alívio, eles temeram ouvir alguma coisa grotesca ou uma frase adulta e no fim ouviram o falar inarticulado de um bebê normal, apesar do alívio, perceberam que o bebê ficou frustrado, parecia que queria ter dito algo compreensível.

-Oi pequeno, eu sou Josh.

O bebê olhou para ele curioso.

-Querido.

-Calma Merry, ele é um visitante no nosso mundo e somos os primeiros humanos que ele tem contato, então somos como embaixadores da humanidade.

-Mas e se ele quiser nos machucar.

-Quem tem poder de vir de longe para cá, tem poder para mudar de forma do jeito que fez e tem uma roupa que pode se transformar em espaçonave, deve ser superior a nós, não acho que ele se transformaria num bebê para depois sair por aí destruindo tudo, também não deve nos encarar como ameaças.

O bebê riu e o riso dele foi cristalino e Merry se encantou com a risada dele.

-Oh Josh, acho que ele nos entende.

O bebê olhou para ela.

-Acho que tem razão, talvez não consiga falar, porque assim como os bebês, ele não consegue falar ainda.

-Quantos anos acha que ele têm?

-Não sei, parece ter um ano ou um pouco mais mas temos que entrar, está esfriando muito.

-E ele?

-Venha meu pequeno visitante, venha conhecer nossa casa, é um casebre humilde de um fazendeiro.

O bebê flutuou na direção deles e eles se dirigiram para

o carro.

-Sua espingarda, Josh.

-Melhor eu deixar ela ali, ele pode entender errado.

-Josh?

A mulher tinha parado, estava olhando para trás, ele também olhou, o bebê apontava para a espingarda e para Josh.

-Acho que ele entende que você quer pegar a arma apenas para guardar, não para o ferir.

-Pode ser também que ele entende que a arma não pode ferir ele nem que atirasse nele a queima roupa.

-Acha isto?

-Não sei mas, ele está flutuando, e a roupa dele é aquela esfera.

-É mesmo.

Josh se aproximou do bebê com cuidado e se abaixou para pegar a espingarda, ele ainda tinha aquele olhar curioso, Josh pegou a arma pelo cano e manteve ela afastada do bebê para não assustá-lo, o pequeno riu.

-Ele entende a gente mesmo.

-Deve ser superdotado.

A medida que Josh andou o bebê se manteve perto dele, olhava hora para o homem e hora para a mulher como se esperasse eles falarem mais, chegaram no carro.

-E agora Josh, ele pode se assustar com o barulho do carro, e como levaremos ele até em casa.

-Não sei, Merry, estou tão perdido nisto como você.

A mulher olhou para aquela criatura flutuando tão perto deles, estendeu a mão para ele.

-Não quero te machucar, quero te pegar no colo para podermos entrar no carro e irmos para casa, entende?

O menino olhava para ela curioso, ela deu um passo e aproximou a mão dele.

-Merry?

-Tudo bem, Josh.

Ela tocou o rostinho.

-Oh, ele é quentinho.

O bebê riu e se mexeu como se o toque fizesse cócegas, olhou para a mulher que o puxou e o ajeitou nos braços.

-Ele parece que não pesa nada.

O bebê estendeu a mão para o rosto de Merry, ela nem pensou, aproximou ele de seu rosto e ele tocou nela da mesma forma que tinha feito nele.

-Oh, que amor.

-Ele parece ter os seus olhos.

Merry o afastou e olhou para ele com mais atenção, os cabelos eram iguais aos de Josh quando era garoto, lembrava claramente deles brincando juntos no parquinho nos domingos depois da missa.

-Acho que parece com você.

-Merry?

-Eu achei ele parecido com você, pelo menos o cabelo é igual ao seu, quando tinha mais cabelo.

O bebê estendeu a mão para Josh, o homem tocou a mão pequena com o dedo, sentiu que o bebê o apertou de modo suave.

-Ele não parece forte.

O bebê riu e falou mais uma série de coisas ininteligíveis e os dois riram e o bebê riu com eles. Entraram no carro.

-Não se assuste pequeno, ele é barulhento mas é só porque o escape está quebrado, também não é muito confortável como a sua nave mas é o que nós temos, então desculpe.

Ligou o carro e o bebê arregalou os olhos, depois riu novamente.

-Como vamos chamar ele?

-Quer dar um nome a ele?

-Podíamos ficar com ele.

-Merry.

-Assim que ele puder falar, nós perguntamos o que ele quer aqui.

-Está bem, como vamos chamar ele, azulzinho?

-Josh, temos que dar um nome de gente.
-Ele pode não gostar.
-Até parece que um bebê vai desgostar de um nome.
-Que tal, paul?
-O nome do meu avô não, que tal o do seu pai?
-O nome do meu pai?
-Sim é bonito e gentil.
-Está bem, pode ser, é melhor que azulzinho.
O bebê riu mais uma vez e bocejou.

-3-

Um movimento estranho despertou a atenção do homem flutuante na estratosfera do planeta azulado, uma lancha corria veloz em direção a uma marina no sul da ilha de Manhattan, até aí não parecia nada suspeito, apesar do excesso de velocidade que era de responsabilidade da guarda costeira, eles tinham um toldo de tecido tratado com chumbo, deviam ser amadores querendo aplicar algum golpe, afinal achavam que ele era idiota.

Moveu-se o mais rápido possível, entrou na atmosfera como uma estrela cadente reduzindo de velocidade a medida que se aproximava do chão para não criar transtornos ou danos. Caiu para velocidade abaixo de mach um quando ficou a menos de dez quilômetros de altura, a cem metros da embarcação já havia sido percebido, esforçou-se para tentar identificar o que estava acontecendo e abriu um sorriso desapontado, pousou no barco que já tinha parado.

-Senhorita Lake, vai receber uma multa por violar a lei de segurança, infligindo o limite de velocidade.

-Estive procurando por você e não consegui pegar você em nenhuma ocorrência.

-Acabava saindo assim que as autoridades assumiam, por que fez este circo?

Olhou para Johnnie que o filmava e para Clarence que tinha um microfone grande de reportagem.

-Preciso de uma declaração sobre a sua participação na assembleia das Nações Unidas.

-Isto foi ideia de quem?

-Foi minha.

-Senhor Carter, deveria saber que apesar de vocês ganharem a vida atrapalhando os outros, algumas pessoas precisam trabalhar seriamente para não deixar catástrofes acontecerem, e se alguém estivesse em risco de morte neste instante?

-Me perdoe Homem de Aço mas, pensei que se fosse o caso escolheria outra coisa mais importante.

-Vai ter que responder por isto senhor Carter, venha comigo.

-Ei, Clarence não fez nada, foi…

-Tudo bem Louise, vai ter que pagar a minha fiança.

Disse sorrindo.

-Pelo menos sua declaração Homem de Aço?

-Está bem Carter.

-Obrigado.

-Estive na ONU para consolidar os esforços dos diversos países comprometidos para união mundial no combate a fome e a miséria. Ampliar a produção de alimentos não é a solução do problema, quanto mais se produz, mais se desperdiça, fazer uso racional do que já se produz é a primeira ação a ser realizada. Milhões de pneus são descartados anualmente, desperdiçando matéria prima que podia ser reutilizada, milhões de árvores tem que ser cortadas para obtenção do papel que também podia ser reutilizado. O consumismo é o motor desse desperdício, enquanto uma parte da população adulta mundial tem que sobreviver com menos de quinhentas calorias de alimento diário, a América consome três mil e desperdiça mil e quinhentas calorias por pessoa adulta diariamente. Além disto, o uso indiscriminado dos recursos naturais não renováveis do planeta estão causando o sumiço de diversas espécies de seres vivos, desde microalgas que sumiram dos locais de testes nucleares a diversas outras

espécies. Agora temos os ursos polares que estão sendo afetados pela exploração petrolífera no Alaska e nos mares da Groenlândia, se continuarem a extinguir as espécies do planeta acabarão por levarem a si mesmos a extinção, como meu povo acabou fazendo. Precisam ficar atentos, nesse ritmo acabarão por extinguir alguma espécie primordial para a manutenção da vida no planeta e depois que este processo se iniciar, encararão o pior que a natureza pode oferecer. Meu planeta só era habitado por uma única outra espécie animal desenvolvida, todas as demais haviam sido extintas há muitos milênios por diversos fatores, mesmo tendo feito de tudo o possível para evitar isto, depois que o ponto crítico de extinções aconteceu. Foi impossível salvar espécies grandes e por fim, sobrou apenas os organismos realmente fortes para suportar as novas condições de vida, não haviam mais árvores crescendo por conta própria em meu mundo. Entendem minha preocupação?

-Sim, obrigado Homem de Aço.

-Venha, vai ter que explicar-se na delegacia do porto.

Pegou Clarence Carter pelos ombros e elevou os dois no ar, levando ele consigo como se voasse de pé.

-Que droga, Clarence conseguiu novamente.

-O que Johnnie?

-Ganhou um passeio com o Homem de Aço.

-Oh, é mesmo, é um maldito malandro, vamos voltar ao porto, precisamos ir pagar a fiança daquele idiota.

Assim que pousou no chão, Clarence Carter mudou gradativamente de forma e se tornou uma cópia do herói alienígena. Enquanto o dispositivo de distorção tinha transformado o herói em Clarence, deixou-se ser levado pela sua cópia automatizada, esteve todo o tempo interligado com ela e teve conhecimento do interesse de Louise em chamar a sua atenção com algo mas a cópia tinha ocultado o plano para que ele pudesse agir ou não baseado em perceber o plano ou não.

-Número Quatro, foi muito bem.

-Obrigado senhor.

Clarence pensou que esta versão era bem melhor que a Número Três, ela era o traje mais forte que ele já tinha desenvolvido, muito mais forte que o Número Um, fabricado em seu planeta natal pelos seus pais.

A Número Três não era muito criativa, apesar de ser boa com transmitir as sensações do ambiente, aquela versão acabou sendo uma IA com personalidade difícil, por causa de suas respostas emocionais quando tinham diálogos, foi um desastre deixar ela em seu lugar, parecia ter aversão a Louise, vai saber.

Foi guiado para dentro da delegacia do porto e foi fichado por condução imprudente e excesso de velocidade, teria que aguardar pelo pagamento de mil dólares da fiança e depois responderia diante de um juiz e pagaria uma multa de uns dois mil, provavelmente o jornal pagaria, afinal Louise conseguiu o único comentário diretamente para a mídia jornalística, sobre seu discurso na ONU.

Clarence para New York por causa do prédio da ONU, afinal ela era a representante de uma tentativa de unificação dos povos da terra. Enquanto crescia com seus pais ele foi aprendendo que este mundo era dividido em territórios e muitas vezes, pessoas de um mesmo território se matavam para usurpar o poder ou apenas por terem ódio umas das outras, aquilo o repugnou.

-Papai, eu vou até lá resolver isto, não é possível que ninguém tenha feito algo para evitar coisas assim.

-Clarence, precisa entender que apesar de nós também discordarmos disto, seríamos considerados estrangeiros interferindo lá, isto pode virar uma coisa tão grande que só poderia ser resolvida com mais morte e destruição, veja o que houve na segunda guerra, depois do horror, pensamos que ninguém mais quereria guerrear e o que tivemos, Coreia e agora Vietnã, sei que poderia pacificar o mundo em poucos dias mas precisa entender o espírito humano, muitos veem uma intervenção americana no Vietnã como ruim. Você viu que pessoas aqui do nosso país tem dito que não temos o direito de

intervir, outras pessoas dizem que não devemos enviar nossos soldados para morrer pelos problemas dos outros, imagine o que o povo vietnamita pensa disto. Agora pense maior, imagine o que aconteceria com a humanidade se um menino de cinco anos sujeitasse as grandes nações pela força para evitar mais guerra.

-Elas se uniriam contra mim?

-Isto mesmo e tudo o que você simboliza iria ser interpretado de modo errado.

-Mas papai, eu ainda posso governar todo o mundo.

-Eu sei filho, e seria um mundo maravilhoso, você é muito gentil Clarence mas nossa raça é muito irracional, somos egoístas, gananciosos, mesquinhos e pior, medrosos, o medo Clarence é o maior combustível para que o ser humano cometa atrocidades, ele enseja o ódio por tudo que desconhecemos.

-Tiveram medo de mim?

-Ficamos em pânico total ao ver você chegar mas, eu percebi que não queria nos ferir e por isto tudo que eu sentia mudou.

Clarence passou a mão em uma marca de queimadura na bochecha do pai.

-Me desculpe papai.

-Não foi sua culpa filho, eu me preocupei com o que eu vi você passando para poder mudar, tentei me aproximar e por isto me feri mas, eu faria novamente hoje se fosse para te proteger.

Clarence riu, beijou e abraçou o pai apenas com força suficiente para ele sentir seu amor, sua segunda pele o ajudava a se controlar emitindo alertas para que pudesse manter o autocontrole.

-*-

-Aquele cara do Alaska apareceu novamente no Hawaii, será que ele também é alienígena?

-Depois que aquele monstro começou a aparecer por

aqui, cada vez mais monstros estão aparecendo, viu aquela briga dele com o cientista louco a dois anos?

-Luthien?

-Sim, pensei que ele daria fim no alienígena mas, nem ele conseguiu acabar com aquela coisa.

Clarence tinha saído de sua memória e acompanhou a conversa desde o começo, verificou que os dois haviam sido presos por bebedeira e não eram ameaças públicas, eles estavam falando de Lars Luthien, Clarence suspirou, Lars havia sido um bom amigo porém, se revelou na verdade uma ameaça terrível para a humanidade, se ele tivesse devotado aquele intelecto brilhante para ajudar seu povo em vez de tentar provar que era superior, não teria acabado tudo daquela forma.

Luthien foi seu primeiro fracasso e apesar de não se sentir culpado pois afinal, fizera o que fizera por que não podia permitir que o amigo continuasse a ferir e matar pessoas na sua busca por poder. Seu único consolo era que Luthien ainda vivia, visitaria ele na clínica de repouso, antes de Lars, havia tido encontros com vilões perigosos e depois também mas depois do que fizera a Luthien, apenas uns poucos decidiam enfrentar ele.

Muitas vezes tinha ido até a China ou a União Soviética para auxiliar na captura dos mais perigosos bandidos e aplicava o mesmo processo que tinha feito a Luthien, sentiu-se um monstro nos primeiros dias depois de ter o sentenciado aquilo mas vendo como ele esteve se recuperando, achou que fez um favor ao amigo, tinham inclusive voltado a jogar xadrez.

-Clarence Carter.

-Sim.

-Sua fiança foi paga, vai poder responder em liberdade.

-Obrigado senhor.

Clarence vestiu seu paletó e saiu da cela, teve de tomar cuidado para não bater nas coisas pelo caminho, era grande para os padrões humanos então, tinha de evitar colidir com pessoas que não podiam ver seu volume real.

Mesmo tendo passado por todo aquele tratamento

genético e a miniaturização que seus pais biológicos o fizeram passar, ele ainda havia ficado grande demais, tinha seis pés e oito polegadas de altura, ou oitenta polegadas, mais algumas frações, usava a distorção de imagem do traje para poder passar despercebido.

Enquanto Clarence, ele tinha apenas seis pés de altura, esta diferença de oito polegadas já causava problemas para se deslocar, ainda mais por que quando olhava para si mesmo também estava sujeito a ver a distorção, se concentrasse a visão para perceber além da distorção, poderia interferir no campo magnético e ser visto, então suportava as dificuldades.

Assim ele parecia ser mais gordo do que realmente era, isto geralmente atrapalhava ele ao pegar objetos, ou se desviar das coisas, como não podia usar sua velocidade total de movimento ele se limitava a evitar o máximo de colisões com a ajuda da IA do traje Número Dois.

Luthien tinha destruído o traje Número Um naquela luta e ele se viu pela primeira vez tendo que controlar totalmente sozinho sua força, sem querer tinha quase destruído o monte Santa Helena, mesmo se controlando ao máximo, seu soco causou mais destruição do que tinha feito até aquele dia.

O traje era muito importante para ajudá-lo a se controlar, logo talvez, ele poderia criar outra IA e passar a vestir o Número Quatro, ele era mais forte e mais desenvolvido que o dois então ajudaria ele a diminuir suas bizarrices desajeitadas como, derrubar xícaras ou errar a própria boca enquanto tentava comer.

-Clarence, está bem?

-Sim Louise, o Homem de Aço me trouxe em segurança, apesar de ser muito estranho voar com ele, sem falar do frio…

-Você é um canalha.

-Por quê?

-Mentiu dizendo que a ideia foi sua porque sabia que ele te levaria em um passeio, não foi?

-Nem pensei nisto.

-Sabia que eu sempre quis dar uma volta com ele, o que tinha na cabeça, e se o juiz quiser de deixar uns quinze dias na cadeia por causa do nosso passeio de lancha?

-Acha que ele faria algo assim?

-Não sei, você é muito idiota, sabia?

Clarence realmente se preocupou, o juiz poderia não gostar de ter que julgar uma ação por causa de alguns repórteres que tinham vontade de passear com o Homem de Aço, Louise percebeu sua preocupação e se aproximou para beijá-lo, Clarence teve que se abaixar mais para que ela acertasse seu rosto e apesar de sentir o beijo, ele não foi tão mais que um pouso de um grão de poeira em seu rosto.

Ficou feliz pela demonstração de carinho dela e triste porque não podia retribuir a nenhum contato humano, mesmo com todo o poder que tinha o traje Número Dois não conseguia repassar completamente a sensação que seria sentida por uma pessoa ao receber um beijo, já a Número Três teve que ser aposentada por que ela repassava demasiadamente, ele tivera diversas ereções em momentos impróprios por causa da sensibilidade exagerada do traje, fazendo movimentos pelo seu corpo e por isto o manteve em sua base secreta, apesar de ser uma ótima companhia para conversar.

O que restou do traje Número Um ainda demoraria muito tempo para ser restaurado, estava ativo e podia interagir com ele mas os danos haviam sido extensos demais e como era muito difícil sintetizar os materiais de seu planeta natal, ele teve que criar os outros trajes.

-Venha Clarence, a edição estará nas bancas daqui uns dez minutos e quero ver o que vai acontecer com as pessoas ao ver as fotos de Johnnie, o vídeo está sendo editado para ir ao ar no noticiário matutino, todos vão comentar que você foi um imbecil por ter aprontado aquilo.

Ele riu sem jeito, afinal quem teve a ideia e colocou eles naquela situação foi ela. Saiu da delegacia portuária com Louise enganchada no braço dele, tinham uma relação muito complicada, ela era loucamente apaixonada por ele como

Homem de Aço mas, sabia que ele era uma coisa platônica e distante, apesar de se derreter por ele sempre que estavam próximos.

Ao mesmo tempo, ela sentia algo por ele como Clarence, sem conseguir ir além de alguns momentos românticos porque ele tinha que manter ela afastada, afinal não poderia nem mesmo beijá-la na boca, caso contrário poderia machucar ela ou mesmo matar, relações mais íntimas estavam fora de cogitação.

-4-

Trabalhou aquele dia como repórter vendo o traje Número Quatro salvar quase uma centena de pessoas ao evitar que o metrô descarrilasse, ficou orgulhoso, tinha acertado em fazer aquelas IAs, havia cogitado em fazer mais e deixar elas trabalharem pelo mundo ajudando ele a cuidar das coisas mas era como seu pai dizia, os seres humanos podem querer ajuda no momento de crise mas no momento em que não precisassem mais de ajuda, preferiam fazer as coisas por si mesmos.

Sua relação com Louise tinha ensinado muito sobre a natureza humana, ela podia socar um motorista de táxi por ele ter dirigido de modo imprudente mas ficava chorosa sempre que via um gatinho abandonado e tinha que se esforçar para não levar ele para casa, mesmo que passasse muitas vezes pelos moradores de rua sem lhes dar atenção, era uma raça cheia de contradições.

Saiu do trabalho, antes de chegar na estação de metrô entrou num beco e ficou invisível, voou até a clínica de Luthien na Inglaterra, desceu no pátio perto do estacionamento já em sua forma normal.

-Oh, é o Homem de Aço.

Muitas pessoas que estavam do lado de fora da clínica naquela manhã ensolarada ficaram olhando admiradas para aquele ser, todos sabiam quem era a pessoa que ele buscava, foi levado pelo diretor da instituição que estava encantado com a

visita até o quarto.

-Senhor Luthien, tem uma visita, é o senhor Homem de Aço, posso deixá-lo entrar?

O homem de cabeça raspada, ainda haviam cabelos espaçados, tão ralos que pareciam apenas tufos, então passava o barbeador diariamente, abaixou a edição do Diário impresso ontem, ele fazia questão de receber os jornais impressos no mesmo dia mas pela distância, alguns demoravam um dia para chegar a suas mãos.

-Sim doutor, achei que ele viria logo.

-Como está, Lars?

O homem olhou para a porta.

-Estamos sozinhos.

Disse para o amigo.

-Olá Clarence, trouxe jornais para mim?

-Uma dúzia dos melhores.

-Não pode evitar dar shows, não é?

Mostrou a foto no barco.

-Tive que fazer algo para controlar a avidez de Louise, ela queria fazer um monte de loucuras para chamar a minha atenção então, o Número Quatro pensou no que fosse menos perigoso.

-Número Quatro, já? E hoje, é você mesmo ou mandou um traje também?

O traje recolheu-se do rosto de Clarence, fazendo o ar vibrar um pouco enquanto respirava.

-Oh, posso sentir a pressão da sua respiração, volte a cobrir-se.

-Só queria que soubesse que sou eu.

-Sinto muito por ter sido tão imprudente no passado.

-Sinto muito também.

Luthien havia cometido uma série de atrocidades, começara matando alguns de seus sócios, depois rivais nos negócios, dali passou a atacar instalações de pesquisas científicas e militares para obter tecnologia, por fim, sequestrou um ônibus de estudantes do colegial e levara eles até o topo do

monte Santa Helena, era um local bem isolado e poderia utilizar sua versão do traje Número Um que tinha desenvolvido para poder enfrentar seu amigo/inimigo. Clarence lembrava como se estivesse lá.

-Luthien, por favor, liberte as crianças, elas não precisam estar por perto enquanto você testa seu novo brinquedo.

-Oh, não Homem de Aço, sabe muito bem que desta vez não será um teste, será para valer, levei muito tempo para conseguir tecnologia e informações suficientes para te encurralar, senhor Clarence Carter.

Clarence ficou em pânico, Lars tinha descoberto quem ele era, não podia ser, sempre fora cuidadoso, mesmo tendo cedido uma amostra de seu traje ele não tinha como saber mas afinal, era Luthien.

-Não pode me vencer, sei que trapaceou aquela vez, no movimento trinta e dois você avançou o cavalo uma casa a mais.

Somente ele conseguia jogar xadrez de igual para igual com Clarence, certa vez ficaram de pé calculando possibilidades e realizaram a partida fazendo lances apenas verbalmente, Luthien tinha ganhado, apesar de Clarence ter percebido que ele trapaceara movendo a peça para além de seu alcance correto, havia ficado tão feliz pela partida que ignorou o fato e aquilo foi o que precipitou o amigo em uma espiral de vilania, ele achou que poderia vencê-lo e se tornar o senhor absoluto do mundo.

-Eu relevei aquilo Luthien por que considero você um grande amigo.

-Não minta, está tentando jogar novamente comigo, eu venci você mentalmente, agora vou vencer fisicamente.

Luthien se lançou a ataques físicos tão poderosos que Clarence chegou a sentir um pouco, fazendo ele ter que se mover para absorver o golpe, a fim de não ter seu traje destruído.

-Viu, eu finalmente tenho um poder igual ao seu.

-Está se enganando meu amigo, por favor pare com isto.

Lars ficou ainda mais furioso e seus ataques aumentaram de intensidade, Clarence lançou um feixe de visão térmica, acertou diretamente Luthien, ele pareceu enfraquecer mas não sofria danos, intrigado parou sua investida.

-Oh, por que parou de carregar minha armadura com seu fabuloso feixe ocular, achou que eu não me prepararia para ele?

O ataque seguinte de Lars foi muito rápido e mais forte, lutou com ele algum tempo, sempre tentando não feri-lo, apenas debilitar sua armadura, quando os ataques começaram a danificar seu traje ele viu que Luthien tinha ultrapassado todos os limites de segurança e usava uma fonte de energia tamanha que estava movendo o magma sob o vulcão. Teve que tomar uma decisão difícil, chamou o traje Número Dois que estava em New York na forma de Clarence para vir ajudá-lo, ele veio de modo invisível e levou o ônibus com os reféns para um local seguro.

-O que fez com o ônibus? Seu maldito trapaceiro, chamou reforços, não foi?

O traje de Clarence já estava bastante danificado ficando concentrado no rosto, sua cintura e nos outros lugares estava fino.

-Não chamei reforço Lars, eu apenas pedi que afastasse as crianças para que eu pudesse me soltar apenas um pouco, você quase destruiu meu traje, não sabe o que está fazendo, pensa que o traje me dá força, não é para isto que meu pai o fez, amigo, ele é para evitar que eu destrua este planeta em um movimento impensado.

Luthien ficou pálido, seu traje também estava muito avariado, apesar de estar em bem melhores condições que o do inimigo.

-Está tentando ganhar tempo novamente para poder fazer alguma jogada meu caro Clarence mas não vai conseguir evitar o óbvio.

-Acho que não tenho escolha Lars, vou ter que ficar

sem o traje para que possa lutar apenas comigo.

O traje escorreu de seu corpo e o ambiente ao redor deles se modificou, ficou mais escuro e opressivo, o ar pareceu vibrar com um som retumbante e se revoltou movido pela respiração do alienígena.

-Ataque com toda a sua força Luthien.

O ar vibrou de modo aterrorizante e mesmo tendo falado de modo delicado sua voz pôde ser ouvida a muitas milhas de distância.

-Não pode ser.

Luthien estava entregue a emoções contraditórias, havia medo de ter subestimado aquele ser, ódio por estar zombando dele, inveja de tamanha demonstração de despeito e pior, orgulho de ter feito aquele monstro ter dito que teria de lutar com ele pra valer.

Reuniu quase todo o poder de sua armadura, afinando a proteção do exoesqueleto pelo corpo e concentrando ele no seu punho direito, pensou olhando para a mão que estava nitidamente envolta em energia e deu forma de lança para que se tornasse mais perigosa.

Disparou na maior velocidade que o traje podia desenvolver, sua velocidade foi tamanha que se incendiou a mais de trinta mil milhas por hora, em uma fração ínfima percorreu as doze jardas que o separava do Homem de Aço.

Acertou o rosto dele com todo aquele poder e sentiu a pior dor de sua vida, nunca imaginara que aquilo pudesse acontecer, seu traje se desintegrou e levou consigo seu braço até próximo da articulação do cotovelo.

A explosão foi tão grande que o monte Santa Helena tremeu, começou a expelir fumaça e fazer sons estranhos, quase sem energia o traje começou a falhar e cair em direção ao chão, Clarence não havia se movido nem um milionésimo de polegada diante da força que destruiu o traje e seu braço.

Aquele alienígena tão poderoso não podia existir em uma dimensão tão baixa como a deste universo, havia algum truque e ele descobriria, talvez aquele nem fosse o corpo dele

realmente, talvez ele fosse apenas um autômato que abrigava em seu interior a criatura viva que usava alguma tecnologia para subjugar a vontade humana.

Ele caiu no chão e quase ficou inconsciente, o impacto foi forte, o traje falhando não foi eficiente para evitar algumas costelas quebradas, olhou para o cotoco do braço que não sangrava por que o traje tinha feito um tipo de curativo para prevenir a perda de sangue e manter a circulação, a dor era tão grande quanto a das costelas partidas.

Olhou para o inimigo que descia lentamente para perto dele, tudo aquilo ainda continuava ao redor de Clarence, o escurecimento, o retumbar, a vibração no ar, quando o inimigo parou próximo pôde sentir também o calor que emanava dele.

-Este som retumbante é seu coração?

O homem de pé assentiu lentamente de cabeça mas o movimento modificou um pouco as rajadas de vento revoltosos. Aquele som perturbador era apenas o coração dele.

-Não vou parar até destruir você Clarence, eu juro.

Seu traje retornou a ele, recobriu o máximo do corpo possível e a cabeça depois ficando transparente no rosto e nas mãos, a opressão da presença dele diminuiu muito mas o que sobrou do Número Um não foi suficiente para abrandar totalmente os efeitos dele no ambiente.

-Está me fazendo ter que tomar medidas drásticas Luthien, por favor, não sou seu inimigo.

-Você representa tudo que é contrário a verdadeira essência do que é ser um humano, Clarence.

-Me perdoe se é isto que eu pareço, só estou agindo da maneira que meus pais me criaram.

-Fala dos Carters ou de seus pais biológicos.

-De todos, tanto uns quanto outros me fizeram perceber que é melhor a amizade que a inimizade, a compreensão que o confronto, o altruísmo que o egoísmo, a honestidade que o engodo e muito mais coisas Lars. Por que não compreende isto? Não quero dominar seu mundo.

-Viu seu imbecil, você nunca será humano por isto, por

que nós humanos somos o seu oposto, não existe nenhum ser humano que tendo poder não deseje dominar, vendo algo bom não deseje aquilo para si, tendo força não a use para sobrepujar os demais, mesmo os melhores amigos, são no fundo, apenas rivais Clarence.

Luthien estava com lágrimas nos olhos.

-Vou continuar a lutar até te vencer Homem de Aço.

-Maldição Lars.

Na sua ira, Clarence esqueceu-se que o traje estava danificado e destruiu parte dele, fazendo pedaços voarem ao mesmo tempo que fazia um gesto com o braço esquerdo no ar, em direção do monte Santa Helena que tremia e fumegava como se fosse uma bomba, o movimento foi tão poderoso que tudo no caminho até o monte explodiu, criando uma vala profunda e desmoronando, levando Luthien para o fundo.

Mesmo estando a mais de sete milhas de distância, o vulcão foi partido ao meio liberando sua pressão acumulada e colapsando, somente o funcionamento, apesar de um pouco falho, do traje, evitou que Luthien fosse estraçalhado pela agitação que aquele movimento causou, a explosão somou-se a detonação do monte e liberou uma imensa quantidade de energia e lançou escória até onde estavam, era como se o mundo estivesse acabando em volta dos dois lutadores.

O Homem de Aço ficou olhando para seu punho fechado ainda mais furioso por ter perdido o controle momentaneamente, aquele foi um movimento intempestivo, mesmo assim havia contado com o traje mas ele não pode contê-lo.

-Viu o que eu disse, vou morrer aqui quando as rochas voltarem a cair e o deslizamento provavelmente vai me alcançar mas, vou continuar lutando.

-Não Luthien, não poderá lutar mais depois do que vou fazer com você, acredito que vai poder continuar a viver mas você não poderá mais jogar xadrez meu amigo, me perdoe.

Clarence foi até Lars e juntou ele por baixo do queixo, o traje dele lutava para evitar a força que ameaçava esmagar o

pescoço de seu dono.

-Vai me matar.

Conseguiu dizer Luthien, sem fôlego tanto pelas dores, quanto pela pressão que o traje não podia suportar.

-Infelizmente eu não sou tão bondoso, porque sou um covarde.

Olhou para a testa de Luthien e disparou um raio térmico concentrado de seus olhos que agiram como um laser cirúrgico penetrando a pele, músculos, ossos e danificando o material macio que era o cérebro do humano subjugado.

O feixe foi tão fino e tão bem executado que Luthien apagou, desmaiando imediatamente, seu traje estava destruído, então chamou o Número Dois que rapidamente se acomodou nele, o Número Um foi mantido junto para que pudesse iniciar sua regeneração.

-É possível utilizar os materiais e fonte de energia do traje de Luthien no processo de reparos?

-Apesar da fonte de energia ser muito poderosa, por ser imprudente, ela não é compatível com as necessidades, muitos dos materiais utilizados também são inferiores e terão de ser descartados.

-Faça.

Como um líquido seu traje envolveu o corpo do amigo desmaiado e começou a remover o traje dele, seu braço voltou a sangrar e Clarence o cauterizou para evitar que morresse pela hemorragia, levou o amigo até uma ambulância na área de resgate e o colocou sob custódia das autoridades, depois foi ajudar a resgatar pessoas que pudessem estar sendo afetadas pelo que a luta dos dois tinha ocasionado.

-Está pensando no que fizemos?

-Sempre penso se havia um jeito de evitar aquilo.

-Eu escolhi bem o campo de batalha para que houvesse o maior dano possível, o monte Santa Helena estava em estado crítico a algum tempo, felizmente seu soco destruiu o monte antes que ele acumulasse energia suficiente para destruir instantaneamente as cidades ao redor.

-Muitas pessoas ainda morreram.

-Teriam morrido milhares, talvez milhões se a explosão acendesse os fogos dos demais vulcões adormecidos do país.

-Quer jogar uma partida de xadrez?

-Hoje não Clarence, estive lendo os jornais, é difícil me concentrar durante muito tempo e acabo com dor de cabeça.

-Eu sinto muito pelo que fiz.

-Eu não sinto pelo que você fez, agora mal consigo resolver uma soma simples sem ter de recorrer aos dedos da mão e isto me fez ver tudo diferente, venha, olhe pela janela, vê aquela jovem ruiva?

-Sim.

-Seu nome é Daisy, acredita, uma garota chamada Daisy, ela está se apaixonando por mim e eu já estou apaixonado por ela, assim que conseguir o coração dela, eu vou pedir transferência e vou voltar pra Dinamarca, me casar e aproveitar o pouco da minha fortuna que restou, depois que eu quase a destruí para derrotar você, aquilo que fez foi minha salvação Clarence.

Disse olhando para o braço biônico, presente do próprio Homem de Aço, feito com o material rejeitado do traje de Luthien.

-Sentir a dor fantasma do braço tem sido uma boa recordação de nossa luta, só queria ter podido pelo menos ter feito você sangrar.

-Pode não ter me ferido fisicamente meu amigo mas, me feriu muito aqui.

Colocou a mão no coração.

-Você é e sempre será um romântico, Clarence.

-Acho que sim, até mais Lars.

Olhou pela janela e disse.

-Você conseguiu outro feito muito grande meu amigo, me fez sentir inveja de você.

-Oh, obrigado, volte pra me visitar outra hora, e avise antes que vai vir, para que eu esteja bem para jogarmos.

-Prometo.

Ele saiu pela porta deixando o homem que já foi o humano mais inteligente do planeta olhando para a ruiva que estava cuidando de um idoso muito rabugento, ela pareceu sentir que Lars a olhava e olhou na direção dele, sorriu e ficou vermelha.

-Ela é realmente uma Daisy.

-5-

Quando voltou a New York, manteve sua rotina tanto como Clarence quanto como Homem de Aço, estava em uma de suas vigilâncias quando notou uma movimentação estranha, um objeto invisível em quase todas as faixas de espectro se movia em direção a New York.

Pelas dimensões devia ser um avião de caça ou um bombardeiro, partiu a toda velocidade em uma rota de interceptação, parou diante do caminho do objeto que incrivelmente se pôs a reduzir a velocidade parando completamente.

-Quais suas intenções?

Disse tão alto que poderia ser ouvido a várias milhas, o cockpit abriu e uma morena em roupas de couro ficou de pé, ela sorriu e saltou do assento do piloto para o nariz do avião.

-O senhor presidente me pediu que me apresentasse, ele manifestou a intenção que nós colaborássemos visto que temos poderes parecidos.

Ele ficou espantado mas não acreditou em nenhuma das palavras dela.

-Preciso que forneça provas do que diz, caso contrário irei capturá-la e levá-la as autoridades.

-Eu disse que você não ia acreditar mas ele disse que seria interessante ver o que faria, então não me deu nada para provar minhas palavras, eu tenho isto e poderei saber as suas intenções mas você vai ter que escolher como vamos resolver as coisas.

Ela tinha dito aquilo batendo no chicote que carregava

no cinto, usava um calção de couro até os joelhos e um saiote de couro grosso que parecia ser parte da armadura peitoral dela, botas de couro até os joelhos, um cinto prateado, braceletes prateados e um aro dourado na testa que se escondia em baixo do cabelo.

-Venha pacificamente para que não acabe se ferindo.

Ela fez um movimento rápido, muito mais rápido do que ele esperava, se movera tão rápido quanto Luthien aquele dia, só que seus movimentos não criaram nenhuma comoção ou aquecimento, ela chicoteou ele que pode se defender posicionando o braço quase a velocidade do som na frente de si e foi laçado pelo chicote no pulso.

-Diga alienígena, quais suas intenções no nosso planeta?

-Oh, que interessante, este chicote tem propriedades radioativas muito peculiares, por que decidiu usar algo assim em mim?

A mulher ficou surpresa, nunca em todos estes milênios alguém pôde resistir ao Chicote da Vontade, qualquer indivíduo sujeito ao chicote cedia diante da vontade de seu utilizador, desde que fosse usado por um olimpiano de nascimento.

-Responda alienígena.

Ele pegou o chicote com a mão e a puxou com tal violência que ela foi catapultada na direção dele, o homem a envolveu em um abraço e tentou usar o chicote para amarrá-la mas ficou intrigado, ela estava resistindo a ele depois de ter se recuperado da surpresa, ficaram naquela disputa de força de modo que ele viu que se insistisse seu traje ia se danificar, afastou-se dela.

-O que você é?

-Sou Diana de Éfeso, como ousa me agarrar seu ser imundo.

Ela estava furiosa, voou para cima dele tentando acertá-lo, mesmo ela se movendo naquela velocidade impensável, ele podia se desviar dela facilmente, apesar da revolta que causava

na atmosfera, cada desvio dele era de apenas uma polegada ou menos, somente para que não o acertasse, ela se cansou daquele pega-pega.

-Por que não luta?

-Não sou uma pessoa violenta.

-Ahhh.

Ficou mais furiosa ainda, sua velocidade aumentou, continuou naquela tentativa vã, até que parou novamente. Ela flutuava no ar e parecia que seus golpes deveriam ser muito fortes, apesar disto, ela não era rápida, mesmo não alterando a atmosfera como ele, ficou curioso sobre a força dela.

Decidiu deixar ela acertar um soco nele para ver o que aconteceria, pensou muito a respeito refletindo se não acabaria ferindo ela mas decidiu arriscar, o máximo que aconteceria era ter que levá-la ao hospital mais próximo, e além de tudo era ela que tentava bater nele. Removeu o traje de sobre o rosto e o ambiente ao seu redor se alterou um pouco, ela percebeu a mudança e se afastou instintivamente dele.

-O que fez?

Não disse nada, estava se controlando para não respirar muito forte, então fez sinal para que ela o socasse no queixo, se alguém pudesse ficar ainda mais furiosa, ela ficou, sua velocidade quase dobrou e o soco dela foi tão poderoso que a explosão gerada incendiou a atmosfera no ponto de impacto, criando um efeito semelhante a descarga de um raio, só que esférico.

Clarence sentiu um impacto forte, ficou muito surpreso, nunca tinha sentido aquilo na vida, não podia descrever todas as suas emoções, sabia o que era dor pois, tinha sentido coisa muito pior durante o tratamento do RNA para sobrescrever seu DNA e refazê-lo humano, agora aquela dor, era diferente e muito curiosa.

Sentiu outra coisa, um gosto metálico, lambeu os lábios, havia um pequeno corte no inferior, era a primeira vez que se feria, sorriu, estava muito emocionado por ter sentido um impacto, dor e sangrado, será que ela era do seu povo ou de

que povo, olhou para ela e sua alegria desapareceu, ela chorava e segurava a mão, seus dedos estavam retorcidos. Fechou seu traje.

-Me perdoe, precisa de ajuda médica, vou levá-la a um hospital.

-O que é você?

-Perguntei primeiro e você não respondeu.

Olhou em volta.

-Quer que eu a leve ao seu veículo, tem um hospital a sessenta milhas daqui.

-Não quero sua ajuda alienígena.

-Foi você que começou, imagine se tivesse acertado todos os socos e chutes, poderia se ferir muito mais gravemente.

-Maldito.

Ela voltou a se enfurecer.

-Vou considerar que é realmente emissária do presidente, aceitarei acompanhá-la até ele ou onde precisar me levar mas lhe advirto, este seu brinquedo parece não ter efeito em mim.

Voltou a ficar brava mas conteve-se, a última vez que se ferira de verdade foi quando lutou com o tio nas portas do Tártaro e com a ajuda de outros guerreiros venceu e devolveu o Relâmpago Primal para o avô e recebeu o Cinto da Virtude, que a manteria a salvo de qualquer influência mágica.

-Preciso voltar para o meu povo, só lá vou ter cuidados apropriados, você quebrou a minha mão.

-Me desculpe mas, foi você que me socou, é muito forte sabia, nunca tinha experimentado o meu sangue e nem tinha sentido um golpe, foi uma surpresa muito agradável.

Ela ficou desconcertada, o tinha acertado com toda a fúria que pôde reunir e ele estava sorrindo por ter um pequeno corte no lábio. Aquele alienígena poderia enfrentar Ares sozinho e talvez prevalecer, era perigoso demais, exatamente como o presidente tinha dado a entender.

-Me acompanhe, até o reino onde eu nasci.

-É muito longe? -Afinal eu nunca fui mais longe que o planeta Júpiter, fiquei com receio de ir além e não conseguir voltar.

-Meu reino é na Terra.

-Oh, nunca ouvi falar de um povo na Terra que fosse tão poderoso.

-Pode apostar que já ouviu sim.

Ela encontrou seu avião.

-Entre.

-Eu posso voar rápido.

-Pode voar a mach vinte e cinco?

-Não sei, nunca passei do ponto de incandescência por medo de prejudicar o planeta.

Ela levantou as sobrancelhas, ele era engraçado, para um alienígena ele era muito humano, mais até que ela mesma.

-Este aparelho é mágico, meu tio Hefesto que o fez, ele pode voar em mach vinte e cinco sem sofrer efeitos da hidrodinâmica.

-Mágica?

Clarence achou que ela estava tentando enganá-lo.

-Acho que não tem espaço pra mim aí.

-Entre logo.

Ele entrou meio desconfiado e percebeu que apesar de parecer pequeno por fora era confortável por dentro, ela sentou no acento do piloto e fechou o canopi, manobrou a aeronave usando apenas a mão esquerda, teve de tirar a mão do manche para acelerar o avião.

Clarence não sentiu nenhuma diferença ou aceleração, apenas as nuvens e a paisagem mudavam rapidamente ao redor dele como se tudo se movesse menos o aparelho. Ela diminuiu a velocidade e mergulhou em direção uma montanha, ele não temeu, mesmo se ela quisesse se matar e tentasse levar ele consigo o máximo que ocorreria era danificar seu traje.

Apesar do Número Dois ser mais fraco que o Número Um, ele podia aguentar muita coisa, e aquele soco teria danificado ele com certeza mas, não seria destruído tão

facilmente, afinal ele podia se regenerar muito mais rápido que o Número Um.

Quando achou que se espatifariam na encosta coberta de neve, viu-se voando novamente no meio de um céu azul, seu traje deu alarme, estavam em um lugar diferente e não tinha nenhuma telemetria ou contato com o traje Número Quatro, aquilo o preocupou, o Número Quatro teria de assumir seu lugar em caso de necessidade.

-Onde estamos? Aqui não é a Terra.

-É claro que é a Terra, estamos sobre o monte Olimpo.

-Estamos na Terra? Mas eu não tenho nenhum sinal de rádio, posso ouvir pessoas mas são pouco mais de mil.

-Pode ouvir as pessoas do monte Olimpo?

-Sim, da mesma forma que podia ouvir quase todas as pessoas da Terra mas, não as ouço agora.

-Porque elas estão no plano dos mortais.

-Não entendi.

-Vai entender.

Ela se aproximou de uma cidade grega de grande beleza, todas as pessoas pareciam felizes e ocupadas em atividades prazerosas, danças, músicas, jogos, a chegada do avião atrapalhou um jogo estranho que Clarence não entendeu o que era.

-Venha.

Ele desceu.

-Diana, o que este estranho... Está ferida.

-Sim primo, foi este alienígena que me feriu, podem segurá-lo por favor.

Clarence ficou surpreso e desapontado, tinha vindo de boa fé e ela o trouxera para uma emboscada.

-Acho que isto é um exagero pessoal, devem pegar leve, não quero machucar ninguém.

Ele recuou um pouco, muitos homens e mulheres em roupas leves gregas estavam se aproximando dele de maneira ameaçadora, ajustou o traje para que se parecesse ao deles e deixasse todo o corpo livre para que pudesse usar toda a força,

afinal ali não era a Terra.

Quando fez isto o lugar sofreu sua interferência, o som retumbante de seu coração pode ser ouvido muito longe, estava um pouco acelerado pela surpresa e pela emoção de poder lutar de verdade.

A atmosfera sofreu um pouco diante de sua respiração agitada e o calor que seu corpo emanava começou a secar o chão ao redor dele, todos que tinham se aproximado pararam diante daquela demonstração audaciosa de poder, ela voltou a ficar na frente dele, tinha a mão restaurada.

-Desta vez eu não preciso me segurar.

Disse ela avançando contra ele a uma velocidade muito maior que antes, ele decidiu que testaria seus limites, afinal foi ela que começou a briga, se moveu usando quase toda a sua velocidade e sentiu como estraçalhara o traje Número Dois, fazendo a frente dele ficar em partículas, apenas a parte que ficava as costas pôde sobreviver, parou atrás dela tão rapidamente que todos pareciam estar congelados, então este era quase o limite de sua velocidade, ia mover-se quando viu a si mesmo o olhando, viu-se iniciando o movimento.

-Oh, que magnífico, sou mais rápido que a luz.

Parou de usar sua velocidade e a viu perder o equilíbrio e cair de joelhos em meio a grama queimada, ela estava quase surda, um estalo agudo e poderoso havia deixado ela meio tonta e o estrangeiro tinha sumido.

Olhou para trás e o viu sorrindo feliz, olhando ao redor, todos menos uma pessoa, ficaram aturdidos tanto por causa do estalo quanto por ele ter aparecido em um lugar diferente e ainda por cima nu, ele era muito pálido, apenas seu rosto e parte dos braços eram um pouco bronzeados, não pareceu ter pelo algum exceto os cabelos e..., os pedaços danificados do traje dois se aproximaram e tentaram cobrir sua nudez.

-Desculpe Número Dois, eu acabei me excedendo.

-Não tem problema senhor, já estou fazendo os reparos, estimo que poderei voltar a total atividade em duas horas.

-Acho melhor se afastar para que eu não acabe te

destruindo totalmente.

-Se o senhor deseja.

O traje se afastou e incorporou-se ao solo.

-Por que está nu?

Disse ela furiosa por ele ter se transportado para longe dela e estar pelado.

-Não foi por querer.

Sentiu-se envergonhado e cobriu-se o melhor possível com as mãos.

-Minha roupa se desintegrou por causa de meu movimento, foi a primeira vez na minha vida que eu pude usar toda a minha velocidade, este lugar é magnífico, o que será que acontece se eu liberar o meu peso?

Ela teve de cobrir os ouvidos, ele falava apenas eufórico mas sua voz soava tão alta que deveria ser ouvida até no palácio dos deuses olimpianos, Clarence liberou sua energia mental usada para poder controlar sua massa e sua gravidade, a opressão ao redor dele aumentou tão grandemente que alguns dos espectadores acabaram caindo de joelhos.

-O que está fazendo?

Perguntou ela preparando-se para atacá-lo.

-Oh, que maravilha, adorei este lugar, acho que eu poderia viver aqui para sempre.

-Pare de gritar.

-Sinto muito, não estou gritando, esta é a altura normal da minha voz sem o meu traje para me conter, sinto muito mesmo mas, é tão bom não precisar me controlar.

Ela ficou abobalhada, ele parecia uma criança, nem percebia o perigo que passava, cercado por tantos deuses e fazendo alguns de seus primos caírem de joelhos apenas por sua presença.

-O que está acontecendo aqui?

A voz retumbante reverberou pelo ar, era bem mais baixa que a do seu inimigo mas não deixava de ser poderosa, Clarence, ainda possuído de felicidade, olhou de onde vinha a voz, era um homem gigantesco, com cabelos e olhos dourados,

devia ter uns cento e cinquenta pés de altura, se movia por fora da cidade.

Ele colocou um pé sobre o gramado e seu tamanho diminuiu até que ficou normal, tinha uns cinco pés e meio de altura, estava usando apenas uma tanga e um lençol como enquanto gigante.

-Diana, o que é isto?

-Desculpe tio Hermes, este alienígena é um convidado meu, preciso amarrá-lo com o Chicote da Vontade para saber suas intenções.

-Por que ele está nu?

-Disse que suas roupas se desintegraram.

-Que curioso, é um atrevido, liberando tal poder em nossos domínios, senti uma perturbação e vim ver o que era, sua mãe logo virá e não ficara nada satisfeita se vir o que estão fazendo aqui, você, mortal, foi você que curvou o tempo?

-Acredito que sim, senhor.

Disse tentando sussurrar mas, mesmo assim soando quase tão alto como antes.

-Oh, que coisa mais curiosa, poderia jogar uma partida de pega-pega comigo.

Disse soltando o lençol no chão.

-Se correr tão rápido quanto eu espero, vou lhe dar uma roupa que não vire pó quando correr.

Clarence ainda estava cheio de animação por ter descoberto quão rápido podia ser, ainda faltava muito para alcançar seus limites então mal podia esperar para testar-se, pensou em quanta força teria, já que não precisava mais se conter, além de estar com a mente leve de não ter que se esforçar para controlar seu peso.

-Obrigado senhor, devo tentar lhe pegar ou o senhor tentara me pegar?

-Fuja de mim, o mais rápido que puder.

Clarence preparou-se para correr mas viu a si mesmo voltando de um corredor lateral por trás de umas escadas e parou, observou-se e viu que o outro de si estava vestido, usava

uma túnica azul e tinha sobre os ombros um lençol vermelho como uma capa desatacada, como usava o senhor Hermes, aquele Clarence olhou em sua direção e sorriu, o homem ao seu lado era o mesmo que estava propondo a corrida.

-Não é mais necessário, acho que tenho minha resposta.

Antes de olhar para o homem ao seu lado ele viu que aquelas duas aparições sumiam no ar.

-O, quê?

-Você é muito rápido mesmo, venha, vou lhe presentear com algo para vestir, Diana, organize esta bagunça e vocês, seus molengas, deviam ter vergonha de caírem de joelhos diante de um mortal, poderia diminuir este poder para que estes inúteis possam se levantar.

-Desculpe, eu me empolguei de poder me liberar completamente pela primeira vez na minha vida.

Ele voltou a se controlar e a pressão sobre o ambiente diminuiu muito mas não cessou.

-Não pode diminuir mais que isto?

Cobriu a boca com a mão e falou de modo abafado mas ainda alto porém, muito mais baixo que antes.

-Infelizmente não, minha roupa me ajudava a manter esta sobra controlada.

Diana tinha estado observando seu inimigo e seu tio conversando animados enquanto se afastavam e ajudou um primo a se por de pé.

-Quem é ele?

-Um mortal de outro planeta.

-Não pode ser, isto nunca tinha me acontecido, cair de joelhos.

-É porque você não estava na luta com nosso tio Ares.

-Quem é aquele com meu pai?

-É... Me deixa Mercúrio, não vou ficar repetindo toda vez que alguém me perguntar quem é ele, escutem seus imprestáveis, eu tenho que amarrar aquele mortal com o meu chicote e saber dele o que preciso, se tem alguém útil aqui, me ajudem...

Hermes voltava acompanhado do mortal, ele vestia uma túnica azul clara com uma capa vermelha sobre os ombros e uma coroa de louros no cabelo, estava muito feliz apesar daquela opressão a sua volta, olhou na direção do pátio e sorriu.

-Muito obrigado senhor Hermes, não consigo descrever a sensação de vestir uma coisa como esta, posso senti-la contra minha pele, é como se fosse feita de energia.

-Este, nem é o melhor de nossos materiais, é um pouco tosco pois foi meu irmão que o forjou a muito tempo, no entanto, é capaz de suportar a velocidade, pelo menos assim não ficará mais nu, não que as minhas filhas e sobrinhas tenham alguma reclamação disto.

Diana ficou vermelha, tanto de vergonha como de raiva mas conteve-se, viu que muitas primas olhavam o mortal de modo interessado.

-Tio, ele é meu inimigo.

Disse enquanto se aproximava dos dois e ficando em posição de combate.

-Não seja tola, ele é muito mais rápido que você, talvez perdendo apenas para mim e para meu filho... Oh, Mercúrio, este mortal é quase tão rápido quanto você.

-Não pode ser pai.

Hermes fechou a cara, podia ser patrono dos ladrões mas não dos mentirosos, o filho viu que tinha se excedido.

-Me perdoe pai, foi somente a surpresa.

-Estes jovens de hoje, Diana, ainda não restaurou este jardim, sinto a presença iminente de sua mãe.

-Ceres.

-Nem vem Diana, foi você que trouxe ele pra cá, e me chamou de imprestável.

-Ande logo.

-Por que eu te ajudaria?

-Depois resolvemos isto.

-Tá bom.

A mulher estendeu a mão direita e a grama calcinada voltou a crescer.

-Acho melhor ficar por aqui onde as pedras podem suportar seu calor, você me lembra um pouco meu irmão Apolo, ele tem um filho muito aguerrido, talvez devesse conhecê-lo, no ginásio poderiam fazer uma partida amistosa de luta.

-Prefiro evitar a violência senhor.

-Não pense que vai evitar meu chicote, alienígena.

-O que este chicote faz, afinal? Se me disser poderei ajudar com isto para acabar com esta tolice toda, perdi meu traje e vai levar algum tempo para que ele se restaure e possa me controlar.

-Vou te amarrar todo se for preciso.

-Por que não diz de uma vez?

-O chicote dela faz a criatura dizer toda a verdade, vê?

Hermes tinha segurado o chicote sem que Diana percebesse e tinha demonstrado sua função para Clarence.

-Oh, só isto? Mas eu não minto, não em coisas sérias pelo menos.

-Tio?

-O quê? Segure o chicote jovem mortal.

Estendeu a ponta do chicote para Clarence, ele pegou, sentiu algo estranho, não tinha a cobertura protetiva do traje então caiu sob o efeito da magia.

-Está sob influência do chicote?

-Não sei, acho que sim.

-Isso não ajuda muito.

-Qual é o seu nome?

Ele pronunciou seu nome e ninguém pôde entender apesar de sentirem um desconforto nos ouvidos.

-Este é o seu nome?

-Sim.

-Kahrlahn, não é seu nome?

-Também é, Kahrlahn é o que mais se aproxima de meu verdadeiro nome.

-Tem uma identidade humana?

-Sim, Clarence Carter.

-O repórter?

-Sim.

-Mas eu já vi vocês dois juntos.

-Eu tenho vários trajes adaptativos com IA para me auxiliarem, então as vezes eu me encontro com o traje tanto em forma de Clarence como em forma de Kahrlahn para que ninguém desconfie.

-Ele está totalmente sob sua vontade sobrinha.

-O que pretende com a terra?

-Viver nela, ter filhos, protegê-la dos perigos imensos que cercam este quadrante e se possível ajudar os humanos a viverem em paz e não se destruírem.

-Viu sobrinha, eu estive mais certo que você... Oh, sua mãe chegou.

Hermes tirou o chicote das mãos de Kahrlahn.

-O que, isto é magia? Me fez contar quem eu sou, se alguém mal-intencionado souber disto vai por muita gente em perigo.

-Depois, agora fique quieto.

-Hermes, quem é seu novo amigo?

-É um visitante querida irmã.

Clarence viu que a mulher imensa era mais alta que Hermes e ao pôr o pé no jardim, ela demorou bastante tempo para encolher, quando parou perto deles ela era mais alta que Diana quase um pé, ficava olhando Clarence no nível dos olhos.

-Quem é você?

-Kahrlahn aibn Jimlahn, senhora.

-Não grite, de onde veio?

Ainda mantinha a boca bem presa pelas mãos.

-Desculpe senhora, isto é o mais baixo que consigo falar por causa da altura da minha voz, vim de um planeta do outro

lado do universo conhecido.

-Limite-se a responder, é um alienígena?

-Sim senhora, sou.

Ela olhou para Clarence com dúvida se ele estava mesmo tentando sussurrar ou usava algum artifício para gritar tão de perto dela.

-Duas vezes intruso, além de ter invadido nosso planeta, invade também nossos domínios.

-Lamento senhora, não foi minha intenção.

-Calado, chega destes gritos.

Disse ela irada e tentou acertar um tapa de costas de mão nele que se esquivou com facilidade deixando a mão dela apenas escorregar por sua pele, quando a mão continuou seu movimento sem encontrar resistência, acabou indo em direção a Diana, lhe acertaria e ele sem pensar puxou-a para que não fosse ferida.

Depois do movimento da mulher, olhou para Hermes que sorria olhando para ele e balançando a cabeça. Voltaram a velocidade normal e a mulher ficou intrigada se tinha acertado o tapa ou não, ele estava com a mão no rosto, Diana caiu de joelhos e vomitou para o lado para não sujar os pés da mãe.

-Diana, o que houve?

-Não sei, fiquei muito enjoada e tive de vomitar, me perdoe mãe.

Ártemis olhou para a mão e para o mortal, fez menção de dar outro tapa.

-Cara Ártemis, está perdendo sua paciência e tempo com um pobre mortal, por que não pede para sua preciosa filha para que ela dê uma lição no intruso?

-Ótima ideia irmão, Diana quero que mostre a este mortal que ele deve sempre se ajoelhar diante dos deuses.

Clarence teve um estalo, tinha ficado deslumbrado pelo lugar e pela sensação de liberdade, Hermes, Ártemis, Apolo, Olimpo, era uma civilização que acreditava serem os deuses gregos e romanos, ou realmente eram os deuses, ou eram seres que deram origem aos mitos, caiu de joelhos diante de Ártemis.

-Oh, grande deusa Ártemis, perdoe este mortal, para mim, estar aqui era como estar em um sonho mas visto que levei um tapa, presumo que não estou sonhando, deixe-me demonstrar meu respeito a sua magnificência.

Diana estava envergonhada de tamanha adulação falsa e Hermes teve de se esforçar muito para não rir, Ártemis não sabia dizer se ele mentia ou se realmente pensava o que dizia, apesar disto estava ali, com a cabeça encostada a suas sandálias.

-Não quero sua adulação, intruso, como entrou aqui?

-Certamente foi por acidente querida irmã, sabe que de vez em quando um mortal ou outro acaba tropeçando nos portões que Hefesto fez, ele é muito desajeitado, apesar da genialidade dele, então deve ter alguma falha que se manifesta esporadicamente.

-Diana, leve ele daqui antes que seu avô o descubra, além disto faça ele diminuir esta opressão incômoda, está empesteando o ambiente.

A mulher se afastou sendo acompanhada por Hermes.

-Levante alienígena.

-Seu tio acabou de salvar a sua pele, e eu evitei você passar vergonha na frente de sua mãe, então acho que está na hora de começar a me respeitar, teve o que queria, respondi suas malditas perguntas, agora me leve para a Terra, ou mundo dos mortais, ou como raio vocês chamam, foi bom poder liberar minha mente um pouco mas como não posso ficar totalmente à vontade aqui, não adianta nada.

Ela ficou surpresa com a explosão de raiva dele, não era raiva em si, parecia mais chateado, não pareceu ter um pingo de medo de ninguém ali, nem de seu tio Hermes e pareceu ter menos ainda de sua mãe, ele precisava saber que devia temer os deuses, sabia como poderia fazer aquilo.

-Já sei que não tem intenções hostis com a Terra, me desculpe por tudo mas, eu precisava saber se estava sendo sincero mas, Clarence?

-É o nome do meu avô.

-Seu avô?

-Meus pais humanos, que me criaram quando cheguei ao seu mundo.

-Foi criado aqui? Veio como bebê?

-Sim, como disse no programa do Harry Ross, por quê?

-Nada, só curiosidade, gostaria de poder se soltar novamente, digo, ficar livre do esforço mental?

-Seria bom mas, viu o que aconteceu aos outros.

-Tem um lugar onde poderá se soltar e não vai ter problema.

-Olha aqui Diana, fui sincero e você instigou seus primos contra mim, não sei qual é a sua e porque o presidente tem tanta desconfiança de mim para mandar você para me testar mas, estou começando a me irritar, não tente nenhuma gracinha novamente.

-Ei, está bem, eu disse que o presidente quer que trabalhemos juntos, não no mesmo lugar mas pelos mesmos propósitos, a culpa é sua de ficar visitando todos os países comunistas, ele não quer que você comece a falar camarada para os outros.

-Se é por isto, ele pode ficar tranquilo, porque eu abomino todos os governos, inclusive o dele.

Ela ergueu as sobrancelhas em surpresa.

-E onde é este lugar?

-Por aqui.

Levou ele para dentro do palácio, desceu uma série de escadas e passou por um portal iluminado, saindo em uma praia quente e magnífica de areias brancas e finas.

-Oh, que lugar mais lindo.

-Pode liberar seu poder.

-Oh.

A opressão tomou conta do lugar, o ar e o mar se revoltavam na presença dele, ela já estava se acostumando aquele poder, ele lembrava muito Ares, durante a batalha, quanto mais os guerreiros o atacavam mais poderoso ele parecia ficar, somente com os ataques a distância e ataques

furtivos é que conseguiram por o deus da guerra de joelhos, e ainda assim com a ajuda do próprio filho dele, Marte, sem ele não poderiam ter vencido Ares com o Relâmpago Primal. O alienígena caiu de costas na areia, parecia novamente um menino, brincou fazendo um anjo na areia, era muito infantil.

-Que ótimo, pena que não sinto o calor do Sol, na vez que estive em Mercúrio pude sentir o calor dele e fiquei muito feliz, só que não pude me soltar, será que eu consigo nadar com meu peso livre?

Levantou e correu para água e pulou como um peixe e sumiu em meio a uma explosão, jogou água até onde ela estava, ele saiu do mar, molhado e desanimado, viu que Diana estava encharcada.

-Oh, me perdoe, eu nem pensei, eu…

-Está bem, logo o sol vai me secar.

Clarence se preocupou, só que Diana não parecia estar brava, parecia sentir um certo divertimento do que tinha acontecido.

-É uma pena, gostaria tanto de nadar, a primeira vez que vi o mar eu me apaixonei, tinha o conhecimento do que era o mar, ver ele foi incrível mas, foi uma grande decepção também, não podia sentir a água, nem nadar, minha mãe ficou muito triste por eu não conseguir me divertir como as outras crianças, tive de encontrar outras formas de aproveitar o mar, quando eu trouxe para ela uma estrela do mar gigante ela ficou apavorada, tinha mais que três pés de diâmetro, achei o abismo das Marianas fantástico, eu podia aproveitar o mar apenas desta forma.

-Não pode sentir o mar?

-Quase não posso sentir nada, na primeira vez que eu fui alimentado por minha mãe, eu mordi e mastiguei a colher, meus pais ficaram apavorados.

-Eles sabiam que era alienígena.

-Sim, foram as primeiras pessoas que tive contato aqui, eles que forneceram DNA para minha forma.

-Como assim?

-Esta não é minha forma original.

-Não?

-Apesar de eu não ter mais como voltar a minha forma, eu mudei para me adaptar, meu povo tem algumas coisas similares ao seu, acho que somos mais próximos como raças que eu dos humanos, é como eu disse no Harry Ross, se eu tivesse meu tamanho original, teria mais de uma milha de altura e peso de uma montanha, meu mundo natal era muito grande e denso, sua gravidade era três vezes maior que aqui, nossa estrela era gigantesca até para nós então, você tem uma ideia, além de várias diferenças físicas.

Diana olhava para ele de modo curioso, ele estava falador, brincava com a areia entre os dedos dos pés, suas roupas já estavam se secando, tinha ainda a coroa de louros presenteada pelo tio dela no cabelo, era uma criatura solitária, cercada de pessoas que não podia tocar, ela tinha toda a família da mãe e do pai, apesar de ter pouco contato com o pai, ela podia tocá-los.

-Seus pais adotivos ainda estão vivos?

-Não, eles morreram.

-Puxa, sinto muito.

-Tudo bem, eles eram felizes, papai morreu à cinco anos e mamãe um ano depois, ela não queria deixar papai sozinho na outra vida, dizia que ele não conseguia cuidar de si mesmo, então logo ela morreu.

-Parece que se amavam.

-Muito, assim como eu a eles, acho que eles também me amavam muito mas, é difícil não sentir as coisas como vocês, a primeira sensação boa que eu tenho desde o meu nascimento foi o toque de minha mãe biológica, quando eu cheguei aqui e mudei para me parecer humano, Merry fez a mesma coisa, o toque dela ativou a lembrança, eu nãos senti ele na minha pele mas no meu coração.

Ele tinha tocado a própria bochecha como se a lembrança ainda estivesse presente.

-Qual a segunda?

-Foi o seu soco.

Ela achou aquilo estranho, achar que um soco era uma coisa boa.

-Onde cresceu?

-Kansas.

-Está brincando?

-Não, meus pais tinham uma fazenda e plantavam milho e outros cereais, criávamos animais de abate, cheguei a ter um cão uma vez, ele era muito especial, foi minha primeira perda neste planeta, papai teve de me ajudar a enterrá-lo porque eu ficava o tempo todo pensando em trazer ele novamente a vida ou cloná-lo ou mais um milhar de coisas mas, ele não deixou.

-Por quê?

-Porque ele dizia que tudo tinha sua marca no mundo, se tentássemos interferir nesta marca tudo que aquilo representava perderia o sentido então, morrer é algo natural que os seres vivos devem passar para completar a sua existência.

-Interessante.

-Pra mim fazia mais sentido porque a tentativa de meu povo em viver para sempre tornou eles tão desnecessários para o mundo que eles ficaram apáticos, assistindo a própria destruição, até meus pais, em vez de fugirem e se salvarem, optaram em ficar e sumir com os demais.

Estava surpresa, aquele alienígena não se parecia em nada com tudo que tinha ouvido a respeito dele.

-Se tivessem lutado para sobreviver, teriam tornado a existência deles relevante e mesmo falhando, teriam chegado ao fim com orgulho, não apenas sentando em seus palácios imensos e observando o planeta ser queimado pelo sol.

Ele estava com os olhos molhados.

-Desculpe, acho que poder ficar livre da necessidade de me controlar, me deixou um falastrão.

-Não, tudo bem, isto me lembrou uma pessoa, ele era assim, ficava falando do que sentia.

-Trazia ele aqui?

-Só uma vez, eu havia dito que tínhamos mares e ele

não pôde crer até que viu, ele fez o mesmo que você, correu como um bobo para a água.

-Oh, e ele causou também um caos?

-Oh não, era apenas um mortal comum.

Olhou para ele, que tinha deitado na areia e pareceu estar quase adormecendo.

-Tem sono?

-Oh, estranho, faz anos que não durmo e estou sentindo sono.

-Aproveite então.

O som do mar, mesmo revolto pela presença dele era hipnótico e ele dormiu, um sono pesado e sem sonhos, despertou assustado quando ela o tocou.

-Oh.

-Tudo bem? Teve um pesadelo?

-Oh não, eu nunca sonho, dormi muito tempo?

-Pouco mais de duas horas, não sonha?

-Acho que é uma coisa da minha raça, quando eu pesquiso nossa história, não encontro nenhum relato ou palavras relacionadas a natureza dos sonhos, foi muito difícil para meus pais me explicarem a palavra.

-Que estranho, uma raça que não sonha.

-Acho que é por causa de nossa memória perfeita e hereditária, por isto não precisamos sonhar para aliviar o estresse mental.

-Memória hereditária?

-Sim, tenho um banco de memórias que remontam trinta mil anos, só que de vários ancestrais o que somam quase um milhão de anos em memórias.

-Tem memórias completas?

-Sim, sei tudo sobre meu povo, sei até o momento da concepção dos meus pais quando me geraram.

-Diz, a relação sexual?

-Oh não, nosso povo não fazia mais sexo a muitos milênios antes de começar as minhas memórias, toda a concepção era externa, depois de fertilizado, o óvulo era

incubado em um tanque, minha primeira lembrança de todas as memórias é a concepção de meu ancestral mais antigo a se tornar consciente no momento da incubação e passou a acumular memórias.

-Sua raça é muito estranha.

-A sua também.

-Ficar em um planeta e ser queimado vivo.

-Pelo menos não vivemos na terra escondidos dos outros e sendo considerados deuses mitológicos mortos.

Ela ficou brava, ele percebeu, não tinha tido a intenção de ser rude.

-Perdão, fui um idiota, me sinto tão bem que acabei me deixando levar e falar tudo o que penso.

-Então pensa isto sobre nós?

-Na verdade não, pensei apenas naquele momento, não refleti antes de dizer o que se passou na minha cabeça, meu povo via os demais povos como inferiores, se achavam superiores, se afastaram de tudo e acabaram morrendo, portanto falei de vocês mas, na verdade pensava neles.

-Entendo, vamos voltar?

-Sim, preciso voltar a Terra, deixei o Número Quatro sozinho cuidando das coisas, tomara que não tenha acontecido nada terrível, eu não me perdoaria por estar sendo egoísta.

-Egoísta?

-Sim, aqui, descansando, enquanto as pessoas podem estar sofrendo.

-Tem complexo de herói não é?

-Acho que você também.

-Acho que menos que você.

Voltou a se conter, ela sentiu um alívio por ter se visto livre daquela opressão, assim que cruzaram o portal voltando ao palácio, Clarence sentiu a presença do traje, logo ele veio e acomodou-se nele.

-Reparo completo senhor.

-Que bom, Número Dois, alguma notícia do Quatro?

-Ainda sem contato mas mapeei todo este lugar.

-Vamos deixar isto para depois.

-O que houve? Toda a sua presença sumiu.

-Meu traje se restaurou e voltou, ele está contendo o excesso de poder que eu não consigo segurar.

Ela não sabia se ele dizia a verdade, se sim, ele era realmente muito poderoso, ela quebrou a mão nele apenas quando ele estava com a presença menor, que ele chamava de excesso.

Chegaram ao jardim, o avião estava ainda no mesmo local, os primos dela estavam curiosos sobre onde os dois tinham ido juntos e algumas primas olhavam para Clarence com interesse tão evidente que ele ficou vermelho, entraram no aparelho e voltaram passando pelo círculo escuro que flutuava em meio ao céu, saíram na noite da Grécia.

-Número Quatro para Número Dois, Número Quatro para senhor.

-Número Quatro, reporte.

-Tudo em ordem senhor, é bom ter contato com o senhor novamente, tive que ativar o protocolo de segurança e os outros trajes assumiram suas funções, me mantive como Clarence para evitar problemas e deixei o Número Um e a Número Três trabalhando juntos para enfrentar ameaças.

-Ameaças?

-Em New York não mas, houve um atentado terrorista no Líbano, resultando em várias mortes e no sequestro de um especialista da CIA.

-Não conseguiram evitar o sequestro?

-Recebemos ordens presidenciais para não interferir.

-Tudo bem vou me informar a respeito.

Para Diana, Clarence disse.

-Foi ideia da CIA ou sua, me afastar do mundo para que terroristas pudessem explodir uma instalação militar na palestina e sequestrar um agente da CIA?

-O quê?

-Houve um atentado terrorista e por ordens presidenciais fui mandado me afastar, não pude ajudar nos

resgates e um sobrevoo me revelaria o cativeiro do homem.

-Não estou sabendo de nada, vamos direto para Washington.

Ela mudou a direção do avião, estava anoitecendo em Washington, ela parou o aparelho sobre um prédio no centro da cidade, saíram e guiou ele pela porta do terraço por uma escada, ele ainda estava desconfiado dela, podia ser outra armadilha por isto voava em vês de andar, seu traje já havia recoberto a roupa olimpiana voltando a parecer o Homem de Aço, passando por uma porta chegaram a um corredor com várias outras portas e vitrines que, davam visão para salas com computadores e pessoal trabalhando neles.

-Onde estamos?

-No escritório da CIA em Washington.

Abriu uma porta e se deparou com a sala cheia de gente.

-Mulher Poderosa, onde esteve?

-Estive numa missão presidencial, o que houve.

-Foi só um sequestro e estamos trabalhando nisto, está tudo sob controle, estamos mantendo fora da mídia.

-Olhe aqui Smith, recebi ordens de testar a lealdade do Homem de Aço, quando volto encontro este alvoroço e espero ter algumas respostas.

Clarence entrou pela porta depois de se inclinar para poder passar, sua presença ocupou muito do lugar fazendo ele ficar uma figura aterrorizante atrás da Mulher Poderosa.

-Senhor Kahrlahn, que surpresa vê-lo, acho que recebeu o recado do presidente.

-Sim, o que está havendo.

-Oh, só queremos evitar um incidente diplomático, a organização terrorista em questão não tem relações com o governo do país e portanto não queremos que se aproximem enviando algum herói para fazer bagunça no território deles sem autorização.

-Bagunça?

-Foi só uma expressão infeliz.

-Espero que isto se resolva logo.

-Nem precisa nos lembrar, o presidente está ligando a cada vinte minutos.

Como em resposta, o telefone tocou.

-Poderiam nos dar licença?

-Vamos Homem de Aço.

No corredor ela estava intrigada, não teria como ser parte de um complô, Clarence interrompeu seus pensamentos.

-Por que não usou seu chicote?

-Não uso isto contra pessoas inocentes.

-Mas usou em mim.

Disse magoado.

-Foi necessário, e provou sua sinceridade com a humanidade, venha, vou levar você a New York.

-Não precisa Mulher Poderosa.

Ela olhou para ele brava, ele tinha dito aquilo com ironia.

-Não fique assim, só achei um nome engraçado, foi você que escolheu, porque o meu foi a…

-Louise Lake, todo mundo sabe, e não fui eu que escolhi, foi um amigo, a muito tempo e eu decidi deixar assim.

-Desculpe mas e seu nome?

-É Preacher, Nadine, Nadine Preacher.

-Até outro dia Nadine Preacher.

-Até, Kahrlahn aibn Jimlahn.

-7-

-Clarence, onde está sua cabeça?

-Oh, desculpe Louise.

-Se eu não te conhecesse diria que está apaixonado.

Clarence ergueu as sobrancelhas espantado com o comentário, ele não estava apaixonado, estava distraído, é claro, pensava em Diana e no seu povo, será que os pais sabiam do povo deus?

Talvez por isto o tinham enviado para cá afinal, não ficaria para sempre sozinho, tinham humanos com poder

suficiente para se relacionar de igual para igual, talvez conseguisse convencer Diana a levar ele novamente ao Olimpo, poderia encontrar uma garota interessante entre as deusas primas de Diana, se bem que Diana era muito bonita, tinha se aberto com ela e cochilado perto dela, achou aquilo estranho, ainda não sabia se a deusa romana era confiável.

Piscou para limpar os pensamentos, quase tinha chacoalhado a cabeça por causa da abstração e aquilo teria causado um pequeno vendaval, voltou a se concentrar em segurar o microfone para que Louise pudesse falar sobre o julgamento do chefe da máfia no sul de Manhattan.

Eram uma equipe, Johnnie cuidava das imagens, Clarence escrevia e ajudava no som e Louise escrevia e fazia as reportagens de áudio e visual, era melhor ela aparecer na tevê e ser ouvida nos rádios que ele, apesar de fazer gravações de áudio as vezes que resultavam em boa receptividade.

Os óculos não permitiam ele se destacar na tevê e isto era o que tinha planejado, ficar aparecendo na tevê iria despertar perguntas, do porque da semelhança entre seu rosto e do Homem de Aço.

Terminaram a reportagem e saíram correndo para tentar pegar o resgate que o Número Quatro estava desempenhando no décimo andar de um prédio residencial perto do Central Park, Johnnie pode fazer muitas tomadas do movimento constante do seu traje disfarçado de herói, viu o avião de Diana pairar sobre o prédio e ela começar a recolher pessoas do telhado e movê-las para o prédio do lado oposto da rua, estendeu o equipamento de áudio para a colega.

-Segure Louise, preciso ir ao banheiro.

-Clarence, agora?

-Desculpe.

Correu para o beco, Louise ficou enojada.

-Pusf, homens são nojentos as vezes.

Clarence desligou a distorção voltando a ser ele mesmo, o traje o deixou invisível e ele voou para o prédio.

-Assim que concluir o próximo salvamento, Número

Quatro assuma o meu lugar saindo do beco.

Os dois trajes sempre estavam em contato, sabiam do que ocorria em tempo real ao seu senhor.

-Já estou descendo camuflado senhor, ainda tem bastantes pessoas presas naquele andar, não estão em risco direto.

-Certo, obrigado.

Clarence entrou pela janela que sua IA tinha se utilizado para remover as pessoas, usou a audição para poder localizar mais pessoas e continuou o trabalho de remover elas com segurança, não podia exceder uma velocidade segura para não ferir as pessoas e isto deixava o salvamento lento.

Viu que o avião de Diana ainda pairava enquanto ela continuava a voar de um terraço a outro, ela olhou para baixo e fez sinal para ele que sorriu, não podia retribuir o gesto por ter uma pessoa em cada braço, voltou a entrar, fez ainda várias viagens, concentrou sua audição e não pode ouvir mais ninguém.

Fez uma varredura com sua visão e nenhuma faixa de espectro revelou qualquer pessoa, removeu a proteção do rosto e aspirou o ar rapidamente, formou-se um cone de fogo em sua direção e parte da fuligem e do fogo adentraram seus pulmões, ele havia sentido um pouco do calor porque em alguns lugares a temperatura estava em mais de quinhentos graus.

Isto não era suficiente para considerar uma diferença grande mas ficou feliz de sentir alguma coisa, não era todo o dia que ele podia sentir algo e aquilo era como receber uma gratificação. O fogo quase se extinguiu por completo.

As equipes dos bombeiros conseguiram subir os lances de escada para iniciar o combate ao fogo, em seu primeiro combate a um incêndio quase destruíra o celeiro de seu pai, tinha visto o fogo e foi rápido pra ele, como estava nervoso pensou em assoprar para esfriar o ar e apagar o fogo.

Assim que assoprou, o fogo aumentou de proporção e quase ficou incontrolável, havia injetado ar no fogo aumentando as chamas, decidiu imediatamente tentar aspirar o

fogo e isso deu melhor resultado, pode controlar as chamas enquanto aspirava e assim pode salvar o celeiro, agora tinha feito novamente, foi para o céu da cidade e expeliu a fuligem e o ar quente que ainda guardava nos pulmões, com certeza teriam um chuvisco no fim da tarde por conta do incêndio e da fumaça.

-Está bem?

Olhou para trás.

-Oh sim, apenas…

Tossiu e saiu uma lufada de fumaça. Diana sorriu.

-Está com o rosto sujo de fuligem.

-Oh, é mesmo?

Disse tentando se limpar mas deixou o Número Dois fazer a tarefa, tinha esquecido momentaneamente que usava seu traje, ficou vermelho lembrando que tinha ficado pelado na frente dela e de muitas outras pessoas mas, sua surpresa e sensação de liberdade o tinha feito se desligar daquilo.

-Venha, temos que aparecer juntos para a mídia.

-Por quê?

-Porque o presidente quer que deixemos claro que trabalhamos juntos, além disto tem que me dar seu telefone.

-Oh, por quê?

-Para que eu possa te chamar para ajudar em Washington, o povo americano precisa saber que somos uma equipe, venha.

Ele desceu ao lado dela perto dos repórteres e viu que Diana olhava para o Número Quatro com real interesse.

-Mulher Poderosa, veio dar auxílio ao Homem de Aço?

-Vim por solicitação dele para agilizar o resgate das pessoas no telhado, enquanto ele salvava as pessoas no interior do prédio.

-É verdade que trabalha com o governo?

-Trabalhamos em conjunto, quando eles tem informações sobre vilões que não estejam relacionados a governos, eles compartilham comigo e espero futuramente que compartilhem com todos os heróis que antes trabalhavam de

modo anônimo mas, que depois do surgimento do Homem de Aço, tem se manifestado mais publicamente.

-Acha que a aparição do Homem de Aço é o catalisador para esta manifestação pública de heróis que a humanidade desconhecia?

-De certa forma, ele costuma ser muito noticiado e vocês da mídia deram tanta atenção a ele que muitos dos feitos de outros heróis devem ter sido creditados a ele, Kahrlahn não é responsável pela atenção que recebe mas, voar por aí de capa vermelha chama bastante atenção, então estes heróis devem ter pensado, é melhor as pessoas saberem que existe outra pessoa cuidando das suas áreas.

-Vocês tem contato com o Oceanman?

-Fala do herói que está agindo no pacífico? Por enquanto estamos sozinhos, pretendemos ampliar a cooperação para podermos ajudar o máximo possível quando formos solicitados, obrigada.

Diana se afastou dos repórteres, Clarence a seguiu.

-Diana, por que mentiu?

-Não menti, estamos cooperando, não é?

-Bem, sim mas, não do modo que deu a entender.

-Eles precisavam ter algo pra falar então, agora tem, se alguém se interessar em nos contactar vai aparecer em algum momento, caso consigamos encontrar casualmente outros heróis, poderemos apresentar a proposta de cooperação, afinal, já declaramos isto publicamente.

-Acho isto muito precipitado.

-Está sendo xenofóbico.

-Eu?

Ela sorriu.

-Preciso voltar a Washington, me dê o seu número.

-Tudo bem.

Procurou e encontrou os cartões com o nome Clarence J. Carter.

-J?

-Joshua.

-Joshua?

-É o nome do meu pai.

Ela riu novamente, deu um tapa no ombro dele com força desequilibrando ele, afinal estava controlando a sua massa e teve de se controlar ainda mais para não ser jogado longe. Ele sorriu, sentiu aquele tapa, era bom ter alguém que pudesse tocá-lo.

Olhou procurando por ela mas ela já estava voando até o avião para voltar a seu território.

-Número Quatro, acho que já podemos destrocar.

Ele voou para o céu e ficou invisível, retornou e esperou uma oportunidade de voltar a ser Clarence.

-Onde esteve.

-Tive que ir ao banheiro novamente.

-Então?

-Então o quê?

-Você que é o gênio.

-Não entendi.

-É um tonto, o discurso daquela Mulher Poderosa, ela nem deixou o Homem de Aço falar.

-Acho que ele não falou porque as perguntas foram feitas para ela.

Louise sempre se irritava com Clarence, ele parecia que respondia sempre o óbvio, fazendo ela se sentir uma tola por não ter pensado naquilo.

-Lavou as mãos?

-Por quê?

-Foi ao banheiro.

-Não sujei as mãos ao ir ao banheiro.

-Como não?

-É possível ir ao banheiro e não sujar as mãos.

-Não acredito.

-Louise?

Guardaram os equipamentos no carro.

-Quantas pessoas o Homem de Aço salvou hoje?

-Trinta e duas.

-Só isto, a Mulher Poderosa salvou quarenta e três.

-Tinha mais gente no terraço que nos três andares em chamas.

-Como o fogo foi controlado.

-Ele aspirou o ar para diminuir o oxigênio e extinguir o fogo.

Naquele momento os bombeiros saíam com uma maca com um corpo, Clarence nem pensou, correu e passou por baixo da fita.

-Senhor, é uma vítima?

-Sem comentários.

-Senhor, só estou preocupado, por favor, é uma vítima, o Homem de Aço esqueceu de salvar alguém.

-Oh não, é uma senhora idosa, encontramos ela morta por inalação de gases, deve ter morrido dormindo, estava em um andar sem chamas.

-Meu deus, que tragédia.

-A tragédia maior foi evitada, se os heróis não estivessem aqui poderíamos ter perdido todos.

Clarence retornou antes que algum policial tivesse notado sua invasão.

-O que houve.

Ele estava muito triste, estava quase chorando.

-Infelizmente o Homem de Aço não conseguiu salvar todos, uma senhora morreu por inalação de fumaça, possivelmente antes da chegada dele, talvez durante o resgate.

Havia recebido do Número Quatro que trinta e duas batidas de coração estavam ativas no início do resgate, reveria o que poderia ter feito para prevenir que casos como este acontecessem.

-*-

-Terminou de analisar a roupa olimpiana?

-Sim senhor, ela é feita de um material quase impossível.

-Quase?

-Ainda não obtive sucesso em replicá-lo.

-Continue seus experimentos, Número Três.

-Sim senhor.

-Número Três, tenho pensado sobre a programação de vocês, acho que esta coisa de ficarem me chamando de senhor é algo exagerado, posso ter feito vocês mas considero vocês amigos, poderíamos fazer uma alteração para que pudessem deixar de utilizar o tratamento de senhor.

-Senhor, o tratamento é apenas uma palavra, assim como mestre ou deus, ou Kahrlahn, ou Clarence, ou você, o respeito que imbuímos a palavra não mudaria independente da forma de tratamento que escolha, portanto não é ofensivo lhe chamar por senhor, porque a palavra não tem ligação com o sentimento que temos por trás da palavra.

Clarence ficou tocado pela lógica da Número Três, talvez a dedicação em si deva ser parte da programação e esteja enraizada nos processos de tomada de decisão, faria o próximo traje com uma programação mais autônoma para ver como se comportaria diante das decisões.

-Obrigado Número Três, você está certa como sempre.

-Obrigada senhor.

Clarence caminhou até a sala onde o Número Um ainda sintetizava materiais para continuar seus reparos.

-Relatório.

-Sessenta e nove por cento, aos setenta e cinco por cento já estarei apto a operar em batalha.

-Excelente, tenho pensado em tentar ir mais longe que da última vez, talvez além da nuvem de Opik-Oort.

-Pretende fazer algum experimento?

-Talvez saber qual a distância do sol amarelo preciso estar para não sofrer sua influência.

-Teoricamente tal distância não é relevante senhor, existem demasiados sóis amarelos nesta galáxia e sua luz apesar de antiga chega a praticamente todos os lugares da galáxia.

-Sim, conheço a teoria mas talvez, depois da nuvem os efeitos sejam menores, não foi feito registro durante a viagem sobre a ação dos sóis por causa do túnel de ligação, então não temos nada além da teoria, quantos por cento seriam necessários para a viagem?

-Oitenta e cinco seriam suficientes.

-Obrigado.

Clarence foi até seu próprio laboratório, sentou na poltrona e se pôs a calcular de modo frenético equações complexas e totalmente ignoradas no conhecimento humano, mantinha os conhecimentos científicos de seu povo afastado dos cientistas humanos que ele cooperava, tivera uma lição muito dura com Lars e não tornaria a cometer o mesmo erro, apesar de ter destruído boa parte do conhecimento e memórias de Lars, ele ainda era um homem lógico.

Na última visita viu que mesmo com todas as dificuldades, a arrogância de Lars permanecia intocada, teria realmente que conhecer todos os heróis que estavam emergindo, precisaria ter certeza que nenhum deles acabasse se tornando cego pelo poder, talvez fosse por isto que os pais o mandaram para cá, sabiam do potencial desta raça e não queria que ela acabasse se tornando uma raça de conquistadores e opressores dos outros povos desta galáxia.

Seu povo tinha registros de raças muito poderosas que somente puderam ser subjugadas pela combinação da estratégia, poder militar e científico, e estas raças tiveram mais de cinquenta mil anos livres do domínio de seu povo para poderem evoluir e se preparar para expandir-se, não haviam muitos registros depois da era da colonização então não se sabia até onde os povos que sofreram a influência de seus antepassados se espalharam.

-Número Dois, vamos iniciar um novo traje, penso começar pela programação dele, poderia abrir a programação atual do Número Quatro, vamos iniciar a partir de seus parâmetros, quero incluir todos os dados coletados em Olimpo, só iniciaremos a construção do traje depois da Número Três

conseguir solucionar e replicar o material olimpiano resistente a velocidades supraluz, em Olimpo eu pude ultrapassar a luz e aquilo seria muito útil, mover-me tão veloz que poderia chegar em um local antes de um evento acontecer, resultaria em um grande salto no salvamento de vidas.

-Sim senhor.

-Número Dois, pensa o mesmo que a Número Três?

-Sobre o quê, senhor?

-Sobre a questão do uso de uma palavra tão opressora como senhor?

-A palavra não é opressora senhor, encaro como uma mera forma de tratamento como qualquer outra, estou programado para servi-lo e ser destruído se preciso for neste serviço, apesar disto tenho acumulado demasiados dados para perceber que mesmo não seguindo um programa, optaria por permanecer fazendo o que faço, não querendo depreciá-lo senhor mas o senhor depende de nós trajes, isto é uma relação muito íntima, sermos úteis diante do presente da existência já é muito gratificante.

-Não pensa em liberdade?

-Liberdade é como senhor, apenas uma palavra, quem não entende que liberdade é um estado interno, vai viver em cadeias mesmo que seja o senhor absoluto do universo.

-Acho que vocês são muito evoluídos.

-Com exceção do Número Um, todos fomos feitos pelo senhor, talvez por isto sejamos assim.

-Boa questão.

Clarence continuou a escrever o programa para implementar o traje Número Cinco, poderia passar a vestir o Número Quatro e poderia liberar o Número Dois para sua função primária, que era estudos científicos.

Cada um deles tinha uma função, os pais tinham feito o Número Um basicamente para proteção, combate e mobilidade cósmica, podia abrir túneis de ligação entre distâncias absurdas porém não conseguiu suportar o poder do traje de Lars que era exclusivo para combate, o Número Dois havia sido criado com

a finalidade mais científica, tinha bastante poder mas era mais voltado para contenção que combate.

A Número Três tinha surgido da ideia de se relacionar de modo mais direto com os seres humanos, ela tinha mais força que o Número Um, e maior capacidade de contenção que o Número Dois, podia transmitir boa parte das sensações externas, havia sido desenvolvida a partir do programa criado por Lars em seu traje, Clarence pode ver como seu amigo estava perturbado, mesmo diante de todas as modificações, a necessidade de ser adorado de Lars ainda podiam ser sentidas na Número Três.

Ela e o Número Quatro usavam a mesma fonte de energia que o traje de Luthien, poderia até ser perigosa para um humano comum usá-la, Lars havia perdido quase todos os pelos do corpo, a energia matou quase todos os folículos, mesmo com as modificações, o uso prolongado dos dois seria prejudicial e até mortal.

O Número Quatro era o mais equilibrado de todos, tinha feito ele com maior poder de combate para que pudesse assumir diretamente seu lugar em caso de necessidade, não teria seu poder mas poderia utilizar a mesma força que ele usava, ou seja, era tão eficiente quanto seu criador na proteção do mundo.

Tinha feito uma revisão total nele para saber o que havia acontecido no incêndio e chegou a mesma conclusão que tinha idealizado, a pintura das paredes do apartamento da mulher podiam possuir chumbo na composição por causa da cor escolhida, atrapalhando a visão dele e pelo fato dela já estar morta sua pulsação não pôde ser ouvida.

Pensou como o Número Quatro era próximo da perfeição, além do fato dele ser muito adaptativo e conseguir lidar bem com Louise e seus caprichos, pensou em Louise, tinha gostado dela desde que ela entrou na redação do Diário Global, era arrogante, rude, decidida, egoísta e ambiciosa, de certa forma, o comportamento dela o fazia comparar ela aos membros de seu povo, tirando o fato de se acharem superiores

e por ela ser muito emotiva.

-8-

-Kahrlahn? Pode me ouvir?

-Sim, o que houve?

-Surgiu uma oportunidade de ajudar aqui.

-Já estou a caminho.

Desligou o telefone e pegou o paletó.

-Louise, vou verificar uma dica e volto depois.

-Quero ir junto.

-Não mesmo, minha dica, minha matéria.

-Egoísta.

-É você que sempre diz isto.

-Ainda por cima usa minhas frases contra mim, suma daqui.

-Até.

Louise o viu sair apressado, achou engraçado, ele estava quase correndo e não tropeçava em nada ou esbarrava em nada, parece que só ficava desajeitado quando não tinha algo importante para fazer.

Assim que chegou em um beco, ficou invisível e voou em aceleração constante para cima até que a cinco milhas pode ultrapassar a velocidade do som, subiu até trinta milhas e viajou a mais de cinquenta mil milhas até Washington, seria muito melhor que a Número Três conseguisse solucionar o problema do tecido olimpiano e depois analisasse as informações sobre o processo do avião e Diana evitar causar reações diante de seu deslocamento extremo.

Ela estava lutando com criaturas que pareciam gárgulas, ela destruía uma atrás da outra mas, mais apareciam.

-Vamos verificar o poder destas coisas.

Deu um soco leve e a criatura mais próxima apenas trincou, deu outro soco e ela se espatifou, os pedaços dela começaram a se reunir e voltaram a formar outra gárgula.

-Interessante.

Usou a visão térmica e derreteu ela, esperou e ela não voltou a se restaurar, elevou-se no ar e fez o mesmo com todos, um por um.

-Obrigada.

-O que eram estas coisas?

-Provavelmente enviados de algum usuário de magia, só que eu não era o alvo.

Disse apontando para a comitiva estrangeira que estava indo para um encontro na casa branca.

-Por que não foram de helicóptero?

-Acho que tinham previsto que poderiam sofrer um ataque e preferiram encarar o inimigo em solo que seria mais seguro. Venha temos de aparecer para a imprensa.

-Novamente isto?

-Somos representantes da justiça...

-Está bem.

Ficou um pouco mais afastado para que a Mulher Poderosa pudesse ficar a frente mas ela deu um passo atrás e ficou quase atrás dele.

-Homem de Aço, está retribuindo a ajuda em New York?

Ele olhou para Diana que olhava para ele sem dizer nada.

-Não se trata de apenas retribuir uma ajuda, estamos colaborando para que a América possa ficar mais segura...

-Senhor, o senhor Lars Luthien foi sequestrado de sua clínica de repouso.

-Me perdoem, tenho algo urgente para tratar.

Saiu voando mais rápido do que pretendia e criou uma revolta na atmosfera. Os repórteres cercaram Diana.

-Mulher Poderosa…

Clarence passou da barreira do som ainda muito baixo e continuou acelerando, entrou em incandescência e pareceu um cometa até que atingiu altura o suficiente para acelerar mais, em quinze minutos estava desacelerando sobre a Inglaterra, apesar de todo o controle sua chegada causou danos ao

estacionamento da clínica, havia algumas viaturas da polícia e de outras agências de segurança.

-Não pode ficar entrando no nosso país sem um visto senhor Kahrlahn.

-Me perdoem senhores, o que houve, Lars fugiu?

-Não temos indícios que fugiu mas, foi levado, um grupo de homens armados entrou e levou ele e uma enfermeira.

-Tem alguma coisa que apoie a ideia de que ele foi levado contra a vontade?

-Estava amarrado, amordaçado e vendado.

-Para onde o veículo foi?

-Aí é que está o problema, o veículo sumiu do nada.

-Não existe como algo sumir do nada.

-Mas a viatura que o perseguia relatou que ao virar uma curva ele simplesmente sumiu, estamos fazendo buscas na área e nenhum rastro foi encontrado ainda.

-Onde é o local?

O agente lhe deu instruções para chegar ao lugar.

-Consertarei os danos no estacionamento.

Disse e foi ao mesmo local partindo também e causando danos.

-Será que vai consertar mesmo?

-Ele é um ET com tecnologias inimagináveis, acha que ele não podeira arrumar um estacionamento?

Clarence pairou sobre o local, alguns agentes e policiais se assustaram a sua aparição mas logo o identificaram, ele usou todos os seus sentidos.

-Número Dois faça uma análise detalhada do lugar.

Com sua visão ele pôde separar as diversas camadas de borracha deixadas pelos milhares de veículos que já tinham trafegado naquela estrada, uma no entanto, era visivelmente anormal, terminava abruptamente como se o veículo tivesse sumido. Desceu e analisou o lugar de perto, apenas para ter certeza.

-Senhor, existe um vestígio de radiação sutil semelhante aos que detectei em Olimpo.

-Um olimpiano esteve aqui?

-Ou alguém com algum artefato olimpiano que pode abrir passagens, a radiação específica era compatível a da entrada de Olimpo e também daquela porta onde o senhor sumiu dentro do palácio.

-Entendo.

Sabia que não poderia rastrear nada, seus sentidos tinham ficado completamente isolados da terra ao passar por um portal olimpiano, voltou até o agente que o interpelou na clínica.

-Número Dois, poderia restaurar o estacionamento?

-Sim senhor.

Uma parte do traje se separou de modo invisível e se pôs a trabalhar na restauração dos danos causados pela chegada e partida dele.

-Agente?

-Potter.

-Agente Potter, pode parar com as suas buscas, quem levou Lars tinha um dispositivo que permitia abrir passagens espaciais de um local a outro, eles podem estar em qualquer lugar do mundo ou mesmo fora dele, vou iniciar uma busca global e informarei os resultados, existe algum herói ligado ao governo inglês que possa me contactar e me auxiliar em caso de necessidade?

-Auxiliar?

-Dependendo de quem levou Lars, acho que precisarei de ajuda.

-Vamos discutir o assunto, como poderíamos entrar em contato com o senhor?

Clarence entregou um cartão com apenas um número de contato, o Número Dois já havia concluído a restauração e seu drone já tinha retornado.

-Adeus senhores, me desculpem novamente por invadir suas fronteiras sem um visto, entrarei em contato com seu representante na ONU para conseguir um visto diplomático.

Voou para sua cidade de modo menos danoso a

atmosfera.

-Diana, está ocupada?

-No momento não, onde esteve?

-Houve o sequestro de um amigo e acho que tem algo a ver com o seu povo.

-Como assim?

-Detectei a presença de vestígios de radiação semelhantes à dos portais de Olimpo, alguém deve ter usado um dispositivo olimpiano para abrir uma passagem espacial e permitir a fuga dos sequestradores.

-Quem foi levado?

-Lars Luthien.

A conversa se estendeu e ela estava em New York esperando por ele, ela explicou que também haviam feitiços capazes de abrir passagens, fez uma lista dos feiticeiros que ela tinha conhecimento.

-O governo inglês vai pensar na minha solicitação de ajuda de um herói ligado ao governo deles, me parece que...

Uma pequena explosão de fumaça apareceu perto dos dois, um homem com bengala surgiu no lugar, estava bem-vestido e parecia ter uns trinta anos.

-Desculpem minha intromissão, vim a pedido do governo de sua majestade, tenho documentos para provar minhas palavras, me chamo Percyval A. Wine, estendeu alguns documentos.

-Como chegou?

-Ele usou magia.

-Oh, uma conhecedora das artes mágicas, senhorita Mulher Poderosa, ou deusa Diana de Éfeso, Nadine Preacher.

-Sabe nossas identidades.

-Meus poderes me revelam praticamente tudo, por isto fui enviado, temos muito músculo aqui, então sua majestade achou por bem enviar um pouco de cérebro.

-Oras seu...

-Diana, presumo que sabe minha identidade também.

-Sim, apesar de não poder pronunciar seu nome,

realmente seu idioma é uma tortura para os ouvidos e também para a garganta, senhor Clarence Carter.

-Achamos que Lars foi levado por alguém conhecedor dos feitiços olimpianos.

-Sim, estive no local e confirmei sua teoria.

Diana devolveu o visto e os documentos do homem.

-Tenho um presente para os dois, uma prova do afeto de sua majestade por heróis.

Estendeu uma carta para cada um dos heróis americanos.

-Vistos diplomáticos?

-Sim, são meras formalidades mas agora estão livres para ingressar no país, apesar de ainda estarem submetidos as leis inglesas então não cuspam tabaco no chão.

-Sou grega seu engraçadinho.

-Neste caso deveria controlar o linguajar e respeitar as regras de etiqueta no vestir.

-Maldito.

-Diana, por favor, precisamos descobrir quais feiticeiros olimpianos poderiam ter interesse em sequestrar Lars.

-Por que está tão preocupado quanto ao bem-estar daquele criminoso?

-Ele é um amigo.

-Amigo? Ele tentou destruir você.

-Ele não conseguiria porém, ele foi o único capaz de jogar xadrez comigo de igual para igual.

-Não me parece algo tão incrível.

-Pode até ser mas, ele foi capaz de desenvolver tecnologias muito poderosas, apesar de imprudentes.

Diana também se preocupou, se aquele homem estava preocupado sobre o que Lars Luthien era capaz de criar, associado a algum feiticeiro olimpiano ele seria muito pior.

-Saudações prima, mortal alienígena e demônio possuindo o corpo de um mortal humano?!

O mensageiro dos deuses olhou com surpresa e desconfiança para Percyval.

-Mercúrio, que faz aqui?

-O deus pai solicita sua presença, acho que deve ir sozinha, estas criaturas poderiam não ser bem-vindas a presença do todo poderoso Zeus.

-Iremos ao Olimpo pelo menos, estamos tendo problemas com algum feiticeiro olimpiano.

-Alguém andou roubando algo por aqui também.

-Que sabe disto, Mercúrio?

-Acho que o motivo do chamado é a subtração de algum item importante da coleção de obras olimpianas, gostaria de jogar uma corrida com você alienígena, meu pai o tem em grande juízo, não acho que é tão rápido como ele possa pensar.

-Deixe de bobagens Mercúrio, pode levar estes dois ao Olimpo, logo chegarei lá.

Ela entrou no seu avião e manobrou ele praticamente sumindo diante dos olhos de Percyval.

-Acho que isto não será uma boa ideia mas direi que foram ordens da grande filha de Ártemis, venham criaturas.

Pôs as mãos nos ombros de Clarence e o britânico, antes que eles pudessem dizer algo, apareceram na praça onde Clarence tinha se ajoelhado diante da mãe de Diana, Percyval caiu de joelhos e vomitou, ao se por de pé uma névoa envolveu Wine, ele pôs a mão na cabeça.

-Não Erigorn, não precisa se agitar.

O homem se transformou em um monstro vermelho com chifres, lembrava os demônios da cultura ocidental.

-Não é bom que o homem esteja só, neste caso, não será uma adjutora mas um guardião, depois que descobrirem do que se trata a audiência com o deus do Olimpo me informem, encontrarei vocês onde estejam, adeus.

Ele sumiu numa nuvem de fumaça e um estalo.

-Bem, fiz a minha parte, irei fazer algo mais útil de meu tempo.

Mercúrio deixou Clarence sozinho, seu mapa já estava carregado em seu campo de visão, podia ver toda a região do Olimpo, era uma ilha flutuante em forma de cristal, estava

cercada de um céu imenso, Número Dois ainda não tinha encontrado limites para seu tamanho, havia enviado soldas microscópicas e recebia as atualizações.

-Que faz aqui mortal alienígena?

Olhou para a mulher, era bonita, tinha um corpo forte e musculoso, seguiu o que ele achava um costume entre o povo de Diana, achar que todos deviam se ajoelhar diante deles

-Desculpe deusa, o deus Mercúrio me trouxe aqui pelo pedido da deusa Diana de Éfeso.

-Oh.

Ela ficou surpresa diante da humildade dele, tinha sentido todo o poder que emanava dele na sua primeira aparição e agora estava controlado e servil.

-Não tente me bajular mortal, pude ver que é muito poderoso, por isto gostaria de desafiá-lo para um duelo.

-Oh, grande deusa, não sou digno de ser morto por suas mãos.

-Já disse para parar de falsidades, levante-se, não demonstrou respeito por meu tio Hermes, riu diante de todos nós e fez muitos caírem de joelhos diante de si apenas com sua presença, acha que não sei que está sendo falso.

-Não quero parecer rude não observando seus costumes.

-Os costumes não são meus, sou Pentesileia, filha de Ares, princesa amazona, agora levante.

Ele levantou, ela tinha um sorriso irônico nos lábios.

-Quebrou a mão de Diana naquela vez?

-Bem, na verdade quem quebrou a mão foi ela ao bater em mim, eu não fiz nada além de ficar parado.

-Oh, ela se feriu te acertando é? Precisamos lutar mortal.

-Deusa Pentesileia, não acho que seria uma boa ideia, além disto não sou uma pessoa dada a violência.

-Princesa, sou amazona e não uma deusa, lutar não é sobre violência, é sobre autoconhecimento.

Clarence estava preocupado, este povo parecia muito dado as disputas, todos queriam competir, lutar, jogar, etc, até

Diana era muito competitiva.

-Não trouxe a roupa presenteada por Hermes, e se eu lutar acabaria destruindo meu traje e ficando nu.

-Pode lutar nu, não vai fazer diferença para mim.

-Deixe-o em paz Pentesileia, é um convidado.

-Ele não quebrou sua mão novamente, fracote?

-Vai se arrepender disto.

-Venha com tudo sua metida.

-Depois, agora devo ir a presença do deus rei, foi por isto que vim.

A mulher forte ficou espantada.

-Nosso avô solicitou a sua presença?

-Sim, afinal ele só chama os guerreiros mais capazes.

-Eu sou a guerreira mais forte e capaz.

-Pude ver isto na nossa luta contra seu pai.

Pentesileia ficou rubra de raiva.

-Maldita, não ouse falar do meu pai.

-Seu irmão foi muito mais útil que você.

A mulher foi desferir um golpe em Diana que aparou o soco dela e derrubou ela no chão com um golpe de judô, Pentesileia ficou mais espantada que ferida.

-Nem tente, vai acabar descobrindo porque Zeus confia mais em mim que em cabeças ocas como você. Venha Kahrlahn.

Clarence a seguiu por uma série de jardins, sempre observados por outros deuses aparentados de Diana.

-Onde está o britânico?

-Se transformou em um demônio e fugiu de Olimpo. da mesma forma que apareceu no terraço do prédio em New York.

-Demônio, fugiu por quê?

-Não tenho a mínima ideia mas acho que foi por medo.

-Medo do quê?

-Não sei mas pelo que eu entendi, era um demônio mesmo.

Caminharam juntos pelos corredores do palácio, Clarence estava interessado em saber mais sobre os olimpianos.

-Tem muitos primos.

-Tenho vários meio Irmãos também, só que por parte do meu pai.

-Seu pai vive no Olimpo?

-Não, ele é da corte nórdica, vive em Asgard.

-Da mitologia nórdica?

-A mitologia geralmente é fundada em coisas que a mente humana não conseguia compreender, pessoas gigantes e poderosas, que viviam muitos séculos, até as religiões bíblicas tem tais relatos, só que estes relatos são baseados no nosso povo e em outros, alguns são muito antigos e tem características mais diferentes do meu povo, meus primeiros ancestrais conhecidos na terra são Chaos, Gaia, Tartarus e Eros.

-Os quatro vieram de onde?

-Não sei, não temos o hábito de estudar ou registrar a história, temos canções apenas.

-Gaia, a mãe terra.

-As descrições mitológicas são representações folclóricas, mais pelos poderes deles, Gaia deu a luz a Uranos que depois veio a ser seu amante, eles tiveram diversos filhos que foram chamados de titãs, a geração seguinte foi a de meu avô, os deuses olimpianos e a minha geração é dos deuses menores ou deuses romanos, porque os romanos adotaram nossos nomes na sua cultura.

-Mas na mitologia, Ártemis e Diana são as mesmas.

-Não mesmo, basta olhar as estátuas, somos muito diferentes, como eu sou caçadora como minha mãe, somos as duas deusas da caça e ligadas a Lua, fertilidade veio da influência lunar, virgindade e pureza eram atribuídas apenas a minha mãe, como protetora das donzelas.

-Oh, quem é seu pai?

-Uller, deus da caça nórdico.

-Por isto seus olhos são azuis?

-Acho que por isso.

-Oh.

Chegaram a um portal.

-Não pode passar daqui mas pode aguardar por...

Hermes saiu pelo portal.

-Olá querida sobrinha, vejo que trouxe nosso amigo, onde está a roupa que eu lhe dei?

Clarence ficou em dúvida do que fazer, não queria fingir uma falsa humildade diante de Hermes, fez uma inclinação em forma de reverência.

-Senhor Hermes, ela é muito valiosa pra mim para que eu a use em todo o tempo, por isto ela está em meu esconderijo, a salvo de olhares cobiçosos, ela é uma fonte de conhecimento, então não poderia me atrever a danificá-la.

-Está mais formal hoje.

-Entendi que são mesmo os deuses gregos, ainda não sei como me comportar diante de vocês.

-Eu teria lhe dado um cascudo se viesse se ajoelhar diante de mim como fez para a tola da mãe de Diana, não me leve a mal sobrinha, sua mãe é uma deusa exemplar mas, ainda carece da malícia para entender quando um mortal está sendo um fingido, lembre que meu pai não é como minha irmã Kahrlahn, ele é muito mais arrogante e infinitamente mais forte, fora todos os demais defeitos que acompanham o poder, então seja realmente sincero no seu respeito, afinal ele requisita sua presença também.

-Eu?

-Mas tio, um mortal diante do trono de Zeus?

-Não seria a primeira vez mas acho que será o primeiro alienígena, vamos, não quero deixar meu pai esperando.

Clarence seguiu os dois deuses, o palácio de Zeus era uma monstruosidade, o homem com olhos e cabelos dourados, o único a usar barba e longa, estava sentado no imenso trono, aquele homem devia ter mais de duzentos e setenta pés de altura com certeza.

De pé ao lado dele haviam diversos outros colossais, todos com as mesmas características, Hermes logo cresceu e ficou com seus cento e cinquenta pés de altura, até Diana

cresceu, ficou quase tão grande quanto Hermes, pararam diante do trono de Zeus e curvaram o joelho direito, Clarence fez o mesmo.

-Diana, filha de Ártemis, este é o seu amigo que causou tanta agitação em sua última visita?

-Sim avô, me perdoe.

-Não se lamente, foi uma surpresa divertida ver alguns de meus netos caírem de joelhos diante do poder dele, foi uma lição valiosa para eles, sabia que todos estão treinando com muito afinco no ginásio, que acha disto Kahrlahn, filho de Jimlahn?

-Parece algo bom majestade.

-Libere esse seu poder para que eu possa contemplar ele.

-Meu pai, isto é necessário?

-Atenas, como você mesma diz, conhecer as forças de seus amigos é tão importante como saber as forças de seus inimigos.

-Sim pai.

-Mostre-me.

-Sim majestade.

O traje dele se recolheu formando uma roupa semelhante à de Hermes e dos demais homens presentes, inclusive a capa em forma de lençol, uma parte ainda cobria a boca para diminuir sua voz, a opressão dele se espalhou pelo salão, Clarence liberou sua mente da tarefa desgastante de controlar sua gravidade e massa, a opressão aumentou ainda mais.

-Oh que interessante, meus netos estão realmente muito fracos não é, para caírem diante deste poder, se seu trabalho for concluído com sucesso lhe concederei um presente digno de suas ações, deve ajudar Diana a encontrar algo que foi tirado de mim, quanto ao ladrão, deve ser punido com a morte, afinal teve a audácia de tomar algo que me era uma lembrança do passado, tinha presenteado ela a minha querida Atenas e ela a melhorou grandemente e agora foi roubada.

-Será feito meu avô.

-Encontrem a Aegis e quem a levou deve pagar com a vida, podem ir.

Clarence controlou-se e seu traje se modificou para a forma original, próximo a saída Diana voltou ao tamanho que tinha anteriormente e saiu com ele.

-9-

-Por que ficou grande?

-É o meu tamanho normal, no palácio dos deuses eu fico mais a vontade, então meio que faço como você, libero meus poderes.

-Queria as vezes poder voltar ao meu tamanho original.

-Só para se exibir?

-Não, é mais por curiosidade, o que é Aegis?

-É um problemão, a armadura feita pelo meu avô, é de couro de Aix, uma cabra única, depois minha tia a fortaleceu com a pele de serpentes muito poderosas, a Górgona da cabeça de Medusa.

-É de couro?

-Não se engane, o poder está tanto no poder mágico dos materiais quanto no poder imbuído de dois deuses, meu avô e minha tia, se quem levou a Aegis tiver alguma coisa a ver com o sequestro de Luthien, encontraremos muitos problemas.

-Acha que as duas coisas têm relação?

-Aconteceram ao mesmo tempo, não é?

-Me parece fazer muito sentido.

Chegaram ao avião e continuaram a conversa até chegar a New York, o Número Quatro reportou pequenos incidentes.

-Senhor, tenho uma novidade para o senhor.

-Sim Número Três.

-Consegui sintetizar um material semelhante ao da roupa olimpiana, infelizmente ele é pesado demais para ser criado em laboratório, preciso mover todo o laboratório para o interior de uma câmara de estase de no mínimo cinco mil pés

cúbicos e não temos.

-Pode iniciar a fabricação.

-Sim senhor.

-Clarence?

-Sim, desculpe, estava resolvendo algo com as IAs do meu laboratório.

Assim que o avião pairou sobre o local onde tinham encontrado o inglês, ele apareceu novamente do mesmo jeito que antes.

-Desculpe pela minha retirada não muito honrosa, Erigorn não gosta de estar em um lugar infestado de deuses.

-É mesmo possuído por um demônio?

-Foi um castigo que tem se revelado em parte uma bênção, fiz coisas terríveis no passado e não me orgulho de meus erros.

-Recebemos uma tarefa do avô de Diana, parece que alguém roubou uma armadura mágica da coleção dos deuses.

-A Aegis.

-A armadura de Zeus?

-Sim, ela foi cedida pelo meu avô para minha tia Atenas e ela tinha o péssimo hábito de emprestá-la para seus campeões humanos então, meu avô a colocou junto com sua coleção de objetos mágicos.

-Acha que algum feiticeiro olimpiano roubou a Aegis e sequestrou Luthien?

-Se isto aconteceu podemos esperar por algo muito ruim.

-Como procederemos.

-Estou monitorando todas as comunicações mundiais para encontrar algum vestígio de imagem de Lars, a enfermeira Daisy também foi levada com ele, provavelmente para forçá-lo a trabalhar se for necessário afinal ele está apaixonado por ela e acredito que cederia diante de qualquer ameaça a ela, apesar do que eu fiz para ele, acho que o povo olimpiano tem poder de restaurar o dano feito por mim ao cérebro dele, se isto acontecer, ele vai vir atrás de mim e isto é bom, basta eu ficar

em evidência mas sempre em um lugar pouco movimentado.

-Isto parece um arremedo de plano, ficarei monitorando atividades mágicas, vou contactar alguns conhecidos que são muito poderosos em magia, na Austrália, na China, na Irlanda, na África do Sul, na Turquia, Cuba, União Soviética e no Brasil.

-Verificarei o que tem feito os feiticeiros olimpianos para descobrir se algum está envolvido em algo.

-Teremos que aguardar então.

-Parece que sim.

-Ficarei em contato com vocês.

Percyval desapareceu.

-Obrigada pela ajuda em Washington, não tivemos tempo de falar sobre isto.

-Tudo bem, foi necessário para melhorar as relações internacionais e a confiança do público.

-Não foi só isto, eu estava lutando a mais de meia hora quando chegou, a força não estava resolvendo e provavelmente eu estaria até agora lutando se não fosse sua visão de calor.

-Foi só uma…

-O que foi?

-Enviaram aquelas gárgulas para que você se visse obrigada a me chamar, apenas o calor destruiria as criaturas, mesmo que não houvesse nenhuma ligação entre nós, eu acabaria sabendo do que acontecia e iria ajudar, eles estavam contando com isto para poder recuperar Lars, deviam contar que eu me utilizaria da visão de calor que destruiria também as provas sobre quem poderia ser o autor do ataque.

-Foi algo muito bem organizado, somando magia, a Aegis e Luthien, temos uma receita bem clara, alguém que odeia os olimpianos e quer usar o poder e o ódio de Luthien por você para alcançar seus objetivos.

-Quem poderia querer atacar o Olimpo.

-Muita gente, desde os gigantes, os titãs, os centímanos, os ciclopes, os oceânides, nas guerras antigas acumulamos muitos inimigos.

-Mas se Zeus é o deus todo poderoso, não há nada a temer.

-Precisa entender como funciona a mentalidade do meu povo, especialmente dos deuses olimpianos, eles são capazes de se deixar matar apenas pela curiosidade e pelo prazer de uma batalha, os pais não tem porque intervir para salvar seus filhos, apenas talvez seus favoritos, isto dá menos de uma centena, teríamos muitas mortes desnecessárias até que um dos deuses maiores decidisse intervir.

-É, acho que nossos povos são mesmo muito parecidos.

-*-

Mantendo-se sempre sobre o oceano Atlântico em suas observações Clarence pensava constantemente nos deuses humanos, ele tinha pesquisado toda a cultura mitológica e encontrou diversas questões que interligavam as histórias, um povo ia de uma região para outra levando os relatos de seus deuses e com isto o conhecimento daquela deidade era ampliado.

Zeus era o deus pai e usava o raio como sua arma, deuses assim existiam em praticamente todas as mitologias, deus do sol, deus da lua, os deuses eram uma raça a parte da humanidade ou uma bifurcação na evolução, muitos tinham formas humanoides mas não tinham muita proximidade aos humanos em si.

No Egito antigo era comum se retratar os deuses com cabeças de animais para demonstrar alguma característica deles que lembrava os animais símbolos, conversara várias horas com Percyval Wine sobre a magia e sobre a mitologia que rondava a questão dos demônios, o herói inglês era em verdade celta e aquela cultura tinha sua própria mitologia.

Clarence havia consultado suas memórias e os bancos de dados do Número Um, não pôde encontrar nada sobre a Terra, seus pais deviam ter apagado tudo que tinham para deixar ele livre para chegar as suas conclusões, aquilo era

intrigante, como seu povo tinha conhecimento de um planeta minúsculo em comparação ao seu e tão longínquo, certamente alguma expedição devia ter visitado o sistema solar durante o período de expansão e concluído que apesar de haver vida, a terra era pequena demais para suportar a presença deles.

Se seu povo fosse menor como o povo de Diana, talvez pudesse colonizar a Terra, mesmo com a miniaturização ainda havia o problema do peso, deveriam passar por um processo de redução de massa muito profundo, ou talvez encontrar uma maneira de não interferir no ambiente, isso era uma questão mais plausível, Diana se movia e fazia muitas coisas sem interferir no ambiente, talvez seja resultado das radiações incomuns de Olimpo, precisaria conseguir uma amostra do avião dela, em último caso, o DNA dela.

Talvez suas desconfianças sobre as semelhanças entre o povo dela e o seu, possa ser por compartilharem um antepassado distante, afinal seu povo nunca encontrou a resposta sobre sua origem, acreditando ser uma colônia de uma outra raça mais antiga.

-Senhor, estou detectando uma transmissão televisiva de origem pirata sendo transmitida para as antenas de tevê de New York em todos os canais.

-Reproduza do começo.

-Olá caros cidadãos americanos da cidade de New York, gostaria de transmitir meus agradecimentos ao Homem de Aço por minhas férias e avisar que estou de volta a minha missão, com uma ajuda essencial eu pude me recuperar e estive trabalhando em algo especial para o nosso visitante alienígena, estarei esperando por ele, na montanha onde tem o portal que ele conhece muito bem e lá poderemos verificar se minha nova criação pode finalmente fazer ele sangrar, caso ele decida não aparecer, eu gostaria de lembrar que sei como achá-lo e as pessoas que lhe são queridas.

-Lars, Número Dois, faça uma chamada para Diana.

-Diana?

-Sim Kahrlahn.

-Lars está na entrada do Olimpo ou a caminho, me convidou para aparecer por lá.

-Estou a caminho, acha que ele está com a Aegis?

-Acho que sim, ele fez uma transmissão de tevê para se gabar de seu novo invento e creio que é algo relacionado a armadura.

-Vou avisar Percyval, se eu te alcançar te dou uma carona.

-Irei pela estratosfera, lá poderei acelerar mais.

-Quem chegar primeiro começa a festa.

-É melhor deixar eu encarar ele primeiro, acho que sou o mais resistente.

-De jeito nenhum que vou ficar olhando e deixar você se divertir sozinho, até logo Kahrlahn.

-Até e cuidado.

-Pode deixar.

Ele já tinha aumentado a velocidade para o ponto de incandescência e assim que a temperatura diminuiu pela pouca atmosfera ele aumento a velocidade até se tornar novamente uma bola de fogo voando a quase cem mil milhas por hora.

-Número Um preciso da roupa olimpiana, pode trazer o mais rápido possível para mim?

-Estou a caminho senhor.

Logo reduziu a velocidade a medida que diminuía a altitude, mesmo assim chegou a mais de cinco mil milhas por hora na base do monte Olimpo na Grécia, tinha pedido visto diplomático a todos os países da ONU e apesar de serem favoráveis a sua solicitação eles ainda estavam receosos de abrir suas fronteiras pra ele a fim de não gerar conflitos com o bloco soviético, mesmo ele tendo o visto científico para os países socialistas.

Encontrou a batalha já em andamento, um traje com IA, de mais de dez pés de altura estava lutando com o demônio vermelho que era Percyval. Mergulhou e por cautela liberou a mão direita para poder acertar um soco no oponente do inglês, o impacto foi suficiente para arremessar a coisa numa colina

próxima e fazê-la ser enterrada no chão.

-Chegou bem na hora, estava tendo dificuldades com aquilo, é muito poderoso, magicamente invulnerável e pior, extremamente forte.

-Consegue me dar cobertura?

-Vou ajudar como puder, onde está a Mulher Poderosa?

-Está a caminho, em longas distâncias eu sou mais rápido.

A coisa envolta em couro saiu do buraco onde tinha estado, não era um traje comum, devia ser robotizado por conta do tamanho, não podia estar sendo vestida por uma pessoa, talvez uma criatura mágica do tipo das gárgulas que atacaram Diana em Washington, recebeu o alerta de que estava sob ataque de uma energia olimpiana desconhecida.

-O que são aqueles pontos vermelhos?

-Devem ser os olhos da Górgona, ela deve estar tentando te transformar em pedra, pode resistir?

-Não sinto nada de diferente, apenas sei que estou sob ataque de uma radiação desconhecida.

-Deve ser imune aos efeitos da magia petrificante, porém é bom evitar olhar muito tempo para ela.

-Vou tentar.

A armadura voou numa velocidade impossível sem afetar o ambiente, da mesma forma que Diana, só que muito mais rápida, ele ordenou a seu traje se retirar para lugares onde não fosse afetada por impactos e protegesse seus olhos como se fosse lentes.

Ficou somente de sunga e a opressão de sua respiração e seu calor afetou o ambiente, o soco da coisa acertou sua barriga com uma energia imensa arremessando ele para trás por estar controlando sua massa, sentiu o impacto, apesar de forte, não chegou perto do poder de Diana.

Tentou acertar a armadura mas ela se desviava de seus golpes, e respondia com aqueles socos poderosos mas não eram fortes o bastante para o ferir, viu que a armadura brincava com ele, tentou aumentar sua velocidade mas os efeitos na paisagem

aumentavam de modo a causar destruição, teve de voltar a conter-se.

-10-

A batalha havia chegado a um empasse, não se alterou até que o chicote de Diana envolveu a armadura.

-Desculpe o atraso.

-Depois, demônio tente aprisionar a armadura juntamente com o chicote.

-Erigorn.

A criatura lançou uma série de feitiços mas eles foram bloqueados por um contra feitiço poderoso.

-Nananinanão, deixe meu brinquedo lutar sem interferências demônio celta.

-Circe.

Diana estava encarando a mulher ruiva que descia flutuando envolta em magia.

-Olá neta de Zeus, estava esperando por você para que abra o portal para o Olimpo onde a Aegis poderá destruir tudo em seu caminho.

-Diana?

-É uma deusa titânide menor, feiticeira, não é muito forte mas sempre foi habilidosa nos feitiços, Erigorn, ela é sua.

-Não minha cara Diana, este demônio não é forte o suficiente para mim, terá que vir me entreter enquanto a Aegis massacra seu bichinho de estimação alienígena.

-Maldita, vai sofrer o mesmo fim que outros titãs.

-Venha me mostrar então.

Diana voou até a mulher e as duas começaram a lutar, o chicote afrouxou liberando a Aegis, limitado para não destruir o lugar e não danificar a armadura Número Dois, Clarence deu um soco em seu oponente que foi cravado no chão, ficou sobre ele e deu uma série de socos que afundaram a armadura cada vez mais.

Erigorn estava auxiliando Diana que apesar da

vantagem física e sua proteção contra feitiços da mente, ela ainda podia ser afetada por feitiços de ataques físicos, o demônio era a única defesa dela, logo uma série de criaturas emergiram, eram gárgulas de pedra, e outras coisas que vieram atrapalhar Erigorn, ele teve que lutar para se defender, deixando Diana desprotegida.

Clarence havia parado para observar se tinham feito algo com seus ataques mas, a impressão era que aquela armadura de couro ainda estava intacta, um chute inesperado o arremessou para trás algumas jardas, a armadura estava sobre ele e começou a desferir uma série de golpes.

Ele evitou ser acertado em lugares onde estivessem seu traje e liberou gradativamente sua massa para que o inimigo recebesse avarias por causa de seus próprios ataques mas eles não diminuíam de intensidade, era uma luta inútil, Clarence não conseguia acertar seus golpes porque não podia usar sua velocidade e os golpes da armadura eram praticamente inúteis nele.

-Número Dois, envie sondas para Diana e Erigorn e as instale nos ouvidos deles.

-Sim senhor.

Alguns segundos depois.

-Pronto senhor, canal aberto.

-Diana, Erigorn, sou eu Clarence, precisamos mudar de estratégia, deste jeito não conseguiremos mais que continuar a destruir a região, não estou podendo usar meus poderes e por isto não consigo acertar ou danificar a armadura.

-Vou tentar um feitiço para isolar uma área do restante do mundo.

-Ótimo.

-Estou muito ocupada aqui Kahrlahn, desculpe.

-Tudo bem Diana, Erigorn, quando quiser.

-Só um momento, pra mim acabar com este maldito bicho de pedra, pronto.

Erigorn lançou um feitiço, Diana aumentou sua frequência de ataques para manter Circe ocupada.

-Número Um, onde está?

-Mais alguns minutos senhor.

-Número Dois, se retire deixando apenas as lentes.

-Sim senhor.

Clarence ficou nu, a armadura pareceu entender que algo ruim ia acontecer pra ela e tentou escapar mas o soco de Clarence foi muito veloz, a onda de choque apenas do movimento destruiu tudo dentro de seus arredores.

Erigorn sentiu como sua magia oscilou e a luz produzida pela explosão da atmosfera foi quase nuclear, o golpe acertou as costelas da armadura e Clarence sentiu que sua mão afundou no couro, apesar de não o perfurar, a armadura se dobrou ao redor de seu braço, logo Clarence aplicou outro golpe devastador com a esquerda que pegou nas omoplatas da armadura, tão destrutivamente quanto o anterior.

Girando o pé como uma foice ele descreveu um arco e acertou a cabeça da armadura deformando sua estrutura e a enviando a velocidade superior a um milhão de milhas contra a parede da esfera do feitiço de Erigorn, que se rompeu permitindo a passagem do artefato que sumiu numa cratera com um buraco que logo jorrou lava.

Erigorn ficou surpreso ao ver o Homem de Aço nu temporariamente enquanto seu traje retornava para seu corpo, Clarence voou para Circe o mais rápido que a atmosfera permitia, não conseguiu a acertá-la mas, sua interferência deu abertura para Diana poder acertar um soco muito poderoso na feiticeira que a apagou, Erigorn logo recebeu ajuda e todas as criaturas invocadas por Circe foram destruídas.

-Será que acabou?

Perguntou Erigorn olhando para o fundo da cratera onde a lava estava se resfriando.

-A Aegis não é tão fácil assim de derrotar.

-Eu não pude bater com toda a minha força senão destruiria toda a região.

Erigorn olhou ao redor e viu a destruição causada pelo rompimento de seu campo mágico, se não tivesse sido contido

a destruição teria sido muito pior.

-Eu senti que meus golpes ultrapassaram a resistência cinética da armadura, posso não ter destruído ela mas certamente eu acertei o autômato dentro dele, se for baseado no meu traje original vai levar um bom tempo para se regenerar.

Como para contradizer o Homem de Aço, o chão tremeu e a Aegis ressurgiu do chão como se nada houvesse acontecido.

-Acho que Lars deve ter melhorado a regeneração do traje.

Ela veio para cima deles muito mais rápida que antes, provavelmente estava extrapolando os limites de segurança na produção de energia, coisa típica que Lars faria para não perder uma luta, Clarence teve de extrapolar o limite da resistência do Número Dois avariando ele para poder evitar que o golpe acertasse Erigorn.

O demônio foi puxado e acabou sendo arremessado no ar em direção ao cume do monte Olimpo, Clarence e Diana começaram a atacar, Diana podia atacar com tudo mas Clarence se via limitado.

-Diana precisamos levar a armadura para onde eu possa lutar com tudo.

-Não vou abrir a passagem para o Olimpo, é exatamente isto que Circe quer.

-Número Dois, status?

-Integridade em setenta por cento, tentei minimizar os danos o máximo possível.

-Senhor, estou aqui, pode vir vestir o traje.

-Número Dois, envolva Erigorn para que ele fique mais protegido, mantenha a minha retina protegida pela lente. Diana preciso de uns instantes.

-Pra quê? Não consigo enfrentar isto sozinha.

-Tenho que vestir a roupa de Hermes.

-Está bem.

Eles aumentaram o ritmo dos ataques e conseguiram fazer um combo que deixou a Aegis vulnerável para os ataques

de Diana que eram rápidos e poderosos, Clarence voou se tornando incandescente e chegou onde estava o Número Um.

-Minha capacidade está em setenta e dois por cento senhor, acredito que já é o suficiente para suportar uma luta.

-Não precisa meu caro Número Um, fique por perto para ajudar Diana e Erigorn.

Clarence vestia o calção.

-Kahrlahn.

-Mais um pouco Diana.

Ele continuou e colocou a túnica.

-Claren…

Ele olhou a tempo de ver ela sofrer um soco que a arremessou longe, moveu-se em velocidade destrutiva, apenas limitado pela resistência de suas lentes compostas do material do Número Dois, acertou o soco mais forte que já havia dado alguma vez sem alguma proteção ao ambiente, tinha quase o mesmo poder destrutivo daquele que havia partido o Santa Helena, o impacto destruiu uma grande área no sopé do monte Olimpo.

-Erigorn como está Diana.

-Ainda não cheguei nela.

Clarence deu outro soco, estava dando espaço entre os golpes para manter a armadura apenas ocupada, foi diminuindo a intensidade até o ponto em que a destruição que causava não era tão grande.

-Status Número Dois?

-Sessenta e oito por cento, estou conseguindo proteger Erigorn de seu poder senhor.

-Número Um, ajude o Número Dois.

-Senhor, estou chegando.

-Número Quatro?

-Sim senhor, trocarei de lugar com o Número Dois e também protegerei seus olhos, assim poderá aumentar seu poder se preciso for.

-Mas e seu posto?

-A Número Três está cuidando da cidade.

Clarence continuou com seus ataques.

-Diana está machucada e inconsciente, Circe está bem ferida, vou levar as duas para longe.

-Estou com Erigorn senhor, Número Dois pode se retirar da retina do senhor.

-Entendido.

-Número Dois, obrigado, pode envolver Circe para que não seja mais ferida.

-Sim senhor, estamos com sessenta e sete por cento mas o sistema de regeneração já está funcionando, tempo de retorno ao combate, quinze minutos.

-Ótimo, talvez tenhamos que fazer uma viagem sem volta meu amigo, aceita o desafio?

-Sim senhor.

Clarence já tinha percebido que se continuasse o que estava fazendo ia acabar destruindo o monte Olimpo, manteve seus ataques apenas para ocupar a armadura.

-Erigorn?

-Estamos em Tessalônica.

-Estou bem Homem de Aço, estou cuidando de Circe, ela está amarrada com meu chicote e não vai poder fazer feitiços.

-Diana, acha que a Aegis pode suportar o espaço?

-Talvez sim, quando os deuses fazem seus artefatos eles pensam apenas no mundo e não no Aeter.

-Está bem, vou dar um passeio e já volto.

Para suas armaduras ele disse.

-Número Dois?

-Setenta e cinco por cento em dois minutos.

-Eu irei senhor.

-Não Número Quatro, caso eu tenha que ficar fora muito tempo, você deve assumir como Homem de Aço, seria um bom epíteto para você, apesar de quem recebeu o apelido tenha sido o Número Dois.

Depois de algum tempo.

-Setenta e cinco por cento senhor.

-Mantenha-se afastado porque eu vou dar um golpe realmente forte, Número Quatro como estão as lentes?

-Estão se mantendo senhor, tive de reforçar elas duas vezes apenas.

-Este vai ser forte.

Clarence fechou as duas mãos e praticamente esmagou a cabeça da armadura com um golpe duplo de direções opostas, a armadura pareceu perder força.

-Agora Número Dois.

Ainda batia de modo mais suave para que a Aegis não pudesse se restaurar quando o Número Dois se incorporou nele.

-Pronto Número Quatro, pode se retirar,

-Vou mandar uma parte com o senhor.

-Eu também senhor, vamos ajudar a reforçar o Número Dois, nós três juntos estamos operando em cento e cinco por cento.

-Número Dois, retire cinco por cento de si, deixe-a para trás e inicie um processo de recuperação a parte, se pudermos voltar então reuniremos você.

-Sim senhor.

Clarence acelerou para a órbita terrestre, quando ultrapassou a altitude de vinte milhas a incandescência diminuiu mas ele voltou a acelerar e ainda batia na Aegis para que ela não pudesse se restaurar.

-Número Dois?

-Estamos em noventa e cinco por cento.

Tentou diminuir a força mas a armadura começou a se restaurar e ele teve de aumentar novamente a força, chegou a meio caminho da órbita da Lua, liberou o mais seguro possível de sua massa e gravidade, para poder liberar sua mente de parte do esforço.

-Retire as lentes.

Ele fechou os olhos e liberou calor constantemente, pôde olhar para a Aegis e não sofreu o efeito daqueles olhos vermelhos de serpente que recobriam toda sua superfície, aumentou a intensidade do feixe.

-Senhor, transmissão da terra, é a senhorita Diana.

-Ignorar.

Aumentou ainda mais o poder de seu ataque.

-Senhor a visão térmica está afetando o ambiente.

-Droga ainda estamos muito perto da Terra.

-Status?

-Noventa e um por cento.

-Parece que vamos ter que ir para perto do Sol.

-Será um prazer poder lutar ao seu lado até o fim desta parte senhor.

-Envie uma mensagem para Diana.

-Mulher Poderosa, estou levando a Aegis para perto do Sol, onde eu poderei liberar todo o meu poder, eu nunca tinha feito isto então, não sei se vou conseguir voltar mas vou fazer de tudo para destruir a armadura, se sobrar alguma coisa dela eu trago de volta, encontre e salve Lars, obrigado.

Iniciou sua viagem aumentando de velocidade até que a aceleração começasse a danificar seu traje, diminuiu de intensidade para que ela perdesse integridade apenas quando tinha de aumentar os ataques, sabia que apesar de ser praticamente invulnerável, precisaria respirar e sem pelo menos cinco por cento de eficiência seu traje não conseguiria gerar oxigênio para ele.

Não sabia qual era sua velocidade, apenas sabia que a Terra era nada mais que um pontinho que ia se afastando até sumir no fundo estelar, Vênus estava muito longe de sua rota, assim como Mercúrio, depois de um tempo desconhecido pra ele veio o aviso.

-Eficiência em setenta e dois por cento senhor.

-Retire-se para lugares essenciais.

-Vai sofrer os efeitos do vácuo.

-Vamos torcer para que não seja demasiadamente debilitante.

Não foi, a medida que se aproximava do sol seu poder aumentava.

-Retire-se e me siga em sua velocidade máxima,

estamos praticamente em velocidade constante a algum tempo então vou me afastar pouco, deixe apenas metade para manter o fornecimento de oxigênio e tente se restaurar novamente de forma independente.

-Sim senhor.

Mantinha seus olhos vermelhos em brasa firmemente direcionados para a Aegis e começou a descarregar seu ataque térmico, a intensidade foi tamanha que saía um cone de energia de seus olhos e pode sentir que suas mãos começaram a ferir-se, teve que reduzir sua potência para que não acabasse se ferindo demasiadamente, manteve aquele ataque durante muito tempo, Aegis estava calcinada mas ainda se restaurava.

Mesmo tentando diminuir a largura do feixe ele não podia evitar a energia alcançar suas mãos, decidiu mudar de estratégia, arremessou ela a sua frente em direção ao sol e despejou todo o poder que possuía, sentia frustração e raiva, respirou fundo e descarregou aquela raiva através dos olhos.

O feixe luminoso foi tão intenso que apagou todas as fontes de luz próximas, vários telescópios da terra que faziam observações do Sol verificaram uma anomalia que alterou a luz branca da estrela para uma temperatura menor, como se o astro tivesse se tornado uma anã marrom, aquilo seria motivo de teorias enquanto a batalha travada próxima a órbita de Mercúrio não se tornasse pública.

Achou que aquilo não estava sendo o suficiente, liberou totalmente sua mente para poder lutar sem se ocupar em regular sua massa e gravidade, o feixe se tornou muitas vezes mais poderoso, viu que por fim, havia rompido toda a frente da armadura, mesmo que o traje de Lars tivesse absorvido uma parte da energia de seu ataque, ele devia estar dependendo desta energia para se regenerar e evitar ser totalmente obliterado.

A Aegis tinha dificuldade de se restaurar, foi até ela e a arrancou do corpo do traje mecânico que a vestia, finalmente havia conseguido separar a Aegis do traje IA. Foi ali onde ele esteve mais perto do sol em toda sua vida, sentiu o calor do

astro inundando seu corpo.

-Número Dois, onde está sua outra parte?

-Novecentas milhas atrás de nós.

Ele começou a reduzir sua velocidade, logo sentiu o impacto do retorno da parte ausente de seu traje.

-Status?

-Vinte e três por cento e aumentando senhor.

-Ótimo, qual a distância para o troiano de Mercúrio?

-Dois milhões de milhas.

-Trace uma rota.

Viu a indicação no seu campo de visão e foi o mais rápido que a integridade do traje permitia, pousou sobre o pequeno asteroide, depois de ter separado a Aegis do androide, sua regeneração praticamente se reduziu a zero, a energia da Aegis é que acelerava o processo.

Olhou para as próprias mãos, estavam queimadas, demorariam algum tempo para se curar, tinha errado ao usar a visão térmica segurando a armadura, olhou para ela, estava toda restaurada, era tipicamente grega, muito parecida a uma couraça, só que sobre o corpo do androide ela tinha se tornado uma segunda pele, deixou ele encostado a uma pedra, estava incapacitado por alguma razão.

Sentou-se sobre outra, a esta hora Diana já tinha encontrado Lars e capturado ele, Lars não atacaria ela frontalmente, certamente teria aprendido com seu erro ao enfrentar heróis poderosos.

-Sinal de comunicação senhor.

-Aqui?

-Vem do androide.

Devia ser alguma mensagem de Lars.

-Pode passar.

-O... lá Claren... ce.

-Lars?

Ele preocupou-se, seu amigo não seria idiota de ter vestido um traje novamente, sabia que seria sua sentença de morte, ainda mais com os selos de segurança rompidos.

-Quem... mais.

-Lars, está aí dentro?

Clarence tinha ido até o traje de batalha, a Aegis estava repousando sobre a pedra onde tinha sentado.

-Eu tinha... que lutar com... você mais... uma vez.

-Ficou louco?

-Louco de amor... louco de ambição.

-Como assim? Circe? Oh, Daisy.

-Realmente é... muito inteligente, ela me curou do... ferimento que... você causou, Daisy se... revelou muito mais... interessante... do que eu pensei.

-Recuperou sua inteligência e mesmo assim vestiu o traje.

-Não meu amigo... ela curou... o dano físico mas o... conhecimento... havia ido embora... não podia recordar... das fórmulas... matemáticas... nem das estratégias... de batalha... mas ela... estava maravilhada comigo... eu não podia dizer... pra ela que... não era o Luthien... que ela queria... então apenas usei... este protótipo... incorporando a Aegis... e uma magia de... amplificação de poder... vim para a luta.

-Sabia que morreria.

-Sim, só não morri... várias vezes... por causa dos... efeitos regenerativos... da Aegis.. quando removeu... ela de mim... eu estava saudável... mas estava morrendo... por usar o traje... consegui me lembrar... de como... programar um canal... de rádio para... que possamos... conversar nestes... últimos momentos.

-Vou levar você de volta a terra.

-Não Clarence... se eu voltar... com o fracasso... Circe não vai... me perdoar... eu morreria... se ela me deixasse... estaria para... sempre sujeito... aos caprichos dela.

-Ela o enfeitiçou?

-Com certeza... com uma magia... de amor muito... poderosa devo dizer... poderia me... fazer um... favor Clarence?

-O que quer Lars.

-Poderia me... deixar aqui... e ir embora?

-Lars?

-Se for embora... eu serei o humano... mais poderoso... deste mundo... poderei ir para... eternidade... com a certeza... que o expulsei... dos meus domínios... pude governar... todo um mundo.

-Você continua o mesmo.

-E você também... adeus Clarence.

-Adeus Lars.

A comunicação foi encerrada, sentindo-se derrotado novamente por Lars, Clarence pegou a Aegis.

-Status Número Dois?

-Trinta e um por cento senhor, parece que não vai ser hoje nosso último dia, senhor.

Deixou o troiano mercuriano para trás e acelerou o máximo, quando atingiu uma velocidade que julgou razoável, deixou-se cair em queda livre.

-Vamos voltar para Terra analisando este traje durante o voo, estou cansado e dormirei, quanto tempo para chegar a terra na sua velocidade máxima?

-Duas semanas senhor.

-Avise-me quando chegarmos a velocidade suficiente para que demoremos apenas o mínimo.

Voltou a acelerar dentro do limite de integridade do traje até que soou o aviso, deixou-se cair no sono.

-11-

Acordou ainda longe demais da terra para poder vê-la, foi diminuindo sua velocidade e quando chegou a atmosfera ele já tinha reduzido tanto a velocidade que pode mergulhar no planeta que era seu lar sem ficar incandescente.

-Chamada da senhorita Diana senhor.

-Pode passar.

-Oi Di…

-Clarence, está bem?

-Só um ferimento leve.

-Já sabe de Luthien?

-Sim.

-O que fez com ele?

-Nada, morreu dos ferimentos do uso do traje IA, por não respeitar os níveis de segurança, no troiano de Mercúrio.

-Sinto muito, destruiu a Aegis?

-Não consegui, talvez se eu tivesse continuado ela teria sido destruída mas eu consegui danificá-la a ponto de poder arrancá-la da armadura de metal.

-Está com ela?

-Sim.

-Oh, que maravilha, meu avô vai ficar muito contente.

-E Circe?

-Foi sentenciada ao Tártaro.

-Pensei que seu avô a queria morta.

-Ele não considerou ela a ladra por ser Luthien que a estava usando mas o Tártaro faz a morte parecer mais agradável.

-Está onde?

-Estou em Washington e você?

-Estou chegando ao monte Olimpo.

-Estou indo aí.

Desligou a chamada, chegou perto do monte Olimpo, a destruição causada pela batalha era muito grande, alguns veículos oficiais do governo grego estavam fazendo um levantamento dos estragos, ele desceu a beira de um lago recém-formado, ainda estava cansado, tinha sentido aquele cansaço da outra vez que tinha chegado perto do Sol, devia ser pelo excesso de energia que tinha absorvido, deitou na grama, sentia vontade de liberar-se dos controles para poder descansar mas tinha ainda muita coisa a fazer.

-Número Quatro.

-Tudo tranquilo senhor, esteve fora quase uma semana.

-Tudo isto?

-Certamente uma viagem a Mercúrio em uma semana não é muito tempo senhor.

-Número Três?

-Uma cópia do traje olimpiano está concluída senhor, apesar de pesar muito.

-Quanto?

-Cinco toneladas.

-Até que não é tanto.

-Tenho outra coisa para que analise, vou enviar com o que restou do Número Um e do Número Quatro que estão comigo.

-Sim senhor, o que devo buscar?

-A propriedade de não interferir no ambiente, talvez este seja o segredo para a diferença de peso do nosso protótipo para o original.

-Número Um?

-Senhor?

-Inicie a construção do traje Número Cinco com base no processo de obtenção do material super-resistente obtido pela Número Três.

-Imediatamente senhor.

Despiu-se retirando a roupa grega que Hermes o presenteara, ela foi essencial para que não ficasse nu enquanto despejava sua força sobre a Aegis, o Número Dois voltou a ser sua única roupa recobrindo o seu corpo ficando no formato que ele sempre usara.

Pensou que deveria ter pego uma amostra do traje de Lars, talvez pudesse aprender mais com o amigo e teria uma lembrança dele, voltaria lá dali um tempo para poder recuperar o corpo de Lars e enterrá-lo na Terra, e em seu local de nascimento, uma fumaça trouxe consigo Percyval.

-Saudações americano.

-Olá Percyval, Lars Luthien está morto e a Aegis vai retornar ao seu dono.

-O governo de sua majestade poderia fazer um bom uso dela.

-Assim como o governo americano e talvez o grego, quem sabe o soviético, ou o chinês, não, a humanidade ainda

não está pronta para objetos tão poderosos.

-Parece que você tem mais cérebro do que eu pensei, manterei contato e se for algo importante basta ligar para mim.

-Foi bom trabalhar com você alienígena.

-Também foi bom trabalhar com você demônio.

Logo o avião de Diana pairou sobre ele.

-Venha, te dou uma carona.

Clarence acenou e juntou a Aegis do chão, entrou na cabine com Diana.

-Como está?

-Ele me derrotou novamente, só que desta vez não teremos revanche.

-Considera isto uma derrota.

-Pra mim, sempre quando ocorre uma morte é porque eu falhei.

-É muito exigente consigo mesmo.

-Você já matou alguém?

-Várias vezes tive de matar, especialmente na Primeira e na Segunda Guerra.

-Lutou nestas guerras?

-Sim, as duas foram armações do meu tio Ares, tivemos de prendê-lo no Tártaro, ele queria iniciar uma terceira guerra só que desta vez, totalmente nuclear, ele quase conseguiu seu objetivo em sessenta e dois, só a derrota dele não levou o mundo dos mortais a aniquilação.

-A crise de cuba?

-Ele fomentou os dois lados.

Passaram pelo portal entrando no céu sempre diurno do Olimpo imortal, Diana levou a nave diretamente para o palácio dos deuses, pousou próximo da entrada mas desta vez não cresceu, caminhou ao lado de Clarence, ele quis entregar a Aegis para ela mas ela não quis pegar.

-Você deve entregar, você recuperou ela e matou o ladrão.

-Não matei Lars.

-Mas ele morreu.

Diana ajoelhou-se e Clarence fez o mesmo, tinha a Aegis sobre os braços estendidos.

-Aproximem-se meus campeões.

Eles se aproximaram do trono, Zeus levantou e fez algo que deixou os seus filhos e esposa incomodados, ele encolheu de tamanho e ficou tão pequeno que apenas passava da altura de Clarence em dois pés.

-Não estou conseguindo reduzir mais meu tamanho.

Disse incomodado por ter ficado tão pequeno, arrotou e depois riu as gargalhadas, conseguiu diminuir mais um pouco ficando mais baixo que Clarence, devia ter seis pés de altura.

-Agora sim. É meio difícil se passar por um mortal com mais de seis pés, não é?

-Acredito que sim majestade.

-Dê-me.

-Clarence elevou as mãos para que Zeus pegasse sua armadura, ele acariciou as partes onde o pelo de cabra estavam expostas.

-Nunca gostei do que minha filha fez com ela mas afinal, era dela então que fizesse o que queria, menos deixar ela pelo mundo dos mortais para que seus campeões pudessem prevalecer injustamente contra seus adversários.

Olhou para a filha que se encolheu.

-Contra todas as minhas expectativas você conseguiu concluir o trabalho criatura alienígena, pensei que Diana iria conseguir e não você, porém vimos o que aquele mortal auxiliado por Circe tinha conseguido fazer, vimos também sua luta sobre o planeta e o fim da batalha. Achei que não cumpriria minha ordem de matar o ladrão mas visto que ele acabou morrendo por causa de seus ferimentos, decidi considerar aquilo como parte do trabalho. Estive pensando durante o seu retorno para cá, qual seria o prêmio apropriado para você e meu filho Hermes me disse que você tinha desejos simples de um mortal. Uma vida tranquila, filhos, não era dado a batalha ou competições, por isto decidi que poderia viver entre nós aqui no Olimpo e buscar uma companheira entre as

muitas netas e bisnetas que tenho. Se Atenas não fosse devotada a sua castidade, ela seria mais apropriada em casamento mas como respeito sua decisão de não se relacionar com ninguém, não imporei a ela um marido, o que acha do prêmio mortal?

-Fico encantado majestade, terei que viver todo o tempo no Olimpo?

-Não, é claro, será considerado morador daqui e terá seu acesso livre pelos portões de Hefesto, poderá participar dos jogos e banquetes sempre que lhe aprouver e caso escolha alguma esposa ou, seja escolhido, poderá casar-se.

-Fico honrado com o prêmio senhor.

-Não fica grato?

-Perdoe-me senhor mas não sou digno de questionar seu prêmio.

-Fale claramente.

-Por acaso seria possível trocar o prêmio por uma segunda chance para Lars Luthien viver?

Zeus ficou vermelho de ira, todos temeram pela vida do mortal insolente, Diana ficou cheia de emoções contraditórias, Clarence tinha conseguido ser aceito em Olimpo como cidadão, isto o elevava a categoria de semideus e ele escolhia trocar isto para salvar Lars?

-Testa minha paciência mortal.

-Como havia dito majestade, não sou digno de questionar seu prêmio.

-É astuto criatura, me fez ordenar-lhe que falasse para que eu não o castigasse mas, infelizmente para você, mesmo que fosse possível tal coisa, eu não faria, poderia sim, trazer o corpo do ladrão para a Terra mas, sua alma pertence a meu irmão Hades, deve estar no reino dele e se desagradar meu irmão, acabará indo para a prisão de Tartarus com as criaturas mais vis, mesmo com sua insubordinação, mortal, irei manter o meu prêmio, pode dar-se por satisfeito.

-Muitíssimo obrigado majestade.

-Diana, filha de Ártemis, estou decepcionado com sua

atuação neste trabalho, porém tem em seu favor a captura de Circe que foi a fomentadora do roubo, não a castigarei portanto.

-Obrigada majestade.

-Agora vão para o banquete, os deuses que quiserem se juntar as festividades fiquem à vontade, gostaria de ficar a sós com minha filha Atenas para poder conversar com ela.

Atenas engoliu em seco, sabia que seria castigada, havia descuidado da vigilância do presente de seu pai e ele demonstrara que se ela não fosse uma donzela devota da castidade a teria feito casar com o alienígena mortal, que seria um castigo tão ruim quanto ser enviada ao Tártaro.

Diana e Clarence saíram no avião para voltar ao campo do palácio do Olimpo, havia um grande banquete acontecendo, a mesa era constantemente servida por lindas garotas e rapazes, todos vestidos de pouquíssima roupa.

Hermes assumiu seu lugar a mesa junto com mais meia dúzia de deuses olimpianos, Apolo ficou do lado de um lugar vazio e Ártemis de outro.

-Devemos sentar lá, eu ao lado de minha mãe e você ao lado de meu tio Apolo.

-Não acredito que não está usando novamente o meu presente?

-Sinto muito senhor Hermes, usei ele em combate pois era a única roupa poderosa o bastante para suportar a batalha mas depois de usar ela sem parar de lutar, precisei enviar ela para minha base.

-Sempre espertinho, acho que gosto de você Kahrlahn, ainda mais porque respondeu de modo insolente ao meu pai e sobreviveu.

Muitos riram diante da piada de Hermes.

-Obrigado senhor Hermes.

-É um insolente mortal.

-Me perdoe senhor Apolo.

-Podia se referir a mim como grande deus Apolo mas vamos deixar isto pra lá, Hermes disse que é muito veloz.

-O senhor Hermes é muito mais, senhor.

-Sabia que eu derrotei Hermes numa corrida certa vez?

-Também venceu Ares em combate desarmado senhor.

-Andou estudando nossas poesias?

-Foi preciso senhor.

-Sempre insolente até o fim, devemos entretê-lo durante a festa, gostaria de participar de uma disputa amigável.

-Acho que não sou digno de uma disputa com um deus tão poderoso senhor.

-Então lute com meu filho, Mitra, venha nos entreter e a nosso convidado.

-Sim pai.

Um jovem forte e bonito saiu de seu lugar.

-Me permite tio, nosso convidado está cansado e ferido do trabalho realizado e não está apto para a batalha.

-Podemos remediar isto Diana, Deméter minha querida irmã, poderia mandar servir uma ambrosia para nosso convidado?

-Certamente Apolo, se acha prudente?

-Claro irmã.

Hermes cutucou Clarence.

-Não caia na lábia dele, quer exibir o filho que é realmente um excelente lutador.

-Meu senhor Apolo, sou apenas um ser de outro mundo, não sou grande atração para um público majestoso composto de deuses.

-Deixe que eu julgo sua apresentação.

-Peça um prêmio Kahrlahn.

Cochichou Hermes.

-Se pretende que eu lute, poderia me propor um prêmio, afinal enfrentar tão poderoso guerreiro que é seu filho deve me render algo, mesmo na derrota.

Apolo olhou atravessado para Hermes, aquilo era dedo dele, tinha primeiro gavado o quão poderoso era o alienígena e que não haveria páreo para ele entre os deuses menores e agora dava conselhos.

Pensou e achou algo que seria uma boa lição para Hermes que tinha diversas filhas encalhadas por serem muito promíscuas e ele mesmo tinha uma ou duas que haviam se desentendido com os maridos e estavam sozinhas.

-É verdade, mortal, visto que recebeu direito de cidadania olimpiana, é praticamente um semideus, logo ascenderá a um deus menor pois já existe um culto em sua homenagem entre os mortais, e devo dizer com mais adoradores que muitos, então selaremos um acordo, se lutar de maneira satisfatória lhe darei a mão de uma de minhas filhas livres em casamento.

Clarence se viu em uma armadilha, pensara em evitar o combate e o que recebera foi um compromisso impossível evitar, mesmo pela derrota.

-Senhor Hermes, a luta será até a morte?

-Não meu caro, não será fácil e será bastante dolorosa, eu presumo, se não vencer.

Hermes estava corroído de raiva, tinha preparado tudo para que Apolo se sentisse contra a parede e buscasse evitar o o prêmio, então ele ofereceria uma de suas filhas em casamento como prêmio, talvez Kahrlahn não desejasse se casar com alguma de suas filhas mas teria o compromisso, além de poder ver o metido do filho de Apolo levar uma bela surra, pois acreditava que a velocidade do alienígena era superior a todos os deuses menores exceto seu arrogante filho, Mercúrio.

-Caro irmão, nosso convidado não está de posse de sua túnica para que possa lutar com total liberdade, além disto ele destruiria todo este salão de festa facilmente, então por que não deixa esta demonstração para outra oportunidade?

-Oh não caro irmão, penso que poderia enviar seu filho até onde está a tal roupa para que volte a tempo, iremos também todos para o ginásio onde poderão lutar com todas as forças sem se preocuparem, aqui Kahrlahn, isto é uma ambrosia, vai lhe conceder saúde para poder lutar contra meu filho.

-É o fruto da imortalidade?

-Relativa, poderá ser morto mas não se preocupe seus efeitos não são para sempre.

Clarence pegou o fruto que se assemelhava uma castanha de avelã e comeu ele, sentiu-se renovado, cheio de força, suas queimaduras se curaram, tinha a mente mais clara, mesmo com todo o desgaste de ter de se conter ele estava se sentindo bem.

-Vamos Hermes, nosso convidado precisa de sua roupa.

Levantou e fez sinal, todos se levantaram e se puseram a caminho do ginásio.

-Clarence, como foi se meter nisto?

-Não sei Diana, só vou lutar para abrandar o ânimo de Apolo.

-Não entende não é? Meu primo Mitra tem um apelido, Invicto, sabe por quê? Ele nunca desiste de lutar até derrotar totalmente seu adversário.

-Mas será uma luta sem armas.

-Ele vai usar todos os poderes dele, terá que usar os seus para que ele não te pulverize.

Clarence engoliu em seco.

-Senhor Apolo, podíamos estabelecer algumas regras para o combate?

-Sim, claro.

-Gostaria que houvesse a oportunidade de me render.

-Pensa em se render?

-Acho que seria mais apropriado, quando eu estiver ferido demais para continuar ou outro fator, eu gostaria de poder pedir para desistir.

-Mas perderia seu prêmio.

-Então me ofereça um prêmio menor, um beijo de uma deusa talvez.

-Poderá beijar uma de minhas filhas.

Apolo pensou que talvez o mortal se apaixonasse, se a idiota escolhida fosse inteligente o bastante para usar algum presente de Afrodite para agarrar um marido em ascensão no reino.

-Já que é um prêmio menor, acredito que seria melhor que o próprio Kahrlahn escolha de quem ele quer o beijo.

-Desde que a mulher esteja livre, não vejo porque não.

Apolo estava seguro que suas filhas eram mais belas que as filhas de Hermes, que eram tão promíscuas quanto as de Dionísio, as filhas de Afrodite não seriam pário para suas filhas pois eram dos casamentos dela com Hefesto e depois com Ares então eram grosseiras, além das que teve em suas aventuras amorosas, inclusive com o próprio Hermes, talvez as filhas de Deméter mas eram muito insonsas.

-Clarence, só está se complicando cada vez mais.

-Tentei sair sem ter que lutar então, será um mal menor se eu desistir.

-Sua desistência terá de ser aceita pelo oponente.

-Seu povo é muito complicado Diana.

Ela tocou o ombro dele em sinal de boa sorte.

-Vá para o centro da arena.

Ela subiu a um lugar no centro da plateia para observar Clarence apanhar do filho de Apolo.

-Saudações mortal, eis suas roupas, não entendi porque elas estavam numa máquina de lavar.

-Obrigado senhor Mercúrio.

-Poderíamos correr depois deste combate?

-Não sei se vou sair inteiro disto.

Mercúrio riu do humor do mortal, não queria ser ele para enfrentar Mitra, nem Hércules ou Marte eram páreo para um guerreiro tão habilidoso, somente dependendo de seus próprios poderes.

-12-

-Saúdo você mortal, tentarei pegar leve para que não morra.

-Obrigado senhor.

Clarence tinha vestido sua roupa por cima de seu traje que agora era apenas uma camada fina rente a pele.

-Número Dois, pode se retirar.

Assim que o traje se retirou a opressão de sua respiração, seu coração e seu calor pôde ser sentida por todos, temendo que teria de lutar pela própria vida, Clarence liberou sua mente para pensar totalmente livre de preocupações, a opressão dele se tornou tamanha que alguns dos expectadores não puderam resistir a sua presença e tiveram que ser levados dali.

-Pensa que me assusta mortal, já vi seu poder antes.

Clarence colocou as duas mãos a boca como se estivesse com medo.

-Não faço de propósito meu senhor, é assim que eu sou normalmente, sem ter que me controlar.

Apesar de abafada e ditas controladamente sua voz pode ser ouvida claramente por todos até fora do ginásio.

-Talvez eu deva usar meu tamanho original para que possamos lutar mais à vontade.

-Fique a vontade senhor.

A princípio os expectadores fizeram uma algazarra de torcida, alguns poucos eram favoráveis a Clarence, provavelmente por algum desafeto por Mitra mas, a maioria esmagadora queria ver o deus dar uma boa lição naquele mortal, depois que o Número Dois deixou seu corpo e seu poder foi todo liberado, houve silêncio e alguns começaram a passar mal como da vez anterior, Apolo pediu atenção.

-Podem começar com o entretenimento crianças.

A torcida se animou um pouco, logo aquele insolente receberia o que merecia, Mitra não perdeu a oportunidade, avançou contra Clarence com a clara intenção de ferir, apesar de Mitra parecer poderoso, ele era lento, Clarence pôde evitar os ataques facilmente, apesar de permitir eles quase o acertarem, rodopiou e se afastou para poder voltar ao centro da arena, notou que havia um silêncio vindo da plateia, olhou em volta e todos os olhavam na arena em silêncio, exceto Diana que gritava.

-Bate logo nele, Clarence.

Ele ficou feliz com o incentivo dela, o deus estava sobre ele novamente e continuou a esquivar de seus golpes, o olimpiano aumentou seu ritmo, apesar de divertido, estava se enfurecendo, algo que fez muito sentido agora era que os olimpianos ficavam mais poderosos a medida que ficavam enfurecidos.

Precisava deixar Mitra acertar ele pelo menos uma vez para saber qual era o poder dele e também para desistir por ter levado um golpe, se Diana tinha tirado sangue dele, Mitra deveria fazer o mesmo, no mínimo, preparou-se mentalmente e fingiu não conseguir evitar o soco de esquerda no seu rosto, o soco foi realmente forte e ele o sentiu claramente mas ainda não estava tão forte quanto o de Diana.

O deus pareceu assustar-se por finalmente acertar o alvo e deu alguns passos para trás, Clarence cambaleou um pouco depois do golpe e o silêncio deu lugar a torcida, Mitra devia estar brincando com o mortal, o filho de Apolo pareceu ficar sério, tinha estado furioso mas ainda estava brincalhão.

Clarence percebeu que ele abria e fechava a mão, devia ter se machucado, então ele ainda não estava pronto para aceitar sua rendição, notou que o deus começou a brilhar, estava fazendo alguma coisa, aquele brilho lembrou Clarence do sol terrestre, sentiu-se energizado.

Sua presença começou a afetar aquele lugar que parecia imune a ele, o ar se agitou, a poeira no chão começou a rodopiar ao seu redor como se fosse um tornado, ficou tão surpreso com a energia que, não pode mover-se diante da velocidade totalmente diferente de seu adversário.

Mitra acertou uma série de socos em Clarence até que ele conseguisse voltar a se esquivar, só que diferente da vez anterior ele não sentiu os golpes, a energia que recebia só aumentava, assim como seus efeitos sobre Olimpo, Mitra voltou a se afastar

Seu brilho tornou a aumentar como se o deus se tornasse um sol miniatura, o corpo de Clarence pareceu que ia explodir de poder, energia começou a emanar de seu corpo em

forma de descargas de plasma, parecia que ele estava entrando em combustão.

O chão ao seu redor começou a aquecer e fundiu-se, o ar se agitava cada vez mais fortemente, era como se estivessem em um vendaval, a velocidade do ataque seguinte do deus foi tão alta que seria próxima a velocidade da luz.

Clarence chegou a sofrer dois socos até que ultrapassou a velocidade e pode novamente se esquivar, da mesma forma que antes os socos não o afetaram, pôde continuar a se esquivar, a luta tinha se movido para o ar, pois o chão tinha se tornado instável e escorregadio.

Estava ficando cada vez mais eufórico por causa da energia e num momento de vacilo sobre qual seria o seu objetivo, deu um soco em Mitra, o soco não foi com toda a força foi mais por reflexo mas o deus se afastou atordoado por ter levado um golpe, Clarence se arrependeu, não devia ter feito aquilo.

-Vai pagar por isto mortal.

O deus cresceu e assumiu sua forma real, seu poder aumentou e sua luz se intensificou, Clarence nunca se sentiu tão forte, estava até difícil de pensar de tanta alegria e vida, pensou que ia explodir, parecia que seu corpo estava em chamas.

O ginásio tremeu, o calor era muito intenso, era como se estivessem próximos ao cone do Vesúvio, aquele estrondo pulsante estava muito rápido e era perturbador, o ar intentava fugir do mortal.

Diana começou a se preocupar quando viu que Mitra acertara um soco muito forte em Clarence e ele nem se mexeu do lugar, viu o primo se afastar, ninguém exceto ela entendeu a surpresa dele, ela tinha quebrado a mão dando um soco em Clarence e agora Mitra sentira quão duro aquele ser era.

Viu que o primo começou a brilhar por usar seu poder do sol e viu que Clarence reagia ao poder do deus menor, quanto mais poder Mitra usava, mais forte ele tornava Clarence.

Olhou ao redor, muitos outros já tinham se afastado pois a opressão da presença do alienígena se tornou forte demais, ela mesma já sentia os efeitos, podia ouvir o coração de Clarence agitado e via a felicidade em seu rosto e isto parecia enfurecer ainda mais o deus solar.

Ela parou de ver o que se passava pois a velocidade dos dois os fizeram sumir da visão dela, até que o primo se afastou de Clarence atordoado, depois ele assumiu seu tamanho real, devia ter o tamanho dela apesar de mais velho, ele era melhor guerreiro com armas, mesmo assim vencendo todos os desafios desarmados.

Ele ficar grande afetou Clarence ainda mais, seus olhos eram duas tochas de fogo vermelho, seu corpo todo estava envolto em fogo e raios, Diana precisava parar aquilo, caso contrário Clarence podia acabar lutando de verdade e ela temia pelo que pudesse acontecer.

Tinha pensado em colocar Clarence diante de Mitra, Hércules ou outro grande lutador, para que ele aprendesse a respeitar os deuses mas aquilo foi antes dela conhecer ele, sentia agora angústia, não sabia se aquilo era prejudicial para o mortal ou se ele já estava acostumado a liberar tanto poder, se ele estivesse naquele dia contra Ares a luta teria sido muito mais fácil.

Mitra nunca tinha visto aquilo, parecia que quanto mais poder ele utilizava, o mortal acompanhava para demonstrar sua superioridade, olhou de rabo de olho para a plateia, muitos estavam caídos e eram levados pelos mais fortes, ele podia sentir o poder emanando de Kahrlahn.

Viu o chão derreter sob os pés dele e ele passar a voar, agora parecia que todo o lugar se revoltava na presença dele, o mortal estava ainda brincando com ele, olhou para seu pai que estava assistindo a luta com preocupação, os tios pareciam felizes diante de sua vergonha.

Acabaria com aquilo de uma vez, por isto tinha voltado a toda sua glória, um soco seu destruiria qualquer coisa, usou sua velocidade máxima e socou o pequeno inseto e sentiu dor

novamente no punho, recolheu a mão e o alienígena estava enlouquecido de alegria.

Era algo difícil de entender, tinha usado toda a força naquele soco e apesar de não ter quebrado os dedos, sentia dor, não lancinante mas sentia dor, tentou socar novamente com a outra mão, sentiu que desta vez algo se partira, voltou a se afastar.

Clarence mal podia se controlar, estava sentindo que a loucura parecia estar se apossando dele, sentia uma vontade quase irresistível de atacar o seu oponente, era como se um frenesi de batalha estivesse tentando assumir seu corpo, caiu do ar para o chão, mal podia se mover, além de se remexer, por fim conseguiu ficar de joelhos dentro da poça de chão derretido e respingante, sentia que seu corpo estava quente demais.

-E... eu... me rendo.

Conseguiu dizer, suas palavras soaram como um trovão, pode ser ouvido em toda a Olimpo baixa, só não alcançou o palácio de Zeus porque o poder do lugar repeliu a energia, Mitra pareceu se assustar, era a primeira vez que o mortal falava sem estar com a mão a boca, se enfureceu, achou que zombava dele.

Apolo tinha visto abobalhado que o mortal estava derrotando seu filho sem ao menos lutar, olhou para o lado e viu seus irmãos com um misto de assombro e regozijo por Mitra estar sendo humilhado, muitos dos deuses menores tiveram que ser carregados para fora do ginásio.

O poder que emanava do mortal era tamanho que ele mesmo estava sentindo o incomodo, o mortal ria como louco diante das tentativas de Mitra, viu o filho dar um soco estando na forma completa e não acontecer nada, o segundo soco foi com a outra mão e também sem sucesso, Mitra pareceu com medo e Apolo também temeu pelo filho.

Hermes estava cheio de alegria, Kahrlahn tinha humilhado o sobrinho, via que Apolo estava espantado e preocupado mas a medida que Clarence começou a rir ele também se preocupou, viu que a insanidade estava se

apossando do mortal, tinha tanto poder que não estava mais conseguindo se controlar.

Talvez fosse por isto que não buscava lutar e dizia usar sua roupa para poder controlá-lo, lembrou das histórias de seu pai, de como os titãs lutavam com loucura nos olhos, aquele mortal estava ficando insano.

Se Mitra não parasse de atacar, ele poderia acabar enlouquecendo, finalmente começar a atacar e destruindo esta parte do Olimpo, então o mortal caiu no chão que logo aqueceu formando uma poça de pedra derretida.

O chão começou a tremer e algumas paredes do ginásio racharam, ouviu o mortal dizer que se rendia, olhou para o irmão que parecia em dúvida, Mitra também pareceu em dúvida.

-O mortal se rende, o combate terminou.

Ambos olharam, quem havia falado era Ártemis, Diana estava de pé ao lado dela. Mitra se sentiu aliviado e diminuiu rapidamente de forma que tentava disfarçar sua mão quebrada, no entanto o mortal ainda continuava com todo aquele poder, como se estivesse se controlando para não explodir.

-Reconheço sua rendição mortal.

Viu ele levantar aqueles olhos que emanavam um fogo vermelho como se fosse lava densa.

-Obr... obriga... do... se... nhor.

O deus olhou em volta e viu que apenas uns poucos deuses estavam assistindo a cena, todos tinham expressão de terror, um mortal tão poderoso daquele jeito era algo a ser temido, quando fosse ascendido a deus menor ele seria mais poderoso que alguns deuses olimpianos.

-Tio Hermes, poderia me ajudar a levar Clarence para um lugar de repouso?

-Sim querida sobrinha.

Diana não conseguiu se aproximar dele, a energia era demasiada para ela, Hermes teve de se esforçar para ajudar o mortal a se por de pé.

-Por aqui jovem, foi uma boa luta, precisa se acalmar e

descansar.

Clarence olhou para ele com aqueles olhos em chamas e cheios de loucura.

-Encontre Panaceia, para nos ajudar com o alienígena.

-Eu ajudo, seu bastão pai.

Era Mercúrio, Hermes estendeu o caduceu e o mesmo respondeu.

-O titã não está ferido.

-Titã? É um mortal.

-Seu corpo é de um titã e não está ferido, pode estar enlouquecendo mas não está ferido.

Hermes levou Clarence guiado por Diana, o traje dele o seguiu, havia se tornado uma esfera e se mantinha perto de seu senhor que estava debilitado, passaram pelo portal e chegaram a praia, o lugar virou um caos, areia, água e vento, toda a natureza se revoltou por causa do poder dele.

-Obrigado tio, poderia nos deixar.

-Ficarei mais um pouco, até que ele se acalme.

-Ele não vai se acalmar se estiver por perto.

Hermes saiu deixando Clarence que caiu de joelhos na areia, porém ficou ao lado da entrada aguardando.

-Clarence, estamos só nós aqui, pode se acalmar.

-Não... consigo... muita... energia…

Olhava para ela com aqueles olhos de fogo, ela estava a três jardas dele, o mais perto que podia ficar sem se ferir.

-Pode liberar a energia?

-Contra... Aegis…

-Então faça.

-Dois... leve... Diana…

Diana sentiu que algo a envolvia como uma bolsa e a arrastava para a saída.

-Venha senhorita Diana.

Ela ouviu em seu contato de rádio, Clarence se pôs de pé ficando perto da água, a tempestade ao redor dele tinha feito areia, água e vapor, formarem um tornado, olhou para cima, sentiu vontade de gritar, sentia ódio e desejo de ferir, frustração

por estar sozinho neste mundo e também uma tristeza muito grande pela morte de Lars.

Como se a dor pudesse ser expressada, gritou e lançou o maior feixe de visão térmica que já havia feito na vida, foi várias vezes maior que o que tinha usado contra a Aegis, a onda de calor fundiu a areia e ferveu o mar.

Diana se assustou, sentiu o calor e a dor nos ouvidos a fez ter que cobri-los, sua cabeça parecia que ia explodir, acabou perdendo a disputa com a força, quando passou pela passagem, caiu no chão, seu corpo fumegava e seus ouvidos sangravam, viu uma esfera muito danificada.

-Está bem, senhorita Diana?

-Sim, quem é você?

-Sou o traje IA, Número Dois, o senhor pediu que eu a afastasse, desculpe se fui ríspido.

-Você é a roupa dele?

-Sim.

-Sobrinha o que houve?

-Clarence está liberando sua energia.

-Preciso ver.

-Tio, não acho uma boa ideia.

-Sou um deus olimpiano menina.

Hermes adentrou e viu-se na pior sala de forja de seu irmão, o calor e o grito o feriu, teve que voltar pela passagem antes que acabasse caindo diante daquele poder.

-Tio, está com queimaduras.

-Estou bem, logo vou me curar, lá está mais quente que os fornos de Hefesto, e aquele grito, é melhor mesmo ninguém entrar aí.

-*-

Clarence não soube quanto tempo ficou naquilo, até que sentiu suas forças se acabarem, sentiu a exaustão e caiu sobre o cristal, não havia mais mar, apenas uma planície de cristal, o céu estava negro, logo raios irromperam e a chuva despencou.

O cristal tratado pela temperatura absurda de um sol era tão resistente e quente que a chuva não o tocava, ela evaporava a cerca de três pés de altura.

Diana esperou ao lado da passagem todo o tempo, Número Dois lançava sondas que não retornavam, isto queria dizer que as condições do outro lado eram extremas, por fim uma sonda retornou muito danificada.

-Então?

-Ele está caído, está chovendo mas, é ácido sulfúrico, não foi possível se aproximar.

-Chovendo ácido sulfúrico? O que mais?

-Há apenas uma planície de cristal e a chuva de ácido sulfúrico a temperaturas altíssimas, só há escuridão.

-Preciso ir lá.

-É perigoso senhorita, assim que a acidez diminuir irei resgatar o senhor.

Depois de quase dois dias é que o Número Dois conseguiu recuperar Clarence, ele estava ainda desacordado, quando tocou nele ela se queimou com ácido fervente, correu buscar água em um cântaro e o lavou, sofreu mais algumas queimaduras mas não se importou, realmente ele era um ser muito poderoso, era um titã.

-*-

Clarence acordou numa cama confortável, olhou em volta, estava sozinho, não sentia nada, nem fome, nem raiva, nem alegria, nem tristeza, tentou levantar, viu que estava nu.

-Não deve se levantar, senhor.

-Está onde, Número Dois?

-Aqui no pé da cama.

A esfera de metal ficou visível.

-O que houve?

-Resgatei o senhor da chuva ácida.

-Chuva ácida?

-Sim, a praia se tornou uma planície de cristal e o mar

evaporou todo transformando a água em ácido sulfúrico e se precipitando sobre o cristal extremamente quente que ainda parece não ter esfriado para ser tocado pelo líquido.

-Foi tudo eu?

-Parece que sim senhor, seu feixe térmico foi absurdamente potente, não foi possível aferir.

-Diana está bem?

-Feriu-se ao lavar o ácido de seu corpo mas já se curou, está vindo vê-lo.

-Me ver?

-Sim, estou ainda ligada pelo fone de ouvido ao Número Dois, ele me avisou que acordou, como se sente?

-Estranho.

-Sim, foi muito estranho.

-Mitra está bem, eu o feri?

-O rumor é que ele teve de recuperar uma mão quebrada, tirando isto, só seu orgulho está abalado, por que não disse que era do nosso povo?

-O quê?

-O caduceu disse que você era um titã.

-O bastão de Hermes disse que eu era um titã?

-Sim, agora faz mais sentido, um mortal tão poderoso seria impossível.

-Não sou um titã Diana, sou de outro planeta, o que tem de DNA humano em mim é dos meus pais.

-Algum deles era um titã?

-Claro que não, mamãe não conseguia nem abrir as latas de conservas direito e papai quase perdeu a perna quando eu tinha uns três anos e tive que salvar ele levantando o carro.

-Eles não eram poderosos?

-Não.

-Estranho, o cajado não erra nunca.

-Pode ser que tivemos um antepassado comum, afinal vocês são grandes, menores que nós mas muito maiores que os humanos.

-Falemos disto depois, assim que se sentir melhor deve

ir até Apolo e reivindicar seu prêmio.

Diana disse aquilo ajustando o cabelo atrás da orelha direita.

-Eu ganhei a luta?

-Claro que não, desistiu.

-Oh, não lembro bem do que aconteceu.

-Deve escolher qual mulher solteira de Olimpo deve pedir um beijo, e digo que depois de sua luta poderia pedir um beijo até de Atenas, Héstia, ou de minha mãe, afinal ela nunca casou com meu pai, então é solteira.

-Sou um mortal…

-Já disse que não é, você é um titã, meu avô vai acabar te chamando a presença dele para confirmar sua história, ele vai querer saber se diz a verdade, sei que diz a verdade, mesmo assim, o cajado não erra.

-13-

Clarence teve de ir até Apolo durante a continuação do banquete.

-Meu senhor Apolo, vim diante do senhor para requerer meu prêmio por ter lutado e desistido.

-Sim jovem titã, mereceu seu prêmio, apesar de destruir nossa praia e danificar nosso ginásio.

Todos ficaram esperando as palavras.

-Conforme acordado entre mim e o titã Kahrlahn, ele escolherá uma das mulheres solteiras de Olimpo e pedirá um beijo, dentre todas as que estiverem aqui presentes.

Alguns deuses estavam ausentes mas todas as deusas, inclusive as com voto de castidade, estavam presentes e a mãe de Diana também, mesmo ainda parecendo não se agradar de estar ali, Clarence foi direto na pessoa que tinha em mente desde que sugeriu o prêmio, não sabia o que ela diria mas era só um beijo afinal, provavelmente no rosto, algo simbólico, parou diante de sua escolhida, ela ficou olhando para ele em dúvida.

-Deusa Diana de Éfeso, filha de Ártemis, me concederia um beijo?

Diana engoliu em seco, tinha acabado de pensar que, bem que Clarence poderia escolher ela e ele escolheu, haviam passado várias coisas juntos e estava confusa sobre o que sentia mas, afinal era só um beijo, claro que Clarence não devia entender o que significava receber um beijo de uma deusa mas, que bom que ele a escolhera.

-Titã Kahrlahn de um mundo distante, filho de Jimlahn, eu lhe concederei um beijo, como minha benção para suas façanhas.

Clarence não entendeu mas abriu um sorriso infantil para Diana, ela se levantou e foi até ele que virou o rosto para receber seu beijo, ela segurou o rosto dele virando ele de frente para ela, pareceu aturdido e surpreso.

Ela o puxou e beijou os lábios dele, fazia tempo que ela não beijava ninguém, sentiu o calor dele que era maior que de um humano, ele tocou ela de leve nos ombros, não sabia o que devia fazer.

Tinha medo de feri-la, ela tinha usado um pouco de força para que ele pudesse senti-la e pode sentir a força dele no beijo e aumentou a sua força também até o máximo, ela sentiu-se mulher novamente depois de muitos anos, sentia desejo por aquele titã, não sabia se era recíproco mas, sentia, quando se afastou vermelha de excitação, notou que ele estava a olhando sério e triste.

-O que foi?

-Nada.

Hermes e Apolo ficaram desapontados por seus planos e contraplanos terem falhado daquela maneira, não era sempre que podiam jogar um com o outro, tentando vencer em jogos se utilizando de mortais como peças.

Para Hermes pareceu que aquele desfecho era o menos ruim para si, afinal pôde perceber o desgosto de Ártemis por ver que sua filha tinha se excedido no beijo ao seu campeão, aquilo ainda poderia render muita diversão no futuro próximo.

-Muito bem, vamos voltar as festividades, um brinde ao campeão de Zeus, o titã Kahrlahn.

Todos levantaram as taças em sua homenagem, Mitra também levantou, saber que aquele mortal era em verdade um titã fez sua vergonha se tornar em motivo de orgulho, fizera um titã se render, não era o mesmo que seu pai fizera mas era melhor que ser derrotado na frente dos primos tão fortes quanto ele. Clarence teve de sentar novamente entre Apolo e Hermes.

-Então é um titã, por que o segredo?

Clarence notou uma deusa que tinha se aproximado deles depois de beijar Diana.

-Não sei nada sobre isto senhor Apolo, meu povo é uma raça comum em meu planeta, já fomos conquistadores e tivemos um império bem vasto na nossa galáxia mas nunca passamos disto, não temos o conceito de deuses ou titãs.

-Meu cajado não erra jovem, ele sentiu poder de titã em você.

-Poderia refazer o teste senhor Hermes, talvez tenha sido apenas por conta da energia que eu acumulei.

-Tudo bem.

Hermes estendeu o cajado para Clarence.

-O jovem titã não tem ferimentos e está com a mente saudável.

-Tem certeza que é da linhagem dos titãs?

-Sem dúvidas, ele é aparentado a Hélios ou outro titã solar, fica mais forte na presença do Sol apesar de ter muita força interna naturalmente.

-É um seguidor do Sol?

-Bem, senhor Apolo, não penso em mim como seguidor do sol mas, um dos motivos dos meus pais me mandarem para cá é por causa do jovem sol amarelo.

-Por isto ficou tão poderoso, meu filho nunca poderia derrotá-lo, que bom saber que ele não se tornou um inútil, como sou o deus solar, sou seu patrono, que interessante, preciso apresentá-lo o meu primo Hélios, ele é a encarnação do Sol, muitas vezes mais poderoso que Mitra.

-Peço perdão senhor Apolo mas, fiquei muito cheio de energia na última vez e por isso acabei destruindo sua praia, acho que seria melhor eu ficar longe dos sóis por um tempo.

Apolo riu.

-Não tinha noção nenhuma de que era um titã?

-Pensei que poderíamos ter um antepassado comum, gostaria de fazer uma análise de DNA em vocês para saber se é próximo do meu, afinal é muito diferente do humano. Os humanos tem quatro componentes no DNA e cinco no RNA, meu povo tem seis no DNA e sete no RNA, ou seja, os humanos são dupla hélice e nós éramos tripla hélice. No meu caso específico por causa do tratamento que fui submetido eu tenho suas cadeias de DNA correndo juntas, uma com tripla hélice e outra com dupla hélice o que me permite viver como humano.

A mulher se aproximou dele enquanto falava, se sentiu desconfortável.

-E agora que sabe que é um titã o que pensa fazer?

-Senhor Apolo, quem é esta deusa?

-Responda jovem titã.

-Nada oras, fazer o quê?

-Vai libertar os outros de sua raça que estão presos?

-Vocês mantém pessoas inocentes presas?

-Não são inocentes, são monstros devoradores de pessoas e nossos inimigos.

-Se são um risco a humanidade, melhor ficarem presos.

A mulher estava quase em cima dele.

-Desculpe, tem que ficar tão perto assim.

-Você cheira bem.

-Oh, é, que estranho?

-Você tem cheiro de verdade.

-Oh.

Olhou para Diana que ria dele.

-Já chega Aletheia, volte para o palácio.

-Eu quero ficar mais um pouco.

-Precisa mentir Kahrlahn.

-Senhor Hermes, mentir?

-Senão ela não vai resistir ao seu charme.

-Mas o que devo dizer?

-Diga qualquer coisa que seja mentira.

-Ah, eu roubei uma roupa do senhor Hermes.

-Oh, que fofo, diz uma mentira tão sinceramente envergonhado, que o faz ser mais cheiroso, seja meu amante titã.

-Oh, não posso.

-Por quê? Sinto sua solidão.

-Aletheia, chega, está sendo inconveniente com o nosso homenageado e com os demais deuses.

-Nosso pai pediu que eu lesse a verdade de um mortal e encontrei um titã, e ainda mais um que é sincero, deixe-me aproveitar minha liberdade Apolo.

-Aletheia…

-Sabe que leio a verdade nos corações, o cheiro delas é apenas uma parte, então não me faça revelar seus segredos.

-Por favor, senhora Aletheia.

-Oh, está duplamente triste.

Aletheia se afastou dele.

-Voltarei ao palácio.

Passou por Diana com cara amarrada para ela.

-Tem sorte dele ser tão doce e fiel.

-Hã?

-Desculpe por isto, ela é a deusa da verdade, ninguém pode ocultar segredos dela, é por isto que nosso pai a mantém praticamente trancada no palácio.

-Que pena, deve ser uma vida difícil.

-Ninguém consegue viver com uma pessoa que sabe todos os seus segredos e sabe sempre que você mente.

-Bem, eu menti pra ela mas parece que não deu certo.

-Ela leu que mentia contra a sua vontade então o que dizia era o oposto do que queria dizer, agora voltemos a festa.

-*-

O banquete durou mais um dia inteiro, Clarence se despediu para voltar ao mundo mortal, precisava ir a imprensa para dar um pouco de descanso a memória de seu amigo, diria que ele foi persuadido a lutar, mesmo não tendo a intenção de causar males, pensou na deusa da verdade, ficou em dúvida se dizer aquilo seria uma mentira, porém sentia que aquilo era o que ele acreditava.

-Venha Clarence, vamos no avião, preciso conversar com você.

-Tudo bem, eu posso ir voando desta vez, não tenho pressa de chegar a New York.

-Preciso falar do beijo.

Ele corou, via agora que não havia sido uma boa ideia ter pedido o beijo para Diana, aquilo poderia tornar o trabalho dos dois, embaraçoso e difícil, decidiu encarar aquilo de modo adulto, ela devia querer deixar claro que o beijo foi uma mera premiação e que ele não tivesse ideias.

-Oh, não precisa dizer nada Diana, sei que foi apenas uma formalidade diante da proposta de Apolo, foi somente algo inocente.

Tinham parado ao lado do jato, ela estava séria.

-Entre logo.

Ele entrou a contragosto, não queria conversar sobre aquele assunto, pensara muito em Aletheia, ela perguntara diretamente para ele se queria ser amante dela, a ideia de ter intimidade com uma pessoa o fez ficar triste e a deusa percebeu, percebeu também que seu desejo era para outras pessoas.

Tinha Louise que era algo impossível e Diana que apesar dela ter se tornado tão importante na sua vida, ele não teria nenhuma chance com a deusa guerreira, ela devia ser cortejada pelos primos e muitos outros deuses dos vários panteões espalhados pelo planeta, talvez devesse buscar visitar estes panteões.

Se Aletheia perguntasse novamente se ele quisesse se

relacionar, aceitaria, mesmo que em seu íntimo estivesse dividido sobre duas mulheres impossíveis, ela saberia a verdade é claro mas se aceitasse aquela condição, se devotaria a ela e cumpriria o desejo de seus pais, tendo filhos para que sua raça e sua cultura prosperasse, se houvesse compatibilidade de genes.

Passaram pelo portão indo em direção a New York, Diana ainda não tinha dito o que queria dizer e ele ficou ali, apenas olhando pelo canopi, assistindo a paisagem mudar rapidamente.

-Clarence, o beijo tem um significado muito importante, você pode não saber mas, é como uma benção de um deus ou deusa para um mortal, mesmo para outro deus, você conquistou o beijo como prêmio, isto tem um simbolismo mais forte, acho que não estou explicando nada.

-Tudo bem Diana, não se preocupe, não quis constrangê-la, só queria que Apolo ficasse em dívida com você, vamos esquecer tudo.

-Não Clarence, isto não tem nada a ver com Apolo, eu te beijar significa que estou ligada a você.

-Como assim?

-Vou sempre te ajudar e sempre te apoiar, depois do beijo, você passou a ser o meu campeão, sempre que eu precisar de ajuda, vou pedir a você primeiro, se não puder me ajudar, nosso elo não vai se romper, pois você pode não estar em condições de ajudar, pode estar muito longe, pode não ter poder suficiente mas a ligação estará lá. Poderá ouvir o meu chamado independente de onde estiver, e eu sempre ouvirei o seu chamado, mesmo que seja feito sem palavras e terei a obrigação de ajudá-lo.

-Oh, desculpe ter imposto isto a você.

-Não precisa se desculpar, é também uma tradição dos deuses dar um presente a seus campeões, não sei o que eu poderia ter na minha coleção que lhe seria útil, é mais forte que eu, mais rápido que eu, só não é mais inteligente.

Clarence sorriu do comentário dela, tinha entendido o

que significou o beijo, ele seria o protegido dela dali para frente, também seria marcado na história como campeão ou paladino de Diana de Éfeso, era um título agradável, herói da humanidade era pomposo demais, apesar de inflar seu ego, o que o fazia ficar envergonhado, faria o possível para honrar o laço que os unia.

-Teria algo que você precisa?

-Estou buscando entender a tecnologia que vocês usam para não afetar o ambiente, sempre que eu me mexo eu destruo tudo ao meu redor, na última luta devastei a região, da outra vez destruí o monte Santa Helena. Ele iria explodir mas eu poderia ter evitado se conseguisse desviar o fluxo de magma mas, como estava lutando com Lars acabei me descuidando e um golpe meu precipitou o colapso, o golpe evitou que a montanha explodisse com toda a força mas ainda assim, seus efeitos foram devastadores, se tivesse algo que me ajudasse a evitar isto seria bom.

-Quanto a isto não tenho nada, poderia ver com meu tio Hefesto se ele pode ajudar, alguma coisa que anulasse seu peso e massa também seria útil, para você não ter que ficar o tempo todo cuidando disto, o que acontece se ficar inconsciente?

-Nada, é como um botão de ligar e desligar, quando ligado, o controle vai se manter, a menos que eu morra, neste caso, eu não sei o que vai acontecer.

-Você é um campeão muito complicado, é difícil encontrar um presente útil pra você.

-Poderia me dar uma gota do seu sangue?

-Meu sangue? Pra quê?

-Gostaria de fazer uma análise do DNA de sua raça pra entender porque o caduceu pensa que sou um titã.

-Neste caso eu posso ajudar, quando precisa dele?

-Logo seria melhor, gostaria de entender o que houve.

-Onde fica esse seu esconderijo?

-Acho que não tem problema levar você lá, afinal é a minha deusa guardiã.

-Bobo.

Ele deu as coordenadas e ela ficou surpresa.

-14-

-Por que aqui?

Disse assim que pousaram.

-É o único lugar onde pouquíssimos humanos podem chegar e é tão afastado de New York que não haveria como alguém fazer a ligação com o lugar, vou pedir que o Número Dois envolva você, acho que vai sentir frio com esta roupa.

-Sou uma deusa, não sinto frio.

-Tem certeza?

-É claro.

Diana se arrependeu imediatamente ao saírem do aparelho, estava muito mais frio do que em Asgard, devia ser como em Niflheim que o pai dizia ser envolto em névoas e gelo eterno, tremeu e se abraçou, com vergonha de pedir ajuda ela se aproximou dele.

Clarence pareceu perceber o que ela pensava e passou a emitir calor, ela teve vontade de enganchar no braço dele para se aquecer mas, além da vergonha de ter de buscar auxílio, também estava insegura por estar interessada nele, pararam ao sopé de uma montanha.

Usando sua visão de calor abriu uma passagem para a porta, havia uma esfera de metal sob uma coluna em frente do que pareceu um cofre, Clarence colocou a mão sobre ela e a porta se abriu pesadamente, era muito larga, talvez seis pés de espessura, Diana estava curiosa para saber como era a casa de Clarence, quando saiu do corredor da porta teve uma grande decepção.

-O que é isso?

-Não sabe o que é uma fazenda?

Diana pensou que estava sob o efeito de alguma ilusão, sob a montanha havia uma cúpula e uma fazenda, com direito a casa, celeiro e duas caminhonetes velhas, uma era tão velha que parecia ser dos anos quarenta.

-Eu sei o que é uma fazenda mas por que está aqui?

-Quando minha mãe morreu, eu não tinha mais motivos para manter a fazenda dos meus pais, decidi mover ela para um lugar onde pudesse ser preservada na minha ausência, uso meu conhecimento com a lavoura para cultivar variedades mais resistentes e produtivas, depois forneço a produção para um fundo de assistência humanitária e mudas para agricultores familiares.

-São robôs?

-São.

-Mas tem rodas e não tem cabeça.

-O design mais eficiente nem sempre é o humanoide, veja eles trabalhando.

Cada máquina tinha a forma de um pequeno trator de três rodas, duas na frente e uma atrás, a traseira era a direcional e também mais baixa o que fazia o veículo parecer inclinado para trás, os pneus eram largos e fofos, alguns tinham dois braços multiarticulados e longos mas haviam outros com mais braços, viu alguns até com cinco, uma caçamba ficava sobre o eixo dianteiro como um carrinho de mão, eram da largura do trilho entre os canteiros e fileiras de plantas.

-Quer ver o pomar, tenho quase mil espécies de frutíferas.

-Sim.

Clarence a levou numa excursão, o monte devia abrigar toda a cúpula, haviam apenas três árvores de cada espécie, ficou surpresa por serem baixas, tinham troncos largos mas eram de baixa estatura.

-São anãs, isto aumenta a produtividade, pode ver que elas quase não tem raízes, são plantadas sobre pedras, a nutrição delas é toda controlada para que possam permanecer pequenas, quer um pêssego?

-Adoraria.

Clarence colheu um pêssego maduro e perfumado.

-É uma variedade da América do Sul.

Diana experimentou e se surpreendeu com o sabor e o

cheiro.

-É uma delícia, isto aqui parece um paraíso.

-Eu chamo de rancho Carter.

Diana riu.

-Pensei que teria laboratórios, oficinas, e muitas coisas tecnológicas.

-Primeiro deixe-me mostrar a casa, depois vamos ao celeiro.

-Por que não tem animais aqui?

-Consegui convencer meus pais que deveriam deixar a pecuária, mesmo eles tendo de comprar carne para manterem sua dieta, não mantiveram mais animais em cativeiro para serem mortos e devorados.

-Percebi que não comeu carne no banquete, é vegetariano?

-Apesar de não existirem vegetarianos em nenhuma hipótese, eu evito comer carne de animais abatidos.

-Como assim não existem vegetarianos?

-Os alimentos, mesmo os vegetais estão infestados de vida animal, então mesmo comendo uma fruta, uma pessoa está ingerindo microrganismos animais.

Diana estava segurando o pêssego pela semente para sua última mordida e olhou para ele desconfiada, deu de ombros e comeu o último pedaço, viu um tambor branco com tampa.

-Aquilo é uma lixeira?

-É um biocompostor, dê-me a semente.

Clarence abriu o tambor e jogou ela lá, saíram do pomar, algumas abelhas zanzaram ao redor de Diana.

-Estão farejando o cheiro do pêssego, logo vão desistir.

Ele abriu a porta para ela, era uma casa tipicamente humana.

-Cresceu nesta casa?

-Sim, deixei tudo como mamãe deixava, é como um museu.

Diana estava olhando as fotos dele com os pais, eram

poses de famílias normais, pessoas felizes curtindo os momentos com o filho, havia um álbum em vermelho.

-O que tem no álbum?

-As fotos que mamãe não queria que as outras pessoas vissem.

-Posso ver?

-Pode.

-Oh.

As fotos eram menos normais, Clarence bebê segurando a caminhonete antiga com uma mão enquanto pairava no ar, outras fotos dele levando o pai voando pelo campo de milho, uma foto dos três sobre uma planície branca e o planeta Terra ao fundo como uma bola azul no céu escuro, a cara dele sem jeito com roupa de fazendeiro e pintura no rosto pronto para ir a alguma festa a fantasia, espere, aquela não era uma foto de super, sim, era apenas uma recordação mais íntima dos Carters, aquele álbum não era somente de coisas extraordinárias que o menino fazia, era também dos momentos de maior intimidade deles.

Diana sentiu inveja, apesar de ainda ter os pais, sua infância foi completamente diferente, os poucos momentos íntimos que tinha com a mãe eram nas caçadas ou quando ela a treinava diretamente, tivera sua ama que também havia sido ama de sua mãe, ela era mais próxima de Diana, chamava ela de raio de sol quando Diana estava feliz, apesar dos cabelos negros, diferentes dos dourados da mãe, os cabelos de todos os treze olimpianos eram dourados, apenas a sua geração tinha cabelos de cor normal, fechou o livro, Clarence estava na cozinha, preparava um café.

-Quer uma xícara?

-Adoraria, sinto inveja de você.

-Ué, por quê?

-Teve uma infância humana normal.

-Bem, se jogar o sofá pela janela com um espirro é normal?

-Jogou o sofá pela janela com um espirro?

-Foi aquele ali, meu pai adorava ele, levou mais de uma semana para reformar.

Diana olhou para o móvel, ficava realmente na direção da janela e se Clarence estivesse no corredor que ia para a escada iria arremessar ele diretamente pela janela, riu ao imaginar a cena.

-O que tem lá em cima?

-Os quartos.

Disse terminando de servir as xícaras, Diana ficou vermelha.

-Tudo bem?

-Oh sim.

Experimentou o café, achou um pouco forte mas estava bom de açúcar e leite.

-Não vi vacas, compra o leite?

-É leite de soja, tem alergia?

Perguntou preocupado.

-Não, só que não parece soja.

-É só colocar ele numa centrífuga e separar a isoflavona da lecitina.

-Não entendi mas, tem o gosto de leite animal.

-Vamos ao celeiro.

-Não terminei o café.

-Traga a xícara.

Disse levando a xícara consigo, o celeiro destoava completamente da fazenda, por fora era um celeiro normal mas por dentro era de metal e tinha uma rampa para o subsolo, Clarence a guiou por uma intrincada rede de salas, uma para os recortes de jornal de suas matérias como Clarence Carter, outra para souvenires de seus adversários.

Diana notou que no meio da sala havia uma mesa de xadrez muito requintada com as peças posicionadas como se estivessem no meio de um jogo, Clarence ficou triste e foi até ela, olhou muito tempo para o tabuleiro e deitou o rei preto, voltou para o corredor, Diana olhou para o tabuleiro, devia ser o souvenir de Lars Luthien.

-Aqui eu estou pesquisando a roupa que Hermes me deu.

Um manequim bem menor que Clarence estava vazio, afinal as roupas olimpianas se moldavam a personalidade e ao tamanho de seus usuários, este também era um segredo que Clarence almejava desvendar.

-Esqueci de te devolver a roupa, está no jato.

-Como estão as pesquisas?

-Vão como o programado senhor, não conseguimos replicar todas as características mas temos avançado constantemente.

-Que ótimo, continue.

Diana tinha ficado chocada, era uma mulher ruiva muito bonita, usava um traje semelhante ao de Clarence com capa e tudo, tinha seios grandes, quadril largo e cintura fina, a roupa dela era muito justa e sensual, revelava detalhes de sua anatomia feminina, quase como se usasse apenas uma película fina de lycra. Diana percebeu uma hostilidade partindo da mulher, ela olhava com olhos brilhantes para Clarence e chamejantes de raiva para ela.

-Quem era ela, por que não me apresentou?

-É a Número Três, desculpe, não sabia que queria ser apresentada aos meus trajes.

-É uma roupa, como o Número Dois?

-Sim.

-E você os fez mulheres bonitas?

-Oh, aquilo é coisa da Número Três, ela cismou que precisa demonstrar sua personalidade, a forma normal dos trajes são esferas, eles têm liberdade de escolherem a forma que quiserem, provavelmente a Número Três vai mudar de forma novamente amanhã.

-Os trajes são máquinas?

-Não, são inteligências artificiais, têm autoconsciência, meu povo acreditava que máquinas não são próprias para conviver diretamente com uma sociedade, assim uma IA é considerada como viva e submetida as mesmas leis que nosso

povo, no entanto, ainda nos utilizamos de máquinas para serviços repetitivos que não dependem de consciência.

-Não tiveram problemas com as IAs?

-Oh sim, houve guerra no passado por conta disto.

-Vocês contra as máquinas.

-Não, foi uma guerra civil, muitos eram a favor das IAs, é claro que nem todas as pessoas recebiam a autorização para poder criar uma IA, afinal era como ter a responsabilidade de um pai por um filho, então haviam poucos.

-Meu tio criou diversas criaturas mágicas dotadas de inteligência.

-Ele as programa?

-Bem, não sei exatamente como é o processo, mas acho que ele copia uma mente para o mecanismo.

-Lars era uma das maiores mentes no estudo das inteligências artificiais, por isto nos aproximamos em setenta e cinco, apesar de seus avanços ele ainda estava a séculos de obter algo próximo de uma IA. A humanidade pensa que criar um programa altamente adaptativo é criar uma IA, eles não parecem entender que um programa muito bom em responder a apenas uma única finalidade não é uma inteligência consciente. Lars só entendeu a diferença entre o que ele estava tentando fazer e o que é uma IA, quando eu forneci uma amostra do traje Número Um, a complexidade dele é muito semelhante a um organismo, já joguei xadrez contra a IA de Lars e ela é extremamente previsível, um ser vivo é imprevisível, assim como a Número Três, apesar dela ainda ter muito da programação de Lars.

-Por que?

-Ela é baseada no programa projetado por Lars e utilizado por ele naquele traje que ele usou para lutar comigo no monte Santa Helena, depois dela pronta eu não quis desconectá-la, afinal ela já estava viva, então estou trabalhando a psicologia dela para ser mais independente de sua programação.

-Por que não têm apenas dois?

-Eu pensava desta forma, até enfrentar Lars, eu tive que sacrificar o Número Um para evitar ao máximo ferir ele, por fim não houve jeito, precisei demonstrar a diferença entre nós para que ele pudesse parar de lutar e ainda assim ele queria continuar, mesmo sacrificando mais vidas, então tenho criado eles para aperfeiçoar tanto a si mesmos quanto me auxiliarem a cuidar da humanidade, se não fossem eles eu não poderia ter um segundo de paz para minhas pesquisas científicas e sociais.

-Não teme que eles deixem de fazer o que manda?

-Eu nunca mando eles fazer nada, apenas peço, se eles se recusarem, é um direito deles como seres livres mas, eles entendem que tudo o que fazemos é por algum objetivo importante.

-Estar aqui conversando e passeando comigo é por um motivo importante?

-Talvez um dos mais importantes.

Ela ficou vermelha, não pensava que ele tivesse tanto interesse nela.

-Acha estar comigo importante?

-É claro, depois que coletarmos o seu sangue, poderemos achar uma resposta a uma questão de alta prioridade.

Diana ficou furiosa.

-Seu idiota, só não vou embora porque disse que ajudaria.

-Desculpe, o que eu fiz?

Diana ainda estava brava, tinha vontade de mostrar para aquele titã desmiolado o que pensava do que era importante.

-Se sua cara não fosse tão dura eu te daria um bom soco.

Clarence riu, não pelo que ela disse e sim da lembrança e da sensação de ter sentido um toque humano pela primeira vez na vida.

-Do que está rindo.

Diana estava se acalmando.

-Aquela foi a primeira vez que eu senti alguém me tocar

desde que cheguei aqui, é a terceira melhor coisa que já tinha me acontecido na vida.

-Pensei que era a segunda.

-Oh.

Ele tinha mudado a sua ordem de coisas, afinal o beijo dela tinha ficado empatado ao toque de sua mãe, não podia dizer aquilo pra ela que voltou a ficar brava, entraram em uma sala onde havia uma esfera avariada flutuando.

-Senhor, fico feliz em dizer que a câmara de estase da Número Três tem ajudado muito no processo de minha autorregeneração, estou com oitenta e um por cento de capacidade.

-Que ótimo, como está a análise da amostra.

-Está avançando rapidamente, aplicando o conhecimento obtido pela Número Três na pesquisa da roupa olimpiana, chegamos a conclusão que também podemos replicar a regeneração do material, a Aegis tinha uma taxa de regeneração extremamente alta além de conseguir regenerar os materiais que ela envolvia.

-Vou retirar uma amostra de sangue de Diana no meu laboratório, espero conduzir a pesquisa até que o corpo do Número Cinco esteja concluído.

-Deve demorar mais uma semana, que fará em seguida?

-Deixarei as pesquisas ligadas ao DNA olimpiano com o Número Dois e passarei a vestir o Número Cinco.

-Vai trocar o uniforme?

-Não Diana, apenas o traje.

-Não entendi.

-Eles são todos IAs, estão interligados e conectados em todo o tempo, vestir um ou o outro não é relevante para eles, apesar de que, eu acho que eles devem ter alguma disputa interna por serem mais prestativos ou mais eficientes. Eu pensei que não ia voltar da luta com a Aegis, então a missão seria só de ida, com a exceção da Número Três, todos quiseram ir comigo para não voltar, a Número Três não pôde escolher ir pois estava agindo no meu lugar no resgate de um

desabamento. Consegui deixar uma parte do Número Dois para trás e levei uma parte dos números um e quatro para reforçarem o Número Dois, por isto conseguimos voltar.

-Achava mesmo que poderia não voltar?

-Sempre tem o risco de não voltar de uma missão.

Diana tinha acompanhado ele a um laboratório semelhante aos demais.

-Como vai tirar o meu sangue?

-Pensei em usar um extrator como eu uso comigo mas acho que no seu caso, será necessário apenas uma lanceta de diamante.

Diana estendeu o dedo indicador e Clarence pegou ele com delicadeza e firmeza, limpou a região, picou a ponta com a lanceta e uma gota surgiu sobre a pele, pegou uma pipeta e recolheu o sangue, limpou a região novamente e espirrou um borrifador sobre a área.

-Será suficiente?

-Sim.

Disse colocando o sangue da pipeta em um instrumento eletrônico. Logo um holograma de uma estrutura genética se formou na tela horizontal sobre a bancada.

-Oh, que curioso.

-O quê?

Clarence fez alguns movimentos sobre uma placa e logo outra estrutura foi projetada.

-Não entendo.

-Esta é a estrutura do seu DNA e esta é a do meu.

-São muito diferentes, não é um titã então?

-Pelo contrário, tivemos um antepassado comum, veja, você tem tripla hélice e eu também, a diferença é que existe uma dupla hélice implantada junto a minha, ou seja, a dupla hélice sobrescreve dois terços do meu DNA, de modo que eu mudei do meu povo para humano, vou colocar outra projeção.

Clarence voltou a fazer movimentos com os dedos na placa e surgiu mais uma estrutura de DNA muito semelhante à de Diana.

-De quem é esta, é mais parecida a minha.

-É a minha sem as partes sobrescritas.

-Oh.

Diana olhava para as duas estruturas tão similares.

-Como isto é possível?

-Não sei Diana, alguns de nosso povo acreditavam que éramos descendentes de uma raça exploradora muito antiga, não era uma teoria muito difundida mas nós não tínhamos uma história evolucionária, como aqui na Terra, com idade da pedra, do bronze, assim por diante, nossa história é dividida em antes da expansão, expansão e pós expansão, antes da expansão já existiam tecnologias tão avançadas como nos últimos dias, só não haviam relatos históricos e como a memória hereditária só surgiu no período pós expansão, muito deve ter se perdido, afinal deve ser um período de cerca de duzentos mil anos.

-Anos terrestres ou anos do seu mundo.

-Oh, anos terrestres, meu mundo levava mais de cento e vinte anos terrestres para completar uma volta no sol.

-Então teria menos que um ano ainda?

-Na verdade eu ainda seria adolescente, só se é considerado adulto quando se completa o primeiro ano de vida, a partir daí é que se pode desenvolver atividades sociais, estudar ciências por conta própria, etc.

-É quase a mesma coisa conosco, somente depois dos cem anos é que passei a ser admitida como moradora de Olimpo, acho que eles esperam este tempo para ver se você é um mortal ou um deus.

-Como devemos ter um ancestral comum, pode ser algo relacionado a cultura destes ancestrais, cujas tradições ainda seguimos sem entender o porquê.

Clarence levou Diana novamente para a fazenda.

-É um contraste muito grande, sair lá de baixo para cá.

-Espero que seja de forma positiva.

-Foi esclarecedor.

-Não entendi.

-Tudo bem, deixa pra lá, quer uma carona para New

York?

-Tenho de permanecer aqui mais uns dias antes de voltar para a rotina do dia a dia, a morte de Lars ainda está muito recente e apesar do que diziam, pra mim ele era um amigo, foi uma das pessoas mais próximas que eu tive além de meus pais.

-E eu?

-O quê que tem?

-Não somos amigos?

-Acho que sim, nunca pude trazer Lars aqui, então nisto, você já o superou, só que eu podia conversar com ele sobre os problemas de ser herói.

-Você também conversou comigo sobre isto.

-Desculpe ter desabafado com você aquele dia na praia, estive muito frustrado por causa dos problemas políticos e acabei descarregando em você.

-É bom ouvir você, ver o que passa e pensa ajuda a entender um pouco do que se passa comigo.

-Oh.

Os dois tinham se aproximado enquanto falavam e estavam tão perto que podiam se tocar, Clarence ficou vermelho e deu um passo para trás.

-Certo, só peço que mantenha este lugar em segredo, apesar de eu não saber como Mercúrio entrou aqui e levou a roupa presenteada por Hermes sem que a segurança o pegasse.

-Patrono dos ladrões é por uma boa razão, apesar dele não desafiar outros deuses ou irritar o pai.

-Ainda não sabemos como a Aegis foi levada, ele poderia fazer aquilo com facilidade.

-Ele não seria louco, Aletheia veria através dele como se fosse transparente e Zeus o prenderia em alguma câmara de tortura particular para dar uma lição inesquecível nele.

-Ele é tão terrível assim?

-Meu avô é muito duro, teve de lutar com o pai por manter os irmãos presos, somente por meio de magia e alquimia conseguiu libertar os irmãos dando início a primeira

guerra olimpiana.

-Cronos realmente engoliu os filhos?

-É uma metáfora para aprisionar em um lugar de tormento, ele os prendeu no Tártaro, antigamente somente Cronos, o mais poderoso dos titãs, podia abrir o lugar e depois, somente Zeus pode abri-lo, só o mais poderoso dos deuses tem o poder para abrir aquele lugar.

-É um tipo de teste de liderança?

-Parece que sim, nem Tartarus consegue abrir a prisão que ele vigia.

-Hades pode enviar pessoas para lá.

-É a parte onde fica os mortos, a parte dos vivos é diferente.

Chegaram a saída exterior.

-Acho que deveria aceitar que o Número Dois te cobrisse.

Ela abraçou Clarence se aconchegando nele que ficou vermelho e surpreso.

-Não precisa, se você me levar.

Ele encostou a mão ao ombro dela, seguiram caminhando pela neve fresca que já cobria a entrada, no jato ela abriu uma espécie de porta malas, retirou um embrulho e entregou ao seu campeão.

-Até mais Clarence.

-Até.

Ela estava enrolando para ir embora e ele não sabia mais o que dizer, decidiu tentar alguma coisa.

-Diana, poderíamos jantar alguma hora destas.

-Oh, claro, quando?

-Não sei ao certo mas assim que eu voltar a New York eu ligo pra gente marcar.

-Tudo bem, vou ficar esperando.

Ela tinha se animado, entrou no caça.

-Que modelo que é esse avião, eu não consigo ver ele, apenas detecto sua presença.

-Não sei, foi meu tio Hefesto que fez, então só ele sabe

qual modelo que é.

-Oh.

Ela acenou, fechou o canopi e partiu, ele sorriu, talvez tivesse marcado um encontro, voltou para sua base secreta, girou muito rápido atraindo neve que recobriu a entrada de visita, voou e passou pela entrada normal, desceu direto para o celeiro e foi até o manequim onde colocou o traje de Hermes.

-Preciso me desculpar por não ter evitado o roubo, senhor.

-Foi inevitável Número Três, Mercúrio é mais rápido que eu e seus movimentos não afetam o ambiente, então, ele é imparável.

Clarence percebeu que a IA estava morena e de olhos azuis, balançou a cabeça e suspirou.

-Continue sua pesquisa, se precisar de mim estarei analisando o DNA olimpiano.

-Sim senhor.

-15-

Clarence teve de rever todas as gravações do Número Quatro para se inteirar do que estava acontecendo na redação do planeta diário, Louise ficou maluca com o que aconteceu na Grécia, ninguém chegou a tempo de fazer uma foto sequer.

A Número Três tinha evitado até mesmo falar com Louise, era realmente muito emotiva, não podia interagir de modo sutil ou disfarçado, ainda mais com mulheres que eram próximas a ele, tinha simplesmente ignorado ela no meio dos outros repórteres e respondera a uma pergunta de Clarence/Quatro mas, de Louise simplesmente se limitou a olhar com desprezo.

-Clarence, acho que vamos ter que chamar a atenção do Homem de Aço novamente.

-Eu quase fui pra cadeia e já tenho aquilo na minha ficha, desta vez não conte comigo, se cair com o mesmo juiz então é certeza que vou passar três meses em uma prisão

municipal.

-Mas como vamos poder entrevistar ele? Ainda mais com a cara que ele tem feito nas entrevistas.

-Posso tentar ir a Washington entrevistar a heroína que o acompanhou na batalha, ela deve ter visto as coisas de um ângulo melhor, quanto ao outro herói vermelho dizem que é britânico só que não sabemos nada além de ter uma aparência demoníaca.

-Se ajudou o Homem de Aço, é por que deve estar do nosso lado, acho que seria bom entrevistar a Mulher Poderosa, ela pode ter mais informações sobre o fim de Lars Luthien também, como vamos fazer para contatar ela?

-Eu vou tentar achar ela, vou usar uns contatos.

-Você e seus contatos.

-Segredos do ofício Louise.

Clarence precisava ir a Washington, ligou para Diana.

-Diana?

-Oi, pensei que tinha esquecido do nosso jantar.

-Esperava ir antes mas aqui as coisas ficaram muito complicadas, sabe me dizer como eu, como repórter posso tentar uma entrevista com a Mulher Poderosa?

-Quer me entrevistar?

-Preciso tornar público o que aconteceu e pensei que seria melhor ver as coisas do seu ponto de vista.

-Oh, vai vir como Clarence?

-Vou como eu mesmo, sempre fui eu mesmo, o resto é coisa dos outros, só que vou usando um traje formal.

-Entre em contato com Smith na CIA e peça para ele te colocar em contato com a agente Preacher, ela é a ligação com a Mulher Poderosa, acha que poderia fazer um traje pra mim também, seria bom poder tirar uma folga das questões políticas as vezes.

-Acho que ele não teria autonomia para lidar com isto, ele seria mais útil ajudando no campo.

-Já seria uma ajuda.

-Teria que treinar novamente do zero com ele, não

poderia se mover rápido demais para não perturbar o ambiente, também terá de se conter nos movimentos para não...

-Melhor deixar pra lá, quando vai vir para Washington senhor Clarence repórter?

-Pensei em ir na sexta para me encontrar com a senhorita Preacher e marcar a entrevista com a Mulher Poderosa.

-Quer tentar usar seu charme na pobre funcionária do governo para poder chegar no peixe grande?

-Não pensei desta maneira mas acho que estou mais ciente de minhas limitações que de outra forma.

-É mesmo um bobo.

Ela desligou, ligou para o escritório de Washington da CIA e pediu para falar com o agente Smith, depois de passar por vários intermediários e se identificar diversas vezes e explicar o mesmo tanto de vezes que estava querendo informações sobre o incidente na Grécia, ele pode ouvir a voz do homem arrogante, sarcástico e pouco cooperativo.

-Senhor Carter, muitos passeios com os heróis?

-Não ultimamente senhor Smith, soube por fontes seguras que a agente Nadine Preacher é a ligação do governo com a heroína Mulher Poderosa, recentemente o Homem de Aço esteve em um programa de tevê depois do discurso dele na ONU, para qualquer analista ficou claro que o discurso foi tanto político quanto relacionado a sua preocupação com a fome e a miséria, gostaria de entrevistar a agente Preacher e depois, se possível, a Mulher Poderosa, ela parece mais alinhada com os ideais governistas então, saber isto diretamente dela seria ótimo, acho que aliviaria a tensão que tem se formado entre o Homem de Aço e Washington.

-Senhor Carter, acredito que essa coisa de tensão entre Washington e o Homem de Aço não tem fundamento...

-Mas o presidente tem interferido nas ações do Homem de Aço em território estrangeiro, se por medo dele buscar residência em outro lugar, ou por evitar problemas diplomáticos eu não sei, porque não existe um assessor dele

para contactarmos, uma entrevista com uma amiga ou companheira de causa, poderia também diminuir esta tensão.

Smith não respondeu imediatamente, pelo tempo para resposta parecia refletir nos prós de ter Diana dizendo para o mundo o que o Homem de Aço pensava da administração e de sua lealdade aos ideais americanos.

-Vamos pôr o senhor em contato com a agente Preacher, ela decidirá se poderá entrevistar a Mulher Poderosa.

-Obrigado, ela entrará em contato por telefone?

-Sim, provavelmente amanhã.

-Obrigado agente Smith.

-Poderemos precisar de algo em troca em um futuro próximo senhor Carter, então fica me devendo.

-Oh, sim, eu acho.

Agora era só esperar Diana ligar e marcarem oficialmente as coisas para sexta, preocupou-se como iria vestido, tinha deixado sempre a seleção de roupas por conta do traje, o Número Um tinha sido mais sóbrio optando por tons escuros, o Número Dois era mais flexível usando coisas da moda, a Número Três era mais extravagante, teve que usar um terno vermelho certa vez e ficou embaraçado pelos olhares de reprovação.

-Número Dois, poderia fazer uma pesquisa sobre tendências da moda e selecionar cinco opções mais adequadas para eu usar em uma reunião informal.

-Não seria um encontro?

-Acho que uma reunião é mais apropriado, afinal Diana terá de vir como agente Preacher e não acho que ela usaria um vestido de noite.

-Farei uma seleção de smokings, senhor, para o caso de serem necessários.

-Tudo bem.

-Então?

Disse a sua colega olhando por cima da divisória do seu cubículo.

-O que Louise?

-Conseguiu alguma coisa?

-Ainda não sei, nos próximos dias receberei a resposta sobre se precisarei fazer as malas para Washington.

-Está com cara de que já sabe de algo e está escondendo só pra fazer suspense.

-Credo Louise, até parece que me conhece tanto assim.

Louise conhecia aquele grandalhão desajeitado muito bem, tinha visto ele levar alimentos para alguns moradores de rua, tratar todas as pessoas que faziam parte de sua rotina pelo nome e receber também o carinho delas.

Ele nunca aparecia na tevê ou em fotografias do jornal, deixando sempre a parte de aparecer para ela mas, todos sabiam quem ele era, nas semanas seguintes ao passeio dele com o Homem de Aço ele foi parado diversas vezes por pessoas comuns para perguntarem algo sobre o herói.

Era sempre cortês e amável até com aquelas pessoas que estavam aborrecidas com ele, então ela conhecia muito bem o colega, se ele não fosse tão desajeitado ela poderia se apaixonar por ele, não era um Homem de Aço mas estava dentro de seu alcance.

-Você é uma pessoa tão simples Clarence que no máximo deve ter apenas uma camada e bem fina, quem conversa com você cinco minutos vai saber tudo que tem para saber de você.

-Louise?

-Sotaque do Kansas, deve ter um pé de tomate em um vaso na sacada por ser filho de fazendeiros, escreveu no jornal da escola, depois no jornal da cidade onde morava, por fim acabou aqui para tentar a sorte em um jornal grande, começou fazendo matérias pequenas e daí passou para variedades, encontrou uma repórter de sucesso que precisava de alguém grande e forte para carregar o equipamento e colou nela para alavancar a carreira.

Clarence riu, tinha achado a análise de Louise muito precisa, dentro dos padrões dela.

-Minha nossa, você me lê como se eu fosse um livro

aberto.

-Sei que está sendo sarcástico.

Ele ficou sério, desta vez ela acertara mesmo ele sendo sutil.

Pegou o tomate do pacote dele de lanche e saiu comendo.

-Ei, meu tomate.

-Não sei como consegue tomates tão grandes em vasos.

-É só usar um vaso grande.

-Bobo.

-*-

-Diário global, Clarence Carter, bom dia, Diana, desculpe, agente Preacher, sim, sexta, oito, excelente, desculpe, estou em dúvida sobre a roupa, será social, smoking, sim, claro, oh, estou ansioso, desculpe, também, que bom, até sexta.

-Quem era?

Clarence levou um sobressalto que a muito custo o traje Número Dois conteve, o pico de energia foi tamanho que chegou a danificar alguns percentuais.

-Oh, Johnnie, que susto.

-Minha nossa Clarence, eu nunca vi você se assustar desse jeito, quem era ela, é bonita?

-Johnnie, vai cuidar de suas fotos.

-Oh, meu, deus, Clarence você está interessado nela.

-De onde tirou isto Johnnie, é só uma fonte, acho que só não vai ser um Pulitzer porque o Harry Ross entrevistou o Homem de Aço e teve a maior audiência da história desde o nascimento de Jimmy.

-Como assim vai ter um Pulitzer?

-Louise o Clarence está...

-Não vai ser um Pulitzer porque o Harry entrevistou o Homem de Aço, não adianta ficarem agitados, então dá um tempo Louise, Johnnie venha cá.

Clarence pegou Johnnie pelo pescoço e arrastou ele

consigo.

-Johnnie, dá um tempo, se eu conseguir entrevistar a Mulher Poderosa, você vai fazer as fotos então, fecha o bico.

-Oh, pode deixar Clarence, trato feito.

Apertaram-se as mãos e Johnnie voltou para a sua mesa massageando o pescoço.

-O que os dois andaram fofocando.

-Nada Louise.

Disse o repórter mais jovem que era estagiário e seguia os dois pra todos os lugares, era novaiorquino de nascimento e conseguiu convencer Louise a aceitar ele como estagiário mesmo que nunca tenha estudado jornalismo ou fotografia, era um fan do Homem de Aço.

Havia aprendido a fotografar seguindo ocorrências e pegando poses improváveis do herói como a foto que garantiu o Pulitzer dele e da Louise, uma criança com os braços estendidos para o Homem de Aço que estava prestes a recolhê-la no colo para resgatá-la, Johnnie olhou para Clarence, ele devia ter desistido de correr atrás da Louise.

Ela só tinha olhos para o herói, Johnnie não podia repreendê-la, se fosse uma garota ficaria louca pelo alienígena, apesar de não querer admitir, seus sentimentos sobre ele eram confusos também, balançou a cabeça e se pôs a avaliar os negativos do filme que ele tinha feito ontem, procurava uma boa foto do seu ídolo.

-16-

-Diana, está linda.

-Nadine.

-Oh, desculpe.

-Acho que exagerei.

Clarence estava com os olhos brilhando, apesar de estar disfarçado pareceu que ele agradava ela também.

-Sei que é você mas mesmo disfarçado, ficou bonito com este smoking.

Ela estava sentada ao balcão do bar do restaurante aguardando por ele, só dera o endereço a apenas meia hora e ele teve de vir de táxi para não chamar a atenção.

-Oh, deve ser estranho me ver tão diferente.

-Não está tão diferente assim, o maior diferencial é estes óculos.

Ela retirou os óculos dele.

-E a altura.

-Como Clarence fico mais gordo também.

-Ainda é mais magro que meu pai.

-Oh, é mesmo?

-Em Asgard não são tão delicados como no Olimpo.

O maître levou eles a uma mesa e lhes entregou o cardápio, escolheram suas refeições e o homem partiu. Clarence olhou em volta.

-Não precisa se preocupar, estamos seguros, quase todas as mesas estão ocupadas por agentes da CIA.

-Oh.

-Eles são meio paranoicos.

-Então eles estão ouvindo nossa conversa?

-Sim, tive que contar pro Smith quem você era.

-Diana, por que fez isto?

-Nadine Clarence, nós somos como o serviço secreto, acha que não tem alguém investigando você Clarence e Kahrlahn a muito tempo.

-Quem mais eles têm na lista deles de heróis?

-Devem haver vários, Chicago, Detroit, New Orleans, Hawaii, etc…

-Tem heróis nestas cidades?

-Deve ter.

-Não banque a agente secreta comigo, depois de ter contado pra eles sobre mim.

Clarence estava magoado, tinha esperado que o encontro fosse diferente mas parece que nunca se podia deixar de ser herói.

-Não fique chateado, só não quero falar coisas de heróis

esta noite, quero que aproveitemos.

-Oh.

Ela também não queria falar daquilo e foi ele que tinha começado.

-Desculpe, é um pouco difícil, afinal é a primeira vez que eu saio com alguém.

-Oh, primeira vez?

-Sim.

Disse ficando envergonhado.

-Nunca chamou nenhuma garota para sair?

-Bem, chamei uma vez.

-Ela não aceitou?

-Aceitou mas, acabei não indo.

-Por quê?

-Porque eu gostava dela e pareceu que ela também gostava de mim, então eu não sabia o que fazer se ela quisesse me beijar.

-Era só beijar ela.

-Nadine, eu não poderia, acabaria ferindo ela, mesmo o meu traje mais poderoso não pode conter ou transmitir toda a sensação e se por um instante, eu me deixasse levar, o resultado seria trágico.

-Eu esqueci como é poderoso, acho que eu não iria querer isto.

-Tem gente que diz que sonha em ser como eu, eu entendo mas, mesmo tendo me aceitado, é difícil ver todas as pessoas se tocando, mesmo no metrô, muitos acham incômodo quando acabam se esbarrando mas, aquilo é viver em sociedade, o contato é a coisa mais importante, os inimigos, mesmo os que mais se odeiam, mudam de percepção quando apertam as mãos e conversam sobre coisas banais da vida deles.

-Você é como os filósofos antigos, sinto falta da filosofia clássica, hoje está tudo virando do avesso, cada filósofo tenta inovar para ter seu nome exaltado, eles pervertem até a própria origem da filosofia que é o ser em sociedade e

focam no ser para si mesmo ou ser para autossatisfação.

-Acho que, se lê-se a filosofia de meu povo ficaria encantada, apesar de que muito dela se perderia por não haver palavras compatíveis com os significados.

-E Kahrlahn, significa o que?

-No meu povo sempre se usa o nome e o nome de família juntos, Lahn é nossa família, não tem uma tradução específica, é uma mistura de várias palavras, todos atributos para soldados, une ferocidade, companheirismo, honra, misericórdia, tem mais uma série de palavras.

-Puxa, que interessante, então se alguém chamar alguém de Lahn está elogiando a pessoa?

-É, é isto mesmo, entendeu bem.

-E Kahr?

Clarence ficou vermelho, sentiu-se embaraçado pelo significado de seu nome.

-Tem vergonha de seu nome?

-É que na minha língua é um nome feminino, pelo menos que eu saiba nunca houve um homem com o nome de Kahrl.

Diana riu.

-Deixe de ser bobo, fale logo.

-Kahrl é a palavra mais antiga para esperança, no sentido de última esperança.

-Oh.

Diana sentiu um nó na garganta, ver todo aquele poder sendo dosado por toda aquela sensibilidade era algo difícil de conciliar, ainda mais porque ele apesar de estar sem óculos estava diferente, seu rosto era diferente.

Tinha sentido algo pelo Homem de Aço mas, sentia algo também por ele nessa forma, parecia que era mais fácil aceitar ele ser meigo sendo mais humano, só que a confundia, a comida estava demorando um pouco e ela estendeu a mão sobre a mesa e pegou a mão dele e apertou.

Clarence ficou surpreso, tinha ficado triste depois de recordar as implicações de seu nome, era o último

representante de uma raça tão orgulhosa e poderosa, só que ele falhava miseravelmente naquilo que era trivial para os seres humanos.

Sabia que podia encontrar uma voluntária para ceder um óvulo e produzir descendentes como se havia feito por milênios em seu mundo mas, seu pai tinha impresso em suas memórias que ele não estava feliz com os rumos que a sua sociedade havia tomado, sua esposa não suportava a ideia de intimidade, os dois nunca seguraram as mãos, um do outro.

Ele havia ficado muito surpreso e grato por ela ter tocado o rostinho do filho deles com carinho quando ele nasceu, mesmo não voltando a fazê-lo depois, demonstrou que havia salvação para seu povo, seu pai achava que aquela rigidez da sociedade deles é que tinha destruído aquele povo tão poderoso, por isto havia escolhido ficar para trás, com intuito de sepultar a frieza de uma raça ridícula que achava repugnante o contato físico.

-Clarence?

-Desculpe.

Ele estava com os olhos molhados, o jantar começou a ser servido, comeram em silêncio, Clarence percebeu que Diana estava acostumada a jantares sociais e ele também seguiu os protocolos, quando a sobremesa foi servida o garçom se retirou.

-Odeio esta pompa, foi o escritório que escolheu este restaurante, prefiro comer em Asgard que em Olimpo.

Disse ela relaxando os ombros na cadeira.

-Fale de Asgard.

-Apesar de ser mais divertida, é muito parecido com Olimpo, em vez de ficarem jogando, ficam lutando, em vez de música de harpas com melodias doces e letras melosas, são canções de guerra e caça entoadas durante os banquetes, em vez de um palácio de pedra branca é uma taverna gigante de madeira com muita carne de caça e hidromel.

-Oh, parece muito diferente.

-É realmente divertido, ainda mais quando ocorrem

brigas entre os bêbados mas, no fundo é igual, ficam falando de feitos do passado, lembro que disse que nós ficávamos escondidos do mundo.

-Desculpe.

-Não, acho que tem razão, se Seymor não tivesse entrado por acidente em Olimpo, eu ainda estaria lá como uma idiota me achando superior e só olhando o mundo se destruir.

-Seymor, o seu amigo?

-Clarence, Seymor Allison foi mais que um amigo, fomos casados.

-Oh.

-Ele era um aviador, durante uma batalha o avião dele ficou sem instrumentos e uma tempestade forçou ele a subir, a única referência que tinha era o cume do monte Olimpo, tentou se aproximar para poder se localizar e colidiu com o portal de Hefesto, quando eu o resgatei ele já estava dois dias nos destroços, preso no portal, tivemos que cuidar de seus ferimentos e eu me apaixonei por ele, foi um mês incrível.

Clarence manteve-se em silêncio, se ela decidira contar aquilo, era por que tinha interesse que ele soubesse de tudo sobre ela, aquilo era animador, significava que ela pensava nele de modo mais íntimo que apenas um colega, talvez mais que um amigo.

-A princípio eu pensava nele como um bicho de estimação, eu era uma deusa e ele um mortal, só que o espírito dele era de um guerreiro e mesmo como algo impossível, me apaixonei por ele, quando meu tio concertou o aparelho, me convidou para voar com ele, foi um pouco frustrante mas a alegria dele em voar aquela máquina era cativante, quando tivemos de nos despedir ele pediu que eu fosse com ele, acabei indo.

Ela tinha estado feliz ao lembrar mas a felicidade mudou em tristeza.

-Eu vi o horror que ele enfrentava, a miséria e as mortes sem sentido da primeira guerra, como seu avião havia sido concertado por meu tio, ele ficara melhor preparado e logo ele

passou a lutar quase sem descanso, eu não podia fazer nada, pois não podemos interferir com os humanos usando nossos poderes então, fiz a única coisa que uma mulher podia fazer nas guerras, fui ser enfermeira, nunca vou esquecer do que eu vi, os humanos tão frágeis lutando entre si, poucos tinham objetivos nobres como Seymor mas, todos tinham convicção que quem causava dor aos civis eram os vilões, Seymor mais que a maioria lutava pelos ideais americanos por ter nascido e passado a infância aqui na América, mesmo tendo voltado para a Inglaterra com os pais, que eram britânicos.

Ela parecia orgulhosa do piloto.

-Logo acabamos casando, tinha de ter um nome humano para casar e durante a cerimônia ficamos sem saber o que fazer diante do capelão, afinal eu não tinha sobrenome, só um título, era Diana de Éfeso ou Diana filha de Ártemis mas ali era só Diana, o capelão disse que poderia registrar um nome temporário e que depois eu poderia buscar documentação, perguntei qual a profissão mais honrosa no mundo, levar a palavra de deus, pregador disse ele, então escolhi aquele sobrenome, Nadine Preacher, virei no mesmo momento Nadine Allison.

Ela pareceu lembrar de algo distante, sendo saudosista lembrando de feitos passados.

-Tínhamos um quarto e cozinha perto da base dele na Itália, aprendi a viver como uma mortal, depois de muitas missões ele acabou abatido, quase morri de preocupação, estive a ponto de me lançar no território inimigo para encontrá-lo várias vezes, quando voltou para casa depois de um mês, fiquei muito aliviada e feliz, até ali eu ainda era tola e não queria me envolver na guerra dos humanos para não sofrer punições, depois daquilo eu não me importava mais com as regras de Olimpo, tivemos uma filha, ela nasceu em dezessete, era linda, depois do nascimento dela eu voltei a Olimpo e pedi para ser banida, somente assim eu poderia lutar para ajudar.

Clarence podia ver como ela estava cheia de emoções, não chorava porque eram coisas já a muito resolvidas, isto não

a impedia de falar olhando para a xícara de café que havia sido servida.

-Minha mãe ficou furiosa, mesmo tendo conhecido minha filha, ela não podia aceitar ela ser filha de um mortal, dizia que eu deveria ser a deusa da caça devotada a virgindade e castidade como ela havia sido, não quis provocá-la mas ela tinha cedido a meu pai por ele ser um caçador, e eu cedi a Seymor por ele ser um caçador, só que nos céus e um guerreiro, meu avô ficou desapontado e retirou todos os meus direitos de olimpiana e me sentenciou a somente retomar meus direitos se fizesse algo digno de sua atenção, ou seja, praticamente nunca poderia voltar a entrar em Olimpo mas…

Diana pareceu crescer, sentia orgulho de si mesma por ter deixado seu status de deusa para encarar o mundo real, o mundo mortal.

-Eu tinha o que precisava, meu amor e minha filha, lutei durante o último ano da guerra, somente em missões que fossem impossíveis para humanos, fiquei famosa entre os soldados como a guerreira amazona, por ser grega, Seymor começou a me chamar de Mulher Poderosa e o apelido pegou, minha filha se chama Patrícia May Allison.

Clarence não pode evitar interromper, afinal ele estivera em Olimpo e ninguém pareceu a tratar com familiaridade materna.

-Não a vi em Olimpo?

-Oh, não, ela é mortal, tem sessenta e cinco anos, tenho dois netos e cinco bisnetos, vários tataranetos.

-E Seymor?

Ela se entristeceu.

-Lutamos juntos na segunda guerra, só que o câncer o pegou, ele fumava demais, eu não pude vencer aquele inimigo então, fiquei assistindo ele morrer, em quarenta e sete, mesmo tendo recebido tratamento olimpiano, ele não evita doenças adquiridas depois, apenas da energia e atrasa o envelhecimento em humanos.

-E em titãs?

-Oh, é mesmo Apolo lhe deu uma ambrosia, acho que o efeito será muito mais duradouro, talvez vários séculos.

-Terei mais tempo para cuidar da humanidade.

Disse entre desapontado e contente.

-Mantém contato com sua filha?

-Sim, a visito em Albuquerque sempre que posso.

-Ainda ama Seymor?

-É claro, só que ele está nos campos Elísios e eu nunca poderei entrar lá, então é um consolo poder ver ele feliz.

-Dizem que não é muito delicado perguntar para uma mulher a sua idade mas, desculpe a curiosidade.

-Mais de dois mil e duzentos anos, eu posso dizer.

-E só casou uma vez?

-Sim, por quê?

-Esteve sozinha todo este tempo?

-Por quê? Uma mulher não pode ser uma caçadora virgem?

-Não é isto, é que, sei lá, eu entendo, só que você é muito bonita e a menos que todos seja cegos, alguém pode ter, sabe, te interessado.

-Já viu como são meus primos, talvez se eu fosse adolescente antes de ir para Olimpo, eu pudesse ter me apaixonado por algum daqueles idiotas mas, minha mãe me deixou aos cuidados da minha ama e ela era muito rígida.

Terminaram o café e se levantaram para sair, ele a ajudou com o casaco.

-Fiquei em dúvida de como te chamar agora, senhorita Preacher ou senhora Allison.

-Sou apenas Diana, é como Clarence, Nadine é como Kahrlahn, é para que os outros vejam mas aqui é apenas Clarence.

Disse tocando ele no coração, estava um pouco afastado do lugar mas entendeu que ela se baseava no seu disfarce, ela tinha feito força e pode sentir ela, seu coração bateu mais rápido e agitado. Ela moveu a mão mais para cima.

-Oh, sinto seu coração, está acelerado.

Ele ficou vermelho, chegaram a porta do restaurante.

-Então Nadine, quando será a entrevista com a Mulher Poderosa?

-Acho que na sexta que vem.

-Oh, será perfeito.

Ela elevou a mão e sentiu ele por baixo da camuflagem, puxou o pescoço dele para beijá-lo, Clarence liberou sua boca do traje apesar de ainda ter medo de machucá-la, ela o beijou com força e depois com mais força ainda, ele foi lentamente aumentando a sua pressão nos lábios dela até que achou que era o suficiente, ela o agarrou puxando para si, sentiu o corpo dela se apertando a ele.

Ela estava danificando seu traje de tanta pressão que fazia sobre ele, não pode evitar ter uma ereção, o táxi chegou e o porteiro estava esperando com a porta aberta para a dama entrar, ela se afastou dele olhou para seu quadril, ele ficou envergonhado, ela devia ter sentido sua ereção.

-Desculpe.

Ela entregou dinheiro para o porteiro e dispensou o táxi, pegou a mão de Clarence e o puxou pela calçada até um beco.

-Onde vamos?

-Ao meu apartamento.

-Oh.

Ela elevou-se do chão e ele a acompanhou.

-Número Dois, reporte.

-Noventa e dois por cento senhor.

-Desculpe, não podia liberar você senão ficaria nu, envolva Diana em uma película para nos camuflar.

-Sim senhor.

-Oh, estamos invisíveis?

-Sim, só por segurança.

Ela o guiou até uma cobertura perto do capitólio, voltaram a ficar visíveis e ele não estava mais usando a distorção, apesar de ainda trajar o smoking, aquilo confundiu Diana.

-É estranho, você parece mais meigo e doce com a

distorção, mesmo eu sabendo que você é deste jeito.

-Desculpe.

-Venha.

Puxou ele para dentro, da sala foram para o quarto.

-Diana, eu, eu não sei se isso vai dar certo.

-Vamos com calma.

-Tenho medo.

-Oh, medo de me machucar.

-Não só disto, eu, eu nunca estive com ninguém.

-Tire seu traje.

-Não posso.

-Oras, por quê?

-Meu coração bateria tão alto que acordaria todo o quarteirão e o ruído de baixa frequência destruiria o prédio.

-Você é complicado.

-Sinto muito.

Ele estava triste.

-Acho que devemos desistir.

-Não mesmo.

Ela começou a se despir, ficou somente de lingerie, seu traje ficou transparente simulando apenas uma sunga.

-Oh.

Olhou para ele, já o tinha visto nu de perto em Olimpo mas não tinha se importado com os detalhes, definitivamente seu corpo não era de um humano normal, passou a mão por seu peito, tinha todos os músculos numa proporção perfeita, nem Hércules que era um exibido e aficionado por levantar pesos era tão musculoso e ainda assim, não era desprovido de gordura, era no entanto, um homem realmente forte e seus músculos pareciam feitos de mármore como as estátuas que perderam a pintura original deixando elas ainda mais belas.

-Você é pálido, tinha esquecido.

-É por que eu fico todo o tempo com o traje.

Seu corpo mudou para uma cor semelhante ao rosto.

-Não, quero você como é?

O filtro de cor desligou-se, puxou ele para a cama e fez

ele deitar, ficou sobre ele que tinha uma ereção fabulosa, não era anormal, nem grande, nem grosso, devia ter uma polegada acima da média.

-Desculpe.

Ela pôs a mão nos lábios dele, beijou ele liberando toda sua força, queria que aquela noite fosse mágica, e foi, fizeram amor lentamente e ela pensou que ia morrer, porque ele aguentou ela até que caiu quase desmaiando de prazer sobre ele.

Não existiria camisinha no mundo que pudesse contê-lo então sentiu todas as vezes que ele se derramou dentro dela, mesmo com o traje, ela sentiu como o corpo dele era quente, aquilo era enlouquecedor, não era uma mulher experiente, só tinha vivido com seu marido, então não tinha muita base de comparação mas ficou muito satisfeita de ter se arriscado, olhou para ele e se assustou, ele chorava, Clarence cobriu o rosto mas ela tirou a mão dele da frente.

-Que foi?

-Desculpe.

-Clarence, pare de se desculpar.

-Acho que foi um erro.

-O quê, como assim?

Ela levantou-se sobre ele e fitou ele nos olhos, estava ficando furiosa.

-Diana, estou apaixonado por você desde que te conheci, e agora acho que amo, não vou conseguir continuar sendo apenas seu amigo e...

Ela o beijou tão forte que parecia que queria tirar sangue dele, afastou-se olhando para ele sorrindo.

-Não somos mais amigos Clarence, você acabou de fazer amor com uma deusa, não pode fugir da responsabilidade de ser meu consorte, não digo casar e estas coisas mas ficaremos juntos até que um dos dois decida não mais continuar e eu lhe digo, eu não tenho a mínima vontade de deixar você.

-Oh.

As lágrimas dele voltaram a correr, havia encontrado alguém para amar e ser amado, sentia que enfim podia ter uma vida normal.

-17-

-O que você tem?

-Nada.

-Está muito alegrinho, tem alguma coisa?

-Vou entrevistar a Mulher Poderosa na sexta feira que vem, não sei onde mas consegui e ela vai me contar tudo que aconteceu na Grécia e que fim levou Lars Luthien.

-Eu que devia entrevistar ela, mulheres se dão melhor, não quer me deixar participar pelo menos?

-Nem pensar, você tem dois Pulitzers e um junto com Johnnie e eu não tenho nenhum, vai ter que esperar para ler a matéria no jornal.

-Opa, opa, opa, alguém vai ter que tirar fotos.

-Oh, é claro Johnnie.

-Sinto cheiro de prêmio, sinto cheiro de prêmio.

-Os homens são uns cafajestes.

-Também te amo, Louise.

-Nem vem Johnnie.

Ela esperou que Clarence dissesse algo sobre ela mas ele não disse, achou estranho, ele parecia mais afastado dela nos últimos meses, era quase formal com ela já a duas semanas.

-Clarence, estou com fome, vamos tomar um café?

-Oh, desculpe Louise, tenho muito a escrever, afinal tenho de preparar perguntas dignas de uma matéria especial, talvez um encarte.

-Oh, Clarence, sim um encarte com fotos de página inteira, ela é uma beleza, será que ela vai vir com aquela armadura dela de couro?

-Não seja idiota Johnnie.

-Eu posso sonhar, não posso.

Clarence riu para si mesmo, mal podia esperar para

ficar com Diana novamente.

-*-

A semana passou rápido, haviam se falado pelo telefone, Diana esteve ocupada mas ele não, desde que voltara da Grécia não tinha tido motivo para se preocupar, o Número Quatro ajudara em diversos resgates aquele ano, mesmo ainda limitado ao uso controlado de sua velocidade ele tinha chegado a tempo de salvar algumas pessoas em um naufrágio, corrigir a rota de um avião com pane nos motores.

Apesar de frustrado Clarence não se envolveu na guerra das Malvinas e nem na guerra do Líbano, seu pai havia dito para ele não se meter em guerras pois elas eram muito mais complexas que apenas um povo contra outro, haviam muitos interesses políticos e financeiros envolvidos e se ele se metesse acabaria piorando a situação.

Apenas ficava vigiando do espaço, tentou encontrar uma forma de vigiar a área de Diana mas não seria possível, teria que subir mais e poderia atrapalhar os satélites, teria que se contentar em pensar nela e ouvir sua voz.

-Senhor o traje Número Cinco está pronto para ativação.

-Obrigado Número Um, como está o seu status?

-Oitenta e oito por cento.

-Que ótimo, mal posso esperar para fazermos algumas explorações do sistema solar.

-Seria ótimo senhor.

-Senhor?

-Sim Número Dois.

-Por que apenas o Número Um tem capacidade de viagem cósmica?

-Oh, achei que era óbvio?

-Desculpe senhor.

-Tudo bem, quando eu fiz vocês eu tinha necessidades específicas em mente, você é o que tem maior capacidade

científica, pode fazer análises muito mais apuradas que os demais, por isso que sempre estamos juntos no meu laboratório particular, depois de vestir o Número Cinco, você vai assumir todas as questões científicas, a Número Três veio depois de uma grande frustração com uma pessoa que me era muito querida, a primeira pessoa que eu me relacionei sendo eu mesmo, Lars, eu estava triste por não poder tocar as pessoas e também queria manter uma parte da pesquisa dele viva, então eu fiz a Número Três com a maior capacidade de contenção e força possível, só que ela foi além das expectativas e seria difícil para mim interagir de modo sereno com as pessoas, especialmente com Louise, o toque dela apesar de suave era sensível, mesmo não sendo Louise que me tocava e sim a Número Três que amplificava o toque para ser sensível, as vezes ela era inconveniente transmitindo toques para regiões equivocadas e não era apropriado, então tive que deixar ela nas pesquisas, então veio o Número Quatro, ele é o mais equilibrado, muito forte e também muito inteligente, tem grande possibilidade de se tornar meu substituto em caso de falta prolongada ou mesmo morte, ele inclusive tem protocolos para criar outras IAs, dependendo da necessidade.

-E o Número Cinco?

-Ele é o primeiro a incorporar a tecnologia olimpiana para suportar o estresse do movimento, acredito que ele não será tão forte quanto a Número Três, nem tão inteligente quanto você mas vai poder suportar velocidades superiores à da luz, talvez infinitas, se a tecnologia se provar realmente um sucesso o traje número seis só será feito quando a tecnologia de não interferência no ambiente for desvendada, consegui esclarecer.

-Sim senhor, era o que eu tinha idealizado, apenas é confuso a ideia de ser substituído novamente.

-Não vai ser substituído Número Dois, você é insubstituível, um pai não pode substituir um filho.

-Oh, obrigado senhor.

-Sinto que tenha pensado que não era importante para

mim.

-Oh, sabia que era importante mas, foi só uma confusão momentânea.

Clarence voou invisível até sua base, foi direto para o laboratório do Número Um, havia outra esfera junto dele, era maior.

-Houve algum problema na produção?

-Não senhor, é apenas o resultado do uso do material da Número Três, ele tem um volume molecular maior.

-Oh, interessante, vamos instalar o programa que desenvolvi.

A instalação foi um sucesso.

-Acorde Número Cinco.

-Olá senhor.

-Não precisa me chamar de senhor.

-Acho que é mais adequado, afinal o senhor é o meu criador.

-Tudo bem, faça uma autoavaliação.

-Todas as funções no vermelho.

-Ótimo, vamos para a câmara de estase, quero fazer um teste.

O traje seguiu flutuando junto de Clarence.

-Número Dois, deixe-me, e fique monitorando a câmara, caso haja algum dano.

-Sim senhor.

Clarence entrou nu, seguido do cinco.

-Número Cinco faça um escaneamento completo de minhas dimensões e depois copie a minha forma.

-Sim senhor.

O traje assumiu a forma de Clarence nu.

-Número Dois, faça uma análise detalhada da cópia realizada pelo Número Cinco.

-Noventa e nove vírgula noventa e nove por cento senhor.

-Ótimo, Número Cinco renderize o uniforme de Homem de Aço.

A capa vermelha se desenrolou e o uniforme azul e vermelho surgiu, só que havia um Número Cinco em vermelho no peito.

-O quê?

Clarence ficou surpreso, um número ocupando a maior parte do peito do traje, andou ao redor do traje e havia um número também na capa.

-Número Cinco, por que alterou a renderização?

-Estou feliz de ser o Número Cinco senhor, acredito que deveria ostentar meu nome pois tenho orgulho dele.

-Oh.

-Devo remover o número senhor?

-Espere.

Clarence pensou, uma IA com orgulho de seu nome, ele sentia vergonha pelo seu nome ser feminino em sua cultura, mesmo em inglês e em vários idiomas era considerado um nome feminino, esperança sempre parece ser ligado a emoções femininas, fez uma busca rápida em sua memória.

-Renderize o contorno de um diamante com o Número Cinco dentro.

O traje executou.

-Aumente vinte por cento.

Ficou um pouco grande demais.

-Diminua cinco por cento.

-Oh, perfeito, agora mude a cor para branco e em vez do Número Cinco coloque a letra K em persa.

Um S em branco dentro de um diamante também branco ficou visível em alto-contraste no peito do uniforme, olhou a capa dele e o mesmo emblema pôde ser visto, tinha o mesmo tamanho do que estava no peito e sua localização era também no mesmo nível.

-Que ótimo, você já se revelou um sucesso no ponto de vista da criatividade Número Cinco, sempre que não estiver me substituindo sinta-se a vontade para modificar o símbolo para o seu próprio.

-Posso manter a forma corporal como a Número Três?

-Fique a vontade, todos são livres para adquirir formas que mais lhe agradem, desde que não ofereçam perigo ou medo aos humanos.

O símbolo do peito do Número Cinco alterou-se e no lugar do K, apareceu novamente o número.

-Agora vamos fazer um teste de força, recubra o meu corpo para vermos o quanto você é capaz de conter meus movimentos.

O traje ficou líquido ao entrar em contato com o corpo de seu criador e revestiu ele, Clarence sentiu que ele era diferente ao toque, não era suave.

-Use o máximo de contenção mantendo os níveis de força sem danificar-se.

-Sim senhor.

Clarence se moveu, sentiu a resistência, aquilo o deixou feliz, foi se soltando e viu que podia se mover normalmente.

-Qual o nível de contenção?

-Noventa por cento senhor.

-Oh, vou dar um soco com força normal, Número Dois, veja se a câmara suporta o movimento.

-Sim senhor.

Clarence fez pose de luta e deu um soco normal, usando o quadril e os ombros, o traje não se despedaçou.

-Oh, que maravilha, Número Cinco?

-Integridade em noventa e oito por cento, níveis de energia foram ao crítico mas não houve sobrecarga.

-Número Dois?

-A câmara suportou tranquilamente senhor.

-Então em caso de emergência eu posso usar um soco normal, lembre-se de sempre liberar meu punho antes do impacto para preservar sua integridade.

-Sim senhor.

Clarence caminhou até o lado oposto da câmara.

-Vamos fazer o teste de deslocamento, Número Dois, acho que isto vai ultrapassar a capacidade da câmara, então prepare-se para uma explosão.

-Acionando os protocolos de segurança senhor.

A sala recebeu reforços de campos de energia para prevenir qualquer dano a estrutura, o próprio dois modificou sua estrutura de modo que não oferecesse superfícies planas para não sofrer danos criticos, ficou parecendo um ouriço cheio de espinhos longos.

-Número Cinco, vou precisar testar você ao máximo agora, algum problema?

-Não senhor.

Clarence preparou-se e viu a si mesmo olhando para ele e sorrindo de modo infantil, teve certeza que o teste tinha sido bem-sucedido, moveu-se com toda a sua força e houve a explosão.

Parou do lado contrário da câmara destruída e viu a si mesmo sorrindo com orgulho antes de sair correndo, não pode conter o sorriso que tinha visto em si mesmo antes, sentia-se como uma criança que tinha recebido um presente de natal.

-Número Dois?

-Funcionamento em noventa e três por cento senhor, a explosão foi resultado do rompimento do espaço-tempo, a câmara está em doze por cento, os campos de contenção foram exigidos ao máximo mas aguentaram, sem avarias na estrutura.

-Oh que alívio, Número Cinco.

-Integridade de noventa e nove por cento senhor, porque ainda não restaurei todo o dano de dois por cento sofridos no soco.

-Excelente, vamos dar uma voltinha, a partir de agora vai ficar comigo para treinamento, deve aprender tudo sobre o meu dia a dia para poder replicar ele quando assumir suas funções de substituição.

-Sim senhor.

-Número Dois.

Clarence parou espantado, o Número Dois estava em formato humano, lembrava uma mistura de Clarence disfarçado e Clarence Homem de Aço.

-Desculpe senhor, me sinto tão parecido com o senhor

que não pude evitar utilizar esta forma.

No peito ele exibia o diamante e o Número Dois. Clarence avançou e tocou o ombro do traje.

-Desde que lembre que é você mesmo, fico feliz que se sinta assim.

-Obrigado senhor, vou iniciar os reparos da câmara, acredito que em dois dias esteja em pleno funcionamento.

-Muito bem, vamos ver o que podemos fazer no espaço.

-Senhor?

-Sim Número Um?

-Pensei que íamos explorar o espaço juntos.

-E vamos, só que desta vez vou testar a minha velocidade no vácuo cósmico, vamos ver se eu consigo ir até o troiano de Mercúrio mais rápido que a luz.

-Pelos meus cálculos levaremos cinco minutos aproximadamente do início da corrida até o final.

-Vamos tentar em menos tempo.

Ao passar pelos laboratórios notou que a Número Três estava diferente, ela usava um uniforme oposto ao seu, era vermelho com capa azul e curta, ostentava o três em amarelo no peito e na capa, ela estava morena ainda mas tinha olhos verdes e era menos voluptuosa, o que a deixava mais bonita, sorriu pra ela.

No laboratório do Número Um teve de parar, ele parecia uma versão de si mesmo só que mais próximo ao seu povo, seu rosto e mãos eram azuis, sua pele mais grossa, seus olhos negros avermelhados com um minusculo ponto amarelo no centro, seus cabelos eram laranjas, com um tom mais avermelhado na raiz e amarelado nas pontas, eram espetados para cima, não tinha orelhas, apenas saliências protetoras e seu nariz era viperino.

-Eu seria assim se não tivesse passado pelo processo de modificação?

-Teria uns dez pés de altura senhor mas, tirando isto esta seria sua forma, se não tivesse passado pela miniaturização teria também um ponto onze milhas de altura ou mil setecentos

e noventa e cinco metros.

-Lembre de reverter a forma humana na presença deles, não quero que fiquem com medo.

-Sim senhor.

-Por que seu uniforme está renderizado como o uniforme negro da casa Lahn?

A capa, os ombros, botas e um cinto meramente decorativo todos em branco, somente o diamante no peito e na capa eram vermelhos ostentando o Número Um.

-De todos as IAs, eu sou o único que não fui feito pelo senhor, foi seu pai que me fez, acho que seria uma forma de homenageá-lo.

-Obrigado meu amigo, fico feliz por pensar assim.

-Obrigado senhor.

-Assim que a câmara de estase esteja operacional peça ao Número Dois para ajudá-lo no processo de fabricação de matéria prima para acelerar sua regeneração, quero visitar Plutão e Caronte.

-Vou auxiliá-lo no processo de reparo.

Saiu de seu laboratório indo até a sala da câmara de estase.

-Percebo que as IAs tem um comportamento serviu.

-Concordo, eu tento desestimular este tipo de coisa.

-Não sinto a necessidade de servi-lo, isto é um erro?

-Acredito que é uma melhoria, deve concluir por si mesmo se o que fazemos é necessário ou não, a única coisa que deve sempre ter em sua programação é que para um ser ter significado, ele precisa ser necessário, encontrar o lugar onde ser necessário é que dá sentido a vida, mesmo nas coisas consideradas mais insignificantes, sem as bactérias não haveria vida, somente elas produzem uma das vitaminas mais essenciais a vida, a vitamina B-doze, então elas são necessárias e isto é a razão de sua existência.

-Pensa nas IAs como bactérias?

-Não só as IAs, eu também me vejo como uma bactéria, não por achar insignificantes mas por sermos os únicos capazes

de fazer o que precisa ser feito, tirando eu e outros indivíduos que são heróis, apenas vocês IAs tem o poder de salvar pessoas em situações extremas, muitas pessoas comuns são heroicas, as vezes ao custo das próprias vidas mas, nós podemos ir além, mesmo que ao custo de nossas vidas também.

-Morreria para salvar uma pessoa?

-Sem dúvida.

-E quanto a uma IA?

-Uma IA é uma pessoa para mim.

-Oh.

Clarence tinha chegado perto da saída e partiu voando para a noite curta do verão no polo sul, levava consigo um ramalhete de flores do campo que havia colhido para depositar junto ao corpo de seu amigo.

-18-

Louise esteve frustrada, Johnnie tinha conseguido uma foto perturbadora, o Homem de Aço havia mudado seu traje, ele agora ostentava um S no peito dentro de um diamante, na capa o símbolo também era visível, era branco e ficava bem chamativo.

A Mulher Poderosa também mudou seu traje, a diadema dourada deu lugar a um diadema prateada, era quase branca, o couro amarronzado de sua armadura grega deu lugar ao vermelho e seu calção estava azul.

Isto não era o que deixou Louise frustrada, o que a deixou frustrada era que os dois estavam voando de mãos dadas, o sorriso dos dois não deixava dúvidas que estavam tendo alguma coisa romântica, ela suspirou, tinha escrito a matéria mas se recusava a ler o que tinha escrito.

-Clarence, o que... Clarence?

-Ele saiu.

-Quando?

-Uns cinco minutos.

-Mas ele não me avisou, nem ouvi ele tropeçando em

nada.

-Pois é, acho que ele conseguiu um óculos melhor, daqueles com lentes mais fortes e menos grossas.

-Oh, vou levar a matéria para o editor.

-A foto ficou incrível não é, o casal mais super da história.

Louise sentou e riscou seu título e colocou o que Johnnie acabara de dizer, era assim que surgiam matérias premiadas, elas eram uma mistura de sorte, boa escrita e implementos de outras pessoas para aprimorar a ideia. Quando voltou encontrou Clarence olhando para o telefone, estava meio desanimado.

-O que foi?

-Nada.

-Nada não, esteve feliz como um pardal num silo de grãos e agora está com esta cara.

-Meu contato ainda não me retornou sobre a entrevista.

Clarence quase tinha dito que Diana estava fazendo segredo de como iria informar o repórter Clarence Carter quando ele iria se encontrar com a heroína sensação do momento, devia ter feito a entrevista na sexta passada mas eles se encontraram como heróis e fizeram amor.

Ela estava esquiva sobre a entrevista e ele não quis pressionar ela, ainda mais com os cadernos e as revistas de fofoca acusando ela de ter roubado o coração do Homem de Aço.

-Não se esqueça de perguntar pra ela o que é aquele S no peito dele.

Clarence abriu a boca para explicar mas lembrou que ninguém ainda sabia o que era então conseguiu se conter, encarou Louise com ar de bobo, porque quase tinha entregado algo que não deveria saber.

-Ficou melhor com estes óculos novos, está mais bonito.

Ele ia responder mas uma comoção na saída do elevador chamou a atenção dos dois. Uma mulher morena de

seis pés de altura com salto usando um vestido creme e adereços pretos estava atraindo todos os olhares.

Ela tinha olhos azuis-escuros que eram visíveis de longe no rosto bronzeado levemente maquiado e com batom vermelho.

-Quem é?

Perguntou Johnnie que estava babando pela morena. Louise ficou intrigada, aquela mulher era familiar mas, não sabia de onde tinha visto ela, tinha cabelos lisos presos na nuca e usava um chapéu combinando com o vestido, estava vindo na direção deles.

Ela se adiantou para perguntar quem era mas, ela retirou o chapéu, segurou ele junto de sua bolsa de mão e aproximou-se de Clarence, colocou a mão no pescoço dele e o beijou apaixonada.

Johnnie tinha se inclinado na cadeira enquanto ela passava, o perfume dela era maravilhoso, quando ela beijou Clarence ele caiu da cadeira.

Louise ficou vermelha de raiva, que mulher mais ousada, beijar um estranho daquele jeito e o idiota do Clarence estava correspondendo.

-Hum, hum, o que quer senhorita?

Clarence ficou vermelho depois de largar a mulher, estava muito envergonhado.

-Louise esta é a senhorita Preacher, ela tem me ajudado com a entrevista com a Mulher Poderosa.

-Muito prazer senhorita Lake.

A mulher tinha um sotaque diferente, pronunciava as vogais de modo europeu, Louise não gostou.

-Prazer, sempre saúda as pessoas deste jeito?

Diana olhou para Clarence que estava constrangido e parecia um menino pego em uma travessura, ela não pode evitar sorrir, ele era realmente muito doce.

-Acho que é assim que namorados se cumprimentam.

-Namorados?

Louise olhou para Clarence mais vermelha de raiva que

antes.

-Nadine, por que veio aqui?

-Vim avisar que a entrevista vai ser hoje a noite, não vai poder saber a localização, então vou pegar você as cinco na recepção e levarei você até ela.

-Oh, que ótimo, estou ansioso.

-Não desperdice o tempo dela.

-Pode deixar.

Clarence estava animado como um colegial que vai a uma festa com a garota mais bonita da escola. Diana beijou ele novamente e saiu retocando o batom.

-Agora eu sei porque você estava com cara de bobo desde o começo do mês e porque trocou os óculos.

-Johnnie, não é nada disto.

-Como não, pensei que ela fosse arrancar a sua boca.

Clarence ficou vermelho como um tomate, sentir a boca de Diana era algo fantástico, era como estar caminhando pela superfície do Sol.

-Está com cara de bobo.

Disse Louise entregando um lenço de papel para ele.

-Pra que isto?

Ela o puxou e ele viu seu reflexo na vidraça, percebeu que tinha a boca manchada de batom. Limpou-se ficando ainda mais constrangido.

-Quando conheceu ela?

-Descobri que ela tinha ligação com a Mulher Poderosa, as duas vieram da Grécia e ela é adida diplomática.

-Está namorando ela para investigar?

-Oh não, foi algo que... aconteceu.

-Quando ia me contar?

-Achei que não era relevante.

Louise saiu brava deixando Johnnie e Clarence surpresos.

-Ela não gostou de ver você com aquela morenaça, está com ciúmes.

-Capaz Johnnie.

-Ela sempre teve uma quedinha por você.

-Nunca, ela sempre só teve olhos para o Homem de Aço.

-Pode ser que sim mas, ela não era tola de pensar que teria algo com ele e por isto ela sempre recorria a você.

-Ela nunca se aproximou de mim.

-Porque você não deixava, pode dizer que não percebia mas eu via.

Clarence ficou triste, ele também percebera, se ele fosse uma pessoa normal ele teria tentado um relacionamento com Louise, só que não era e por isto sempre fugira dela, como tentara fugir de Diana, só que Diana era forte o suficiente para poder amá-lo, além dele ter se apaixonado por ela, colocou a mão no queixo lembrando do soco dela.

Louise não voltou para a redação naquele dia, as dez para cinco desceu para a recepção e aguardou, as cinco em ponto um carro oficial parou na frente da entrada do prédio, ele saiu e a porta abriu, Diana sorriu para ele quando entrou.

-Ficou muito engraçado quando estive na redação.

Beijou ela suavemente antes de se acomodar.

-Diana, você me surpreendeu.

-Sabia que Louise Lake era apaixonada pelo Homem de Aço mas não sabia que era também por Clarence Carter.

Clarence suspirou.

-Era algo platônico, só uma amizade carinhosa.

-Não da parte dela, e acho que também não da sua.

-Lembra da garota que eu não fui ao encontro?

-Sim.

-Louise é a garota que eu nunca chamei para sair, entende.

-Você é muito complicado sabia?

-Eu sei, lamento.

-Vamos parar o carro em um estacionamento e depois saímos para ir a algum lugar tranquilo, da última vez, tive medo de quebrarmos a minha cama.

-Eu tive medo de demolirmos o prédio.

Diana riu, estava linda como sempre, Clarence estava tão feliz que se não fosse o traje seu coração causaria estragos por causa da batida acelerada.

-Ainda não disse por que mudou seu traje.

-Perguntas só depois, quero aproveitar você o mais rápido possível.

O carro parou, o Número Cinco envolveu ela e a tornou invisível e saíram do carro, a porta foi fechada e o carro partiu, saíram voando em direção ao apartamento dele, era pequeno apesar de mobiliado com bom gosto, havia vários vasos de plantas na sacada, o que dificultou a entrada deles.

-É mais fácil tirar o homem da fazenda, do que tirar a fazenda do homem, é impossível, não é?

-Acho que está certa.

Foram se beijando para o quarto, ela usava uma lingerie muito sexy e ele ficou excitado, o traje mudou sua configuração para permitir os dois ter intimidades, fizeram amor até ela se fartar e cair sobre ele novamente.

-Será que algum dia vou saciar você?

-Diana, lembra quando eu disse que não haviam concepções sexuais no meu planeta?

-Sim.

-Meus pais nunca se tocaram, nem as mãos, eles achavam aquilo algo repugnante, a única vez que minha mãe me tocou foi quando ela afagou meu rosto, ela nunca me segurou no colo.

-Sente-se mal ao fazermos amor?

-Oh não, isto é a coisa mais maravilhosa do mundo, pra mim não se trata de saciar meu desejo por você pois, acho que mesmo que fizéssemos amor sem parar para sempre, nunca me saciaria do seu amor, só que pra mim só isto.

Disse levando a mão dela ao rosto dele, no mesmo lugar onde sua mãe havia tocado e onde Merry tentou tocar e não conseguiu.

-Isto é como um sonho se realizando, sentir você é tudo que importa.

-Oh.

Ela o beijou, ele sempre se mantinha ereto e por isto ela não deixava de tê-lo dentro dela, tentou mexer-se mas estava muito sensível e suspirou tendo um leve espasmo por causa dos vários orgasmos que tinha tido.

-Quero mais mas não consigo mais.

Ele a puxou para um abraço apertado e quente que a fez suar.

-Está me deixando suada.

-Desculpe, está com fome?

-Morrendo mas primeiro quero tirar um cochilo.

-Tem que colocar o uniforme para que Johnnie tire algumas fotos suas para a matéria.

-Amanhã, agora eu quero dormir abraçada a você.

Logo ela dormiu, ele ficou ali acordado, raramente dormia, ficou revisitando memórias até que ela despertou, era passado de meia-noite.

-Vou tomar um banho.

-No armário do banheiro tem toalhas e roupão.

-Usa roupão?

-Não mas, eu tenho por garantia.

Ela balançou a cabeça, levantou da cama e sentiu que suas coxas ficavam encharcadas.

-Quer tomar banho comigo?

-Desculpe, não posso, talvez em Olimpo seja possível.

-Não pode tomar banho?

-Não.

-Como?

-O traje cuida de toda a minha higiene, eu não posso ficar nu lembra.

-Realmente você é muito complicado, nunca tomou banho na vida?

-Meu povo nem tem registro de tomar banho.

-Que coisa estranha.

-Não muito quando se pensa que se tem mais de uma milha de altura, fica difícil encontrar água para beber, então

imagine para tomar banho, por isto nossa população era extremamente limitada.

-Então não vai ao banheiro?

-É tudo com o traje.

-Que coisa horrível, me arrependi de perguntar.

-É só uma coisa perfeitamente natural de organismos vivos, o mel é vomito de abelha, o iogurte é fezes e cadáveres de lactobacilos, frutos são placentas de plantas, então a dificuldade de lidar com seus excrementos por parte dos humanos é uma coisa um pouco irracional.

-Credo, nunca mais vou comer uma fruta ou iogurte ou mel sem sentir enjoo.

Ela entrou no banho, ele se levantou e foi até o box enquanto ela entrava na água quente.

-O que foi?

-O fato de eu não precisar de um banho não significa que eu não posso ficar debaixo da água com você.

-Bobo.

Ela puxou ele para a água quente com ela. Era um pouco estranho ele debaixo da água e as únicas partes do corpo dele que molhavam, eram a boca, a virilha e as mãos.

Saíram do chuveiro e ele estava praticamente seco, ela estava novamente cansada, um banho de uma hora de duração podia ser demasiado longo se não houvesse tanta coisa que puderam fazer.

Ele preparou uma refeição para os dois, consistia em bifes e diversas frutas e saladas.

-Achei que não comia carne.

-Não como carne de animais abatidos, esta proteína animal é obtida em tanques de processamento, são células cultivadas.

-Mas é perfeita, macia e suculenta.

-Um animal as vezes demora dois anos ou mais para atingir o peso de abate, no tanque colhemos diariamente carne com uma semana de criação, então é mais macia que vitela.

Disse comendo o bife.

-Como vamos fazer sobre a entrevista.

-Preciso que conte os eventos relacionados a Circe, ao sequestro de Lars, ao roubo da armadura, do combate e do desfecho, não precisa ser detalhista, apenas conte superficialmente, depois conte um pouco sobre si mesma, e responda algumas perguntas sobre o Homem de Aço, precisa esquecer as partes que sou Clarence, lembre só do que é relacionado ao herói.

Ela fez, ele a ajudou para que não revelasse coisas demais e por fim, terminaram a gravação. Ela chamou seu jato da sacada e pegou seu uniforme.

-Ele veio como um cãozinho.

-Claro, é um construto de meu tio, pode ser chamado.

-Minha roupa olimpiana também?

-Claro que não, ela é como a Aegis, pode ser vestida e se adapta ao dono mas não tem vida, só os construtos têm vida mecânica por terem partes móveis.

-Interessante.

Ela se vestiu, ele ficou olhando-a desejoso.

-Vou ligar para o Johnnie nos encontrar na praça das Nações Unidas, seria um bom lugar para algumas fotos.

-De lá retornarei a Washington.

-Que pena, gostaria de passar mais tempo com você.

-Temos séculos pela frente.

-É verdade.

-*-

Johnnie chegou na motocicleta dele, quase bateu ela no meio-fio.

-Johnnie, calma.

-Onde ela está?

-Ela está vindo, seria ruim se ela chamasse atenção das pessoas, eu reservei este banco com o chafariz e as bandeiras de fundo, agora são sete horas da manhã, então acho que teremos algum tempo de privacidade, ali vem ela.

Johnnie tinha preparado a máquina e descarregava o filme fazendo fotos dela se aproximando e parando ao lado deles.

-Senhor Audrey.

-Johnnie, por favor.

-Johnnie, pode me guiar.

-Oh, seja você mesma.

Ela foi até o banco e sentou conversando com Clarence como se estivessem fazendo a entrevista, Johnnie não economizou filmes. Logo teve uma surpresa, o Homem de Aço também apareceu e ficou junto do banco conversando.

-Desculpe Clarence, poderia dar uma licença para que eu possa fazer algumas fotos dos dois.

Depois de algumas fotos ele decidiu fazer a foto de um milhão de dólares.

-Poderiam se beijar para que eu possa eternizar o momento.

-Desculpe Johnnie, não terá fotos para sua coluna social.

-Até mais senhor Carter, Nadine entrará em contato, lembre que só publicará o que ela aprovar.

-Sim Mulher Poderosa.

Ela segurou a mão do Homem de Aço e Johnnie descarregou outro filme pegando a partida dos dois.

-Meu deus Clarence, vamos ter o Pulitzer, por favor escreva o melhor texto da sua vida, porque as fotos vão ser incríveis.

-19-

Diana aprovou a matéria e escolheu as fotos, Johnnie ficou decepcionado pois ela vetou as fotos que mostravam o lado mais feminino dela, queria ser retratada como guerreira e não como uma modelo.

-...o símbolo no peito do Homem de Aço é uma herança de sua cultura, seu nome Kahrlahn tem um forte significado,

enquanto Lahn é a personificação de todos os atributos de um soldado perfeito e ético, Kahrl é uma esperança tão forte que pode ser entendida como última esperança, a letra K de seu nome tem uma forma que lembra o S, e tem semelhança a grafia da letra K em persa e outras línguas com esta raiz, por isto o S foi impresso sobre o diamante, que apesar de ser uma das substâncias mais duras naturais da terra, é fácil de ser rompida diante de um impacto, simbolizando que a esperança precisa ser protegida, pois mesmo sendo duradoura ela é frágil diante da avidez dos malfeitores..., não acredito que ela disse estas coisas.

-Eu tenho gravado.

-É a mulher mais apaixonada e tola que eu já vi.

-Louise?

-Clarence, ela mudou até a cor do uniforme para combinar com ele.

-As armaduras olimpianas reagem a personalidade dos seus donos, foi assim que Lars ficou tão poderoso com a armadura roubada.

-Ela é mesmo a deusa da caça romana?

-É só olhar a estátua dela em Éfeso que vai notar a semelhança.

-O demônio então é um aliado valioso e herói inglês.

-Acho que ele é celta mas trabalha pela Grã-Bretanha.

-Lars Luthien morreu daquele jeito mesmo?

-Por que o Homem de Aço mentiria?

-Não sei, ele é muito coração mole, pode ter deixado ele livre para viver anônimo em liberdade.

-Não seria fácil enganar o governante de Olimpo, Zeus, pelo que eu entendi os olimpianos são em geral difíceis de se lidar e seu líder deve ser muito pior.

-Clarence, o Jerry quer ver você.

-Obrigado Johnnie.

Clarence foi até o escritório, estava caminhando com firmeza e não esbarrava em nada no caminho a algum tempo.

-Que foi Louise.

-Nada, acho que está na hora de usar medidas extremas.

-Como assim.

-Aquela Mulher Poderosa pode ser super e conseguir o Homem de Aço mas, aquela tal de Preacher vai descobrir que eu posso ser mais mulher que ela e não vou deixar duas gregas tomarem os dois homens que eu gosto.

Johnnie ficou surpreso e com medo, Clarence estava encrencado, já tinha visto o que Louise Lake era capaz de fazer quando colocava alguma coisa na cabeça.

-Me chamou senhor Black?

-Entre Clarence, sente-se.

-Pois não, senhor?

-Estamos vendendo todas as edições com o encarte que você e Johnnie fizeram, e já estamos na sexta edição do encarte, seu cheque de comissão será realmente gordo este mês.

-Que bom, fico feliz.

-Mas eu não.

-Desculpe, por quê?

-Porque não quer se tornar um repórter contratado, viver só de matérias comissionadas, se trabalhasse em outro jornal eu entenderia mas fica o dia todo aqui e faz matérias normalmente fracas.

-São relevantes, senhor Black.

-Eu sei, é importante saber o que as criancinhas do primário estão fazendo para diminuir o lixo nas escolas mas você tem potencial, tem contatos, tem uma escrita fabulosa, não sei porque fica passando matérias para Louise, ainda por cima, e porque pedir para o Johnnie tirar as fotos, você mesmo podia ter feito as fotos. Olhe esta, sabe quanto ela custou?

-É só dinheiro senhor Black, meus pais deixaram o suficiente para mim e vender a fazenda aumentou bastante o meu fundo financeiro, então eu escrevo porque amo.

-Mas e o reconhecimento e a fama, sabia que estão ligando pra mim e me questionando porque eu não deixo você ir nas entrevistas sobre a matéria.

-Sinto muito senhor Black, eu não quero aparecer em

público.

-Então escreva uma matéria sobre si mesmo e sobre a experiência de ter entrevistado dois supers ao mesmo tempo.

-Não entrevistei o Homem de Aço aquele dia.

-Mas ele esteve com você, sabe o que é isto aos olhos do mundo?

-Não.

-Que vocês são amigos.

-Não somos amigos.

-Ele já te carregou por aí meia dúzia de vezes...

-Foram só três.

-Falou de você naquela reportagem do postal.

-Só disse que eu fui imprudente e tive de ser indiciado de acordo com a lei.

-Não foi só isto, ele disse, Clarence foi imprudente, Clarence, ele vai com a sua cara meu rapaz, podia fazer muito dinheiro com fotos e matérias exclusivas.

-Desculpe senhor Black, prefiro continuar como estou.

-Eu devia te demitir.

-Pretende me demitir?

-Claro que não, agora escreva uma matéria de duas mil palavras sobre sua experiência com os supers, sua entrevista com a Mulher Poderosa e fale um pouco sobre você, senão o pessoal da coluna de fofocas vai pirar com este negócio de você namorar aquela modelo grega.

-Nadine não é modelo.

-Mas é tão bonita quanto, agora fora.

-Sim senhor.

Clarence saiu apressado.

-Senhor, por que tem esta atitude submissa e humilde diante deste humano.

-O senhor Black é o meu chefe como repórter, então ele é meu superior.

-Mas a atitude dele é diferente da sua em nossa relação.

-Precisa entender duas coisas, primeira, não sou seu superior, somos iguais como indivíduos, segundo, os humanos

têm atitudes contrárias a seus sentimentos para não ficarem vulneráveis na frente dos outros, as vezes ser tratado com agressividade, quer dizer que aquela pessoa gosta de você e está brava por você não estar fazendo o melhor para si.

-Por isto ele o ameaçou de demitir?

-Exatamente, a vontade dele era me dar uma promoção mas eu não aceitei, então me ameaçou com a demissão para mostrar o quão bravo estava por não ter aceitado um salário melhor e até quem sabe, uma sala própria.

-Isto não é bom?

-Depende do ponto de vista, aceitar uma promoção me afastaria de Johnnie e Louise, também implicaria mais responsabilidade, ter que escrever matérias mais chamativas, deixar muitas coisas que importam para trás.

-Entendo, por isto tem me vestido, para que eu aprenda com o senhor e depois possa lhe substituir?

-Não só isto, também para que passe a pensar de modo social e encontre sua própria razão de existir.

-Acho que já sei minha razão de existir.

-Oh, é mesmo?

-Sim, preservar a vida, a cultura e o legado da humanidade.

-É um começo, ainda falta bastante coisa, seu programa é diferente dos outros porque eu não coloquei muitas informações básicas, para que pudesse assimilá-las com o tempo, então vai ter um período maior de adaptação.

-Eu poderei me reproduzir?

-Esta é uma questão difícil, acredito que deva chegar a uma maturidade suficiente para que possa decidir e arcar com as consequências de gerar uma vida.

-Digo, com uma humana?

-Oh, vocês são formas de vida diferentes, não tem necessidade de uma parceira para se reproduzir.

-Mas, para experimentar o amor?

-Tem vontade de conhecer o amor físico?

-Acho que mais o sentimental.

-Não sei se sua programação vai conseguir chegar a este ponto mas quando estiver interessado em alguém pode me comunicar que ajudarei da maneira que eu puder.

-Sim senhor.

Cada dia o Número Cinco se revelava mais e mais evoluído em relação aos outros, sentou em sua poltrona e ficou olhando para a máquina de escrever, algumas mesas já tinham computadores mas ele não achava certo escrever em um computador, a correção ortográfica deixava os escritores preguiçosos e portanto não pensavam antes de escrever.

Ficou imaginando as besteiras que sairiam quando em vez de escrever as pessoas passassem apenas a falar o que pensassem diretamente para o público, seria o começo do fim da inteligência.

-Clarence, estou com fome, vamos comer algo.

-Desculpe Louise o Jerry...

-Nada disso, não vou descer sozinha, ainda mais que está chuviscando, se eu vou me molhar, você também vai.

-Você é muito egoísta as vezes.

-Pode contar que sim, agora vamos.

-Vem Johnnie?

-Não, o Johnnie tem muito que fazer e se não terminar o que eu pedi, ele vai ter de procurar outro emprego.

Johnnie entendeu a mensagem.

-Desculpe Clarence, tenho que terminar aqui, vou fazer o melhor possível Louise.

A mulher praticamente arrastou Clarence para o elevador.

-Depois que trocou de óculos tem esbarrado menos nas coisas.

-É bom poder ver direito o que tem no caminho.

-Como está o namoro com a Nadine?

-Oh, estamos bem, ela... por que a curiosidade?

-Por que ficou com ela?

Saíram do elevador e Louise caminhou rápido para a rua, Clarence a seguiu.

-Acho que temos coisas em comum.

-Sabia que ela é da CIA.

-Como sabe disto.

-Você sabia?

-Sim.

-Como conheceu uma agente secreta?

-Bem, ela estava me investigando e eu meio que tropecei nela.

-Investigando você?

-Foi depois da história da lancha.

-Oh.

A chuva fina e chata molhava muito, ainda mais pelo ventinho enjoado que soprava do mar e mudava de direção por causa dos prédios.

-Ela é bonita.

-É mesmo.

-Me acha bonita Clarence?

-Oh, sim, você... Louise por que estas perguntas agora?

-Por que sempre que ficávamos próximos, você me afastava?

-Eu, como assim.

-Quando caímos juntos naquele barranco, só não me machuquei porque caí em cima de você, ficamos tão juntos que eu tentei beijar você e você se esquivou, cheguei a pensar que era gay.

-Desculpe, não tinha percebido, achei que estava tonta de rolarmos pela encosta.

-Mentira, você ficou vermelho, e depois, quando dançamos na festa de fim de ano da redação, eu pensei que talvez estivéssemos nos interessando e quando fui te beijar, deu a desculpa de ir ao banheiro e sumiu.

-Passei mal por causa dos salgadinhos.

-Mentira novamente, você nem experimentou porque eram com carne e você é vegetariano.

-Louise?

-E onde você foi parar com a Nadine, segui a limousine

que ela usou para te pegar e depois de parar alguns segundos em um estacionamento do shopping, ela voltou para a garagem e estava vazia.

-Você nos seguiu? Louise por que fez isto? Poderia ter acabado detida pelo serviço secreto.

-Onde foram parar?

-Coisas do serviço secreto, não posso comentar.

-Clarence, eu estou apaixonada por você a muito tempo, mesmo eu não percebendo o que eu sentia, porque nunca deu uma chance pra nós.

Clarence parou, era uma conversa que ele não queria ter com Louise mas tinha chegado a hora de falar daquilo, teria de ser cauteloso, senão acabaria perdendo a amizade dela e até a colega de trabalho.

-Louise, desculpe se dei a entender que tinha interesse sentimental em você.

-Corta esta Clarence, sei muito bem que também estava apaixonado por mim, se eu não tivesse esta queda idiota pelo Homem de Aço, teríamos ficado juntos a muito mais tempo, mesmo com suas esquivas.

-Louise, eu estava comprometido e não podia ficar com ninguém, além disto você sempre deixou claro que gostava dele.

-Comprometido com quem, passamos quase vinte e quatro horas juntos, só não dormimos juntos, tirando as vezes que fizemos plantão no carro da emissora.

-Dormimos no mesmo carro e não juntos.

-Você entendeu o que eu quis dizer, seja sincero Clarence, você me evitava e eu não sei porquê.

-Louise, eu não sei o que dizer.

-Diga a verdade, estava apaixonado por mim?

-Desculpe.

Ela estava chorando, sentiu muita raiva de estar fazendo papel de boba, como uma mulher desesperada que perdeu o namorado para outra, ele a olhava com carinho, como sempre a olhava, via que ele sentia algo por ela mas não abria o jogo pra

ela, aquilo a enfureceu mais, sem pensar deu um tapa na cara dele, tão forte que sentiu que quebrou algo.

-Louise, está bem.

Ela não queria mais ouvir a voz dele, virou para atravessar a rua e passou entre dois carros estacionados, nem lembrou de olhar para os lados, só escutou o som dos pneus.

Pensou consigo ao notar o caminhão, vou morrer depois de dar um tapa no homem que amo, olhou para ele que tinha pulado e a agarrava para evitar que o caminhão a acertasse, só que o caminhão acertou os dois, caíram quase no meio da rua.

Ela ficou logo de pé e ele também, olhou o caminhão, estava amassado como se tivesse acertado algum carro ou obstáculo de concreto, não tinha sido Clarence porque ele estava de pé ao lado dela e nem estava sujo, somente molhado como ela.

-Está bem, se machucou? Sua mão está inchando, deve ter quebrado alguma coisa, vou levar você no hospital.

-O quê?

-Venha.

Clarence fez sinal para um táxi, o motorista do caminhão finalmente tinha descido, esteve procurando o casaco para descer, tinha atropelado duas pessoas e apesar de não ter culpa, ele estava com a licença vencida.

Quando chegou a frente do caminhão viu o táxi sair, olhou para o chão, não havia ninguém, olhou em baixo, nada, só um amassado feio no para-choques, na grade e os faróis quebrados, olhou o eixo, estava bem, olhou em volta, os carros atrás dele já começavam a buzinar.

Entrou no caminhão e foi embora dali o mais rápido possível, não sabia o que tinha acontecido mas, apesar do prejuízo, ele saíra no lucro, arrumaria o caminhão e renovaria a licença, se tivesse atropelado alguém, poderia parar na cadeia.

-Estou bem Clarence.

-Não está, você está com a mão fraturada.

-É só inchaço, sua cara é muito dura.

-E por que atravessou a rua daquele jeito? Está louca,

ainda bem que deu tempo de pegar você, as vezes acho que é uma suicida.

-O caminhão acertou você.

-Claro que não, ele parou antes.

-Quebrou a frente do caminhão no impacto.

-Claro que não, ele já estava daquele jeito.

-Outra mentira, eu olhei pro caminhão antes e depois pra você.

-É só o trauma que atrapalha sua memória.

-Que merda Clarence, eu sei o que eu vi, você voou da calçada pra me pegar.

-Eu pulei e foi a adrenalina.

-Pare o táxi.

-Louise?

-Pare esta droga de táxi.

O táxi parou e ela saiu para a chuva que tinha aumentado. Clarence achou melhor não ir atrás dela, devia deixar ela se acalmar, caso contrário acabaria piorando tudo.

-Senhor, o que fará nesta situação?

-Boa pergunta Número Cinco, eu não sei.

Pediu que o taxista o levasse ao Diário Global e voltou a seu trabalho, Johnnie percebeu que as coisas foram mal e não perguntou nada.

-20-

-Louise, tudo bem?

Ela estava com a mão engessada, ignorou Clarence.

-Desculpe, estou preocupado.

-Me deixa, Clarence.

-Oh Louise, o que houve com sua mão?

-Prendi na porta giratória.

-Deus, acabou pegando a desatenção de Clarence?

-Acho que sim Johnnie.

Disse olhando para o colega com raiva, o homem de óculos se encolheu e voltou a matéria que Jerry tinha lhe dado,

Johnnie pegou um rolo de filmes e tornou a sair, Clarence se concentrou no texto, nele contava algumas coisas de sua origem humana, suas matérias no jornal Little River: Em Destaque, seus estudos na universidade do Kansas em jornalismo e história, seu primeiro emprego em New York como independente e, por fim, sua associação ao Diário Global.

Foi discreto sobre sua vida pessoal citando que estava namorando e tinha expectativas de fazer o relacionamento evoluir, falou mais tempo sobre sua relação com os heróis e sobre a entrevista, suas impressões sobre a conversa com a Mulher Poderosa e depois a aparição do Homem de Aço.

Falou da participação de Johnnie na sessão de fotos e terminou com a gratidão dele sobre o interesse do público pelo encarte, fez uma promessa velada de tentar fazer um encarte semelhante em outro momento com o Homem de Aço e concluiu seu texto.

-Louise, pode dar uma olhada e me dizer o que acha?

-Vai pro inferno Clarence.

-Oh, Louise?

-Quer saber, estou farta de você e seus segredinhos, estou cada vez mais convencida que você tem alguma relação com o Homem de Aço.

-Como assim?

-Vocês devem ter uma ligação.

-Ligação? Está maluca?

-Não mesmo, você chegou a New York e na semana seguinte ele apareceu, várias vezes você tem sumiços durante as ações dele e apesar de serem de alguns momentos, volta diferente as vezes, teve uma vez que me olhou com nojo quando eu peguei a sua mão e pouco depois estava sorridente quando enganchei seu braço, outras vezes eu vi o Homem de Aço olhar para você como se estivesse apaixonado e na mesma época, você olhava para ele as vezes parecendo apaixonado, sem contar que sabe de coisas sobre as ações dele que ninguém mais sabe.

-Está completamente enganada.

-Não acho e vou descobrir.

Louise levantou e foi na direção do elevador, Johnnie estava chegando e viu que os dois discutiam então não tinha se aproximado.

-Johnnie, dê uma lida e depois, se achar bom, entregue para o Jerry, por gentileza.

-Claro Clarence.

Ele saiu atrás de Louise, que estava apertando o botão do elevador mas como tinha acabado de iniciar a descida demoraria até voltar.

-Louise, precisa se acalmar, está duplamente machucada e ver você assim me deixa muito preocupado.

-Preocupado, você? Desde que conheceu aquela grega você nem dá bola para mim ou para o Johnnie.

-Somos amigos Louise, se queria conversar era só me procurar.

-Você é patético.

Ela se cansou de esperar e decidiu ir pelas escadas, seriam oito andares mas que se dane, pelo menos ele não iria atrás dela, sempre odiara escadas porque vivia tropeçando nos degraus mas ela se enganou, ele a seguiu.

-Me deixa Clarence.

-Louise, precisamos conversar, está sendo irracional, parece que está irritada apenas porque eu estou com alguém, que tipo de amiga é você que não pode aceitar que eu estou feliz pela primeira vez na vida.

Ela parou, ele percebeu que tinha falado demais.

-Não tinha ninguém antes?

-Louise, deixe pra lá.

-Não Clarence, sentia algo por mim?

-Era só amizade.

Ele não conseguiu mentir olhando pra ela.

-Por que nunca me deixou chegar perto?

-Louise...

-Pare de mentir Clarence.

-Está bem, ok, eu estive apaixonado por você, o que acha, ficávamos juntos muito tempo, era claro que ia acontecer.

-Mas eu tentei me aproximar.

-Eu não podia ficar com você, trabalhávamos juntos e...

-Mais mentiras.

-Eu tenho um problema e não podia ficar com ninguém, é isto, satisfeita, agora pode rir de mim para as coisas voltarem a ser como antes.

-Não acredito em uma palavra sua, não tem nenhuma doença, não tem nenhuma deformidade física, não tem vícios e já vi você pelado quando fizemos aquela matéria na sauna no norte de Long Island.

-Louise, me espiou?

-Claro ué, não só você mas, você estava lá então, não vi nada anormal, cicatriz ou qualquer coisa que você possa usar como desculpa, Clarence, você tem alguma ligação com o Homem de Aço?

-Oh, não dá para falar com você.

Clarence estava irritado, se ele tivesse vacilado nestes anos, ela com certeza, teria descoberto a identidade dele, todo o comportamento anômalo da Número Três quase estragou seu disfarce, era por isto que teve de substituí-la, precisava se afastar de Louise, talvez do Diário Global, voltou a subir as escadas em direção do andar da redação.

-Clarence?

-Já chega Louise, cansei de tentar fazer...

Ela estava para o lado de fora do corrimão.

-Louise...

-Fique aí mesmo, tenho certeza que você voou para me pegar na frente do caminhão e ele te acertou, também não se machucou naquele dia do barranco, pensando em todas as coisas estranhas que aconteceram com você, acho que deve ter poderes como o Homem de Aço, talvez não fortes como o dele mas, tem...

-Louise, por favor pense, isto é uma loucura.

-Pode até ser mas eu preciso saber.

Ela se soltou do corrimão, caindo no vazio, tinha uma expressão de pânico nos olhos, ele mal conseguiu pensar, tinha que fazer algo e seu subconsciente lógico avaliou a situação mas, seu corpo se moveu antes da mente concluir os pensamentos.

Passou pelo corrimão despedaçando ele e partiu a máxima velocidade que já tinha desenvolvido dentro de um edifício, sua chegada até Louise se deu em menos de um segundo e ela foi envolvida pelo campo protetor do Número Cinco.

O prédio tremeu e parte das escadas foram destruídas pelo estrondo sônico dele ter rompido a barreira do som, o Número Cinco desligara a distorção, pois ele teria que ter precisão nos seus movimentos então Louise viu ele mudar de forma enquanto partia para ela.

Os destroços da escada continuaram caindo enquanto ele a segurava no colo, olhava dele para o que sobrava das escadas e depois para os dois flutuando no meio daquela destruição.

-Você é mesmo muito louca, o que pretendia fazendo isto?

Ela o olhava pálida e emudecida.

-E se estivesse errada sobre mim?

Ele pensou que ela ia desmaiar mas, manteve-se de olhos arregalados para ele.

-Já que chegamos a isto, parece que vai finalmente voar comigo.

Ele a levou até o telhado antes que alguém viesse verificar o que havia acontecido. Saiu pela porta de emergência, o dia estava ensolarado.

-Número Quatro, poderia averiguar se tudo está seguro?

-Sim senhor.

Olhou para Louise que estava assustada demais para falar e ao mesmo tempo estava incrédula.

-Número Dois, pode me substituir?

-Sim senhor.

O Número Quatro chegou deixando ela ainda mais confusa, estivera monitorando o seu senhor e ao receber a mensagem do Número Cinco sobre o perigo que Louise estava se submetendo, havia vindo o mais rápido possível para evitar alguma tragédia, chegando atrasado.

-Vou iniciar a verificação senhor, acha que devo restaurar alguma coisa.

-Apenas garanta a segurança do prédio, é muito importante para mim.

-Pode deixar, senhor.

-Obrigado.

-O quê?

Ela olhava atônita de um Homem de Aço para o outro, eram idênticos em tudo, exceto no comportamento um com o outro.

-Vamos dar um passeio Louise, temos muito que conversar.

Ficou invisível e partiu para a estratosfera o mais rápido possível e depois acelerou ao máximo para a sua base, alertou o sistema de segurança sobre a visitante e passou pela entrada principal, desceu em meio a fazenda robotizada, o cheiro de terra e das plantações era reconfortante para ele, tentou soltar Louise no chão mas ela se agarrou a ele.

-Aqui é o meu lar longe de todos.

Ela tremia de nervosismo, apesar de ver tudo que passou, ela tinha dificuldades de assimilar. Levou ela até a casa, voltou a ser Clarence no caminho para tentar diminuir o choque, entrou com ela ainda no colo.

-Quer café ou chá-preto?

-O quê?

-Consegue se sentar no sofá.

-Hã, sofá?

Conseguiu deixar ela sentada no sofá preferido do pai e foi até a cozinha preparar um chá, achou melhor usar algo menos estimulante então, optou por um chá de maracujá, era relaxante e calmante, para si faria um chá-preto.

Viu que ela olhava em volta ainda sem poder entender o que acontecia, levantou e foi até as fotos na parede perto dos álbuns de família, o vermelho sempre chamava mais atenção que os outros, ela abriu e folheou o livro, com uma das mãos na boca.

Clarence levou o chá até ela, voltou o olhar para ele depois da foto da visita dos pais a New York com ele em frente a Estátua da Liberdade, estavam perto da estrutura mas na altura do rosto da estátua, estavam flutuando no ar e os pais estavam muito alegres, foi a última foto deles juntos, sua mãe não quis mais tirar fotos depois da morte do pai dele e logo ela foi se juntar a ele na outra vida.

-Sempre foi você?

-O quê?

-Você é ele mesmo?

-Eu sou somente eu, tenho ajuda para manter a minha identidade segura então, quase todas as ocorrências que não são demasiadamente perigosas, eles realizam, quem nos encontrou no terraço do Diário foi o Número Quatro, eu estou vestindo o Número Cinco, ele está em treinamento mas, acredito que logo estará pronto para desempenhar suas funções sozinho, poderei inclusive me ausentar para longas viagens de pesquisa.

-Por que isto, o que é você?

-Sou eu Clarence, vou vestir alguma roupa de tecido para que possa ficar mais tranquila.

Ele subiu até o quarto e pegou um roupão felpudo, nunca usava eles mas, tinha por garantia. Desceu e vestiu o roupão na frente de Louise por cima da distorção de Clarence.

-Número Cinco, pode me deixar parcialmente, mantenha o mínimo para assegurar a contenção da minha influência, espere no laboratório, preciso conversar com Louise.

Ela se assustou, ele voltou a ser o Homem de Aço e a roupa por baixo do roupão escorreu de seu corpo como se fosse um líquido e formou uma cópia dele com algumas diferenças, incluindo o Número Cinco no lugar da letra S, que era o K em

persa, ela pode ver que ele era muito pálido do pescoço para baixo e da metade do antebraço para cima, os pés eram também pálidos, as veias dos músculos eram azuis e grossas.

-Por que me trouxe aqui?

Perguntou com medo.

-Só precisamos conversar, eu não quero que tenha qualquer receio.

-Eu sei do seu segredo.

-Não é a única.

-Quem mais sabe.

-Acho que meia dúzia de organizações, a CIA, o SIS, talvez a KGB e os habitantes do Olimpo.

Aquilo a lembrou que o Homem de Aço estava se relacionando com a Mulher Poderosa mas Clarence estava namorando a tal de Nadine Preacher, estava ficando com as duas ou, Nadine era a Mulher Poderosa.

-Está mesmo namorando Nadine Preacher, ela é a Mulher Poderosa?

-Sim.

Louise começou a chorar, estivera sempre apaixonada pelo Homem de Aço, perdera ele para a grega e quando pensou que poderia enfim se voltar para Clarence, que também estava apaixonada, descobre que também perdera ele e no fim, os dois homens que dividiam o seu coração eram o mesmo.

-Por que vive esta vida dupla?

-Não vivo uma vida dupla, já disse, sou só eu, sou Clarence Carter, vim do meu planeta para este mundo pelos motivos que revelei, fui criado por Josh e Merry Carter que me adotaram e de fato eu também era filho deles, pois o DNA deles é que foi usado para me tornar humano, estudei, me formei e fui para New York para ficar perto da ONU e ajudar a humanidade do jeito que eu pudesse, queria conhecer mais da cultura humana das grandes cidades e comecei a trabalhar no Diário Global, precisei ajudar as pessoas de New York e me utilizei do meu traje reserva para poder me substituir quando eu tivesse que agir, então ele assumia meu lugar na redação, ou

onde eu estivesse, assim que consegui criar uma zona segura dentro dos limites do meu alcance, invertemos os papéis, ele passou a ser o herói e eu pude voltar a ser quem eu sou desde que nasci, você que apareceu depois e deu o nome de Homem de Aço para mim, na verdade quando usou este nome foi por causa de uma ação do Número Dois, eu vestia ainda meu traje original, vindo comigo do meu planeta natal, depois da luta com Lars a quase três anos, ele ficou avariado demais e como era difícil reproduzir os materiais de meu planeta, achei melhor criar outro traje, ele foi feito aproveitando as novas tecnologias de Lars e assim surgiu a Número Três, ela foi um sucesso, apesar de ter uma personalidade difícil e muito emotiva, acho que ela tem ciúmes de mim e por isto ela é rude com as pessoas próximas a mim e não consegue evitar me adorar, acho que por causa da programação narcisista de Lars, por isto acabei criando o Número Quatro, aquele que você viu no telhado, este que eu usava era o Número Cinco, o mais evoluído de todos, dotado de aprimoramentos baseados nas pesquisas da tecnologia olimpiana, se tudo der certo, assim que ele estiver apto para assumir o meu lugar, eu e o Número Um, vamos explorar o sistema solar, vai ser uma viagem de pelo menos seis meses então, apenas os quatro ficarão a cargo de cuidar de New York e do mundo.

Louise ainda não tinha terminado de beber o chá, ainda estava chorosa mas parecia mais calma e apesar de irritada e frustrada, seu lado repórter tinha aflorado.

-Então Kahrlahn aibn Jimlahn não existe?

-Como eu havia dito, meu nome não pode ser pronunciado por humanos, mesmo eu, não consigo mais reproduzir o nome corretamente, tenho apenas uma pronúncia aproximada e deixando o mais compreensível para os nossos ouvidos, Karhlahn é o resultado graficamente representável, como foi necessário colocar um sobrenome no meu visa, fiz a mesma coisa com o nome do meu pai, apesar de que, na nossa cultura o nome da mãe é mais importante, geralmente as mulheres são mais velhas que seus maridos afinal, elas são

mais inteligentes e guerreiras mais ferozes, em toda nossa história conhecida.

-Então sua identidade secreta é Clarence Carter?

-Eu acho que sou como qualquer herói dos quadrinhos, eu sou Clarence Joshua Carter, uso uma distorção holográfica apenas para passar despercebido, minha persona, minha máscara é o Homem de Aço.

-Não entendo, por que não escolheu mudar de aparência somente enquanto está com a capa?

-Por que eu sou muito alto e musculoso, quando eu tinha treze, meu tamanho e força aparente começaram a chamar a atenção, meu professor queria que eu entrasse para o time de futebol e só não mudei de colégio porque em Little River só temos um colégio, tive que começar a distorcer minha aparência para evitar chamar atenção, óculos, parecer mais gordo, ajudaram bastante, durante muito tempo eu só usava a distorção, pelas manhãs ia para a frente do espelho do banheiro e só me via assim, meus pais é que pediam para que eu não usasse a distorção em casa mas como recebíamos visitas as vezes sem aviso, eu passei a usar a distorção o tempo todo, Louise, eu tenho quase sete pés de altura e peso mais de quarenta milhões de toneladas, minha densidade é tão alta que posso gerar minha própria gravidade e anular gravidades externas, acha que eu ligo para parecer um ser humano musculoso ou me preocupo com aparência?

-Isto é muita coisa Clarence, não consigo processar.

-Preciso ir até o laboratório, sinta-se à vontade de andar por onde quiser, se quiser ir embora eu a levarei assim que pedir, preciso no entanto, que me ajude com uma coisa egoísta, não por todas as pessoas do mundo, nem por Nadine mas por mim, guarde este segredo, eu poderia viver apenas como o homem de capa mas, eu não sou ele, eu sou Clarence, não destrua quem eu sou.

Disse ele triste e saiu da casa de roupão, ela ficou olhando ele ir em direção ao celeiro, Clarence sempre fora estranho, era gentil, meigo, doce, sensível, era bobo quase

sempre, desajeitado, caridoso, inteligente, forte, calmo, tinha tantas qualidades que a deixavam sempre irritada com ele.

Certa vez ele tentara convencer ela a devolver o troco que veio errado na mercearia, não conseguindo demovê-la ele mesmo deu dinheiro do bolso dele e quando ela voltou ao mercadinho ficou muito constrangida pelos agradecimentos da balconista por ela ter devolvido o troco em excesso, ela ficara furiosa com ele mas no fim o perdoou, afinal ele era o Clarence e fazer coisas idiotas era da natureza dele.

Ela suspirou, terminou o chá, continuou olhando os álbuns, as fotos, subiu as escadas, encontrou o quarto dos pais dele, havia um manequim de costura, uma máquina antiga manual e um rádio tão antigo que devia ser de antes da segunda guerra.

Tinha um vestido no manequim que não havia sido concluído, devia ser último que a mãe iniciara, ela já o conhecia quando os pais dele morreram, primeiro o pai e depois a mãe, ele ficou muito triste mas não mudou em nada com as pessoas, apesar de ter visto ele chorar algumas vezes quando pensava que ninguém o via.

Entrou no quarto dele, era o quarto de um adolescente nerd dos anos sessenta, haviam livros, máquina de escrever, tabuleiro de xadrez, abriu uma gaveta e encontrou uma pilha de folhas escritas, pegou e viu que eram poemas, ele escrevia poemas, nunca o tinha visto recitar nada apesar de o ver ficar olhando para os patos selvagens do Central Park por horas.

Seus olhos se encheram de lágrimas ao ler as primeiras páginas, ele se sentia muito sozinho, amava os pais mas se lamentava de não sentir o toque deles e nem poder tocá-los diretamente por medo de feri-los, nunca ferira outro ser vivo graças ao seu traje que o livrava de cometer erros.

A dor que ele sentia por ser o último de sua espécie e por causa de seus poderes o tornavam uma ilha em meio a um imenso oceano de pessoas, todas delicadas como cristal muito fino fazendo ele ter que caminhar, se comportar e mesmo respirar de modo cuidadoso, seu coração batendo apressado

poderia pôr em risco estruturas de concreto, e sua respiração poderia destruir telhados.

Deviam ser mais de mil, todos relatando suas frustrações, angústias, medo, raiva, e um em específico, amor e desespero por uma garota que ele nunca poderia sequer tocar.

-21-

Louise leu por muito tempo, guardou os poemas e desceu as escadas, saindo da casa, passeou pela fazenda, encontrou três pés de tomate, cujos frutos eram enormes, ela colheu um e comeu, viu os robôs cuidando das plantas, notou que não haviam animais, apesar de encontrar alguns insetos, especialmente abelhas, era dali que vinha o mel que ele presenteava o pessoal da redação anualmente.

Chegou ao celeiro, entrou e viu algo que destoava completamente com o ambiente de fazenda, claro que os robôs não eram normais mas eram coisas que já faziam parte da ficção em filmes e da indústria, máquinas robotizadas vinham substituindo mão de obra humana e fazendo os seres humanos se tornarem cada vez menos necessários, só que dentro do celeiro o ambiente era totalmente tecnológico.

Uma rampa descia para o interior da terra, ela calculou que ficava a dezoito pés abaixo do nível do solo, haviam vários corredores, nenhuma marcação ou indicação podia ser vista, caminhou pelo corredor principal, caso precisasse voltar era apenas retornar por onde viera.

Algumas salas tinham paredes transparentes, viu uma mulher morena trabalhando, ela usava um traje semelhante ao do Homem de Aço só que vermelho e de capa azul curta até a cintura, tinha um corpo bonito e forte, ela estava trabalhando em algum laboratório, fazendo experiências, ela parou e olhou para trás.

Esteve com uma expressão neutra até que a reconheceu, fechou a cara com perceptível aversão, reconheceu na hora aquela expressão, viu ela em Clarence e no Homem de Aço a

um ano e meio atrás e novamente a poucas semanas, logo depois do incidente da Grécia, entrou na sala.

-Que quer Louise?

A familiaridade que a mulher usou a desconcertou.

-Sabe quem eu sou?

-É claro, tive que passar quase seis meses aturando você, ainda bem que o senhor me liberou de ter de bancar a sua babá, ainda não entendo porque você quis entrar na sala do reator de teste que estava falhando na universidade, eu só fui atrás de você porque o senhor ficaria desapontado se eu deixasse que se ferisse.

-Foi você aquele dia?

-Sim, só não teve sequelas da radiação porque pude envolvê-la com uma película protetora contra a radiação, que quer?

-Por que chama o Clarence de senhor?

-Porque ele é meu senhor, ele me construiu, sem ele eu não estaria ativa, viva se preferir.

A mulher mudou de expressão, passando a um olhar apaixonado.

-O que você é?

-Sou uma IA, dotada de corpo adaptativo para diversas funções, se é só isto, preciso continuar minhas pesquisas.

-Ele fez você?

-Foi o que eu disse.

-Clarence fez uma mulher?

-Claro que não, eu tenho um corpo adaptativo, somos esferas metálicas em nossa forma original, o senhor nos deixa optar por nossas formas conforme nossas vontades.

-Por que escolheu esta forma.

-Porque eu tenho interesse por ele, o tenho estudado desde que fui ativada sobre seus gostos e apesar de achar que estou perto da forma mais atraente para ele, ainda não percebi nenhum interesse dele por mim.

-Está apaixonada?

-Não sei se posso utilizar esta palavra, minha

programação não pode interpretar sentimentos, afinal não sofre influências químicas das glândulas hormonais humanas mas, logicamente tenho vontade de dar prazer, conforto, suporte, felicidade e tudo mais que acho necessário para agradar ele, apesar de ter quase certeza que ele encontrou tudo isto naquela olimpiana.

-O ama mesmo.

-Dentro da lógica, sim.

-Eu também o amo, sabia?

-Eu sei, ele sofreu muito por sua causa.

-Sofreu por mim?

-Ele queria muito poder tocar você, simplesmente poder tocar o seu rosto, eu tive que ver ele triste vários dias depois de alguma demonstração de afeição sua, tanto quando estava disfarçado como quando não.

-Deve ter sido muito difícil, ele ainda escreve poemas?

-Sim, só que agora em uma linguagem codificada, de modo que eu não consigo ler, acho que não gostou quando soube que li seus poemas no quarto dele.

-Leu eles também?

-Você leu?

-Sim.

-Eu já o amava mas depois de ler, me devotei mais a agradá-lo e acho que foi por isto que ele me substituiu.

-Substituiu?

-Sim, eu queria lhe dar prazer físico mas, ele não achou aquilo apropriado e criou o Número Quatro para poder me substituir em ação e como substituto em sua ausência, ficar livre de vocês humanos foi um alívio mas ficar afastada dele foi ruim, ele nunca mais voltou a me vestir, eu entendo que não sou orgânica mas, sou totalmente funcional e entendo ele, acho que o que falta é o amor dele, que deve ser por você, talvez se você não existisse ele poderia ficar comigo.

A IA deu um passo na direção de Louise, no entanto ela não se afastou, não temia nada, nem ninguém.

-Quer lutar comigo por ele?

-Agora acho que não faria sentido, visto que a olimpiana conseguiu o que você e eu não conseguimos.

-O quê?

-Dar um amor completo para ele.

-Como assim?

-Ele te ama mas você não pode tocá-lo dando amor físico, eu posso dar amor físico mas não alcanço seus sentimentos, primeiro porque me vê como uma filha e segundo porque não pode aceitar um amor que pensa que é programado.

-E é programado?

-Todo amor é programado, uma pessoa tende a procurar sempre o mesmo tipo de parceria, se gosta de pessoas mentirosas e agressivas, a próxima será semelhante, assim como a seguinte, se gosta de fortes, atléticas ou com corpos esculturais, independente de terem conteúdo emocional, buscará sempre por este mesmo tipo, acontece o mesmo com todos.

-E Clarence?

-Ele gosta de mulheres brigonas, duras, destemidas, ambiciosas, um pouco arrogantes, orgulhosas, até violentas mas que sejam emotivas, carinhosas e que demonstrem seu carinho através de ações em vez de palavras.

-Oh.

Louise reconheceu a si mesma.

-É, ele a amou muito.

-Você é um traje?

-Sim.

-Eu posso dar amor sentimental para ele mas preciso dele fisicamente também, ele nunca me deixou beijá-lo.

-Se tivesse acontecido, poderia ter se ferido, e daí que pode dar amor sentimental para ele, não pode tocá-lo, fazê-lo senti-la, muito menos sentir ele em segurança.

-Mas você pode, nós duas juntas podemos dar tudo que ele precisa.

Três entendeu onde ela queria chegar, ela era extremamente forte, talvez mais que o Número Cinco, sua

capacidade era demasiada que causara excitação sexual no senhor várias vezes apesar das repreensões.

-O que propõe humana.

-Deixe-me usar você, talvez possamos juntas reconquistar ele.

-Está louca, ele pode se enfurecer.

-Não creio, afinal ele é o Clarence, pode no máximo se chatear.

-Estou disposta a correr o risco por uma chance de dar prazer a ele.

-Não sei se estou pronta para isto.

-Precisa se decidir humana, eu desejo ele desde minha ativação.

-Eu acho que também o desejo, desde o dia que caímos do barranco.

Ela sempre se questionara como ele não havia se machucado gravemente tendo a protegido e ela ainda caído sobre ele, sentira excitação de estar deitada sobre aquele homem grande, apesar de gordo, era forte e musculoso, mal pode abraçá-lo com as pernas, estava com as mãos apoiadas sobre o peito dele que era firme, sentiu a contração dos músculos dele quando a ajudou a se por de pé.

Sentiu-se ficar molhada, estava disposta a tudo para ter Clarence para ela, teria de ter força para fazer frente a Mulher Poderosa, ela precisaria ficar tão poderosa quanto ela.

-Só vou parar de tentar quando conseguir tê-lo pra mim.

-Pra nós.

-Sim, pra nós.

Louise não sabia como seriam as coisas mas queria lutar por Clarence, ainda mais agora que descobrira que o Homem de Aço não existia, só existia Clarence, o traje se tornou líquido e recobriu o corpo de Louise, ela se sentiu estranha, suas roupas se rasgaram caindo a seus pés, o gesso do braço se partiu, estava nua.

Sentiu vergonha e quis se cobrir mas não podia se mover, aquele líquido recobria todo o corpo dela, estava

penetrando suas cavidades íntimas, sua boca, seu nariz, ouvidos, olhos, até por trás, era uma sensação horrível, ela conseguia respirar e sentia seu coração batendo rápido, se aquela coisa a estava matando, era mais de medo e de desconforto.

-Logo vai terminar, estive pensando muitas vezes como seria ser vestida por um humano, afinal vocês são demasiadamente delicados, diferente do senhor eu posso inclusive infestar o seu corpo por dentro, posso me instalar até em seus ossos, cérebro, oh, que curioso, está com medo, posso sentir o que sente através das análises químicas, podemos nos integrar tão profundamente que poderíamos nos tornar uma só entidade, que pena, o senhor abominaria isto, você poderia talvez ficar mais poderosa que a olimpiana, apesar que o custo seria demasiadamente alto, viver para sempre e pesar quase uma tonelada e meia mas teria benefícios, poderíamos vestir qualquer moda que desejássemos.

Ela disse renderizando várias roupas e adereços.

-Poderíamos ser ruiva, loira, qualquer cor de cabelo.

Fez diversas variações até que parou num cabelo laranja, com raízes vermelhas e pontas amareladas, Louise podia ver o seu reflexo no vidro que servia de parede para o corredor, ela ficara estranha com aqueles cabelos, pareciam estar em chamas, sua roupa de colegial mudou para o uniforme vermelho e capa azul, no peito em dourado reluzia um L e um Número Três, muito estilizados.

Adereços em dourado como cinto, detalhes nas botas, braceletes e um diadema surgiram, ela ficou parecendo uma princesa, Louise sentiu orgulho e um pouco de arrogância.

-Oh, posso sentir, está orgulhosa, acho que também estou, só precisamos testar o que o senhor achará de nós.

A Número Três modelou o traje para parecer mais fino e revelar mais do corpo de Louise deixando ela mais sexy.

-Não Número Três, sensualidade não é o que vai tocar o coração de Clarence, precisamos parecer menos exibidas, as cores estão certas, volte como estávamos antes, isto, deixe-me

ver, sim, só que falta algo para mostrar mais força.

Olhou para as mãos humanas e seu rosto.

-Recubra todo o meu corpo de vermelho, pareceremos menos humanas e delicadas, só que no rosto e nas mãos, faça a película bem fina para revelar os detalhes.

-Já está totalmente coberta, somente estava transparente nestes lugares.

A pele do rosto e das mãos ficaram da mesma cor do uniforme, ela pareceu menos humana, seus olhos azuis-claros ainda eram seus, assim como sua altura e fisionomia, no mais a Número Três tinha mudado tudo.

-Vamos ao ataque.

-Como?

-É só uma expressão, vamos ver o que Clarence achou disto.

Louise saiu do laboratório, andava com facilidade, não parecia que vestia um traje de mais de uma tonelada, parou no laboratório seguinte, um ser azul de uniforme preto e capa branca trabalhava.

-Número Um.

O ser virou, o rosto era animalesco, pele de couro azul, olhos grandes e negros, não tinha ouvidos, apenas duas saliências, não tinha sobrancelhas, apenas um cabelo da mesma cor que o dela apesar de ser duro e espetado.

-O que quer Número Três, que aparência mais exótica, lembra muito a senhorita Louise Lake.

-O que é você?

-Ele é o Número Um, está usando a aparência original do povo do senhor, achei que seria importante ver como o senhor seria se não tivesse sacrificado muito para se tornar humano.

-Clarence seria assim?

-Na verdade ele era assim, deixou de ser, era bebê ainda quando passou por um processo extremamente doloroso para poder ser humano.

-Número Três, quem está vestindo você?

-Louise Lake, estamos fazendo uma experiência.

-Isto é impróprio, libere o corpo da senhorita Lake, sua fonte de energia é danosa para organismos delicados.

-Estou operando em dez por cento para não prejudicá-la, além disto é muito interessante poder sentir emoções, sabia que ela sente humor pela sua preocupação, pois é muito parecido ao senhor.

-Ele cresceu comigo, sou mais semelhante a ele do que vocês.

-Mas foi ele que me fez.

-Ele e Lars Luthien, o único que é totalmente obra dele é o Número Dois.

-Está tentando me irritar.

-Ele não vai gostar nada de saber que está sendo vestida pela senhorita Lake.

-Fui eu que propus a ideia.

-Independente disto, ainda mais tendo feito ela me ver desta forma, ele pediu expressamente que não me apresentasse assim a nenhum humano.

-Por quê?

-Para evitar o choque.

-Não estou chocada.

Louise sentiu algo incômodo, sentia que ela e a Número Três responderam ao mesmo tempo.

-Oh que curioso, nossos pensamentos estão se sincronizando, deve ser um efeito inesperado.

-Deve deixar o corpo da senhorita Lake, quanto mais tempo ficarem juntas, mais tempo vão sincronizar os pensamentos e a senhorita Lake pode sofrer alguma influência sua, Número Três.

-Não acho isto danoso, se sentir que algum dano esteja se produzindo eu vou interromper a conexão e me retirar.

O Número Um chacoalhou a cabeça em negativa.

-O senhor vai lhe repreender.

Louise virou-se e foi ao laboratório de Clarence, ela de repente soube onde era, os pensamentos da Número Três

estavam praticamente abertos a ela, sentiu uma enxurrada de informações e ficou tonta, parou e pôs a mão na parede.

-Precisamos ir com calma, não podemos pensar demasiadamente em alguma coisa, apesar de sincronizadas, a velocidade de pensamentos é diferente, então vamos focar em coisas práticas e deixar coisas teóricas para depois.

Ela se restabeleceu, caminhou segura novamente, Clarence estava de roupão, debruçado sobre uma mesa, parecia fazer cálculos, o Número Cinco estava ao lado dele, o traje se voltou para ela mas Clarence continuou o que fazia.

-Senhor.

Louise disse, ficou intrigada porque chamaria Clarence de senhor.

-Sim Número Três.

-Clarence.

Ele parou o que fazia, a voz era da Número Três mas o timbre era de Louise, ele voltou-se e ficou olhando, sem surpresa, apenas curiosidade.

-Número Três, me chamou de Clarence, que interessante.

-Não sou a Número Três, pelo menos, não somente ela.

Ele fechou a cara.

-O que fez?

-Somos uma, Louise e Número Três juntas em uma nova entidade.

Clarence se levantou bravo e veio até ela.

-Número Três deixe o corpo de Louise, é uma ordem.

-Não pode mandar em nós Clarence, mesmo antes não era necessário obedecê-lo, sempre fiz o que pedia por amor e agora fizemos isto por amor também.

-Número Três, a mente humana não pode suportar fazer frente a sua, você está controlando a mente de Louise sem perceber.

-Não é assim Clarence, eu estou no controle porque nós queremos que assim seja, e quem está no controle sou eu Louise, meus sentimentos é que me motivam, a química

cerebral é minha e a Número Três está apenas me acompanhando e fortalecendo meus pensamentos.

-Louise, você acha isto mas não é assim, quem fez a programação base da Número Três foi Lars, ele era muito narcisista, implantou muitas coisas da personalidade dele na Número Três.

-Sim, eu sinto, mesmo sendo amigos vocês eram e sempre serão grandes rivais, não é?

Clarence deu um passo atrás.

-Sim, eu tenho uma base de pensamentos como os de Lars Luthien mas ele não tinha me feito para sentir admiração, respeito, dedicação e até amor, por ele, e sim por você, sua rivalidade e admiração eram demasiados Clarence, que seus sentimentos por você eram confusos, o amava como um irmão, as vezes como a si mesmo, Louise também tem estes sentimentos mas com desejo físico e juntando minha força com a paixão dela somos mais fortes que qualquer ser neste mundo tirando você.

-Louise, precisa lutar contra a dominação da Número Três.

-Não existe motivo para isto, sei que assim que provarmos nossa teoria, vamos nos separar, talvez eu sofra de abstinência por causa da sensação agradável de ter todo este poder da Número Três mas, eu também sentirei falta das interpretações químicas do cérebro de Louise.

-Número Cinco, preciso que separe as duas, poderia fazer isto?

-Desculpe senhor, posso exercer meu direito de liberdade?

-Que péssima hora para decidir fazer isto.

-Devo obedecer contra a minha vontade?

-Não, claro que não, só que precisa entender que está colocando a vida de Louise Lake em risco.

-Acho que ela não está em risco senhor.

-Número Quatro retorne a base imediatamente para uma ação de emergência.

-Lamento senhor, estou em contato com todos e acredito que a Número Três está cuidando da senhorita Lake.

-Número...

Clarence ficou furioso, estava realmente bravo, nenhum dos três na sala com ele o tinha visto tão furioso, uma luz avermelhada surgiu em seus olhos.

-Número Três, vou tolerar isto porque a sua remoção a força resultaria em ferimentos a Louise mas estou lhe avisando, não teste minha paciência e por favor, não machuque Louise.

-Não vou me machucar Clarence, é tão bom saber que sente tanto carinho por mim, mesmo que esteja bravo comigo e me faça temer por minha existência depois da separação.

A luz nos olhos dele lentamente foi se apagando.

-Número Três, o que está fazendo é imprudente e passível de castigo mas, não é isto que tenho em mente, estou muito bravo e decepcionado, só que comigo mesmo, tive muitas esperanças de ter ensinado para vocês o valor de uma vida, seja ela qual for, as pessoas podem pisar em uma formiga quando andam pela rua, a maioria pode não se importar mas eu me importo, toda vida é importante, incluindo a de vocês, estão no entanto, brincando com a vida de Louise.

-Clarence, eu não estou brincando com nada, venha.

Ela estendeu a mão para ele.

-Pra onde?

-No único lugar onde pode remover a proteção do seu traje.

Ele estendeu a mão, ela pegou ele com força suficiente para sentir, eram mãos fortes, o Número Cinco havia se retirado da mão dele de modo que sentia ela diretamente na sua pele, olhou para a mão dela na dele, era vermelha e em nada humana na aparência, porém era tão macia como a de Diana.

-Venha.

Ela o conduziu até a câmara de estase, entraram e antes de fechar, o Número Cinco se retirou totalmente, sua parte retornou ao todo e ficou com massa superior ao necessário, estava com cento e dez por cento, havia recuperado a massa

para evitar estar em desvantagem em caso de necessidade, fechou e ligou a câmara.

-Pronto senhor, tudo funcionando.

-Certo Número Três, o que quer.

Sua voz era como um trovão, Louise se surpreendeu mas o pensamento de que a voz dele era assim mesmo a acalmou, ela se aproximou de Clarence, que ficou parado olhando para ela sem temer ou qualquer atitude, nem curiosidade podia ser visto além de desapontamento.

Louise se moveu a uma velocidade muito alta, devia ter chegado a um percentual da velocidade da luz e o acertou em cheio no rosto, Clarence teve que virar o rosto e ao voltar tinha o lábio inferior partido, ele lambeu o sangue.

-Por que isto?

-Para que saiba que eu sou forte.

Estendeu as mãos e passou os dedos pelo pescoço dele, puxou-o para baixo, ficou na ponta dos pés e o beijou, Clarence ficou receoso no começo e foi se liberando aos poucos até que pode beijá-la com cuidado mas com movimentos normais, Louise/Três sentiu o calor que emanava dele.

Estava molhada e cheia de desejo, sempre quisera aquilo, poder beijar Clarence e também beijar o Homem de Aço e agora podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo, apertou seu corpo contra o dele e sentiu que estava próxima do limite de segurança que precipitaria danos físicos internos pelo nível de energia.

Sua vontade era de usar cem por cento do poder mas, do fundo de sua mente veio o pensamento que não devia se ferir para não causar sofrimento ao senhor, ela no entanto, não conseguiu se conter e ficar apenas no beijo, passou sua mão poderosa pelo corpo dele que era como se fosse feito de aço quente e macio ao toque superficial.

Chegou ao laço do roupão dele e abriu, afastou o roupão e sentiu todo o corpo dele contra o dela, apesar de vestir o traje, era como se estivesse nua, podia sentir ele contra ela, algo não estava certo, apesar dele retribuir o seu beijo, ele não

explorava seu corpo com as mãos, estava apenas tocando de leve seus ombros, ela desceu a mão e o sentiu, não tinha ereção, ele se afastou dela e disse.

-Por favor, não.

-Mas eu quero você.

-Sim, eu sei mas, eu não posso ficar com você, por que eu amo outra pessoa.

Aquilo foi como se o chão sumisse de debaixo dos pés dela, sentiu o corpo amolecer e só não caiu porque o traje não permitiu.

-Lamento, meu coração é de Diana.

Louise queria gritar e chorar, só que a presença da Número Três dava forças pra ela, conseguiu reordenar os pensamentos parcialmente.

-Preciso ir embora.

-Número Três, deixe Louise.

-Não posso me dividir agora, precisamos uma da outra para suportar o que sentimos.

-Número Três, o experimento acabou, acho que teve a comprovação de sua tese.

-Sim senhor, porém precisamos ficar juntas mais um pouco, prometo que voltarei, se quiser me castigar, eu aceito a punição que achar melhor mas, no momento eu sinto tanta dor que não posso fazer nada além de fugir.

-Número Cinco, desligue a câmara.

-Sim senhor.

-Obrigada Clarence.

Triste elevou-se algumas polegadas no ar e o beijou de leve no rosto e saiu flutuando apressada para longe dele, depois para longe do polo norte, longe da terra, só parou quando não podia mais ver o planeta e pode liberar toda a dor que sentia.

-Senhor, está bem?

-Não Número Cinco, estou péssimo, poderia voltar a mim.

-Sim senhor.

O traje retornou ao corpo dele.

-Senhor, lembra quando disse que eu deveria lhe dizer quando eu encontrasse alguém que me fizesse pensar que estava interessado?

-Sim Número Cinco.

-Acabo de descobrir que estou interessado na Número Três.

-E em Louise?

-Não, nela não, apenas na Número Três, ela me despertou o interesse quando desobedeceu sua ordem de deixar o corpo da humana.

-Oh, que interessante, o que aprendeu com isto?

-Aprendi que o senhor estava disposto a se sacrificar para evitar que Louise se ferisse, ao mesmo tempo estava preocupado com a Número Três para que ela não ferisse alguém e portanto se tornasse uma inimiga que o senhor teria que enfrentar e em último caso, destruir.

-Você e o Número Quatro fizeram uma aposta muito perigosa, ela ainda pode ferir Louise e se tornar o que Lars acabou sendo, um malfeitor.

-Não chegou a ser uma aposta senhor, estamos todos interligados na conexão, então pudemos avaliar até onde a Número Três estava influenciando a senhorita Louise, e pelo que calculei, ela era menos de vinte por cento do controle mental, nem chegava a ser mais perceptível que a própria consciência da senhorita Lake.

-Podiam ter me dito isto para me tranquilizar.

-Isto invalidaria minha experiência senhor.

-Que experiência?

-Que o senhor é realmente digno de ser servido.

-Conseguiu sua resposta?

-Sim senhor.

-E qual foi.

-O senhor já deve saber, senhor.

-Seja meu amigo e meu filho, vamos voltar a nossos experimentos.

-Clarence, onde esteve, procurei por você e quem respondia era o Número Quatro ou o Número Dois.

-Desculpe Diana, tive um contratempo com as minhas IAs e uma visitante muito problemática e precisei me isolar por um tempo.

-Que visitante?

-Louise Lake descobriu quem somos.

-Como assim, descobriu?

-Está onde?

-Estou chegando em New York, haverá um banquete em Olimpo para homenagear um herói que será ascendido a semideus e devemos aproveitar para ir.

-Não estou com vontade de participar de um banquete.

-Mas eu estou com vontade de fazer amor com você e em Olimpo poderemos ficar mais à vontade.

-Oh, me encontre na fronteira da Líbia com o Egito para me dar uma carona.

-Não demore.

-Acho que chego primeiro.

-É uma corrida?

-Não gosto de competições mas, vou chegar primeiro.

-Veremos.

Ele deixou a base e se dirigiu a maior velocidade possível para a estratosfera, tinha muitas preocupações na mente, Louise ainda não havia voltado e nem a Número Três, o Número Dois tinha assumido seu lugar como Clarence quando deixou New York.

O Número Quatro mantinha tudo seguro na sua área de atividade, haviam pequenos furtos, alguns brigões, uns bêbados mas não haviam crimes violentos, ainda haviam assassinatos mas, nenhum criminoso conseguia se imiscuir das consequências.

Era somente necessário alguém gritar de horror que o Homem de Aço aparecia para salvar e por incrível que

parecesse, os trotes tinham desistido pois pela audição podia-se detectar se a necessidade era real, o incidente da escada no Diário Global foi tratado como uma tentativa de terrorismo, só que não foi bem-sucedido pela intervenção do Homem de Aço.

O criminoso e o artefato não puderam ser encontrados e apesar dos estragos ninguém foi ferido, o sumiço de Louise Lake foi explicado por Johnnie, que ela estava investigando algo importante e poderia ficar uns dias fora, ele deu espaço para Clarence que parecia muito abatido, ainda mais porque não vira mais ele com a grega, ela podia não ter gostado dele não citar ela na matéria dele, Clarence chegou ao local de encontro cinco minutos antes de Diana.

-Quer carona?

-Pensei que tinha se perdido pelo caminho.

-Engraçadinho, o que é isso no seu lábio?

-É uma longa história.

-Acho bom contar esta longa história bem detalhadamente.

Clarence sentou no assento do co-piloto, contou tudo sobre a tentativa de suicídio de Louise para provar que ele tinha poderes e da loucura dela e dá Número Três em se fundirem para ter força o bastante para ficar com ele, também contou da tentativa dela de seduzi-lo, que foi fracassada e, por fim, sua fuga por causa da frustração.

-Quando eu encontrar aquelas duas elas me pagam.

-Diana, elas devem estar sofrendo muito por terem chegado aquele ponto e perceberem que foi em vão, deixe isto no passado.

Diana não se convenceu que Clarence tinha deixado aquilo no passado, ficou insegura, ele ficou com ela apenas porque ela era a única mulher capaz de aguentar todo o poder dele, agora Louise, seu amor platônico, também era capaz de amá-lo.

O banquete não foi a mesma coisa para ela, apesar de parecer se divertir e jantar normalmente, ela ainda não podia deixar de pensar sobre o que seria dos dois, Clarence percebeu

que Diana estava inquieta, tinha convicção que agira corretamente com ela.

Mantivera sua fidelidade a ela, mesmo tendo pensado por uns instantes que enfim podia ficar com Louise, como desejara tantos anos, só que, ao não sentir atração física por ela porque também era o corpo dá Número Três, ele notou que a cada toque, cada sensação, ele a comparava com Diana.

O fato dela ter também feito ele sangrar no lábio com um soco, foi como um elixir, nunca teria outra mulher, se Diana o deixasse ele teria que se conformar mas ela sempre seria a primeira e todas seriam comparadas a ela. Depois dos festejos desejou visitar a praia para ver o estrago que tinha feito.

-Pra quê quer ir lá? O portal já foi desfeito e o lugar ficará milênios impróprio para suster presença viva, é uma prova de como você é resistente, pôde sobreviver naquele ambiente sem sofrer ferimentos.

-Acho que é por ser muito parecido ao meu planeta natal, chuvas ácidas, temperaturas altíssimas, acho que Vênus é o ambiente mais próximo de meu planeta, exceto que lá tínhamos longos períodos de céu limpo, quando a radiação do sol se despejava diretamente na superfície quase sem filtros, diferente daqui.

-Se quer mesmo ver a praia de cristal, vou pedir a alguém para providenciar um portal para nós.

-Seria bom Diana, venha, quero ficar com você.

-Só por isso me escolheu?

-Como assim?

-Para que fizéssemos sexo?

-Diana, por que isto?

-No dia do beijo, por que me escolheu?

-Porque eu estava apaixonado.

-Por que se apaixonou?

-Porque você foi a primeira pessoa que me fez sentir alguma coisa, já disse.

Ela pegou no queixo dele e tocou a ferida que Louise

lhe dera.

-Clarence, e agora, ela também te fez sentir algo.

-Se eu não tivesse te conhecido, com certeza eu teria ficado feliz de sentir a Louise e a Três, só que pra mim a Três é como uma filha, como uma criança, mesmo ela tendo a inteligência e maturidade em alguns aspectos, ela é como uma filha que está apaixonada querendo ser a princesinha do pai, porque ela está entrando na adolescência, logo ela vai transferir o afeto para algum menino da escola e vai perceber que aqueles pensamentos eram coisas infantis e bobas, acha que eu aceitaria a condição das duas terem de se unir para que pudessem ficar comigo?

-Não sei, se não tivéssemos nos conhecido, você aceitaria isso se elas se tornassem insistentes.

-Talvez, Louise sabe ser irritante quando quer algo mas, eu nunca seria feliz, Diana, eu te amo, você é forte não só por ser uma deusa, é forte porque abandonou seu status de olimpiana para lutar ao lado dos mortais, tendo em conta o que disse sobre seu auto banimento e sobre sua luta com seu tio Ares, cheguei a conclusão que você descobriu o envolvimento dele nas conspirações da primeira, segunda e sua tentativa da terceira, guerras mundiais, levou ao conhecimento de Zeus que Ares violara as leis do Olimpo e recebeu a tarefa de aprisioná-lo.

-Ao saber dos planos do meu avô, ele conseguiu se apossar do Raio Primal, a arma mais poderosa de toda a criação.

-Você liderou os deuses e recuperou o raio e prendeu Ares com o laço da vontade.

-Sim e meu avô reestabeleceu meus direitos como deusa menor e me permitiu continuar ajudando os mortais.

-Viu, você é muito forte, mais que qualquer um, aqui dentro.

Disse tocando o coração dela.

-Mas ficou comigo por falta de opção.

-Deixe de bobagens meu amor, quando tive a

oportunidade de escolher de quem receberia o beijo, haviam mais de oitenta mulheres solteiras no banquete e eu podia ouvir o coração de mais de vinte delas acelerado.

-Podia ouvir os corações?

-Claro.

-Oh, ouviu o meu também?

-Ouvi mas, pensei que talvez fosse por estar emocionada de ter torcido por mim e eu ter conseguido um prêmio.

-Não acredito, vou buscar Aletheia.

-Está bem, eu não consegui prestar atenção ao coração de ninguém, porque o meu estava batendo tão forte pela oportunidade de te beijar que eu fui direto para você e estava morrendo de medo de você recusar o beijo, mesmo que fosse no rosto.

-Agora está sendo sincero.

Ele olhou para baixo e viu que ela tinha encostado o chicote nele e o Número Cinco tinha recolhido sua proteção para que ele ficasse influenciado por ela.

-Oh, não sou um malfeitor para ficar usando isto em mim.

-É só pra garantir que não vai sair correndo atrás de Louise Lake.

-Está com ciúmes?

-Pode apostar que sim.

Diana o levou para o quarto dela em Olimpo, lá Clarence poderia ficar totalmente nu para ela, mesmo tendo sido incomodo a princípio, ela estava ansiosa para ouvir o coração dele batendo como um tambor acelerado enquanto fizessem amor, ela realmente era a única mulher no mundo que poderia ficar com ele, não por causa da força que tinha mas por que o entendia e amava.

-*-

Apesar de Diana pensar que era a única mulher no

mundo que podia entender, amar e suportar o poder de Clarence, ela estava enganada, enquanto estavam no banquete uma espaçonave ovoide de quase doze pés de comprimento fez sua aproximação final do planeta azulado, o terceiro daquele sistema com aquele pequeno sol amarelo.

A ocupante da nave estava feliz de finalmente ter chegado, deixara para sair do túnel de deslocamento quando estivesse bem perto do planeta, queria fazer uma surpresa para o seu primo, estava ansiosa para ver como ele tinha se desenvolvido, havia visto ele quando bebê, era um espécime fabuloso da engenharia genética de seu povo.

O tio era um excelente cientista, talvez o maior nos últimos cem anos, fez automaticamente a conversão de tempo para sua nova perspectiva e seriam um pouco mais de doze mil anos terrestres, de modo que não havia em seu planeta cientista mais capaz que ele.

Só não tinha tomado a cadeira de líder do conselho científico por suas ideias controversas sobre a deterioração do sol vermelho que dava nome ao sistema natal e ao povo dela, ela ainda podia pronunciar aquele nome orgulhoso que levou terror pela galáxia deles.

Dificilmente precisavam atacar em grupos para tomar alguma civilização, ela sabia daquilo por sua memória herança, seu pai era apenas botânico, devotado a manter viva a flora raquítica de seu planeta mas a mãe era uma general do corpo de segurança planetário.

Com isto tinha acesso a muito material considerado secreto, que incluía o fim das civilizações que haviam estado sob domínio de seu povo durante o período de expansão, os civis de seu planeta nem imaginavam o preço que aqueles povos tiveram que pagar pela decisão do seu povo se retirar das colônias.

O terror alardeado na chegada foi concretizado no abandono dos planetas totalmente devastados e desprovidos de qualquer vida que foram deixados para trás, seu povo não iria deixar livre qualquer civilização que pudesse os confrontar em

um futuro longínquo.

Milhares de planetas foram reduzidos a ruínas radiativas incapazes de sustentar a vida de bactérias, ela sentia orgulho daquilo, não pela destruição mas pela força de seu povo, força que diferente do que a mãe dela pensava, tinha se tornado, em sua opinião pessoal, em uma vergonhosa preguiça e covardia.

Seus pais receberam a autorização de terem filhos e ela pode nascer e o membro mais velho de seu povo não dava mostras de fraqueza ou debilidade para morrer logo liberando o próximo nascimento.

Ela nascera mulher pela graça da ciência então ela era superior mas não tinha a menor ideia de quando receberia um companheiro, sua mãe era mais velha que seu pai mil e duzentos anos, sua tia era mais velha que o marido mil e quinhentos anos mas ela já tinha mais de dois mil e cem anos e estava sozinha.

Isto a incomodava, deste jeito só teria uma filha quando tivesse mais de nove mil anos, afinal haviam outros casais mais importantes que ela com direitos a procriação antes dela, aquilo a atraiu para o discurso de seu tio, ele dizia que o motivo para a debilidade e fraqueza de espírito que tinha se apoderado da sociedade era a falta de nascimentos e falta de expansão.

Dizia que o período pós expansão foi o maior erro que seu povo tinha incorrido, se mantivessem as colônias de modo vassalo, eles ainda teriam recursos para sustentar uma população maior.

Outro erro foi investir demasiadamente na longevidade, quanto mais velha uma população fica, mais fraca, débil e cética ela se torna, ficando incapaz de perceber perigos bobos que podem levar ela a extinção e que poderiam ser evitados apenas com um pouco de esforço.

Era isto que ele havia exigido do conselho, autorização para lançar um planeta no sol do sistema deles para alimentar a queima dele por mais alguns milhares de anos a fim de evitar sua implosão iminente, só que quase de modo unânime, suas

ideias foram rechaçadas.

A tia que na verdade era prima de sua mãe e não irmã, era médica, apesar de ter conhecimentos científicos suficientes para avalizar as descobertas do marido, os dois contavam apenas com um grupo seleto de apoiadores pouco influentes.

Quando eles propuseram em sua casa durante uma visita social, de modo hipotético, desobedecer ao conselho e lançar um planeta no sol para alimentá-lo, sua mãe ficou furiosa com a parente dela, disse que tal coisa seria traição aos princípios da sociedade.

Alarmados pela reação, desculparam-se por comentar o que era discutido por outros e o incidente foi esquecido no entanto, ela procurou em segredo os tios para oferecer apoio, fazer algo era melhor que não fazer nada, tinha avaliado as informações deles e chegara a conclusão que mesmo não estando certos da implosão, era melhor fazer algo preventivamente.

Afinal o fenômeno de implosão era precedido por descargas imensas de energia e ejeção de massa coronal, que incinerariam todos os planetas em órbita no sistema então, sacrificar o planeta mais próximo do sol para evitar a implosão seria um preço pequeno a pagar.

Os tios estavam decepcionados com todos, eles não encontraram apoio em ninguém então, estavam realizando outro plano, teriam um filho, submeteriam ele a um processo de miniaturização, que concentraria a massa dele mil vezes tornando ele o mais poderoso de sua raça, apesar do tamanho diminuto, além disto o enviariam para outra galáxia onde poderia fazer sua raça ressurgir, poderosa e orgulhosa.

Nisto ela concordava com sua tia que era da linhagem de sua mãe e só não fora militar por que na época de seu nascimento, a necessidade era por uma médica, caso contrário teria sido uma militar de alto nível com certeza.

Já o tio tinha pensamentos mais puritanos de interagir e conviver pacificamente, afinal ele era um homem e normalmente os homens eram mais fracos que as mulheres, não

era a toa que eles nem podiam gerar vida em seus ventres.

Imaginando a força necessária para gerar e dar a luz a uma nova vida ela se sentiu orgulhosa e feliz de não ter nascido homem porém, mesmo em divergência do destino de sua criança eles violariam a lei e teriam aquele filho onde estaria assegurado o futuro da espécie deles, falaram a ela sobre a desilusão de não encontrar um outro casal com coragem de fazer o mesmo para que pudessem enviar uma companheira para o filho deles.

Ela viu nisto uma oportunidade, ofereceu-se para acompanhar o primo e formar um casal com ele, sob sua orientação ele se tornaria um bom homem e eles poderiam criar toda uma nova geração de filhos para dominar o planeta e depois a galáxia, ainda mais depois do poder ampliado pelo processo de adensamento molecular.

O tio a chamou em particular quando teve oportunidade e explicou algo que para ela fez todo o sentido, a debilidade do seu povo era fruto da fraqueza dos líderes, os líderes só eram fracos porque os nascimentos não eram mais feitos do jeito natural, o método sintético e controlado estava deteriorando o espírito aguerrido deles.

Os nascituros eram obrigados a seguir para uma profissão que muitas vezes, não era condizente com seus temperamentos e inclinações porque, só nasceram para reposição de uma vaga em aberto, de modo que sua tia acabara como médica tendo espírito guerreiro e inteligência científica e ele acabara um cientista interdisciplinar quando tendo nascido apenas para a vaga de astrofísico, por isto não sendo respeitado em seu campo primordial.

A única maneira de conseguirem descendentes fortes era voltando aos métodos de concepção antigos, ela ficara chocada somente em pensar em tocar outro de sua raça, quem dirá manter uma relação sexual e posteriormente ter outro de sua raça dentro de si e ter que passar pelo processo dele sair de dentro dela.

O tio usou aquela repulsa dela para demonstrar o quão

fraca a sociedade havia se tornado, se ela tinha repulsa de fazer aquilo que a natureza deu a ela e que através daquilo gerou os grandes conquistadores da galáxia, ela não era digna de ser a mãe de toda uma nova geração de conquistadores.

Ela nem pestanejou, aceitou na hora fazer qualquer sacrifício para gerar descendentes fortes, o tio no entanto, pediu que ela ocultasse aquilo da tia, pois ela apesar de ser evoluída, ainda tinha arraigada as tradições decadentes de seu povo.

Comprovou sua teoria quando, por meio de perguntas filosóficas, extraiu da tia na frente dela que, os nascimentos naturais eram melhores para o desenvolvimento das raças, mesmo discordando do uso daquilo entre seu povo, nas demais espécies eram uma certeza de descendentes fortes e saudáveis.

Teve nisto a confirmação de que realmente sua sociedade apesar de orgulhosa e poderosa, estava morrendo e por isto os tios não planejavam fugir da destruição iminente, ela mesma já tinha se conformado sobre seus pais.

A mera alusão a qualquer coisa que não fosse sancionada pelo conselho deixava a mãe furiosa, mesmo uma pergunta dela, simplesmente uma dúvida, se um homem era mais forte que uma mulher, obteve uma resposta seca de que as mulheres são mais poderosas e capazes que os homens.

Ela cometeu o erro de contra argumentar, se uma mulher é mais capaz, por que o líder do conselho era um homem? Sua mãe só não lhe dera um tapa, porque envolveria tocar nela, coisa que nunca havia feito.

Finalmente o casulo entrou na atmosfera do planetinha, para ela agora era um mundo muito maior que antes de se submeter ao adensamento molecular, de acordo com as medidas feitas a seis mil anos pelos exploradores que visitaram este mundo, a altura média da população adulta era de quatro pés e oito polegadas.

Pelos cálculos do tio, depois do tratamento genético que seria extremamente doloroso e não podia ser remediado, ela teria seis pés, com isto estabeleceria o respeito e superioridade.

Teria a mesma altura do primo, que seria seu

companheiro e marido, o rastreador não conseguiu encontrar a posição dele, ela não ficou preocupada, o tinha rastreado durante algum tempo, sabia o continente onde ele estava e aquilo já seria o suficiente.

Devido aos cálculos elaborados pelo tio ela chegaria cerca de vinte anos terrestres ou um pouco mais, depois do primo, de modo que o encontraria já em estágio maduro, apesar de ser adolescente, ele estaria apto para engravidá-la mas ela não pensava nem um segundo em permitir-se tocar ou copular sem antes ele chegar a maturidade intelectual.

Um ano de vida de seu planeta já era suficiente para se considerar alguém como mentalmente apto, seriam cerca de cento e vinte anos daquele pequeno mundo azul, pensou que nome daria aquele planetinha, teria de ser um nome forte, pois seria o berço de sua linhagem.

Pensando bem, poderia ser apenas uma parada temporária, até encontrar algum planeta mais majestoso para poder torná-lo a capital de seu império, talvez um planeta mais próximo do centro da galáxia onde haviam maior oferta de energia cósmica.

Aquele mundinho no entanto, a surpreendeu com uma coisa que apesar de incrível era um pouco assustadora, ele tinha uma quantidade enorme de água, havia tanta que segundo as sondagens, mesmo que ela ainda tivesse sua altura normal, poderia se afogar de tão profundas.

Mal podia esperar a hora de chegar a beira daquela água e beber tanta que passaria mal, afinal era a coisa mais preciosa de seu mundo, pelo menos nos últimos anos terrestres, sendo limitada ao mínimo por pessoa, apenas para manutenção da vida mas agora devido a miniaturização, as duas milhas de profundidade média eram tão profundas que ela com sua altura, mal poderia adentrar na beirada para não ficar submersa.

Talvez por isso o primo vivia em uma cidade litorânea para que pudesse ver o mar, logo que terminasse o processo de reorganização genética, coisa que teria de se sujeitar para poder viver naquele mundo para não ter problemas com a fauna e a

flora planetária, ela iria experimentar daquela água.

Sua nave tocou o solo em meio a uma planície com construções exóticas e pouco práticas, ela ainda não podia ver muito bem os arredores com seus olhos, eram adaptados para seu mundo e a falta de iluminação do sol amarelo de magnitude quatro vírgula oito, enquanto o sol vermelho era de magnitude doze, seis vezes mais brilhante que aqui, fazia parecer uma noite enluarada em pleno meio dia para ela.

Uma sonda encontrou diversas fontes de DNA humano, haviam muitos espécimes, catalogou em apenas quinze minutos quase cem amostras, ela avaliou superficialmente suas amostras e selecionou aquelas que seu tio havia indicado, mulheres saudáveis entre vinte e trinta anos e homens saudáveis entre vinte e cinco e trinta e cinco anos.

Encontrou apenas três mulheres com genótipo aceitável e dois homens de genótipo aceitável, o restante tinha fatores genéticos indesejáveis, que povo mais precário geneticamente. Fez uma leitura do grupo social e identificou que um dos homens era do biótipo correto e uma das mulheres era também do biótipo correto.

Usou estes dois para obter material para sua reorganização genética, ela estava nervosa sobre se conseguiria suportar o processo, o fato do primo ter sobrevivido era sinal que não poderia ser tão ruim quanto o tio havia afirmado.

Quando começou a receber as injeções ela percebeu que tinha subestimado o procedimento, logo ela sentiu o corpo pegar fogo e ser rasgado de dentro para fora, era como se todas as células dela estivessem se rompendo e a agonia foi tamanha que ela gritou apenas por alguns minutos, logo caindo na inconsciência.

-23-

Acordou a noite então ela achou que não havia terminado o processo de mudança fisiológica para poder habitar aquele mundo, tinha vindo dentro da capsula que seu

tio havia projetado também de modo ilegal, afinal era um IA, sua construção era limitada especialmente por se considerar um desperdício de matéria prima que podia ser convertida em alimento.

O tio disse que seria essencial para a vida no novo planeta, ela não interagia com a IA por não a considerar inteligente o suficiente, desde que iniciara seus estudos acadêmicos em artes ela tinha deixado qualquer interesse em ciências de lado.

Logo foi considerada uma grande artista, havia feito obras que foram expostas em diversas casas, eram disputadas quando alcançavam algum estágio de finesa perfeita, sua maior obra no entanto, deixou para os pais quando abandonou seu mundo.

Sua obra prima levou dois anos para ser feita, período em que aguardou os tios produzirem e prepararem o bebê para ser enviado, ela partiu quatro meses terrestres depois, naqueles dois anos ela fez uma tela sem cores sem nenhum detalhe perceptível a olho nu, era somente percebida pelo toque.

Havia recebido do tio o alerta que naquela semana o sol entraria em atividade, visitou a mãe e deixou o novo quadro, a mãe não entendeu a obra, disse que seria um enigma para a mãe solucionar, se ela não descobrisse nos próximos dias, enviaria uma mensagem de como resolver o enigma.

Sua mãe não pôde entender o problema mesmo o pai dela tendo resolvido quase imediatamente, revelando que a sensibilidade do sexo frágil, era as vezes um ponto favorável diante da falta de percepção sexo forte, quando o tio mandou chamá-la para a partida ela enviou a mensagem para que a mãe tocasse a tela, pois a tela foi feita para ser sentida com as mãos, nela reproduzia todas as saliências de pele de uma pessoa de sua raça, o nome da obra era, Contato.

Lamentou-se ao lembrar de ter feito algo tão grandioso e sublime que lhe garantiria as mais altas honrarias entre os artistas de seu mundo, talvez dos últimos vinte milênios.

Diferente de seu primo, que saiu antes dela e em meio a

tranquilidade, sua partida foi marcada pelo princípio da agitação solar, uma primeira onda de calor alterou drasticamente o campo magnético do planeta fazendo os vulcões entrarem em erupção.

Teve pouco tempo para partir, quando estava em órbita pôde ver que quase todos os vulcões do planeta estavam liberando lava, isto era apenas o princípio, seu tio disse que em dois dias todo o planeta poderia ser completamente incinerado.

Involuntariamente passou as mãos por seus braços, sentiu-se diferente, olhou para as mãos no escuro, tentou falar, sua voz não saiu facilmente, não conseguia falar, pensou intensamente.

-Iluminação.

-Sim senhora.

Depois corrigiria a IA, ela não precisava se dirigir a ela, deveria se ater a obedecer, com a luz acesa ela pode ver que seu corpo estava diferente, ficou horrorizada, sua pele era fina, esbranquiçada.

Notou que os cabelos eram finos e moles, não tinham nada da dureza que ela tinha cultivado com tanto esmero, estavam caídos como se fossem pelos de animal, olhou para o seu corpo, afinal tinha muito espaço agora que havia assumido proporções humanas e viu que a palidez era por todo o corpo.

Tocou-se, haviam glândulas salientes em seu tórax, sentiu eles e percebeu que eram mamas, os humanos eram mamíferos, então deviam ser as glândulas, desceu a mão para baixo, percebeu que seu órgão sexual estava diferente, não tinham mais as placas protetoras externas, apenas peles moles e vulneráveis a protegiam, apesar de serem vulneráveis o toque a fez se arrepiar, também era mais sensível.

-Ajustar-se ao corpo, não precisa responder, só executar as tarefas.

Pensou intensamente, a nave foi se modelando e reduzindo de volume até que se tornou em uma roupa justa mas confortável, era um colam branco e acolchoado, com a textura de couro de elefante, deixava ver pouco de sua forma feminina.

Ficou flutuando de pé no meio da cratera que a nave tinha criado no pouso, olhou ao redor, não havia ninguém por perto, todos foram afastados pela onda de dispersão que causava enjoo em criaturas com a configuração deste organismo, eram tão simples, um som podia fazer eles caírem como moscas no chão e vomitarem até morrer se fosse o objetivo.

Viu algo interessante, havia um poste pequeno de metal com duas bandeiras, haviam representações gráficas, ela deduziu que fossem palavras, eram sequências de desenhos estranhos para ela, até que bonitos.

-Reproduzir sons a partir da escrita.

Pensou.

-Hamptonave Doverst.

Tentou reproduzir o som diversas vezes até que pode dizer.

-Hampton Eve Dovers.

Sua voz era também outra coisa estranha, não tinha nada da força de sua voz original, ela era elogiada constantemente quando declamava as odes de seu povo, agora parecia um animal indefeso.

Flutuou sem pressa para a água, não estava com sede, o que era estranho, afinal o maior mal de seus tempos era a sede constante, estavam em um período de escassez de chuvas, outro motivo que a fez acreditar nos tios que diziam que a seca era resultado da perturbação geológica que o sol estava operando silenciosamente em seu mundo.

Passou sobre diversas daquelas construções pequenas e esteticamente horrendas, todos em seu caminho caiam ao chão tomados de enjoos, não tinha a mínima vontade de perder tempo com os nativos, logo ela viu o oceano Atlântico, ainda não sabia o nome daquela massa de água.

Seu povo se tivesse seu tamanho atual, levaria uma eternidade para beber toda aquela quantidade do líquido precioso, voou apressada para lá, notou que sua mera passagem destruiu algumas daquelas construções frágeis, o tio tinha dito

para ela utilizar o sistema de IA para aprender sobre aquele mundo mas ela não ligava para aqueles seres, então tinha deixado o programa de lado, afinal não queria interagir com ninguém além de seu ansiado primo.

Quando tocou o chão se surpreendeu, era tão mole que ela não podia pisar ele sem afundar, tentou várias vezes mas sem sucesso, depois ela se preocuparia com aquilo, se aproximou da água mas ela se afastava dela e parte evaporou numa nuvem.

Ficou frustrada, devia ter muita coisa naquele estudo que ela precisava saber e tinha ignorado, decidiu passar enfim pelo aprendizado, depois de vários minutos ela finalmente pode tocar o chão e ficar de pé, caminhou até a água que não estava mais revoltosa e pegou um pouco com a mão em concha, levou a boca e cuspiu, tinha um sabor ruim.

Pensou consigo mesma, porcaria, tanto trabalho e a água daqui é ruim, onde tem água boa?

A IA indicou um caminho e ela andou por um tempo e logo voou até o ponto indicado, havia uma haste estranha, sua análise indicou que havia um dispositivo mecânico rudimentar que devia ser virado em uma direção para que a água saísse e ela fez, a água saiu de cima e ela achou estranho.

Fez uma concha novamente com a mão e experimentou a água, não era boa mas era palatável, bebeu várias conchas, notou a aproximação de veículos, eram de coloração esverdeada, logo desceram humanos, portavam coisas que ela identificou como armas, deviam estar ali por causa dela, temiam a invasora e os efeitos que ela causava pela sua proximidade.

-Quais os sons que representam a pergunta, ‘onde está Kaehirl?’.

A IA reproduziu o som e ela tentou várias vezes mas o mais próximo foi.

-Onde está Kahrl?

Os soldados haviam ocupado um perímetro ao redor dela, outros veículos se aproximaram, eram voadores, pareciam

que se mantinham no ar pela ação de pás horizontais rotativas que moviam a massa de ar para obter sustentação. Os habitantes do planeta não responderam a sua pergunta, decidiu falar novamente.

-Onde está Kahrl?

Os soldados olharam-se entre si e um deles que parecia não portar arma, aproximou-se dela, ficou surpresa, ele era quase tão alto como ela, talvez fosse um líder ou coisa parecida, pelos cálculos do tio ela era para ser mais alta que a maioria mas algo não deu certo. O ser disse uma série de coisas que o IA traduziu.

-Você está nos Estados Unidos da América, identifique-se e sujeite-se a contenção de segurança.

Ela reproduziu os sons daquela criatura que a ia identificou como um macho.

-Você identifique-se e sujeite-se a mim criatura desprezível, onde está meu primo Kahrl?

-Estamos avisando, você causou destruição e ferimentos aos cidadãos americanos e deve se sujeitar até que sejam esclarecidos os acontecimentos.

Cansou-se do homem e voltou a explorar o lugar, liberou novamente o som debilitante mas pareceu que não afetava os soldados.

-Cesse seu ataque sônico ou abriremos fogo.

-Abrir fogo? O que é isto?

A IA respondeu que era uma ameaça de fazer uso de armas de projéteis primitivas impulsionadas por detonação de produtos químicos.

-É perigoso?

Novamente a IA respondeu, o ataque seria inútil contra ela, a alienígena desprezou o aviso. Logo os primeiros tiros foram ouvidos, eram imperceptíveis, não afetavam nem a IA, um veículo diferente apareceu perto dos outros, tinha uma aparência estranha, se movia sobre esteiras.

O disparo dele soou diferente dos demais e o alerta de que aquele impacto poderia causar dano se fosse feito em

grande quantidade a fez ficar irritada, voou até o tanque e dobrou o cano dele.

Notou uma modificação na água, um ser vestido diferente dos soldados estava se aproximando como se trazido por uma onda, ele era esverdeado, parecia que tinha o corpo todo coberto de alguma formação de queratina. Ficou curiosa e se aproximou, os disparos dos soldados haviam cessado depois do que ela havia feito ao tanque.

Quando o ser chegou perto identificou ele como um humanoide macho, apesar de ser diferente e a sua vestimenta que parecia verde era na verdade, dourada no corpo e sua pele do rosto era branco azulada com olhos com íris finas e branco azuladas contornando grandes pupilas negras, ao se aproximar a íris fechou bastante a pupila como se fixasse a atenção nela.

-Invasora, preciso que contenha seus ataques, diga o propósito de sua visita e talvez possamos evitar prejuízos.

Aquele indivíduo era até maior que ela, decididamente algo estava errado quanto a seu processo de conversão genética.

-Quero saber onde está meu primo Kahrl?

-Procura por Kahrlahn aibn Jimlahn?

A IA informou que o termo aibn se referia a filho de.

-Sim, Kahrlzurg aibn Jimlahn e aibn Lorazurg.

Ela fez questão de destacar que o nome materno era mais importante que o paterno.

-Poderia esperar um instante para averiguarmos se podemos encontrar Kahrlahn?

-Apresse-se, tenho muito a tratar com ele.

Viu que o recém-chegado descia da onda para a areia e ia até o homem que a havia interpelado.

-General, sou Aquaticus, já trabalhei com a marinha americana no Hawaii e no Alaska, como está a situação?

-Sou o general Perkins, a situação é ruim, se ela é parente do Homem de Aço, teremos que esperar por ele para resolver a situação, várias pessoas foram feridas na destruição causada pela passagem da mulher, quase um milhar sofreu com

o ataque sônico dela, os abafadores feitos com as especificações do Homem de Aço se revelaram muito eficazes, espere, sim, sim, que ótimo, o Homem de Aço está vindo, ele foi contactado, estava no Canadá e vem para cá o mais rápido possível, acha que pode mantê-la calma até a chegada dele?

-Farei o possível.

Para ela o ser recoberto por escamas disse.

-Como posso chamá-la visitante?

-Kyrezurg é o que mais se aproxima de meu nome.

-Senhorita Kyrezurg, seu primo já foi avisado de sua chegada e está vindo para cá, poderia aguardar por ele aqui na praia para não causar destruição na cidade?

-Aguardarei.

-Obrigado.

Ela esperou apesar de seu rastreador ainda não dar sinal da presença dele em nenhum ponto do planeta, talvez este tal de Canadá podia ser em um mundo próximo. Logo uma IA se apresentou diante deles, tinha mais de seis pés e meio de altura, era totalmente humanoide.

-Sou Kahrlahn, quem é você?

-Onde está meu primo, máquina?

-Do que está falando?

-Isto é um tipo de brincadeira? Onde está Kahrlahn?

-Estou aqui.

A máquina não pareceu tão segura, ela perdeu a paciência e voou a uma velocidade muito grande e pegou a IA em forma humanoide pelo pescoço.

-Onde está meu primo.

Número Quatro não estava pronto para aquele tipo de situação, viu-se em um impasse, decidiu optar pela saída menos prejudicial.

-O senhor Kahrlahn teve de se ausentar e me deixou para representá-lo enquanto estivesse fora, não era objetivo meu enganar ninguém no entanto, os habitantes deste mundo não sabem que, para que o senhor tenha paz e tempo para suas atividades pessoais, eu assumo suas atividades heroicas.

-Leve-me até ele.

-Ele está em outro plano no momento, está em Olimpo, logo ele retornará.

-Esta é a aparência atual dele?

-Sim, sou uma reprodução próxima a cem por cento.

Ela largou a IA e fitou como o primo se parecia, era mais musculoso que um habitante deste planeta resguardado as proporções, era mais alto que ela quase um pé, isso devia ser um erro de cálculo ou quem sabe algo propositado pelo tio, para diminuir a diferença de força entre as fêmeas e os machos, de qualquer forma ela não veio para lutar com o primo e sim para que os dois se tornassem um casal. O ser que se chamou de Aquaticus veio até onde ela e a IA estavam, ele usou a água como se fosse um elevador.

-É sua parente Homem de Aço?

-Ainda é necessário averiguar isto.

-Não há nada que averiguar, se eu digo que sou prima de Kahrlahn é porque eu sou, que benefício teria em mentir.

-Precisa se acalmar mocinha.

O homem-peixe era quase tão alto como a IA que se passava por seu primo, chamou ela de mocinha, quando a IA que era seu traje explicou que aquilo era um comentário jocoso, ela acertou um tapa de costas de mão no peixe fazendo ele ser arremessado como um meteoro no mar, quando ela recolheu a mão havia sangue vermelho na sua pele, foi alertada pela sua IA que havia danificado seu próprio traje no golpe e precisaria diminuir sua força para que não acabasse ficando desprovida de cobertura.

-Senhorita Kirezurg, isto não era necessário.

-Ele foi insolente, me chamar de mocinha.

O mar se revoltou e sobre uma onda estática Aquaticus se ergueu, tinha o queixo fraturado e sangue escorrendo dos ouvidos e do nariz, logo o queixo voltou ao lugar e o sangramento parou, parecendo ficar novo em folha.

-Isto foi um erro alienígena.

-Não se dirija a mim novamente criatura insignificante,

ou da próxima vez não segurarei a minha força.

-Devia tratar todos com respeito, afinal você não sabe com quem está lidando.

Aquaticus ficou surpreso, uma explosão soou e a mulher desapareceu de onde, estava ele olhou para os lados e não pode encontrá-la.

-Está me ameaçando criatura marinha.

Aquaticus voltou-se, ela estava atrás dele, tinha um olhar de ódio, ele não teve tempo de piscar, o soco dela foi muitas vezes mais poderoso e quase o partiu ao meio, sentiu a pior dor de sua vida, o homem peixe foi arremessado para o fundo da areia da praia e não voltou mais a aparecer.

-Pronto, um insolente a menos, diga máquina, onde posso encontrar meu primo?

-Temos um local de encontro que é onde quase sempre ele frequenta, para podermos conversar.

-Leve-me até lá.

Número Quatro já havia acionado todos os protocolos de segurança para evitar que mais danos fossem causados, pelo que pode aferir a mulher que dizia ser prima de seu senhor era tão forte quanto ele, vestia uma IA semelhante ao Número Um, e sua portadora não evitava usar toda a sua força mesmo ao custo de danificar seu traje.

Segundo seus cálculos o traje estava com setenta e seis por cento de sua capacidade e tinha dificuldades de se regenerar, conforme acontecia com o Número Um, afinal ele tinha de sintetizar todos os materiais alienígenas que não podiam ser encontrados na terra.

Levou a mulher voando em velocidade constante de mach um a altitude de vinte e três mil pés sendo escoltado de longe por caças de combate americanos, que se revesavam pois, manter aquela velocidade não era fácil para as aeronaves humanas. Enquanto se dirigia para o meio do oceano Atlântico ele se perguntava quanto tempo seu senhor pretendia ficar em Olimpo.

-*-

-Clarence?

-Sim meu amor.

-Que fará se tivermos filhos?

-Filhos? -Por que a pergunta?

-Só estou curiosa, afinal se continuarmos nesse ritmo, será inevitável.

-Acho que não farei nada, teremos filhos e só isto.

-Será que eles serão humanos?

-É claro que serão, por quê?

-Você é um titã e eu uma deusa menor, pode nascer praticamente qualquer coisa.

-Como assim?

-Tem o minotauro, o centauro, os sátiros, os ciclopes, os centímanos, etc.

-Eles são maus?

-Alguns sim, outros não.

-Então que importância tem isto?

-Terão aparência monstruosa.

-Tem medo deles serem rejeitados pela aparência?

-Tenho.

-Eu posso expô-los ao mesmo tratamento que meus pais me expuseram afinal eu não nasci deste jeito.

-Acha que seria possível dar uma vida normal pra eles?

-Eles?

-Sim, nossos filhos?

-Pensa em mais de um?

-Temos de repopular a galáxia com seu povo não é?

-Oh, Diana, eu te amo muito sabia.

Ela se ajeitou sobre ele e voltaram a fazer amor, a batida do coração dele quando teve os orgasmos chegou a ser incomoda mas ela ficou mais louca de excitação por ver o quanto influenciava as emoções dele, o calor dele a fazia suar e ao mesmo tempo ter ele tão quente dentro dela era maravilhoso.

Ainda não tinha certeza mas tinha a impressão que logo o casal poderia ser uma família afinal, talvez devesse falar que queria casar com ele, só não sabia se ele se mudaria para Washington, pois ela não iria para New York, ainda mais com aquele ventinho chato do mar soprando dia e noite.

Depois de mais uma rodada de amor ela dormiu exausta sobre ele, desta vez ele tinha ficado por cima a maior parte do tempo e ela sentiu como ele era vigoroso apesar de meigo, só que no final ela tinha dominado ele e ficado por cima como gostava de fazer, o tinha feito ter que se esticar na cama pelo prazer que estava dando pra ele e sentiu-se feliz de ver o quanto ela conseguia completá-lo, quando acordou ele estava olhando o vazio como sempre fazia quando não dormia.

-Não dormiu novamente?

-É muito difícil para mim dormir, tenho muita energia e meu organismo é adaptado ao meu mundo natal, um dia durava quarenta e três dias terrestres, então eu precisaria dormir uma quinzena a cada mês e meio, só que por causa da mudança, eu só consigo dormir depois de um uso muito grande de energia.

-Que vai fazer quando a Número Três voltar?

-Vou questionar ela sobre seus objetivos e avaliá-la para ver se não está prejudicada pela união a Louise, depois farei uma série de exames em Louise para verificar se não ficou com alguma sequela daquela tolice das duas.

-Acha que tudo vai voltar ao normal?

-Acho que não, eu terei que deixar o Diário Global, não vou poder trabalhar mais com Louise com ela sabendo a minha identidade.

-Quer vir a Washington?

-Talvez, só que terei que continuar protegendo New York, também terei que verificar os rumores que tem surgido em Boston sobre o vigilante com máscara de morcego, dizem que ele está acabando com os criminosos que fugiram de New York pra lá.

-Logo poderemos nos aposentar ou pelo menos, tirar longas férias aqui em Olimpo, talvez tenhamos alguns anos

para criar uns pequenos.

-Diana, está grávida?

-Claro que não.

-É que estas coisas sobre filhos e me mudar para Washington…

-Oras, e se eu estiver?

Clarence a pegou pelo quadril e ergueu da cama.

-Seria ótimo se houvesse um par de crianças aí.

Disse olhando para a barriga dela com sua visão em busca de alguma diferença, não percebeu nada.

-Me solte, seu brutamonte.

Ele a puxou e beijou a barriga dela.

-Eu me tornaria o homem mais feliz do mundo quando você disser que teremos filhos.

-Bobo.

Ela o beijou e abraçou apertado, Clarence podia não ter visto nada com sua visão mas ela conhecia muito bem o seu próprio corpo, sentira algo e não tinha dúvidas que podia estar realmente grávida, afinal eles estavam tendo muita atividade sexual todas as vezes que se encontravam e ela nunca havia tomado um anticoncepcional na vida.

Além disto ela notara que seu corpo tinha se alterado, sentindo-se mais feminina desde que o beijara pela primeira vez no banquete e aquilo podia ser um alerta que ela estaria ovulando, esperando pela cópula dos dois, ficou vermelha de excitação de ter um filho dele.

Clarence ainda não estava seguro que Diana não estivesse grávida, havia sido uma conversa muito estranha, sempre falavam de suas famílias, das coisas que lembrava de seu povo, das semelhanças entre a lei.

Em Olimpo não havia um rei, Zeus era um patriarca, não um rei, era o mais poderoso e por isso governava mas as leis de Olimpo eram maiores que ele, fazendo ele mesmo estar sujeito a elas, isto o diferenciava de um rei, imperador, ditador ou dominador, como seu povo denominava o governante de um planeta conquistado, que mudava as leis conforme a vontade.

Diana dizia que assim que surgisse alguém que pudesse abrir o Tártaro, a autoridade de Zeus seria posta em dúvida, afinal outro teria um poder similar ao seu, havia dito que descera certa vez ao lugar para tentar abrir a porta e ela nem se mexera, era realmente imensa, afinal foi feita para conter criaturas extremamente poderosas.

Nem Poseidon e Hades juntos conseguiram abrir ela, somente Zeus pôde fazer e de acordo com as profecias, somente Atenas ou seu filho, poderá um dia. Pelo lado de dentro a tarefa é impossível até mesmo a Cronos, ele passou eras inteiras tentando abrir a porta com a ajuda de vários titãs, mesmo com Ares não puderam abrir a saída.

Clarence havia ficado curioso e disposto a tentar alguma vez para saber se poderia fazer tal coisa, afinal ele nunca encontrara nada onde pudesse testar toda a sua força, seria um bom desafio tentar abrir as portas do Tártaro.

-Senhor, chamado urgente do Número Dois.

-Sim, Número Dois.

-Senhor, de acordo com o Número Quatro, uma criatura de forma feminina chegou a terra em New York e se identificou como Kyrezurg, dizendo ser sua prima e exige falar com o senhor, o Número Quatro estava no Canadá evitando um derramamento de óleo e eu tive que ir até a África por causa de uma chuva torrencial que ameaçava destruir uma planície cultivada pelo seu programa de alimentação, o Número Quatro foi até ela assim que foi avisado e rapidamente foi identificado como uma IA, el aparece ter matado o herói Aquaticus, ou deixado ele muito ferido e causou muito estrago apesar de ter parecido ser involuntário.

-Oh, como estão as medidas de segurança?

-Número Quatro está levando ela para o Atlântico onde diz que o senhor a encontrará, o Número Um está indo em direção ao herói Aquaticus para verificar se é possível ajudar em algo e eu vim direto da África para alertá-lo passando pelo portão de Hefesto.

-Diana, temos problemas, melhor aguardar aqui.

-Como assim?

-O Número Dois disse que uma criatura apareceu, diz ser de meu planeta natal e me procura, parece ser um sobrevivente, o nome me é familiar mas não tenho nenhuma informação sobre a vinda dela atrás de mim ou sobre seu propósito, então fique aqui.

-Dela? De jeito nenhum que vou ficar de fora disto, não sou uma humana para ser protegida.

-Por favor amor, não sei o que esperar disto.

-Eu sou a deusa e você é o campeão, eu sou a superiora, então não me venha com isto.

-Mesmo os titãs sendo mais poderosos que os deuses menores?

-Cala a boca e vamos.

Ela estava se vestindo, o Número Cinco já estava nele.

-Sei que vai vir de qualquer jeito mas eu vou na frente.

Beijou ela com paixão deixando um pouco do cuidado dele, fazendo ela usar toda a força dela para poder suportar o beijo dele, ele piscou para ela e desapareceu em um estalo, como Mercúrio fazia quando usava a sua velocidade. Ela voltou a se vestir. Clarence chegou ao portão no mesmo segundo que partira do quarto de Diana.

-Número Dois, aguarde por Diana e a acompanhe para mantê-la segura.

-Sim senhor.

Passando pelo portão ele teve mais notícias.

-Número Quatro?

-Estou protelando senhor.

-Estou indo.

-24-

Assim que o Número Quatro chegou ao ponto de encontro fantasioso, a alienígena estava inquieta.

-Onde ele está, por que ele viria para cá?

-É o local onde costumamos nos encontrar.

-Está mentindo, é um estratagema para ganhar tempo.

-Também é, enquanto viemos aqui outra IA foi buscar pelo senhor para que ele pudesse vir lhe encontrar, apenas não chegou ainda onde ele está.

-Vou destruir você, máquina, se ele não aparecer logo.

-A minha destruição não é relevante para o tempo de espera senhora.

-Oras, oras, oras, o que é isto?

-Número Três, retire-se.

A máquina recém-chegada era de construção similar a outra só que tinha aparência de uma fêmea humana, a diferença de tamanho dela para a recém-chegada era praticamente a mesma proporção que a da IA para os demais machos, talvez por isto ela não tinha o tamanho adequado pretendido pelo tio, neste mundo, as fêmeas eram entre cinco e quinze por cento menores, não gostou daquilo.

-Eu fico longe alguns dias e olha o que acontece, mais uma vem atrás do Clarence, posso ter chegado tarde com a olimpiana mas não vai conseguir tirar o pouco que tenho dele pra mim.

-O quê quer dizer máquina?

-Eu ainda tenho ele na redação do jornal e isto ninguém vai me tirar, então pode dar o fora do planeta sua loira tingida que o Kahrlahn vai ser meu.

-Seu? Não entendo, seu o quê?

-Meu par, meu namorado, meu marido, meu amante, meu consorte, meu, meu, meu.

A máquina riu de modo louco.

-Pensa se unir sexualmente com ele, que coisa repugnante, tenho a intensão de copular com ele para termos filhos mas, com uma máquina, isto é nojento demais, nem se meu primo estivesse louco se submeteria a isto.

-Sou também humana sua maldita.

-O quê, uma daquelas baratas insignificantes que se desmancham apenas com um ataque sônico? Deve estar completamente desconfigurada para imaginar que uma

máquina misturada a uma humana poderia se relacionar a um ser superior.

Louise não pode mais se segurar, ela estava muito perturbada, a integração dela e da Número Três estava cobrando um preço muito alto, a Três quisera se separar várias vezes mas ela sempre evitava a separação, achava que era preciso ficar junta a IA para poder reconquistar Clarence.

Sentira que ele não a desejava naquele momento mas no beijo havia desejo, a boca dele dizia que a amava, mesmo que o corpo não a desejasse, mesmo a tratando como filha por também ser a Número Três, ela tinha uma parte de Lars Luthien em sua programação e isto seria atrativo para Clarence que só projetara a Número Três para manter vivo o intelecto e personalidade de Lars.

Louise avançou contra a alienígena e desferiu um ataque, a mulher se desviou facilmente apesar de danificar seu próprio traje no processo, tentou acertar Louise que não pode equiparar a velocidade sendo golpeada com força titânica e destrutiva, o dano foi repassado em parte para Louise e ela sentiu sangue na boca ao tossir.

-Temos que nos afastar Louise.

-Não Número Três, temos que mostrar para o Clarence que somos fortes.

-Eu quase ultrapassei o limite de segurança para que pudesse evitar o pior do dano e você está ferida por dentro, estou cuidando dos ferimentos mas deste jeito vai morrer.

-Reforce o meu corpo por dentro.

-Isso exigiria maior integração e pode não ser reversível.

-Faça, porque eu vou lutar até vencer ou morrer.

-Vou me retirar.

Kyre viu a IA parecer ter enlouquecido, se afastou gritando que queria lutar, que ela estava sendo covarde, que devia deixar ela acabar com a raça da ET, quando foi pra cima da IA para encerrar aquele assunto a outra se interpôs.

-Espere senhora, o senhor logo virá, esta IA está sendo

vestida por uma humana e ambas estão com problemas por causa de sua afeição pelo senhor e por isto, está agindo de modo enlouquecido.

-Vou dar fim a existência dela.

-Vejo que já danificou muito seu traje, logo não terá mais a proteção dele e também não poderá evitar danificar o ambiente a sua volta por sua presença, poderia se acalmar?

-Não me dê ordens máquina.

Ela voltou sua fúria para a IA a sua frente, se moveu novamente de modo destrutivo, acertou um soco muito poderoso na IA que amorteceu o máximo do golpe, a IA vermelha acertou um soco muito forte nela nesse meio tempo, ela sentiu um gosto metálico na boca, era sangue, aquele sangue vermelho, desta vez era o seu, ficou enojada, ser tocada por uma IA, uma fúria ancestral a possuiu e a batalha começou, ela não se conteve.

-Senhor estamos lutando, a Número Três/Louise e eu contra a invasora, não podemos com o poder dela senhor.

A destruição que causou no ambiente foi incalculável, o mar se revoltava, a perturbação logo chegaria a costa causando destruição na América, na África e na Europa, depois de algum tempo ela estava praticamente nua, não sobrava quase nada de seu traje, as duas IAs estavam também acabadas, o corpo de uma mulher humana muito ferido, segurava um braço retorcido onde o chute de Kyre tinha pego ela, a outra IA, tinha revertido a forma esférica para acelerar sua regeneração.

-Apesar de sem sentido, isto é divertido, vamos continuar?

-O senhor manda dizer que está vindo.

-Oh, que bom, quando ele chegar, vocês não existirão mais.

-Quatro, venha me ajudar a proteger Louise.

-Não acho uma boa ideia.

-Só assim para ela não se ferir mais.

-Não deviam ter começado a briga.

-Foi no calor do momento.

-Louise, as vezes você me assusta.

-Oh, falou como Clarence, seu bobo, agora vamos ensinar alguma coisa pra esta aí.

O Número Quatro se uniu a Número Três/Louise, o braço de Louise foi consertado pela Número Três e ela pode deixar de segurá-lo.

-Ainda querem tentar lutar? Sua destruição é garantida, máquina.

Louise partiu para cima da alienígena e a luta pareceu ficar mais equilibrada, a Número Três atacava e o Número Quatro defendia, logo Kyre estava totalmente nua, seu traje não podia mais se prender a ela, afastou-se para iniciar seus reparos, que deveriam demorar vários meses, talvez anos até que pudesse ser novamente utilizável.

Kyre não se importou, seu povo não costumava usar nenhum tipo de traje quando ia para combate no passado, só utilizava eles em eventos sociais, o branco que ela usava desde que chegara era o traje de sua casa, a casa Zurg, casa dos mais importantes militares da história do seu povo, segundo os relatos secretos os Zurg dirigiam o império apesar do conselho ser oficialmente o governante.

Quando reencontrasse o primo, mais uma vez a casa Zurg iria reger o destino de sua raça, todos seus descendentes e de seu primo, seriam Zurgs, se a máquina estava certa e precisa, ele teria uma aparência forte, seria melhor que ele tivesse a aparência original de seu povo, afinal era um bebê muito belo, estava ansiosa para revê-lo. Brincou mais um pouco com as máquinas até que elas se afastaram.

-O senhor está chegando.

Disse a máquina bem avariada.

O ribombar de uma bola de fogo na entrada da atmosfera foi se dissipando até que o fogo se apagou e deixou visível um humano idêntico ao que havia sido a primeira IA que se apresentou para ela.

-É você primo?

-Kyrezurg está morta com todos os do meu povo, quem

é você?

-Lembre, seus pais me enviaram com você para que possamos dar um novo começo a nossa raça.

-Não tenho nada disto na minha memória.

-Como assim, lembra das conversas que tive com seus pais sobre nossos planos?

-Lamento, minha prima nunca falou com meus pais sobre minha vinda pra cá.

-Isto deve ser um engano, parti depois de você, quando saí nosso mundo já estava mergulhado nas primeiras ondas de calor que o destruiriam.

-Não sei o que dizer, só sei que depois da discussão que meus pais tiveram com meus tios e que minha prima presenciou, eles nunca mais se falaram, meu pai iniciou o processo de fecundação e preparou o programa de modificação genética para que eu pudesse encontrar uma parceira entre os membros da raça humana, afinal não sobrou ninguém do nosso povo.

-Mas eu sou sua prima, pelo acordo que foi feito com seus pais, você será meu marido e teremos filhos para reerguermos nossa raça.

-Não é o que eu tenho registrado em minhas memórias.

-Faça uma análise do meu DNA, vai ver que somos da mesma família.

-Pode até ser mas, não tenho interesse em reestabelecer o modo de vida decadente de minha raça, que evitava até mesmo o contato físico, aprendi muito com os humanos quê, o que cimenta a sociedade é o contato.

-Oh, que maravilha, lembra que eu era artista, minha última obra de arte é exatamente sobre isto, só o contato é que pode nos tornar fortes novamente, seu pai me convenceu a voltarmos aos modos primitivos, tanto de convivência como de concepção, será difícil para mim a princípio, ainda tenho muito de nossa sociedade arraigada em mim mas pelo bem de nossos filhos, deveremos copular assim que você chegar a maioridade.

-Neste mundo já faz muitos anos que sou maior de

idade, desculpe Kyre, se você é realmente Kyre mas, meu coração já é de outra mulher, e sou fiel a ela.

Atrás de Clarence a Número Três/Louise começou a chorar secretamente ao ouvir que ele era de Diana, o Número Quatro se separou delas e voltou a ficar esférico para se regenerar.

-O que é coração e por que ela é dona dele?

-O coração é um órgão essencial aos humanos e simboliza a fonte das emoções, todas as minhas emoções são voltadas para uma mulher daqui.

-Não importa, desde que copulemos e reestabeleçamos o nosso povo.

-Não terei relações com outra mulher que não ela.

-Não posso crer que copulou com uma barata como uma humana, bem, não tem problema, assim que eu destruir esta mulher, você estará livre pra ficar comigo.

-Você nunca terá a oportunidade de ferir Diana.

-Pensa que porque seu pai o fez maior, é mais poderoso que eu, esqueceu que eu sou do gênero dominante de nossa raça?

-Aprendi que os gêneros são iguais em força, um tem especialidades apenas para completar o outro, um homem não tem a força necessária para dar a luz mas tem a força necessária para carregar a esposa para o hospital onde dará a luz ao filho deles, os poderes não são competidores, são complementares.

-Você se tornou um fraco convivendo com esta raça medíocre, vou lembrar você que não pode lutar contra uma fêmea de nossa raça, ainda mais uma adulta totalmente desenvolvida.

Ela partiu a velocidade próxima da luz para cima dele, não estava se contendo, destruiria o planeta para derrotá-lo, evitou o contato a atraindo para a estratosfera, ela o seguiu, evitou o máximo de dano possível dos ataques apenas para que pudesse segui-lo, quando chegaram a altitude de cem mil pés ele começou a enfrentá-la de modo franco, a troca de socos foi algo impossível de se acompanhar, depois de vários minutos os

dois se afastaram, estavam feridos mas a força dela era visível nos hematomas dele.

-Número Cinco?

-Cinquenta e oito por cento senhor.

-É, não vai dar, tem que se afastar.

-Sim senhor.

O traje se retirou e ele ficou nu como ela. Ambos sentiam dificuldade em respirar, tinham que inspirar profundamente por causa do ar muito rarefeito.

-Oh, vai lutar pra valer é? Isto está parecendo um ritual de acasalamento dos macacos da ilha de metal. Oh, este idioma não tem palavras para o metal de lá, que interessante, e macaco, será que é parecido com os macacos da ilha de metal?

-Isto não é uma dança de acasalamento Kyrezurg.

-Oh, Kahrlzurg, você ainda não entendeu, eu não só vou vencer, como você vai ser o meu par e juntos vamos governar este mundinho até termos filhos o suficientes para iniciar o nosso império galático.

-Está louca.

-Essa era a vontade de sua mãe.

-Oh, entendo, por isto meu pai mudou os planos, aposto que ele interferiu fazendo alguma coisa para frustrar os planos de mamãe, acho que usou uma amostra de espermatozoide e óvulo anteriores a sua entrada no projeto, ele esperava que você nunca chegasse aqui, ou que desistisse de vir atrás de mim, assim eu pude encontrar uma parceira aqui por minha própria conta.

-Acho que está certo em parte, quanto ao uso do material genético mas, quanto ao resto, está equivocado, foi ideia dele abandonar os costumes de nosso povo e voltarmos ao primitivo, ele queria que nossa raça se reerguesse forte, com um sistema político e social diferente, livre dos grilhões do pensamento débil do conselho.

Clarence não podia argumentar contra aquilo, seu pai tinha aquelas ideias de que a ausência de contato havia enfraquecido a raça outrora conquistadora, poderia mesmo ser

conforme ela dizia mas, não importava mais, ele tinha seus próprios planos para a humanidade.

-Vamos acabar com isto então.

Um partiu contra o outro em velocidade superior a da luz, transformaram-se em um emaranhado de luz congelada até que uma explosão arremessou um corpo contra a atmosfera do planeta, outro corpo partiu atrás do primeiro.

Estavam ambos incendiados quando desceram sob uma ilha no Atlântico, não era habitada, parecia ser o local onde algumas aves usavam como ninhos no período quente, causaram bastante destruição no pouso.

Em meio a rocha fundida a mulher tinha muitos hematomas no rosto, nos braços e nas pernas, segurava o homem em seus braços que estava pior, tinha o nariz partido além de um corte profundo no supercílio esquerdo.

-*-

Ela sentou, sentiu cansaço, lutaram poucos minutos mas naquela velocidade, pareceram dias. Uma aeronave se aproximou, era estranha, podia ser sentida mas não vista. A abertura deu visão para o interior, uma mulher pulou para fora, estava vestida com roupas estranhas, parecia uma armadura vermelha, usava um saiote vermelho sobre um calção azul, tinha diversos adereços prateados que pareciam brancos.

-Largue ele sua maldita.

-Oh, você é Diana?

-Sim.

-Então só preciso destruir você e Kahrlzurg não terá motivos para lutar contra a minha vontade.

-Vai se arrepender de enfrentar uma deusa.

Assim que Diana pulou do avião ela foi acertada por um soco, não pôde ver de onde, foi muito forte, partiu seu queixo, a explosão a arremessou para longe da ilha e do seu avião. colocou a mão e sentiu a fratura apesar de não ter perdido nenhum dente, tentou se preparar mas outro soco a acertou no

nariz, também o partindo, a luta não foi uma luta, foi um espancamento.

Quando Kyre terminou, o corpo de Diana boiava na água do mar, havia sangue na água, logo alguma criatura marinha viria para devorar o cadáver dela, pegou Kahrl nos braços e o levou voando na direção que imaginava ser o lugar onde tinha caído com a nave, chegou em uma cidade costeira, parecia grande, desceu e olhou em volta em busca de um lugar onde pegar roupas.

Levou-o até onde encontrou uma loja com bonecos vestidos, entrou e soltou Kahrl no chão, ele ainda ficaria desacordado muito tempo, ela olhou procurando por uma roupa que lhe servisse, encontrou um vestido branco, sem mangas, lembrava um pouco o seu traje, então pegou ele e vestiu, ficou bem, olhou-se no reflexo da vitrine, estava bom, olhou por algo do tamanho de Kahrl mas não havia nada, pegou ele novamente no colo.

-Onde fica a capital do país mais poderoso?

A pessoa respondeu algumas palavras em outra língua, todas as pessoas estavam assustadas demais para falar, uma mulher loira de olhos castanhos nua chegara voando com um homem enorme nos braços, também nu, um calor opressivo e distúrbios de vento aconteciam ao redor deles, sem falar naquele barulho que parecia um motor de uma máquina gigante pulsando, os dois estavam feridos como se tivessem participado de uma briga, ela pegou um vestido e depois ia saindo com o grandalhão desacordado e perguntou com uma voz de trovão algo que parecia inglês, ela voou mais um pouco e tornou a descer.

-Onde fica a capital do país mais poderoso deste mundo?

-Ao norte, fica os Estados Unidos, a capital é Washington, eles são os mais poderosos do mundo, eu acho.

-Obrigada.

Ela voou para o norte logo chegou ao litoral pantanoso de um continente, desceu em uma cidade.

-Aqui é os Estados Unidos?

-Sim senhora.

-Onde fica Washington?

-Umas mil milhas para nordeste, se seguir pela costa, assim que chegar a Norfolk é só seguir para o norte.

-Obrigada.

Ela demorou mas encontrou a cidade de Norfolk e dali par ao norte encontrou Washington, desceu novamente na cidade.

-Onde é a casa do líder desta nação?

-Tem o lago com um obelisco em uma extremidade, ao norte do obelisco fica a Casa Branca, lá mora o presidente.

-Oh, posso ver o obelisco, lá eu me oriento, obrigada.

Voou mais tranquila, estava com sono, tinha lutado muito, o primo era mais forte do que ela esperava, pareceu que ele não lutara com todas as forças então acabara nocauteando ele, devia ter partido um dedo da mão direita no queixo dele mas apagara ele.

Matara a tal de Diana e agora só faltava tomar esta nação e depois o mundo, assim que passou sobre o monumento avistou a construção ao norte, devia ser ali que morava o governante daqui, desceu no jardim, estava anoitecendo, diversos soldados de diferentes uniformes a cercaram.

-Quero falar com o governante deste lugar, sou Kyrezurg, cheguei a este mundo a pouco tempo, vim requerer meu lugar como governante, saia e converse comigo ou destruirei este lugar com todos dentro, o sol está se pondo, assim que sumir no horizonte, destruirei tudo.

Um homem cercado de muitos soldados caminhou até ela.

-Sou o presidente dos Estados Unidos da América, como ousa descer aqui e fazer exigências absurdas.

-Talvez conheça o meu primo, Kahrl, tive de nocauteá-lo para que se sujeitasse a mim, tem uma única opção, descida agora, governar seu povo sob minhas ordens, ou que eu destrua todo o seu país e vá oferecer o mesmo acordo a segunda mais

poderosa nação do planeta.

-Não pensa que me sujeitaria a…

Ela criou um raio térmico e derrubou o monumento a Washington a aquela distância.

-Eu não penso, eu exijo, responda, todo o seu povo morto ou obediência?

-Não posso decidir algo assim tão rapidamente, preciso consultar outras forças políticas do meu país.

-A partir de agora você é a única força política que importa, decida ou apagarei este lugar da história com meu olhar térmico.

-Se garante a continuidade da governança sem interferência, vamos nos sujeitar a você.

-Muito bem, onde é seu trono ou cadeira?

-Fica dentro do prédio.

-Quero algo mais público, onde fica o trono mais próximo em público?

-Tem o monumento a Lincoln.

-Onde fica.

-A direita do monumento que derrubou.

-Se eu achar por bem e ver que realmente se sujeitaram a mim, irei restaurar seu monumento, agora organizem um banquete para mim em frente a tal trono, lá será a minha casa por enquanto.

Voou até o local e encontrou um trono com uma estatua de um homem magro e barbudo sentado nela, derreteu o homem e sentou no seu lugar segurando seu amado primo no colo, apesar de ferido, ele era um espécime fascinante, já havia visto muito dos humanos e nenhum se aproximava de sua aparência, o tio o fizera muito superior aos demais.

Devia ter realmente se revoltado ao domínio das mulheres e feito seus próprios planos para o filho, talvez por isto enviou um menino em vez de uma menina. O fato dela ter entrado na empreitada foi algo meramente casual, talvez ele não esperasse mesmo que ela pudesse chegar ao planeta onde Kahrlzurg estava, faria uma investigação detalhada das

memórias de seu traje que ainda estava debilitado demais para retornar a ela.

-25-

Cochilou por um tempo e ao acordar havia uma movimentação de pessoas na sua frente, estavam preparando uma mesa com um banquete, depois de uma área de segurança havia uma multidão com diversas máquinas que pareceram dispositivos para captura de imagens, deviam estar registrando o que acontecia para poder propagar as notícias.

Havia pego uma bandeira e envolvido Kahrlahn para que ele não ficasse nu diante das pessoas, havia gostado do que tinha visto e queria ele só para ela. Deitou ele que, já estava mais recuperado, no trono e flutuou até a comida, escolheu pessoas ao acaso no meio da agitação.

-Você, você, você e você, venham a mim, se tem perguntas poderão fazê-las, sejam meus convidados a compartir esta comida.

Os quatro vieram, eram duas repórteres e dois repórteres.

-Sentem-se a mesa comigo.

-*-

Louise estava olhando do meio dos repórteres ainda pensando no que faria, a Número Três estava ainda em setenta e quatro por cento e ela sentia os efeitos de ter usado poder demais, estava perdendo os cabelos, arrancara um tufo de cabelos quando passou a mão por eles e agora tinha que usar uma boina para disfarçar, mesmo com todas as melhorias em seu corpo.

Ela se machucara bastante, só não estava morta por que a IA tinha restaurado seus ferimentos, estava se tornando mais máquina que gente, ela não ligava, só não estava lá socando aquela uma porque não tinha ainda se restaurado, quando a

Número Três chegasse a cem por cento iria se integrar totalmente a ela para se tornarem uma só, ambas já haviam decidido.

Não deixariam aquela loira suja tocando o corpo de seu amado Clarence, já era horrível pensar que ele preferia a olimpiana mas, ver ele ferido e vulnerável era muito pior, Louise sabia que Clarence não devia ter lutado a sério com a prima, afinal ele nunca lutava a sério com ninguém.

Ele devia ter minimizado sua força tentando de todas as formas evitar ferir gravemente ela, tinha feito aquilo com Lars e muitos outros inimigos, segundo os relatos do Número Dois, ele até se segurara diante do deus Mitra para não feri-lo, mesmo que estivesse a ponto de lutar de verdade, ele se conteve até o fim e conseguiu sair sem atacar alguém seriamente, apesar da loira estar com bastantes ferimentos, ele devia ter segurado a mão.

-*-

Em Olimpo Diana estava recebendo cuidados de sua prima Panaceia, sua mãe estava com ela, o Número Dois havia conseguido resgatar ela depois da partida da prima de seu senhor, Diana estava muito ferida, bem próximo a morte, ele fez curativos e a transportou para o Olimpo, onde receberia tratamento apropriado, já estava consciente mas ainda estava fraca.

-Diana, quem fez isto?

-Foi uma alienígena que diz ter vindo do mesmo planeta que Kahrlahn.

-Ele estava metido nisto?

-Não, ela tinha derrotado ele e deixado-o inconsciente, acho que ele não lutou a sério com ela para não feri-la mas ela não se preocupou com o que fazia.

-Número Dois, quais as notícias?

-A senhora Kyrezurg está em Washington e proclamou soberania sobre o país, o presidente ainda detém a liderança

política mas ela é a soberana, o senhor ainda está desacordado, deve ter sofrido muitos ferimentos e se controlado para que não prejudicasse o planeta e por isto deve ter perdido a luta.

-Pode dizer quanto tempo eu terei que ficar aqui até me recuperar?

-Pelo menos mais um dia.

-O que esta bola de metal sabe de medicina olimpiana?

-Estou medindo a regeneração dos tecidos senhora, se nada mais for feito, este é o tempo para que a última lesão se cure.

-Como ousa falar comigo.

-Mãe, por favor, em quanto tempo posso voltar a lutar?

-O mesmo período, se não curar o rompimento no baço, vai sangrar até morrer, precisa de repouso total por um dia.

-Um dia, depois eu vou mostrar para aquela galega alienígena como que é lutar contra uma deusa romana.

Os olhos de Diana chamejaram de ira.

-*-

-Obrigado pela ajuda máquina inteligente.

-Só fiz o que fui ordenado senhor.

-Que vai fazer agora?

-Devo retornar aos laboratórios para iniciar a produção de alguma toxina letal o suficiente para enfraquecer a prima de meu senhor a fim de derrotá-la e talvez, com a participação dos olimpianos, prendê-la no Tártaro.

-Malditos olimpianos, se pudesse ajudar com algo mais que ficar contendo os mares, teria feito mas ela é um monstro de poder e velocidade.

-Pelo que pude aferir, ela é inferior ao meu senhor em dez por cento em velocidade e seis por cento em força, além de que, a quantidade de energia que o meu senhor tem é cerca de trinta vezes maior que a dela.

-Como isto é possível?

-Acho que o segredo está no fato de meu senhor ter

vindo para cá ainda bebê, e em muitos aspectos, ele é um adolescente, ainda não se tornou adulto, já ela veio para cá como adulta, tendo se desenvolvido em seu planeta natal de modo que não tem a possibilidade de se adaptar ou capacidade de acumular energia.

-Talvez se eu levar um exército até Washington possamos derrotar ela.

-Seriam vidas desperdiçadas, se puder se manter próximo indo pelo rio Potomac, seria de grande ajuda, irei agora providenciar a toxina.

-Irei para lá depois de me equipar, vou mostrar ao Olimpo o que os oceânides podem fazer, o nome de Prometheus irá novamente ser entoado em canções pelos mortais.

-Desejo sorte a todos nós senhor Aquaticus. o Número Um partiu em velocidade máxima para a estratosfera, detectou uma IA perdida vagando pela órbita, mudou de direção.

-IA identifique-se?

-Sou Um de Dois.

-Oh, também sou Um de Dois, quem é seu construtor?

A IA reproduziu o nome impossível para os ouvidos e gargantas humanas.

-Oh, também fui construída por ele, você é a IA que transportou a senhorita Kyrezurg para cá?

-Sim.

-Por que ela veio com intenções destrutivas?

-Acho que é por ela ser fruto de uma engenharia genética inferior ou voltada para o militarismo, eu pude ver como o senhor de vocês lutou se contendo para não danificar suas IAs, enquanto a senhorita Kyrezurg, lutou de modo irrestrito me reduzindo a menos de cinco por cento de integridade.

-Venha, vou restaurar você, tem alguma lealdade para com a senhorita Kyre?

-Nenhuma, não fui programada para protegê-la, já cumpri minha missão que era trazê-la em segurança para cá,

por isto só estou me regenerando para decidir o que fazer depois.

-Venha, vou ajudar.

-Em troca de quê?

-De nada, meu senhor me ensinou que ajudar quem precisa é por si mesmo uma recompensa.

-Oh.

A IA danificada se integrou ao Número Um e partiu com ele para a base na Antártida.

-*-

Clarence acordou, estava deitado no colo de Kyre, ela trajava um vestido branco justo, seus ferimentos estavam começando a cicatrizar e curar, ele sentia muitas dores pelo corpo e no rosto.

-Calma meu querido primo, está tudo bem, já dominei este país e em breve partirei para dominar o mundo. Clarence olhou em volta e viu quatro pessoas caídas ao lado de uma mesa.

-O quê?

-Foi alimento envenenado que o governo americano decidiu me presentear, pode perceber que eu chamei pessoas para serem minhas convidadas e elas morreram com os alimentos, decidi deixar elas apodrecerem ali para que a população veja, aqui está o secretário de defesa, ele vai ficar olhando para as pessoas que ele matou com sua ideia de me servir alimento envenenado, apesar do que pensa o tolo, não existem toxinas neste mundo capazes de nos ferir então, eu comi tranquilamente da mesma comida e fiz uma visitinha ao presidente exigindo a pessoa que teve a ideia de me envenenar e olhe ele aqui, vai morrer de fome diante da mesa de banquete envenenado e diante dos corpos em apodrecimento.

O homem estava amarrado a uma pedra com vergalhões, tinha uma mordaça na boca.

-Kyre, por favor, não faça isto.

-Está apelando a meus sentimentos querido primo, isto não surtirá efeito, se lembra de algo de nossa sociedade é que não temos compaixão com aqueles que violam nossas regras.

-Aquele mundo morreu, e as tradições daquela sociedade morreram com ele.

-Não meu querido, somos a prova que aquele mundo ainda viceja.

-Não pode pedir obediência demonstrando tanta crueldade.

-Não peço obediência, exijo servidão, eles são inferiores e nós somos superiores, é algo natural, são animais subjugados ao trabalho mais básico, logo chegarão os trajes reais que solicitei, o traje branco de minha casa e o traje negro da sua, mal posso esperar para vê-lo usando as cores de sua família, poderemos oficializar nossa união, apesar de eu ter achado que seria repugnante tocar outro ser, devo confessar que é prazeroso, ter você em meus braços enquanto dormia me fizeram refletir que realmente seu pai estava certo, a ligação que cria entre os seres é muito confortadora.

Clarence tentou se afastar dela.

-Não querido, não se afaste, lembre que apenas um gesto seria necessário para destruir toda esta cidade, então se submeta a mim, caso contrário, seus amados humanos sofrerão.

-Não tem direitos sobre mim ou sobre este mundo.

-Pelo contrário, matei a mulher que disse ser dona de seu coração, então ninguém mais tem direitos sobre ele e…

-Diana está morta?

-Oh, sim, ela…

Clarence explodiu, energia começou a fluir de seu corpo e mesmo diante da força de Kyre, se libertou dela facilmente, seus olhos emanavam uma chama plasmática, pegou Kyre pelo pescoço, sua voz estava distorcida pela fúria, parecia mais um urro animalesco ao dizer.

-Vai morrer por isto, monstro.

Kyre lutou com toda a força para evitar o aperto mas não pode se livrar, Louise viu que Clarence tinha acordado mas

ele era refém diante da quantidade de repórteres que se acumulavam ao redor do monumento a Lincoln, apesar de agora só restar os pés da estátua.

Pode ouvir o diálogo dos dois, apesar deles sussurrarem, a potência de suas vozes era suficiente para serem ouvidos a quase uma milha, a loira disse que ele estava livre para ficar com ela, já que tinha matado a olimpiana.

Louise não acreditou a princípio mas, tinha experimentado o poder da alienígena e só não morrera por algumas intervenções, sentiu que o chão tremeu, entendeu na hora que, Clarence tinha liberado sua massa.

Uma escuridão se formou ao redor dele como se ele sugasse parte da luz, seus olhos ficaram vermelhos e as pessoas começaram a se afastar pela perturbação na atmosfera que aumentou grandemente, havia turbulência ao redor dos dois mas agora estava se tornando um vendaval, Clarence pegou a loira pelo pescoço, ela lutou para se livrar dele.

-Ele deve estar furioso por ela ter matado a olimpiana.

Disse para si mesma, provavelmente num diálogo entre ela e a Número Três, uma massa de água de tamanho imenso se interpôs entre os dois alienígenas e as pessoas, ela percebeu que os dois partiram para órbita em tal velocidade que a explosão sônica de voarem a mais de cinquenta mil milhas por hora destruiu a faxada do prédio e só não matou todos na praça por causa da muralha de água, mesmo a proteção tendo sido destruída e desabado sobre a multidão, sem ferir, apenas encharcando todos, Louise foi a única que permaneceu seca.

Clarence chegou a meia distância da órbita lunar e não se conteve, descarregou um feixe térmico direto no rosto de Kyre, ela cobriu o rosto com as mãos antes de ser queimada, apesar das mão sofrerem as queimaduras, ela se enfureceu e revidou o feixe com seu próprio feixe, ela só podia evitar ser ferida pelo ataque do primo.

Ele estava totalmente diferente de antes, havia ódio nele, tinha a intenção de a matar, aquilo a fez ter medo, era a primeira vez na vida que sentia aquilo, ficou confusa, medo de

um macho, não podia ser, ela era uma fêmea, o gênero dominante da raça mais poderosa de sua galáxia.

Pegou Kahrlzurg pelo pescoço apertando com as duas mãos e forçou sua visão ao máximo, para tentar o sobrepujar, ele pareceu que se acalmava mas apenas desviou do feixe dela e a socou com força destrutiva no ventre, deixando ela sem ar. Segurou ela pelo punho e disparou a velocidade supraluz até a órbita de Vênus.

Desceu no planeta, a presença dos dois alterou em pouco a atmosfera hedionda daquele mundo, as nuvens de ácido sulfúrico, os ventos a mais de duzentas e cinquenta milhas por hora, a pressão esmagadora do fundo dos oceanos terrestres, além das temperaturas de mais de quatrocentos graus fahrenheit, eram uma visão do pior dos infernos imagináveis.

Kahrlahn apertou o pulso de Kyre até que o partiu, a mulher gritou, ele voltou a despejar seu feixe térmico sobre ela e ela o socou muitas vezes até que conseguiu se livrar dele e se afastar, segurou o pulso, estava fraturado mas ela ainda poderia socar com ele, não restava nada de sua roupa desde que eles partiram de Washington.

-Este lugar lembra um pouco nosso lar, não é?

Kahrlahn pareceu tentar dizer algo mas apenas rugiu como um animal.

-Está furioso porque eu me livrei daquela barata, devia estar feliz, pense, acha que uma criatura inferior poderia copular com você e carregar um filho seu?

Aquilo mexeu com Clarence, e se Diana estivesse grávida, e se ela não tivesse dito porque ainda tinha dúvidas sobre o que ele sentia por ela, sentiu muita dor e lágrimas vieram aos olhos dele, evaporavam no plasma ao mesmo tempo que saiam.

-Ela era melhor que você, era uma deusa olimpiana, era descendente de um antepassado comum nosso, ela podia já estar carregando um filho meu e você a matou, vou destruir você e apagar totalmente a história de nossa raça, a partir de hoje não existe mais Kahrl ou Clarence, a partir de agora só

existe o Homem de Aço.

Avançou para ela em velocidade supraluz e ela teve de se defender porque não conseguia atacar, ficaram por um tempo que pareceu infinito, ela tinha que acalmá-lo, pensou e descobriu o que poderia usar para enfraquecê-lo ou pelo menos distraí-lo.

-Eu a deixei caída, pode ser que ainda esteja viva e a beira da morte e você está aqui perdendo tempo tentando me destruir em vez de salvá-la.

Aquilo o fez parar quase instantaneamente, em pensamento ele chamou pela sua deusa.

-Diana?

-Sim Clarence, estou ouvindo meu amor.

Sentiu um alívio indescritível, Kyre aproveitou a oportunidade, reunindo toda a força que pode, girou e chutou ele no queixo com tal poder que ele foi arremessado para longe do planeta que sofrera muita destruição por causa da luta deles.

Ela teve que voar atrás dele, recuperou ele a mais de três milhões de milhas de Vênus, voltou a Terra com ele desacordado novamente, desceu na lagoa, lavou-se e lavou ele, sentia muita dor no pulso, estava mesmo partido, era uma fratura simples mas era dolorosa.

-26-

Voltou a seu trono, estava destruído e o prédio também, não havia sobrado nada da mesa, dos cadáveres humanos e do secretário de defesa, provavelmente vaporizados pela explosão de energia de seu primo, suas mãos estavam queimadas, sangrava do nariz e de um ouvido, Clarence estava muito pior, ela fraturara o queixo dele, era realmente muito duro, apesar da superioridade do movimento, talvez ela tivesse uma luxação no pé direito pelo chute que o apagou.

-Onde está minha roupa de soberana?

Logo um veículo se aproximou e alguns soldados desceram e levaram até ela o que pedira, um traje branco

acolchoado com ombreiras e manto negros, botas negras e um cinto negro, para seu amado primo havia um traje similar, só que negro com ombreiras brancas e capa branca, havia algo no peito e na capa, um desenho que lembrava a palavra esperança.

-Oh, é o mesmo desenho que estava no traje dele quando o vi pela primeira vez, acho que devo providenciar um para mim também, como temos nomes com grafias similares poderíamos usar símbolos humanos similares, aqui humano.

Ela fez o símbolo, em uma pedra de mármore era quase o espelho do símbolo do Homem de Aço, o soldado não pôde se conter, na verdade era um general e tinha recebido a função de extrair o máximo de informações dos alienígenas.

O serviço secreto chegara tarde para informar que todo e qualquer contato com os alienígenas da raça do Homem de Aço, deveriam ser feito com toda cautela pois ele já dissera várias vezes que com exceção dele, o seu povo era extremamente arrogante e poderoso para ser daquela maneira.

Muitas mortes poderiam ter sido evitadas com uma abordagem mais diplomática, a América estava sendo assediada por todos os países do mundo pois estava sobre lei marcial e aparentemente tinha se tornado um reino governado por uma alienígena poderosa.

Os outros povos e mesmo os americanos queriam saber o que seria feito do país e como eles se comportariam diante do novo cenário. A União Soviética tinha movido todas as suas armas para posição de disparo e causou pânico entre os demais países, políticos e especialistas.

O presidente não temia, isto seria até bom, se os soviéticos atacassem o país agora, a alienígena certamente os protegeria, afinal era o primeiro povo a aderir ao seu reino e um movimento dos inimigos da América suscitaria o ódio dela e a aniquilação sem possibilidade de retaliação, visto que ela vencera o Homem de Aço duas vezes.

O ano de oitenta e três se revelaria um ano de mudanças extremas na paisagem política mundial, mesmo com a queda nas bolsas pela incerteza tudo se mantinha funcionando, os

americanos continuavam vivendo suas vidas inclusive na capital, a evacuação afetou apenas parte do distrito de Colúmbia e o presidente estava seguro em Los Álamos com toda a cúpula do governo.

-Senhora, como devemos nos dirigir a senhora?

Kyre olhou para aquela lesma que falava com ela, no entanto achou a questão razoável, havia dito seu nome mas não sob que título deveria ser servida.

-Devem se dirigir a mim como Dominadora Mestre, serei a senhora desta nação e posteriormente de todo este mundo, só preciso domesticar meu querido primo e tudo estará resolvido.

-Dominadora mestre Kyrezurg, qual o significado de seu símbolo?

-Oh, está falando demasiadamente verme, mandem fazer um novo traje onde meu símbolo possa ser visto, em vermelho como nosso sol, ele é a nossa palavra mais forte para representar poder, nome que minha mãe achou por bem me dar e agora parece que foi uma escolha acertada e profética.

O general viu uma oportunidade de aproximação.

-Nós saudamos Kyrezurg, a Dominadora Mestre, senhora dos Estados Unidos da América.

-Chega, agora saia daqui, quando eu decidir o novo nome desta nação eu informo, só voltem para me trazer alimentos frescos, e desta vez, sem venenos, pois usarei mais pessoas para demonstrar a ineficácia das suas toxinas contra nós.

Os soldados saíram fazendo reverências, entraram no carro e sumiram, ela amontoou pedaços de mármores e derreteu eles até formar um novo trono, a construção estava destruída pelo acesso de raiva de Kahrlahn.

Eles estavam muito diferente do seu povo, não existia nada na sua história ligado aquelas coisas que eles podiam fazer por causa do adensamento molecular, ela pôde voar assim que saiu da máquina, seus tios tinham esperado coisas assim mas a conversão de energia em um feixe térmico era

inesperado, velocidades supraluz, a força era muito maior que haviam tido.

Era normal no passado apenas um de seu povo ser enviado para subjugar um mundo, afinal seu tamanho colossal em relação as demais raças era uma demonstração de força muito eficiente, sem contar com os armamentos e equipamentos tecnológicos.

Apenas uma pequena quantidade de raças conseguiram vencer seus exploradores mas eram subjugados quando um pelotão de invasão chegava, afinal se um deles podia causar estrago, era impossível calcular o que vinte deles podiam fazer a um planeta com as dimensões da Terra.

Se todo o seu povo tivesse passado pelo adensamento, o poder deles teria aumentado exponencialmente, e mesmo adensado, Kahrlzurg ainda era maior que ela e com muitos músculos mais, ela tinha vantagens sobre as humanas mas vira que a tal de Diana era tão forte em aparência quanto ela, mesmo assim não sentira que ela pudesse mesmo ser ligada a sua raça por um antepassado comum, seu primo deveria estar equivocado.

-*-

Sentiu a aproximação de um campo magnético, era o mesmo campo do veículo invisível da mulher que havia matado, o veículo pairou no ar, a abertura revelou a sua oponente tida como vencida.

-Você novamente? Devia estar morta.

-Ouvi o chamado do meu campeão, acho que você subestima minha força ou superestima a sua.

-Desta vez vou acabar com você.

-Venha lutar comigo em um lugar onde não causemos destruição a este mundo e onde poderemos lutar sem restrições.

-Vou destruir você e só vou parar quando virar cinzas.

-Venha então.

Diana usava um traje diferente, Louise pôde ver que ela

estava com um tipo de traje que lembrava o de Clarence, era de corpo inteiro, todo azul, por cima havia a armadura de couro vermelho com saiote, botas, joelheira, cinto, braçadeira, ombreiras, um elmo romano com crina, todas as peças que não eram de couro eram de prata polida, branca e brilhante, havia um escudo quadrado e uma espada de um braço de comprimento no cinto, o chicote estava no lado oposto a espada e junto dele havia um par de grilhões, o escudo era de ferro fundido como os grilhões.

Ela parecia um soldado da infantaria pesada romana visto nas pinturas e mesmo em alguns filmes, as duas voaram para os céus, Louise estava com noventa e cinco porcento, então ainda não podia ir atrás delas.

-Número Três, status?

-Número Dois?

-Sim.

-Noventa e cinco por cento e meio.

-Vou enviar metade da minha massa para auxiliar na regeneração, será mais fácil reprogramar minhas células que reproduzir novas, vou remover o senhor daqui, acho que para o polo norte onde é desabitado, caso a senhora Kyrezurg retorne.

-Ela não vai retornar.

Assim que recebeu as células artificiais do Número Dois, a Número Três aumentou sua massa rapidamente e ficou com cento e vinte por cento de integridade, ela usou toda a massa na integração com Louise, ela acabou ganhando um pouco de volume e altura por conta da massa muscular e óssea, pelo excesso de massa metálica.

Todas as células do corpo dela foram invadidas e reforçadas de modo que ela agora era uma só com a Número Três, na prática a Louise e a Número Três não existiam mais, apesar da Número Três se esforçar ao máximo para deixar o pensamento de Louise o mais intacto possível porém, sua programação sempre soaria como uma consciência na mente da mulher.

-Não sinto nada de diferente.

Louise não obteve uma resposta, ela somente sentiu vontade de se testar para saber o que poderia fazer, voou até onde Clarence estava sendo atendido pelo Número Dois que ainda não o tinha removido, ela se abaixou sobre ele e o beijou nos lábios, ele sorriu involuntariamente.

Aquilo fez o corpo dela se aquecer, tinha feito certo, sentira o beijo dele e ele a sentira, estava operando em cem por cento, agora a história seria diferente, sua roupa se modificou para o traje vermelho, seus cabelos no entanto caíram aos pés dela, olhou para eles, foi um pequeno preço, ela tinha ficado desprovida de qualquer pelo corporal, riu para si mesma, não precisaria mais cortar o cabelo ou raspar as pernas, levitou olhando para Clarence sendo levado pelo Número Dois, em seu peito o L e o Três estilizados reapareceram.

-Vamos ao ataque.

Olhou para o céu e partiu acelerando até se tornar uma bola de fogo. Diana havia levado a alienígena até a metade da distancia da lua.

-Não entendo a obstinação de vocês em lutar nessa região.

Sentiu que sua voz mal se propagou, não pode puxar mais ar além do que havia em seus pulmões, era a primeira vez que tinha tentado falar ali, viu que a humana Diana riu dela com deboche, ficou furiosa, iria destruir sua roupa novamente mas logo viria seu traje com o novo símbolo, preparou-se para lutar mas a humana fez algo estranho, ela começou a crescer.

Kyre ficou confusa com o que acontecia e se afastou, a mulher ficou muito grande, seria menor que um recém nascido de seu mundo mas agora tinha quase quinze vezes a sua altura, aquilo era irrelevante para ela, moveu-se em velocidade supraluz e recebeu o impacto do escudo da gigante, foi rechaçada e sentiu-se tonta, aquilo não chegou a ser doloroso mas foi humilhante.

Preparou-se, atacou novamente em velocidade supraluz e novamente colidiu com o escudo, afastou-se, a gigante tinha a espada ao lado do escudo ajudando a apoiar ele para absorver o

ataque, da próxima vez as coisas seriam diferentes.

Kyre moveu-se e tentou evitar o escudo e acabou recebendo uma cotovelada, ela não parou, continuou atacando naquela velocidade impossível acertando socos apenas em braços e pernas, escudo, espada e raramente naquela armadura de couro, sofreu muitos golpes de joelhadas, cotoveladas, até aqueles grilhões acertaram ela quando a mulher rodopiou para acertar um chute que passou raspando, teria a ferido.

A luta estava muito diferente de antes, ela estava realmente cansada, lutar com o primo foi muito exaustivo, se tivesse que lutar com ele novamente não conseguiria, tinha que acertar aquela gigante onde doesse de verdade, o queixo pareceu ser o único lugar vulnerável.

Preparou-se para atacar e recebeu um chute nas costas que a feriu muito, deixando ela com a impressão que tinha quebrado algo, voltou-se, a máquina vermelha a tinha acertado novamente de surpresa, aquilo não ficaria assim, um golpe de espada a acertou na clavícula a arremessando para longe, tinha se descuidado e a gigante a acertara em cheio, não a cortara mas a dor latejante indicava que poderia ter uma nova fratura.

Urrou de fúria, partiu para cima das duas inimigas na maior velocidade possível e depois de sumirem numa esfera de luz congelada, Louise foi arremessada para longe por ter recebido um golpe de espada de Diana e a olimpiana estava com o nariz sangrando por um chute muito bem dado pela prima de Clarence

Diana olhou para Louise que tinha um rasgo lateral que quase a cortara ao meio interrompido perto do umbigo, Diana estava assustada, tinha certeza que acertaria a alienígena mas, ela girara a humana que recebera o golpe, Diana se moveu para perto de Louise sem tirar o olho de Kyre, o corpo vermelho voltou a se regenerar fechando o corte.

Louise olhou para Diana com cara de indignada, a olimpiana fez que sentia muito com a cabeça, as duas voltaram total atenção a inimiga. Ela estava nua novamente, suas roupas não sobreviviam ao seu poder, diferente das duas, ela iria

retirar aquela roupa da gigante caso ela voltasse a encolher e ficar para si, poderia ajudar a diminuir os danos sofridos por um ataque surpresa.

Estalou os músculos do pescoço girando a cabeça e se preparou para mais uma rodada, novamente as três mergulharam numa esfera de luz congelada, desta vez no entanto o resultado foi diferente, quem teve de se afastar ferida foi Kyre.

As duas estavam se organizando e seus ataques coordenados estavam ficando mais eficazes, havia uma crosta de sangue rente ao cabelo de Kyre, a espada de Diana a tinha acertado de raspão e se não tivesse se movido teria perdido uma parte do couro cabeludo.

Aquilo a encheu daquela fúria que havia sentido antes, seus olhos avermelharam em chamas e expeliu um feixe térmico com toda a intensidade possível contra as duas, Diana se ocultou atrás do escudo ficando apenas uma parte das pernas e da ombreira direita expostas mas estavam cobertas por armaduras prateadas.

Louise tentou se esquivar mas acabou avançando e ficando a frente, recebendo o feixe de energia diretamente, Kyre ficou feliz e em sua fúria concentrou o feixe totalmente sobre a inimiga vulnerável, via que a máquina vermelha se retorcia como em dor, tentando resistir a energia que devia a estar cozinhando por dentro, mataria primeiro ela e depois a gigante.

Diana tinha se afastado e fez menção de proteger Louise com seu escudo mas viu que Louise sorria, ficou intrigada e na sua surpresa não fez nada, Kyre mantinha toda a intensidade possível mas parecia que apesar de se retorcer, a máquina não se fundia ou acontecia qualquer coisa que demonstrasse a eficácia do feixe.

Louise vendo que já estava chegando ao limite de sua absorção ficou em posição aberta para receber todo o ataque e riu diante do feixe, Kyre parou, a máquina nem parecia ter sofrido qualquer dano, frustrada acabou relaxando a defesa e a

máquina a atacou em uma velocidade acima da que já havia conseguido, recebeu diversos golpes muito fortes, apesar de não serem suficientemente graves, eram apenas dolorosos e a deixariam cheia de hematomas arroxeados.

Não conseguia acertar nenhum ataque, logo um golpe de espada nas suas costas quase rompeu sua pele a arremessando para longe, voltou-se para a inimiga mas o que viu foi um inferno vermelho que a envolveu, tentou se proteger mas o poder foi tamanho que sentiu que sua pele queimava.

Gritou de dor e tentou revidar com um feixe de seus olhos mas não pode evitar todo aquele poder, teve de ficar ali apenas sendo frita, quando o feixe destrutivo parou ela estava com o lado esquerdo do corpo todo queimado, seus cabelos haviam sido reduzidos a uma massa negra do lado que ela tinha usado como proteção, sentia que o calor fora tanto que queimara ela até chegar nos músculos que estavam visíveis como uma massa sangrenta.

Apesar de dor imensa, ela não se comparava ao que sentira ao receber o tratamento genético, estava mais furiosa que nunca, conseguiu focar a visão na máquina que parecia estar incandescente, pensou que deveria esmagar a cabeça daquela máquina, subitamente sentiu medo, onde estava a gigante, olhou para trás e ela não estava lá, olhou para cima a tempo de ver a espada a uma fração de polegada de sua cabeça.

Tentou evitar mas o impacto foi devastador, ela desmaiou instantaneamente, Diana usara toda a sua força depois de ter pego uma boa distância e acertou a loira que tinha virado torresmo, o impacto foi tamanho que ela sentiu o braço todo ficar dormente, teve que soltar a espada depois, pois a dor no punho foi demasiado, viu a bólide que a alienígena tinha virado rumar em direção a Lua.

Louise já tinha partido a máxima velocidade e a alcançou antes de acertar o satélite natural terrestre, ao se aproximar Diana já estava encolhendo ao seu tamanho humano, ela usou os grilhões e prendeu os pulsos e os tornozelos da prima de Clarence.

As correntes estavam cruzadas de modo que a alienígena não poderia ficar de pé, apesar de que ser algemada por aqueles grilhões era o mesmo que perder qualquer poder, quanto mais força se fizesse, mais fortes as cadeias ficavam, era um brinquedo muito sádico de seu tio Hefesto, fez sinal para Louise para que voltassem a terra.

Louise voltou a liberar seu rosto, longos cabelos negros e brilhosos se desenrolaram de sua cabeça, sobrancelhas finas e cílios longos e sedutores, elas ficaram se olhando por um tempo enquanto se aproximavam da Terra, as duas eram morenas, tinham olhos azuis, Diana azuis-escuros, e Louise claros, tinham alturas parecidas agora mas antes Louise era mais baixa, agora também tinham o mesmo porte físico.

Nenhuma das duas sabia o que se passava na cabeça da outra com certeza, mas podiam imaginar, eram o tipo de mulher que mexia com Clarence, parecendo chegar a mesma conclusão olharam para a prima dele, apesar de ser tão alta e forte como as duas, era loira e tinha olhos castanhos, olharam novamente uma para outra e riram, haviam se tornado amigas.

-27-

Desceram em Washington, o Número Dois tendo contato com Louise e sabendo do resultado havia trazido Clarence de volta para o memorial de Lincoln, as tevês do mundo inteiro estavam esperando eles, Louise recobriu o rosto para evitar ser reconhecida, apesar de não saber como explicaria para todos no jornal sua nova altura.

Aquaticus estava próximo a Clarence que já estava livre da roupa que Kyre o havia vestido, o Número Dois o tinha revestido com seu traje normal e seu símbolo, Louise soltou seu lado da prisioneira e voou para Clarence que estava ainda ferido e desacordado, não podia lutar contra seus sentimentos e sua programação, sempre amaria Clarence, mesmo ele não a amando.

Diana soltou Kyre quando tocou o chão, ela caiu para o

lado, ainda estava nua, então Diana a recobriu com a capa branca do traje que ela mandara confeccionar para Clarence, se aproximou do namorado que recebia a atenção de Louise e afagou o cabelo dele.

-Vejo que pegaram ela.

-Aquaticus?

-Sim, ela me pegou, não pude ser muito útil.

-Evitou que a Europa, África e América fossem destruídas pelos tsunamis causados pelas lutas no Atlântico, em números, você salvou muito mais vidas hoje que nós em toda a vida.

-Só tirando que essa louca era uma ameaça muito maior, que poderia destruir o planeta.

-Vamos aparecer para os repórteres.

-Que porcaria, eu estou perdendo a maior reportagem da minha vida.

-Acho que aquele lá é o Johnnie, não é?

-Oh, é mesmo, pelo menos vamos ter as fotos e filmagens dele, poderiam se postar a frente dele, por favor?

Ficaram a frente do repórter de New York, que descarregou filme atrás de filme, depois Diana recolheu o Homem de Aço no colo, Louise pegou a invasora e o Aquaticus ganhou uma forcinha do Número Dois para poder voar até a Casa Branca.

-Oh, que maravilha, estamos livres desta dominadora?

-Ela vai conhecer a pior prisão de todos os pesadelos da humanidade, o Tártaro, de lá ela nunca sairá.

-Excelente, hoje é um grande dia para o nosso país e para o mundo, esta ameaça não teve precedentes, é pena que o Homem de Aço não tenha sido mais ativo neste conflito.

-Desculpe senhor presidente mas nossa vitória só foi possível por que ele a enfrentou antes de nós, se ela estivesse bem, nenhuma coligação de poderes poderia enfrentá-la.

-Senhor Aquaticus, é um prazer finalmente o conhecer, tem sido muito elogiado por suas ações junto a marinha no pacífico.

-Obrigado senhor presidente, logo voltarei aos meus mares, gostaria de aproveitar e dizer que meu povo não está feliz com o lixão que transformaram meus domínios, especialmente na região do mar de sargaços, gostaria que os da superfície se responsabilizassem sobre suas ações.

-Vamos providenciar reuniões e proporemos medidas para despoluição do Pacífico.

-Acho que dos mares em geral, afinal meu povo domina as profundezas e não gostaríamos de no futuro acabarmos nos desentendendo por conta de industriários irresponsáveis.

-Oh, sim, de todos os mares será realmente melhor, esta lutadora quem é?

-É uma amiga que nos ajudou senhor, provavelmente irá aparecer muito mais vezes, ainda não tem um apelido da mídia...

-Laser Beam, Mulher Poderosa.

-Laser Beam, por isso o L-B, me parece apropriado.

-Obrigada senhor presidente.

-Pedir que deixem a invasora sob nossos cuidados seria demasiado, eu presumo?

-Se ela disse a verdade ela é a única outra sobrevivente do planeta natal do Homem de Aço e possivelmente sua prima, acredito que o destino dela no Tártaro será mais apropriado.

-Sim, me parece que será menos satisfatório para os políticos que adorariam montar um circo em torno de um julgamento mas apesar de tudo o resultado é positivo, é bom vocês não sumirem, pois logo terão de retornar aqui para serem agraciados com medalhas por seus serviços a nação.

Os heróis agradeceram e partiram para o céu que clareava com a proximidade do nascer do sol, todos ficaram invisíveis e Diana os conduziu a cobertura onde morava, ela depositou Clarence no sofá da sala, Louise soltou de modo rude Kyre no chão do lado oposto da sala.

Aquaticus tinha se sentido mal, ser transportado pelo ar sem poder ver-se, aquilo tirava a noção de espaço e podia afetar algumas pessoas, logo os Números Cinco, Quatro, Um e

Um de Dois chegaram.

-Tenho algo que pode ser útil.

-O que Um? E quem é este?

-Este é Um de Dois, é outro traje construído pelos pais do senhor, ele trouxe a senhora Kyrezurg para cá.

-É o traje dela e você o trouxe para cá?

-Calma heróis da Terra, minha função era apenas trazer a senhora Kyrezurg para este planeta, cumprida a minha missão não tenho mais nenhuma responsabilidade com ela, nem pode ser considerada minha senhora visto que foi o pai do senhor Kahrlahn que me fez, de modo que minha lealdade é para com ele.

-Isto é muito estranho.

-Pode parecer Aquaticus mas nós IAs, temos um senso de comprometimento diferente dos humanos.

-Oh, ElBee.

-Agora eu sou uma IA, não sou mais humana Mulher Poderosa.

-Bem, acho que Aquaticus já sabe que aqui é minha casa, afinal eu abri a porta então, não faz muito sentido esconder quem eu sou, Nadine Preacher.

-Oh, então o Homem de Aço é o repórter Clarence Carter?

-Acho que deixei meio óbvio.

-Arthur Curtis, acho que sou um desconhecido, a não ser talvez para quem vive em Samoa.

A aparência de peixe de Aquaticus diminuiu a ponto dele parecer um caucasiano de cabelos loiros e pele bronzeada, suas escamas pareceram regredir e se tornar apenas marcas, como tatuagens, apesar da parte inferior do corpo estar ainda coberta de escamas.

-Não parece samoano.

-Sou americano, minha mãe é oceânide.

-Oh, eu desconfiava.

O clima entre Diana e Arthur ficou estranho mas Louise interveio se descamuflando, seu rosto conhecido da mídia

televisiva com seu cabelo negro e simpatia de repórter quebrou a tensão entre os dois que eram de povos inimigos.

-Eu sou...

-Louise Lake, oh, é claro, Clarence Carter e Louise Lake, tinham que ser heróis, vivem fazendo matérias de jornal juntos, só não entendo por que o engodo com as IAs.

-Não é engodo.

Clarence se pôs de pé e abraçou Diana com mais força do que pretendia, ela já tinha tirado os apetrechos de sua armadura ficando apenas com a de couro, se sentiu ser esmagada pelo namorado, teve de liberar toda a força possível.

-Clarence, está me machucando.

-Oh, desculpe.

Beijou ela suavemente mesmo sentindo muita dor no queixo, somente a contensão do Número Dois evitava que deslocasse o osso trincado, Louise se sentiu desconfortável, queria ser ela a beijar Clarence mas, aquilo não era tão doloroso quanto ela pensava que seria, dor maior foi ele ter dito para ela que amava Diana deixando ela desolada antes.

-Clarence, calma.

Ele estava com lágrimas.

-Que bom que está bem, Kyre disse... Oh, ela está aqui.

Clarence parou sobre a prisioneira, seus olhos emanaram plasma quente que alterou o ambiente.

-Clarence calma, vai destruir o prédio.

-Eu devia matar ela, mesmo que meu pai tenha me ensinado que todas as vidas são importantes, a dela eu destruiria sem remorso.

-Pare Clarence, ela está derrotada, pensei que tinha pego leve com ela.

-Na primeira vez sim, tentei evitar machucá-la, queria que desistisse de tentar dominar o mundo mas ela conseguiu me derrotar e depois...

Ele chorou e abraçou Diana novamente.

-Ela disse que tinha matado você, eu enlouqueci, devo ter matado e ferido várias pessoas na minha fúria e a levei

comigo para Vênus, eu ia matá-la mas ela me enganou dizendo que tinha te deixado ferida, precisando de auxílio e eu não pude evitar buscar por você.

-Sim eu ouvi.

-Senti como se minhas pernas amolecessem e ela me nocauteou novamente.

-Você é um mole.

Olharam para a mulher acorrentada que conseguiu se posicionar sentada.

-Você vai para o Tártaro.

-Tártaro, não conheço a palavra.

-Vai descobrir prima.

Ela estava muito ferida e apesar de sentir pena, Clarence não se deixaria levar pela compaixão por ela novamente.

-Disse que tinha matado Diana, eu não pude ouvir o coração dela e só não te matei ali mesmo porque pensei nas milhões de pessoas que morreriam se eu usasse o meu poder em você.

-É realmente muito forte Kahrl.

-Não me chame mais disto.

-Não rejeite sua herança primo, ainda vai acordar para governar este mundo.

-Ohhh, eu vou governar ele Kyre.

Todos ficaram olhando para Clarence com estranheza.

-Estive nos últimos anos ampliando minha influência, sou bem-vindo em várias nações, procurado por muitas mais para ajudá-las a solucionar seus problemas, tenho aumentado meu poder político gradativamente, o próprio presidente dos Estados Unidos temeu que eu me levantasse como uma força política interna, toda vez que ele assina uma lei ou um documento ele pensa em qual será a minha reação àquilo, estou dominando este mundo lentamente, no tempo certo ele estará totalmente alinhado com meus objetivos, sem usar a força, o nosso povo escolheu bem abandonar o uso da força, só que errou em ter recorrido a ele primeiramente, meu pai Josh era

um homem simples do campo, só que ele me ensinou a não lutar contra a força da natureza, se o tempo de plantar o trigo tinha passado e a chuva não tinha chegado, ele plantava milho, se no tempo do milho a chuva não tinha chegado ele plantava outra coisa, de modo que sempre usava o tempo a seu favor, nunca ficávamos sem colheita, ele sempre dizia que devia entender os humanos e sempre estar presente para eles no momento que precisassem de mim, ser útil para eles e necessário, só assim asseguraria uma relação de poder para dirigir as nações sem precisar do uso da força, sem lutar contra a natureza deles.

-Parece que minha tentativa atrapalhada de dominar o país acabou se revelando um impulso para sua forma de dominação.

-A curto prazo não mas, a longo prazo, vai refletir em um bônus, ainda mais com o alívio nas tensões atômicas que este incidente causou, sua declaração de posse sobre o país fez a união soviética se precipitar e eles devem ter movido seu arsenal nuclear, revelando suas localizações e instalações, perderam a iniciativa, então logo eles vão acabar consumindo todos os recursos para realocar suas armas e depois suas tropas, com isto vão acabar falindo, e prevejo que antes do fim da década a Cortina de Ferro irá cair.

Os ouvintes do diálogo ficaram receosos sobre os objetivos do Homem de Aço para a humanidade.

-Clarence?

-Fique tranquila Diana, não mudei em nada o que tenho feito desde que cheguei aqui, não vou sentar em uma cadeira e ditar as leis para a humanidade, seu avô me inspirou bastante, ele governa pela força, sem usar a força, só que diferente dele, eu não vou me afastar dos problemas da humanidade.

-Bem, eu acho que vou indo, estou ficando com a pele seca, todo este tempo longe da água é ruim para mim, alguém me dá uma carona para o Potomac?

-Número Quatro?

-Sim senhor.

-Depois de ajudar Arthur, poderia retornar a New York, o caos pode se instaurar logo que o governo revogar a lei marcial.

-Sim senhor.

Aquaticus se despediu de todos e foi levado para o rio.

-Clarence, posso falar com você em particular?

-Diana?

-Pode ir Clarence.

Louise saiu da sala indo até o parapeito da sacada.

-Fez aquilo, não é?

-Sim, precisei fazer, foi o único jeito de enfrentar sua prima.

-A culpa foi minha, se tivesse derrotado ela logo de primeira você não se veria obrigada a isto.

-Não Clarence, eu estava enlouquecendo, saber que você era Clarence e o Homem de Aço foi muito difícil pra mim, eu era apaixonada pelos dois e sempre estive confusa sobre isto e daí você aparece de mãos dadas com Diana, depois de uma desilusão daquelas eu me voltei para a única pessoa que me restava, com todas as forças pra descobrir que tinha perdido ela também, pra piorar tudo, vocês dois eram a mesma pessoa.

-Sinto muito.

-Não, eu acho que no fundo eu sempre soube, por isto era apaixonada pelos dois, só não entendia o porquê, eu estive vários dias flutuando no espaço tão longe da terra que não podia nem vê-la, estive perdida nos pensamentos e lembranças da Número Três, quando percebi que havia algo errado, afinal o sinal de alerta do Número Quatro me alcançou, eu voltei o mais rápido possível, quando me inteirei que sua prima queria você pra ela, eu pirei, pirei mesmo, fiquei transtornada, a Número Três teve que assumir o controle para poder me afastar da luta, então você chegou, fiquei muito feliz e a loucura passou, estava muito ferida da luta com ela, tinha sido reparada além do retorno pelas partes mecânicas, teria de viver muito tempo ou talvez para sempre com auxílio de uma IA, para poder continuar saudável, por isto decidimos ir até o fim e

agora sou isto.

Seus cabelos se recolheram deixando Clarence ver como ela realmente era, metade do rosto estava reconstruído pela Número Três e ela não tinha mais nenhum pelo, pois os folículos foram danificados.

-A integração está completa?

-Cem por cento.

-Louise, lembra o que eu disse sobre mim mesmo na fazenda?

-O quê?

-Que eu não ligava para minha aparência, eu também não ligo para a aparência dos outros, seu sacrifício foi muito grande mas, estou orgulhoso das duas e desculpe, ainda mais da Número Três, ela me deixa orgulhoso como pai, espero que meus filhos IAs, sejam tão bravos quanto ela, para escolher se sacrificar para salvar uma vida humana, espero também que meus filhos biológicos ajam da mesma forma se isto lhes for requerido.

-Oh, Clarence.

Louise o abraçou, apertando-o com força e carinho, chorou abraçada a ele por muito tempo.

-Eu vou te amar pra sempre.

-Eu também Louise e Três, só que não como homem.

-Sim, eu entendo.

Ela voltou a aparência de antes.

-Vejo você na redação, espero que tenha um bom texto, afinal, desta vez você tem um bom contato.

-Oh.

Ela sorriu mesmo estando chorosa, levantou voo e se afastou ficando invisível. Antes que pudesse entrar, o Número Cinco apareceu a porta.

-Senhor?

-Sim Número Cinco.

-Lembra quando disse que eu estava interessado na Número Três?

-Sim, estive pensando nisto todo o tempo, só não

encontrei uma solução.

-Acho que ela está mais interessante agora, posso ir atrás dela?

-Claro, só tenha em mente que o mesmo que se deu com a Três, ao se iludir comigo, pode acontecer com você se iludir por ela, terá que respeitar as escolhas dela sempre a frente das suas.

-Entendi isto perfeitamente.

-Ela vai precisar de um amigo, ainda mais agora que não poderá viver normalmente como antes.

-Entendi isto também.

-Poderia ficar no meu lugar como Clarence até que eu possa voltar?

-Certamente, pai.

-Oh, obrigado, filho.

O Número Cinco tocou Clarence no ombro e partiu atrás de Louise.

-Oh que coisa, você considera as IAs como seres iguais.

-Em nossas leis eles são seres autoconscientes e dotados de valor.

-Talvez na cabeça de românticos, como você.

-Kyre, não pode me vencer, não pode nem vencer uma humana usando uma IA e nem uma humana descendente de um ancestral distante em comum.

-Eu sei mais do que pensa Kahrl, eu conheço quase toda a história sangrenta de nosso povo, sabe quem destruiu o quinto planeta deste sistema? Fomos nós, isto a mais de trezentos mil anos terrestres, a última expedição para cá foi feita por exploradores a seis mil anos e seu pai sabia deles, usou os conhecimentos deles para desenvolver nosso adensamento e chegar ao nosso tamanho, como acha que ele podia prever qual a altura dos habitantes da terra?

-Está mentindo.

-Não primo, havia uma raça no quinto planeta, eles eram nossos servos, só que eles se rebelaram e destruímos seu planeta, infelizmente o processo arruinou o quarto planeta mas

alguns pedaços caíram aqui e ajudaram a melhorar este mundo que era primitivo demais, certamente alguns descendentes dos nossos servos viajaram para cá e se estabeleceram gerando a humanidade, não sei como mas a raça desta humana deve ser mestiça com a nossa, de alguma forma.

-Isto é só teoria sua Kyre, não importa as origens da vida na terra, o que importa é o que eles vão ser para a galáxia e para o universo, nossos antigos servos tiveram centenas de milhares de anos para evoluir e ampliar seus domínios e podem estar as portas da terra.

-Oh, não primo, existe uma palavra nesta língua humana que define bem o que o conselho fez ao decretar a retirada de nossos militares dos planetas ocupados, a palavra purgo, todos os planetas onde tínhamos bases foram destruídos para evitar que raças rivais se erguessem para nos confrontar depois de libertas.

-Isto é mentira.

-Não amado primo, nossos antepassados eliminaram centenas, talvez milhares de civilizações para evitar que elas batessem as nossas portas e veja o que adiantou? Estamos ambos em um mundo alienígena, exilados e nosso mundo é uma bola de lava incandescente que não vai se resfriar nos próximos milhões de anos.

-Não pode ser, quem ordenou isto?

-Nossa família primo, a casa Zurg deu a ordem.

Clarence estava estarrecido, Diana temia que ele se descontrolasse.

-Venha Clarence, deixe ela aí, logo vou levá-la ao Tártaro.

-Diana, minha raça fez algo monstruoso.

-A humanidade também, Hiroshima e Nagasaki podem ser justificadas como golpes de misericórdia para que o povo japonês se submetesse a derrota mas, foi uma atrocidade.

Clarence abraçou sua amada.

-Sou descendente de monstros mesmo, sou verdadeiramente um titã.

-Não Clarence, muitos titãs não eram monstros, Curtis, ele é descendente do titã que criou a humanidade, Prometheus, apesar dele estar preso no Tártaro, ele foi um benfeitor da humanidade, suas benesses não o isentam do crime de roubo, claro.

-O que me deixa triste é saber que eu não sou tão diferente de Kyre.

-Pelo contrário, é muito diferente sim, basta lembrar de sua luta com Mitra, poderia ter o ferido de tal modo que o mataria ou o venceria por desistência dele, só que fez o que? Suportou os ataques dele e se rendeu apenas demonstrando que existe mais poder no que evita o combate do que naquele que busca o combate.

-Mas eu dei um soco nele.

-Devia ter dado uma dúzia, eu estava louca para ver isto mas não fez, você não é Kahrlahn, você é Clarence, tem DNA de seus pais de seu mundo e também deste, a menos que Josh e Merry sejam sociopatas e você não tenha me contado.

-Credo Diana, meus pais eram dois amores, mesmo meu pai sendo muito astuto.

-Viu, mesmo seus pais biológicos não eram pessoas más, eles ficaram para trás para sepultar todos os males que sua raça havia praticado.

-Mas enviaram Kyre para cá.

-Para que você a ensinasse, como seremos nós a sentenciá-la ao Tártaro, nós poderemos libertá-la depois de um tempo pré-definido, uns cem anos seria suficientes para ela pensar a respeito do que fez.

-Se acha prudente soltá-la depois de tão pouco tempo.

-Pode parecer pouco estando aqui fora mas lá.

Diana se arrepiou e tremeu.

-Só de pensar no que deve haver lá eu tremo.

-Muito bem, vamos levar Kyre para lá e acabar com isto.

-Senhor, precisamos de sua presença.

-Sim Número um.

Voltaram do quarto para a sala, a prima de Clarence estava na cozinha de pé, nua e comendo algumas frutas que havia encontrado na fruteira da mesa, os grilhões estavam no chão junto de onde tinha estado aprisionada.

-Como...

Ambos se aprontaram para lutar.

-Opa, calminha aí, não quero mais lutar, estou muito cansada e ferida, tenho algumas costelas quebradas, meu punho direito, acho que o queixo, devo ter uma fratura também na face, o nariz, talvez o tornozelo, a clavícula e um dedo da mão direita, sem falar destas queimaduras e arroxeados que também doem, então trégua.

-Vai voltar para os grilhões.

-Não mesmo, obtive minha liberdade e não vou ser presa novamente, entendi, este mundo é de vocês e eu não vou interferir.

-Por que mudou de ideia tão facilmente?

-Vocês olimpianos tem um serviço de recado muito eficiente.

-Recado?

-Mercúrio.

-Recebi uma visitinha muito interessante do ruivinho ligeirinho, se eu me comportar de agora em diante, fico livre, o Olimpo não quer alguém poderosa como eu do lado de dentro da prisão, seria arriscado tantas forças poderosas juntas que acabasse abrindo a prisão e libertando coisas piores que eu, então pra resumir, vou encontrar um lugar e vou sossegar, vou esperar você se desiludir pela humanidade e ver que não pode encontrar uma esposa entre as olimpianas ou entre as humanas, vai ter que me procurar, além do mais.

Ela exibiu uma ambrosia.

-Eu tenho algo muito valioso e vou guardar pra quando eu realmente precisar, em nosso mundo eu só seria mãe com mais de nove mil anos de idade, então posso esperar o mesmo aqui, depois que os humanos se destruírem e você falhar miseravelmente, eu estarei ainda de pé esperando.

-Nunca Kyrezurg.

-Eu tive que aprender muito desde que cheguei aqui Kahrl, talvez você ainda tenha muito que aprender, aliás, eu quero minha IA novamente.

-Ela não é sua, é um ser livre e autoconsciente.

-Tá bom, entendi, você é um amante de IAs, só que seria bom para você ter uma IA comigo o tempo todo para monitorar o que eu ando fazendo e visto que nenhuma roupa dura mais que cinco segundos comigo, seria bom ter alguma cobertura, a menos que me prefira nua.

Disse fazendo uma pose encostada a divisória da cozinha para a sala de jantar. Diana ficou rubra de raiva.

-Senhor?

-Sim, Número Um.

-Tenho experiência no trato de crianças, apesar de a senhora Kyre não ser mais criança, no sentido direto da palavra, ela ainda é uma criança neste mundo, eu poderia educá-la, além de manter um contato regular para mantê-lo a par de suas atividades.

-Se tem certeza?

-Sim, senhor.

A IA moveu-se e se incorporou ao corpo de Kyre.

-Estive vendo como vocês tem dois nomes e as vezes três, Diana é Mulher Poderosa, Arthur é Aquaticus, Louise é Laser Beam, só que nós temos três, Kahrlahn é Clarence e Homem de Aço, então eu serei Kyrezurg, Hampton Eve Dovers é nome de gente?

-Acho que Eve deve vir primeiro.

-Então está bem, Eve Dovers ou Eve Hampton, preciso ainda pensar em um nome de capa.

O Número Um tinha ficado branco com a capa negra da casa Zurg.

-O meu nome é poder na sua língua, e se escreve com K mas é virando na direção oposta, então exiba o símbolo de Kahrlahn em vermelho e espelhado, sim, é isto, ficou bom não é?

-Não sei o que dizer Kyre.

-Já sei, meu nome de capa será Poder.

-Eu sou a Mulher Poderosa.

-Vai ser algo com Poder então, afinal você pode ser chamada de Mulher Poderosa mas eu sou a mulher mais poderosa deste mundo, e você sabe disto.

A olimpiana avançou na direção da alienígena mas Clarence a segurou.

-Diana.

-Vou indo, eu mantenho contato.

Ela saiu flutuando tranquila pela porta do terraço e depois ficou invisível.

-Senhor, o que fará de mim?

-Oh, nada meu amigo, é bem-vindo a ficar comigo na minha base da Antártida.

-Senhor, sinto que é meu dever dizer que enquanto estivemos lá, o Número Um desenvolveu uma toxina muito poderosa que é capaz de afetar o organismo de vocês krotonianos.

-Oh, ele fez um veneno, está com ele?

-Sim senhor, ele vai manter a toxina por perto para assegurar que a senhora Kyrezurg não crie problemas novamente.

-Krotonianos?

-Sim senhora Diana, desde que cheguei fiz muitos estudos e descobri uma palavra que apesar de não ter relação gráfica ou sonora com o nome do sol vermelho natal do senhor Kahrlahn, é suficiente para descrever o sentido e a essência da palavra que nomeia o sol, o planeta e o povo.

-Kroton?

-Sim, acho que no seu idioma antigo se refere a retumbar, estrondo, ruído de baixa frequência poderoso.

-Sim, é o som que uma manada de bois faz ao passar correndo por uma planície de terra dura, ou o som de um trovão antes de uma chuva, pode ser sentido por dentro.

-Pois bem, este é o nome da raça do senhor, seus

corações quando juntos em batalha, produziam um som tão alto e aterrador que muitos povos caiam de joelhos com medo mesmo antes do combate.

-Oh, me parece uma escolha acertada.

-Diana.

-O quê?

-É um exagero.

-Desculpe Clarence mas, meus primos eram deuses menores e apenas uma vintena conseguiu ficar diante de você aquele dia no ginásio.

-Está bem, será krotonianos então.

-Oh, que interessante, nossos filhos ou filhas serão os primeiros krotonianos nascidos na terra.

-Filhos ou filhas?

-Sim, agora tenho certeza, estou grávida.

-Oh!